1955

JANEIRO - N.452

EU S... RO



UM FANTASMA DE QUARENTA SÉCULOS ★ A DUPLA VIDA DA LIBÉLULA ★ AS MULHERES TRABALHAM DE MAIS



... mas apenas da vasto país como é a Ale-

GRANDE HOTEL PRATA



Entre as riquíssimas fontes hidrominerais de que é fértil o Brasil, as AGUAS DA PRATA são de resultados surpreendentes nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza agreste e pitoresca, situada a 818 metros acima do nível do mar, de clima ameno em tôdas as estações do ano, AGUAS DO PRATA oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de "Piscina do Boi", "Cascatinha dos Amôres", "Fonte Antiga", "Fazenda das Carpas", "Fazenda Retiro", "Fonte do Paiol", **"Fonte Vilela"**, "Pedra Balão" e muitas outras de riqueza paisagística sem igual. A natureza juntou a mão do homem outros atrativos e comodidades, capazes de satisfazer o mais exigente aqüista. Fonte Vilela — poderosa água radioativa com 89 matchs de radioatividade, para a cura das moléstias dos rins.



O mais bem montado da Estância, com 55 apartamentos e 55 quartos confortàvelmente mobiliados e telefone em todos os aposentos, está situado a dois passos das principais fontes de água mineral e responde a todos os requisitos modernos. Para divertimento e comodidade de seus hóspedes dispõe de Salão para crianças, para chá e jogos; ótimo salão de Estar e para Festas; Cinema modernamente instalado; Bilhar e Snooker; Barbearia e Manicure.



COZINHA DE 1ª ORDEM e REGIMENS DIETÉTICOS



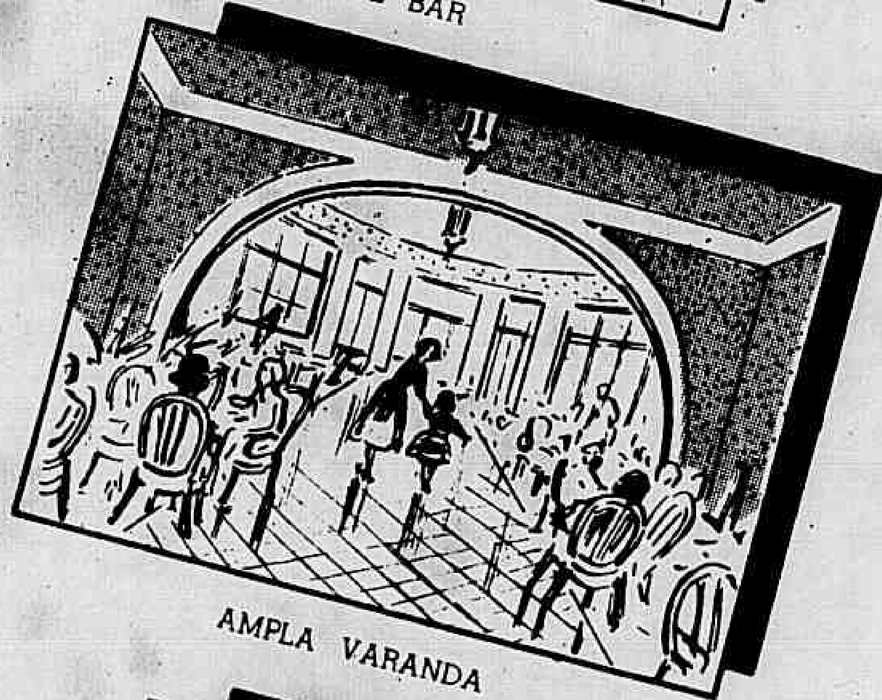
RESERVA DE APOSENTOS

Pelas Emprêsas de Turismo ou diretamente para o GRANDE HOTEL PRATA, Águas da Prata, Estado de São Paulo por carta, telegrama ou pelos telefones 20, 4 e 29. Águas da Prata é servida pelas magníficas emprêsas de ônibus EXPRESSO BRASILEIRO VIAÇÃO LTDA. e VIAÇÃO COMETA S. A.

DESCONTO ESPECIAL DURANTE OS MESES DE MAIO A DEZEMBRO



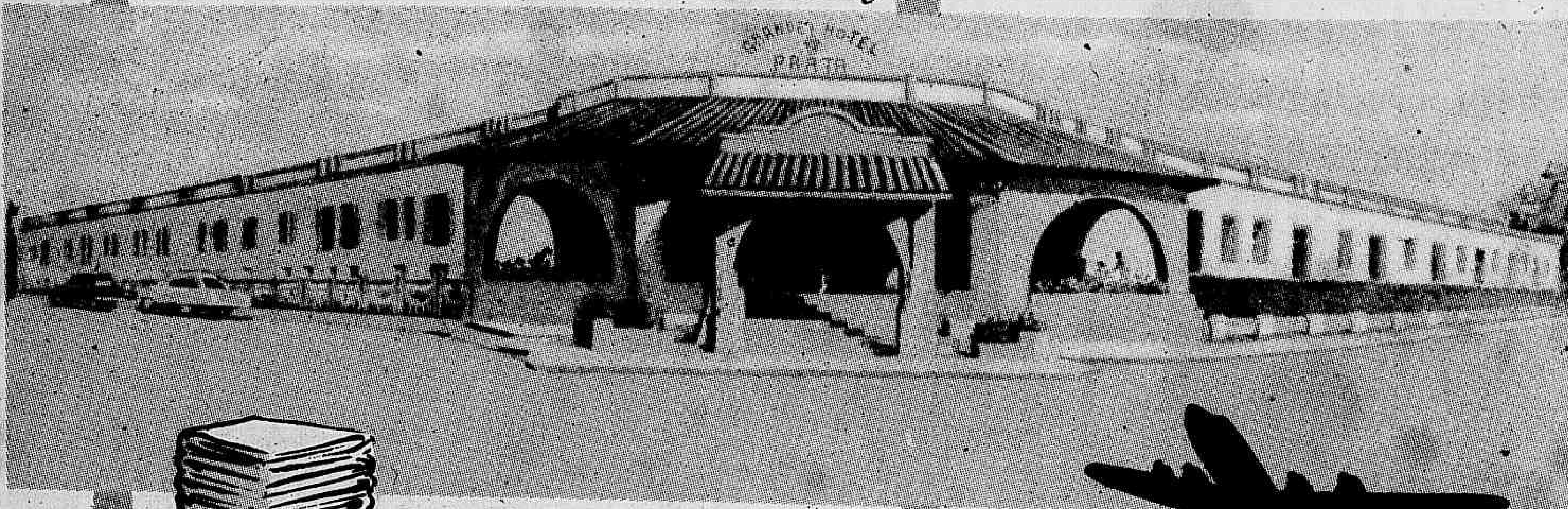
EXCELENTE BAR



AMPLA VARANDA



SALÃO DE REFEIÇÕES

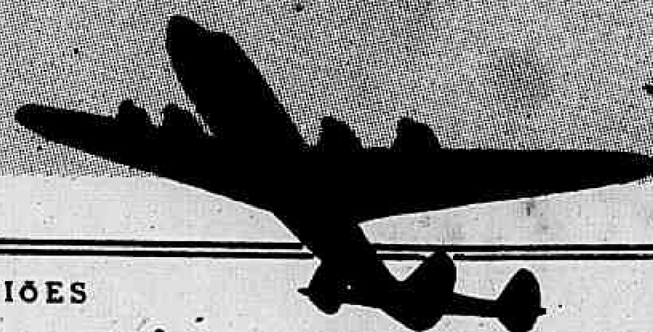




ÁGUAS DA PRATA

(ESTADO DE SÃO PAULO)

"A VICHY BRASILEIRA"



AVIÕES

★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via São Paulo

★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via B. Horizonte

(do aeroporto a Águas da Prata em 30 minutos de automóvel)

GRANDE VANTAGEM

MINHA filho vai passar dois anos em Paris, a fim de estudar piano.

— Alguma *bôlsa* do govêrno?

— Não. Os vizinhos se cotizaram para custear as despesas.



A MELHOR PROVA

NUMA formosa tarde de primavera, Daniel (10 anos) estudava piano, executando intermináveis escalas.

Entra uma vizinha e pergunta:

— Sua mãe está em casa?

Daniel, com um encolhimento de ombros responde:

— Acha, então, que estou aqui, fazendo isto por gôsto?



COMENTAVA um sacerdote parisiense:

— Quando, aos domingos, do meu púlpito, vejo meus paroquianos vestindo roupas novas e suas espôsas elegantemente vestidas, pergunto a mim mesmo: "Onde estão os pobres da minha paróquia?". Mas, quando termina a Santa Missa, e recolho os óbulos, pergunto: — "Onde estão os ricos?".



ASSUNTO LIQUIDADO

O escolar se enganara, ao resolver um problema de aritmética e o professor o corrige:

— O problema está errado. Você se enganou em vinte centavos a seu favor...

O menino tira do bôlso uma moedinha e, oferecendo-a, muito digno, ao professor, declara:

— Tome os vinte centavos, professor, e não falemos mais nisso, por favor!

B O A   R E S P O S T A

QUANDO a princesa Juliana (que depois subiu ao trono da Holanda, onde reina para felicidade de seus súditos) desposou o príncipe Bernhard de Lippe, a rainha Guilhermina declarou:

— Não se trata de uma aliança entre a Holanda e a Alemanha, mas apenas da união de minha filha com o homem de sua escolha.

Como um diplomata alemão comentava, na ocasião, quão seria indicada uma fusão da Holanda com o III Reich, Juliana respondeu, fazendo-se de inocente:

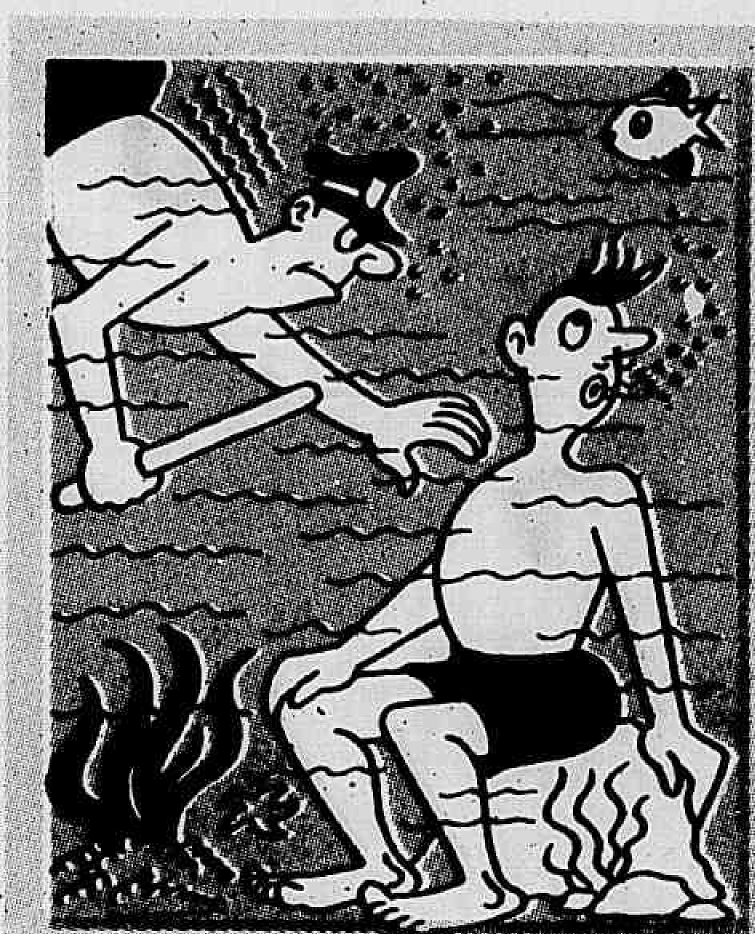
— Oh! Creio que mamãe está muito idosa para reinar também sôbre um tão vasto país como é a Ale-

É A LEI!

Por DICK HYMAN



Em Memphis (Tennessy) é contra a lei vender cofres de brinquedos e «yo-yos» aos domingos.



Assobiar debaixo d'água é proibido por lei, no Estado de Vermont (Estados Unidos).



Na cidade de Mac Donald, Ohio, uma lei municipal proibe passear com gansos pelas ruas



Sem uma licença «especial», é contra a lei «bolir» com as colegiais no Estado de Carolina do Sul.



NUMA CASA HÁ

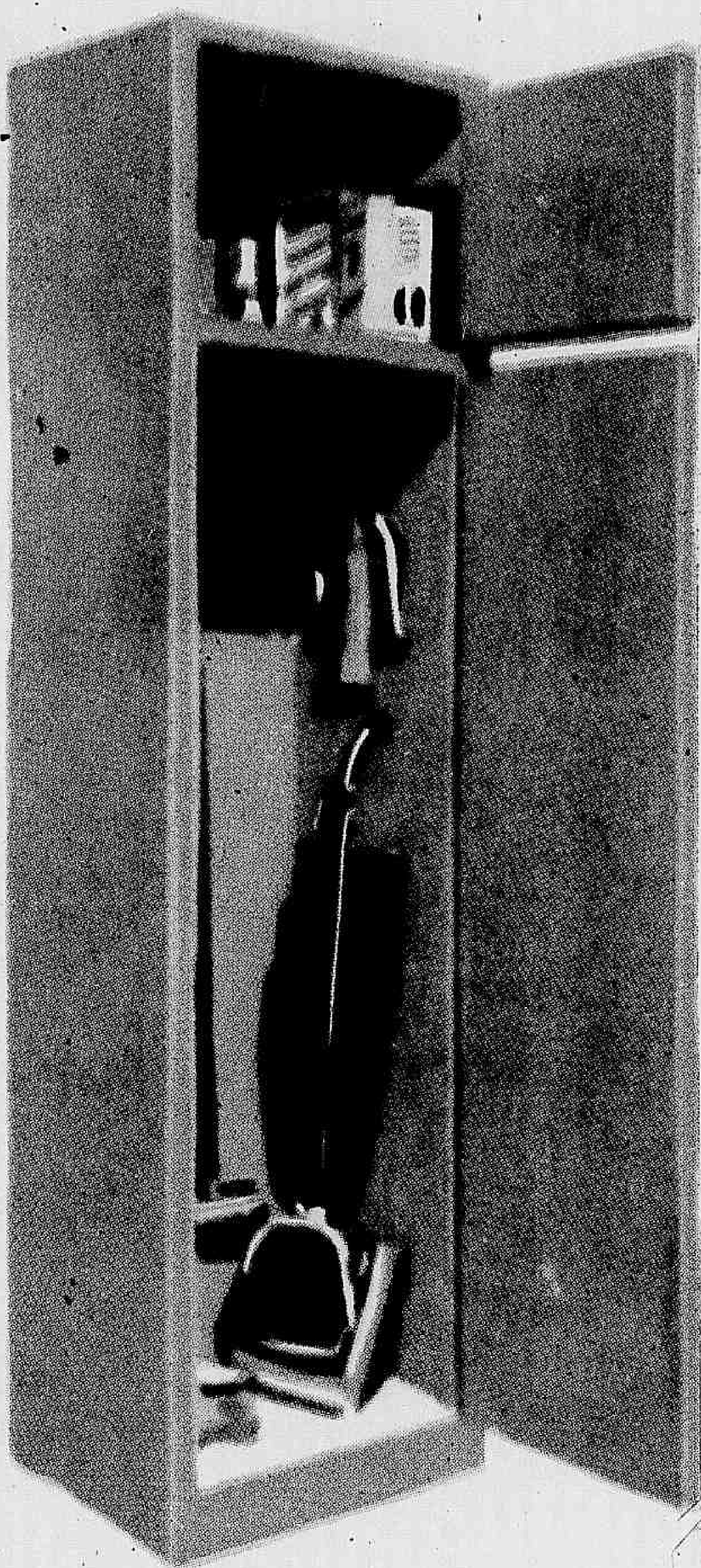
LUGAR PARA TUDO...

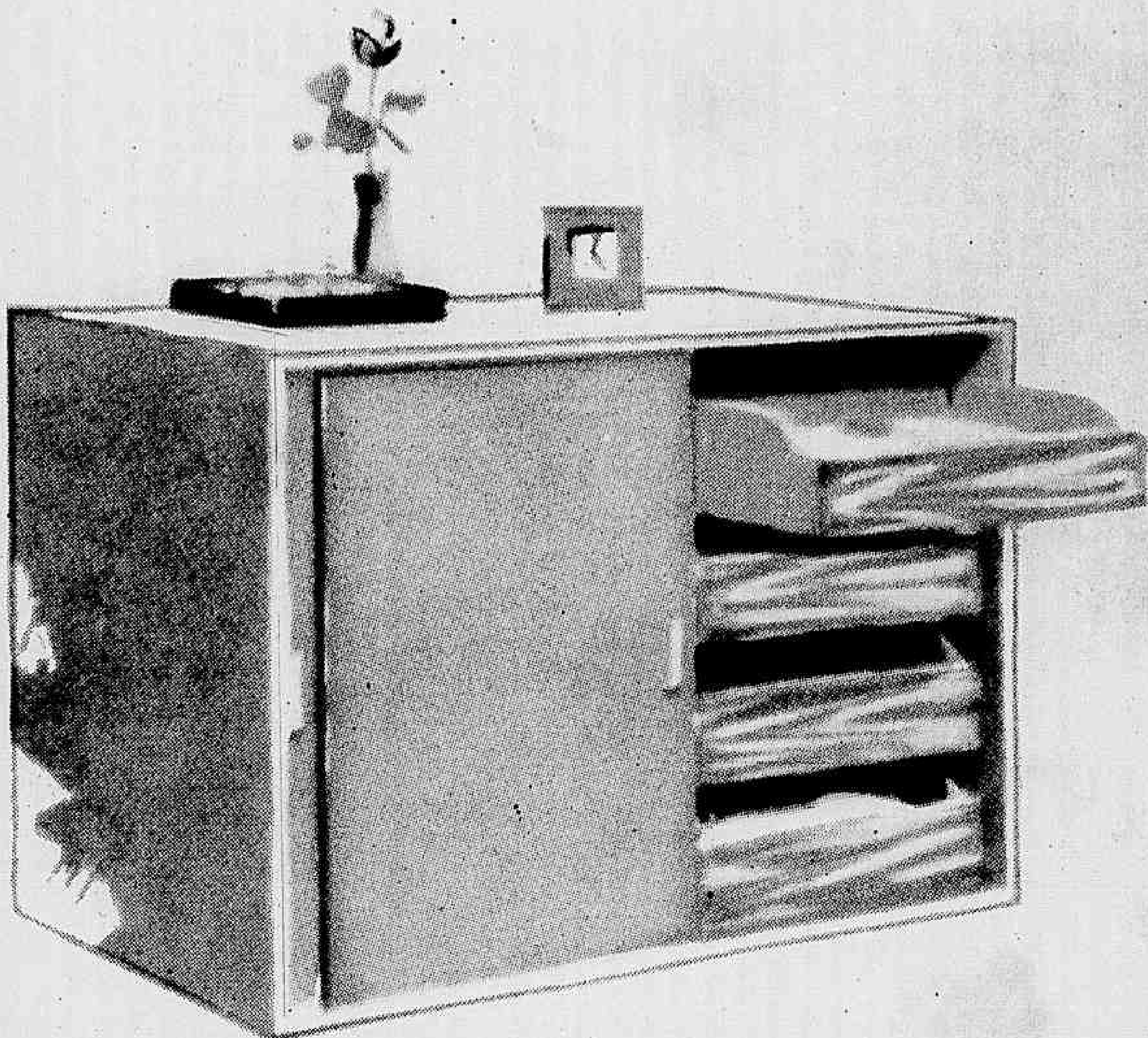
Unidades seccionais, capazes de subir ou alargar-se de acôrdo com o espaço disponível. Próprias para livros, rádio, e também escrivaninha.

SE há uma coisa que fala mal de uma dona de casa é existir objetos fora do lugar próprio. Muitas, infelizmente, levam a fama sem grande culpa. Porque falta, em casa, os móveis e utilidades necessários para uma boa e constante arrumação. Disso se queixam, geralmente, tôdas elas, que vivem torturando a mente em busca de uma solução. Algumas conseguem arranjar-se sòzinhas, enquanto outras procuram aconselhar-se com as mais práticas ou folheam catálogos geralmente caros e que nem sempre atendem completamente ao seu desejo, pois as explicações ou são imprecisas ou em língua estranha. Para elas, aqui estamos, com prazer, apresentando algumas sugestões e o fazendo de modo tão claro que não poderão ter dúvidas quanto ao mais indicado para cada caso.

Outro belo tipo de estante, em pilotis. Pode, cada semana, assumir aspecto novo, com a ajuda de plantas.



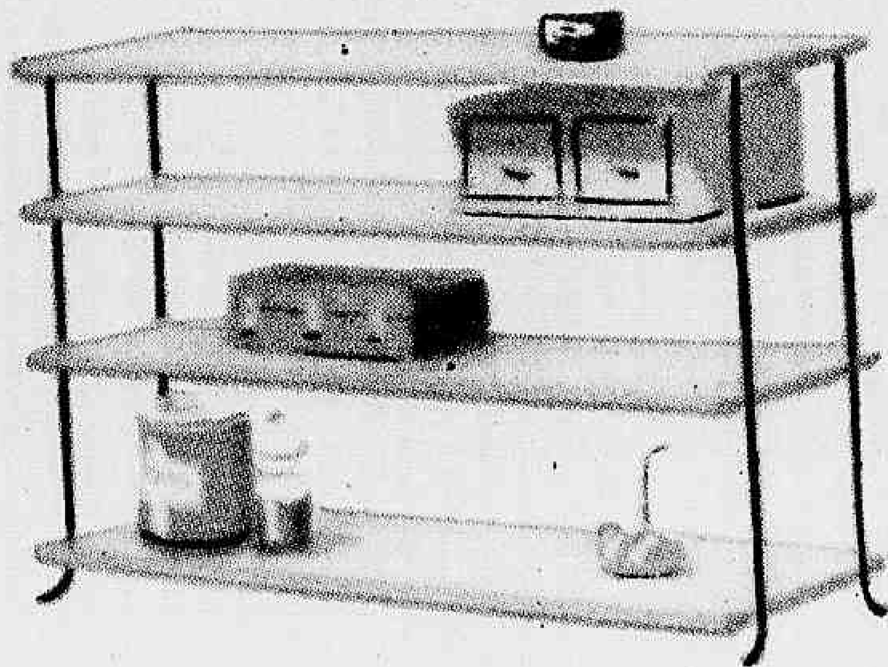


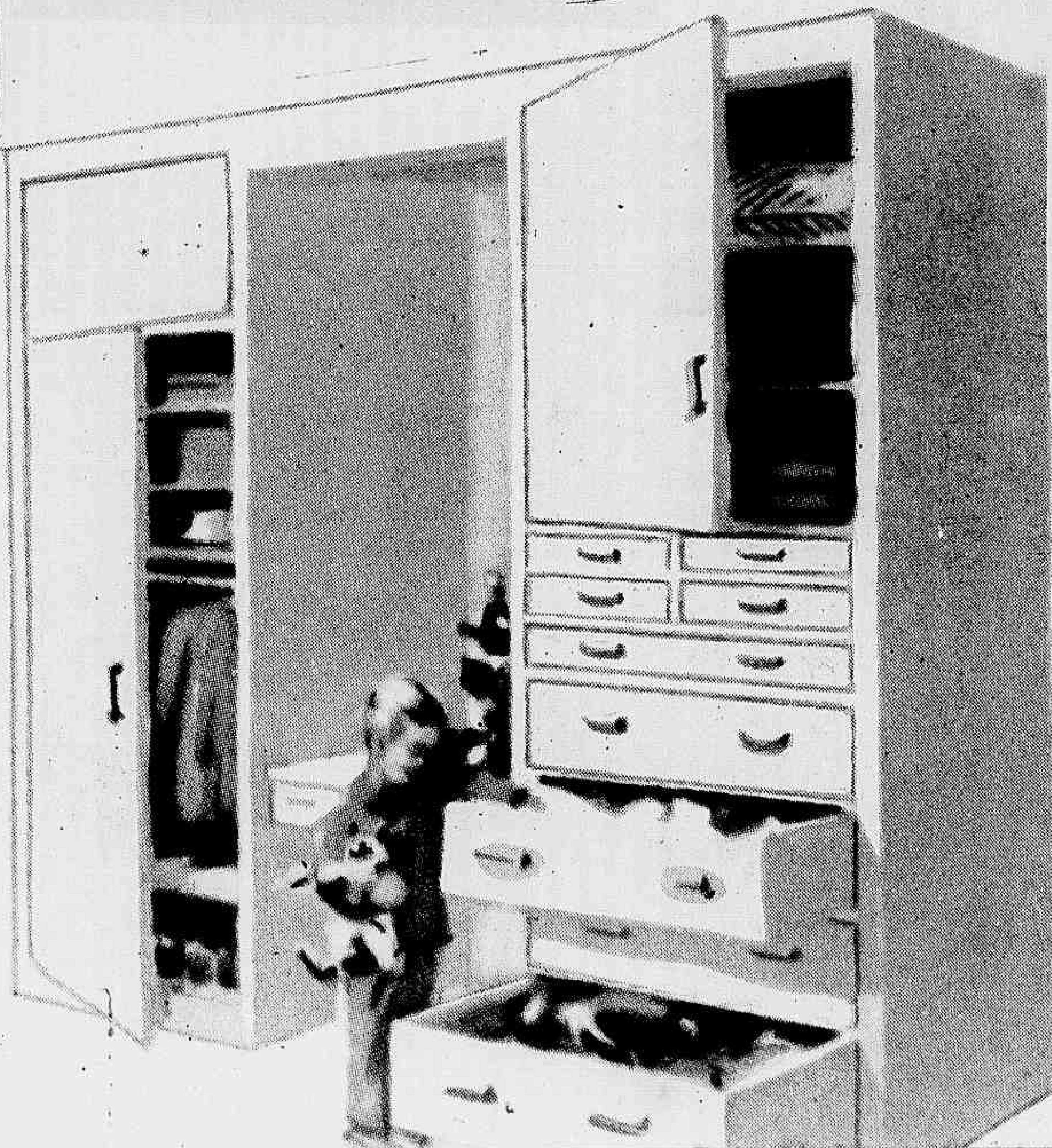


Cômoda muito prática e bonita, com portas de correr e gavetas profundas. Por seu estilo simples, facilita bastante a limpeza de poeira, etc.

Estante para utensílios de limpeza, máquina de encerar, vassouras, depósitos para trapos, latas de vernizes, etc. Quando fechado, é um móvel bonito e bastante decorativo.

Neste armário para menino ou rapaz cabe tudo. Roupas, acessórios diversos, material de esporte e até brinquedos.





Prateleiras, com pés de ferro, podem ter mil e uma utilidades, proporcionando «arranjos» felizes numa casa.

AGORA JÁ FIZERAM isto!

ESTÃO vendendo atualmente, nos Estados Unidos, novo aparelho eliminador do lixo, que não depende de fôrça elétrica, gás ou qualquer outro recurso semelhante e custa apenas 30 dólares. O aparelho opera liquidificando todo o lixo, seja êle qual fôr, inclusive ossos, cascas de ovos, pó de café, frutas, vegetais de tôda classe, papel, etc. Deita-se, simplesmente, certa quantidade de um agente catalítico num primeiro depósito, não havendo necessidade de substituí-lo em tempo algum, pois sua ação, uma vez iniciada, continua automàticamente. De um segundo depósito retira-se o lixo como um líquido inodoro e sem qualquer risco.

★



PARA dormir bem acabam de inventar um travesseiro de ar condicionado, em parte cheio dágua e que pode ser ajustado para a cabeça e os ombros durante tôda a noite, sem fugir do lugar conveniente. Poderá ser ajustada a sua moleza à conveniência de cada um, enchendo-se o depósito de ar com o próprio sôpro bucal. Da mesma forma que pode proporcionar uma noite melhor, em tempo de calor, também serve para dar maior confôrto nas noites muito frias, dependendo da temperatura da água que se lhe deite. Também servirá de saco, para cólicas de estômago, etc. É de matéria-plástica resistente.

★

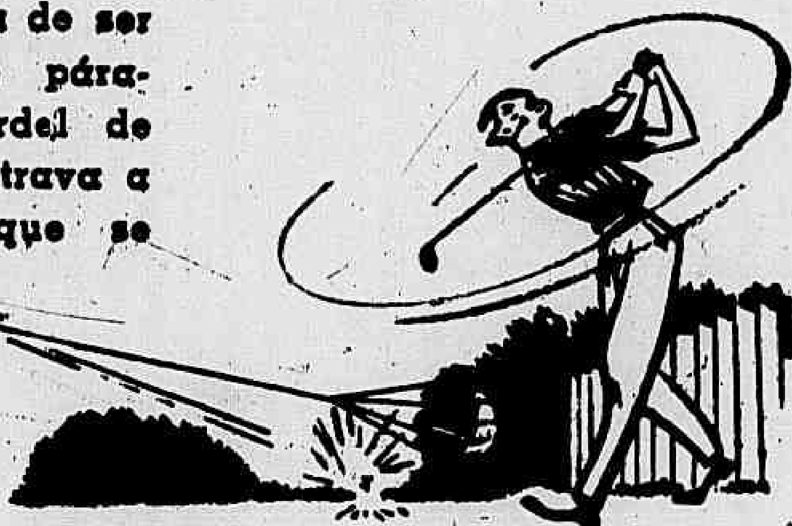
UM novo removedor de manchas, absolutamente sêco, que não deixa as desagradáveis «auréolas» nos tecidos, quer seja pano ou lã. Também não tem cheiro. Sua ação é rápida, podendo ser imediatamente escovado com escôva sêca, em poucos movimentos.

★

UM porta-cartas e jornais, para interior de automóveis, e que pode ser prêso no lugar mais conveniente, onde fica bastante firme, sem ajuda de parafusos, alças, etc.

★

PARA os jogadores de gôlfe acaba de ser criada uma bola munida de pára-quedas, a ela ligado por um cordel de quinze centímetros. O pára-quedas trava a fuga da bola, não consentindo que se afaste mais que poucos metros do local do seu lançamento, mesmo nas jogadas mais vigorosas, assim facilitando o treinamento das «tacadas», sem forçar o amador a locomover-se até longas distâncias para poder recuperá-la.



★

NOVOS pratos de papel, que leva uma mescla de alumínio, são excelentes para «garden-parties» ou piqueniques, podendo ser esquentada a comida diretamente sôbre a chama. Também nêles podem ser servidos bifes, cachorros-quentes, macarronadas, etc. Também

A MAIS IDOSA...

SEIS jovens donas de casa, que viviam em certo edifício de apartamentos de uma cidade inglêsa, entraram a discutir de maneira tão viva e escandalosa em razão da constante tomada das empregadas, umas das outras, que foram parar numa delegacia.

Quando o comissário pediu que explicassem suas queixas, as seis, ao mesmo tempo, começaram a gritar suas razões. O comissário ficou um instante aturdido, porém logrou, finalmente, impor a ordem. Quando pôde restabelecer o silêncio, disse calmamente:

— Agora vou ouvir, primeiro, **a mais idosa das seis.**

Não houve uma só que abrisse os lábios.

★

FORA DA LEI

UM juiz, em Clarksville, Tennessee, descobriu que a mulher e a sogra estavam dirigindo o automóvel familial... sem possuir carteira. Não teve dúvida: meteu as duas no xadrez. (A notícia não informa se, a seguir, o juiz caiu na farra.)

★

O MAIS SIMPLES

MULTADO por haver aberto um buraco na parede entre a cozinha e o «living-room», em sua casa, sem haver solicitado licença das autoridades municipais, um habitante de Hartford, Connecticut, explicou ao fiscal de obras, que assim agira para permitir que seus quatro filhos passassem de um aposento para outro, sem estar constantemente «destilando» entre êle próprio e o aparelho de televisão.

★

PENSAMENTO

— O primeiro passo para emagracer é o que se dá, afastando-se da mesa. —



MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO — CIENTIFICO, ARTISTICO, HISTÓRICO E LITERARIO. FUNDADO EM 1917

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA. Diretor: Gratuliano Brito, redator-chefe: Mário Renato de Castro. Redação: Rua Visconde de Maranguape, 15, Rio de Janeiro. End. Tel.: «Revista». Telefones: Redação — 22-4447; Administração e Publicidade — 22-2550. Publicidade: — J. M. Costa Júnior, L. S. Guimarães, A. Mendes, S. Sant'Anna e A. Nóbrega. Distribuição e venda em S. Paulo: Agência Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69, telefone: 34-1569. Representantes: em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes de Melo, 34, 2dt., Lisboa. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spano, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Inter-Prensa, Florida, 29, tel. 33, Avenida 9109, Buenos Aires. Número avulso em todo o Brasil — Cr$ 5,00. Número atrasado — Cr$ 6,00. Assinatura anual: Registrada — Para o Brasil: Cr$ 50,00; para o estrangeiro: Cr$ 100,00.



transfusão de Amor



Episódio real

Relatado por H. BORLAND

ERA um médico de aldeia, da "velha escola". Eu o conhecera vinte anos antes e nossa amizade havia crescido sempre. Os anos correram e outros interêsses me haviam chamado aos grandes centros; mas, sempre que visitava a região, não deixava de ir procurá-lo em sua residência, não distante da casa dos meus pais, ou no pequeno mas bem aparelhado hospital em que servia.

E acontecia trocarmos recordações sôbre as pessoas que havíamos conhecido, tempos atrás. Foi assim que êle me contou a história de João e de Luísa.

Ei-la, tal como a ouvi de seus lábios.

João era agricultor. Um rapagão de quase dois metros, silencioso, pouco instruído e forte como um leão.

Lançara-se aos trabalhos da terra e, não contente com isso, logo passou a criar carneiros, aumentando suas atividades. Ambicioso e econômico, ao fim de dez anos era proprietário de vastas pastagens e de duas mil cabeças. Comprou, então, uma verdadeira fazenda,

nos confins da cidade, pondo seus carneiros para engordar em campos melhores. Aos quarenta e cinco anos desfrutava de uma honesta abastança.

Foi então que pensou em casar. Luísa era uma moça da mesma região e que, ao sair da Escola Normal, empregara-se como "caixa" num restaurante da cidadezinha. Tinha 20 anos quando João a conheceu, numa linda tarde de verão. Imediatamente êle tomou o hábito de ir, tôdas as manhãs, cêrca de dez horas, beber um café no estabelecimento em que Luísa trabalhava. No momento em que êle saltava da caminhonete para entrar no restaurante, qualquer um poderia acertar o relógio, porque João era exato como um cronômetro e regular como as estações.

Luísa ouvia-o contar incidentes das colheitas e ocorrências com os carneiros e, em troca, contava-lhe os fatos da cidade. João mal a ouvia. Ficava, sorridente, movendo a cabeça ora para um, ora para outro lado e, depois, invariàvelmente, levantava-se, dizendo:

— Tenho que ir trabalhar. Até amanhã!

Isso durou três meses. Depois, uma bela manhã, tendo o médico entrado no estabelecimento para tomar um café, entre dois clientes, ouviu João perguntar:

— Luísa... Quer casar comigo?

Luísa teve um sobressalto e quase largou a cafeteira. Os dois acreditavam estar sós, na sala.

— Talvez queira casar com você, João — respondeu ela. Mas preciso um dia ou dois para pensar.

João fêz um gesto de aprovação, bebeu seu café e partiu com seu habitual:

— Tenho que trabalhar. Até amanhã!

Quinze dias mais tarde estavam casados. Após a viagem de núpcias, instalaram-se na fazenda. Sob a direção de Luísa, a casa foi repintada, as salas atapetadas e mobiladas ao gôsto da cidade. E, durante o primeiro ano, João teve constantemente operários que instalaram uma nova cozinha e construíram um portal coberto.

Entretanto, meu amigo sentia que "alguma coisa falhava". Por duas vêzes foi chamado por João, para examinar Luísa e suspeitou de que ela não era feliz. Não se sentia bem e queixava-se de terríveis dores de cabeça. Entretanto,





por mais que a examinasse, nada des cobria que justificasse seus males. D: segunda vez em que a foi ver, pergunto se João era gentil com ela. Luís respondeu, afirmando que João era o melhor dos maridos. Mas... que não falava, quase; e que uma mulher gost de um marido que converse com ela. Após essa visita, as coisas pareceram melhorar. Quando tornou a encontrar-se com ela, na cidade, Luísa declarou:

— Creio que eu estava imaginando coisas e cismando com doença. Resolv ser tão forte como João!

Durante dezoito meses não ouviu falar nem em João nem na sua mulher. Uma madrugada, cêrca das três horas da manhã bateram enèrgicamente à sua porta. Levantou-se e foi abrir: era João! Sua caminhonete estava parada diante da porta e o motor ainda funcionava.

— Doutor — disse João — minha mulher está passando mal. Não podemos perder um minuto!

Luísa estava no veículo, quase desfa lecida de dor. A pobre criatura começara a sofrer muito tarde, já noite. Ela própria procurara medicar-se e dominar o mêdo mas as dores se haviam tornado insu portáveis.

O médico deu ordem imediata para que a enfêrma fôsse levada para a sua enfermaria. Era uma violenta crise de apendicite. A operação foi feita com urgência. Ao amanhecer, Luísa recuperou a consciência e o médico acreditou ter vencido a partida. Entretanto, declarou a João que só poderia opinar com segurança ao fim de vinte e quatro horas. Acreditava, sinceramente, que o perigo maior havia passado. João começou a chorar como uma criança.

— Ela tem que ficar boa, doutor! É preciso que fique boa!

Ao anoitecer, o estado da enfêrma piorou. Meu amigo tratou de lhe fazer duas transfusões de plasma sanguíneo, o que foi levado a efeito no correr da noite. Porém, Luísa enfraquecia ràpidamente.

— Não tenho mais fôrças para viver — murmurou ela.

— Que história é essa? — indagou o médico. — Então? Você não prometeu ser tão forte como João?

— João é tão forte! — falou Luísa com um pobre sorriso. — Não precisa de mim. Do contrário já me teria dito...

— Luísa — afirmou meu amigo — João não lhe disse isso, talvez, mas sei que êle precisa muito de você!

A pobre enfêrma moveu a cabeça, com desânimo e fechou os olhos.

Voltando ao seu gabinete de trabalho, o médico falou a João, francamente.

— Ela não tem vontade de curar...

— Mas é preciso que ela fique boa! — exclamou êle. — Doutor! Se lhe fôsse feita uma transfusão de sangue?

— Isso já foi feito... Duas vêzes até! — respondeu o médico.

UMA NUVEM SÔBRE A CIDADE



DE um helicóptero foi tomada essa emocionante imagem de uma fase do imenso incêndio que destruiu completamente o edifício de oito andares de um grande magazine de roupas para homens, em Buffalo, Estado de New York. O incêndio, desenvolvido por causa ignorada e com incrível rapidez, mobilizou 600 bombeiros, que não impediram a total destruição do prédio, que coroou a cidade com uma nuvem de fumaça que obrigou quarteirões inteiros a fazer apêlo à eletricidade, em pleno dia, para que os trabalhos nos escritórios não parassem.

— Não! Falo... uma transfusão... do meu sangue, doutor! — insistiu João. — Sei que sou forte por nós dois!

— Diga-me, João — perguntou o médico, observando o desgraçado. — Você gosta mesmo muito dessa moça?

— Pois então? E eu lá teria casado com ela, se não gostasse?

— Já disse isso... a ela, alguma vez?

João ficou um instante torcendo os dedos, como se não entendesse a significação da pergunta.

— Dei a ela tudo o que eu possuía... Que pode um homem fazer mais do que isso?

— Conversar com a sua espôsa.

— Bem.:. Não sou lá muito amigo de conversas... E ela o sabe bem, ora! Por favor, doutor! Dê-lhe um pouco do meu sangue! — insistiu, pousando as duas enormes mãos sôbre os ombros do médico.

Êste refletiu por alguns instantes. A seguir levou João para o laboratório, onde lhe extraiu um pouco de sangue, para análise. Depois declarou:

Depois declarou:

— Perfeito, João. Em dez minutos faremos isso!

Foi, então, até o quarto de Luísa e informou que João insistia para lhe dar do seu próprio sangue. Ela manifestou ligeiro interêsse. O doutor palpou-lhe o pulso, achando-o fraco e irregular. Compreendeu que lhe restava uma pequenina probabilidade de a salvar. Chamou sua enfermeira e explicou-lhe o que pretendia fazer, numa derradeira tentativa.

— Nem um nem outro viram, jamais, como é feita uma transfusão — concluiu, à guisa de explicação.

Alguns instantes mais tarde, fêz entrar João no quarto onde Luísa estava deitada. A mesa de operação tinha sido colocada junto do leito, com uma cortina caída entre os dois. Quando João se deitou, por sua vez, a enfermeira levantou a cortina. O camponês ofereceu a mão enorme e desajeitada e, apertando os dedos de sua mulher, disse:

— Agora sou eu mesmo quem vai curar você, Luísa!

— Para quê? — perguntou ela, sem o fitar.

— Não sabe por quê? — exclamou êle.

— Não. Não sei.

— Mas... Você é minha espôsa, não é?

Não houve resposta. A enfermeira deixou cair a cortina, desinfetou o braço de João, logo enterrando a agulha. João, a êsse tempo, exibia seus músculos.

Ao fim de alguns instantes, perguntou:

— A coisa vai indo, doutor?

Do outro lado da cortina, o médico plantara a agulha no pulso de Luísa e torcera uma pequena alavanca. Com a ponta de três dedos, pousados sôbre o outro pulso, livre, verificava as pulsações.

— Sim, João. Vai tudo muito bem.

— Como você se sente, agora, Luísa? — perguntou João, ansioso.

— Bem... — disse ela, com voz fraca.

— Depois que tiver recebido um pouquinho mais do meu sangue, vai começar a falar forte, como eu!

O pulso da enfêrma parecia ganhar um pouco de vigor.

— João... — murmurou ela.

— Hmm?

— Eu o amo, João...

Houve um minuto de silêncio. Depois, João falou:

— Luísa! Você tem que ficar boa!

— Para quê? — repetiu ela.

— Você tem que ficar boa, para mim. Preciso de você!

E, com voz estrangulada, acrescentou:

— Eu a amo, Luísa!

O pulso da doente deu um salto.

— Você nunca me disse... — falou ela, em tom magoado.

— Eu... Eu não pensei que fôsse preciso.

O pulso batia agora regularmente.

— João — disse a enfêrma. — Repete isso para mim.

Êle hesitou, depois repetiu:

— Eu a amo, Luísa. Mais que tudo neste mundo. E, acima de tudo, preciso de você... e, por Deus, hei de obrigar você a ficar boa!

O médico retirou a agulha do pulso da enfêrma; depois apanhou o frasco de plasma sanguíneo, dissimulado sob um pano protetor e o guardou num armário. O que parecia impossível acontecera. O pulso estava firme e regular.

— Como você se sente agora? — perguntou João, quando pôde retomar o contrôle da própria voz.

Porém Luísa não pôde responder. Chorava.

— Ela vai muito bem — disse o médico. — Você venceu, João!

A seguir, o médico fêz sinal à enfermeira para retirar a agulha do braço de João e escondeu o frasco cheio de sangue, colocado sôbre a mesa de operação, levantando depois a cortina. A seguir, a enfermeira e o médico deixaram a sala.

Quando êste último voltou, alguns minutos mais tarde, encontrou o marido sentado junto da mulher. Segurava-lhe as mãos e falava-lhe ternamente.

Luísa estava ainda muito fraca, mas o médico sabia, agora, que ficaria boa ràpidamente. E isso foi o que realmente aconteceu.



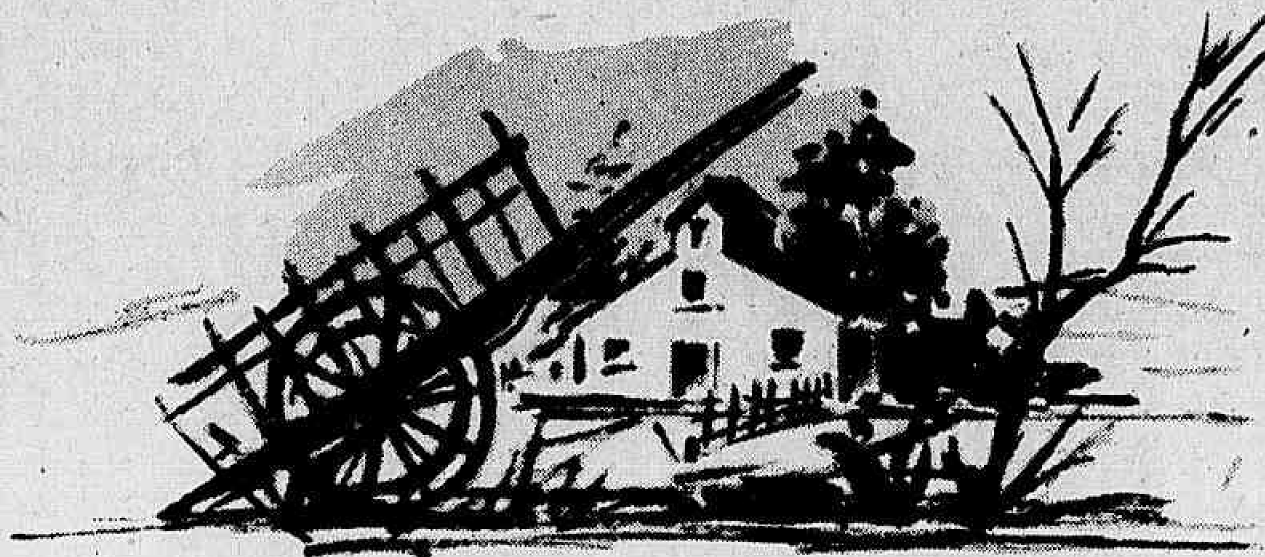
★

Tendo contado a sua linda história o médico ficou calado.

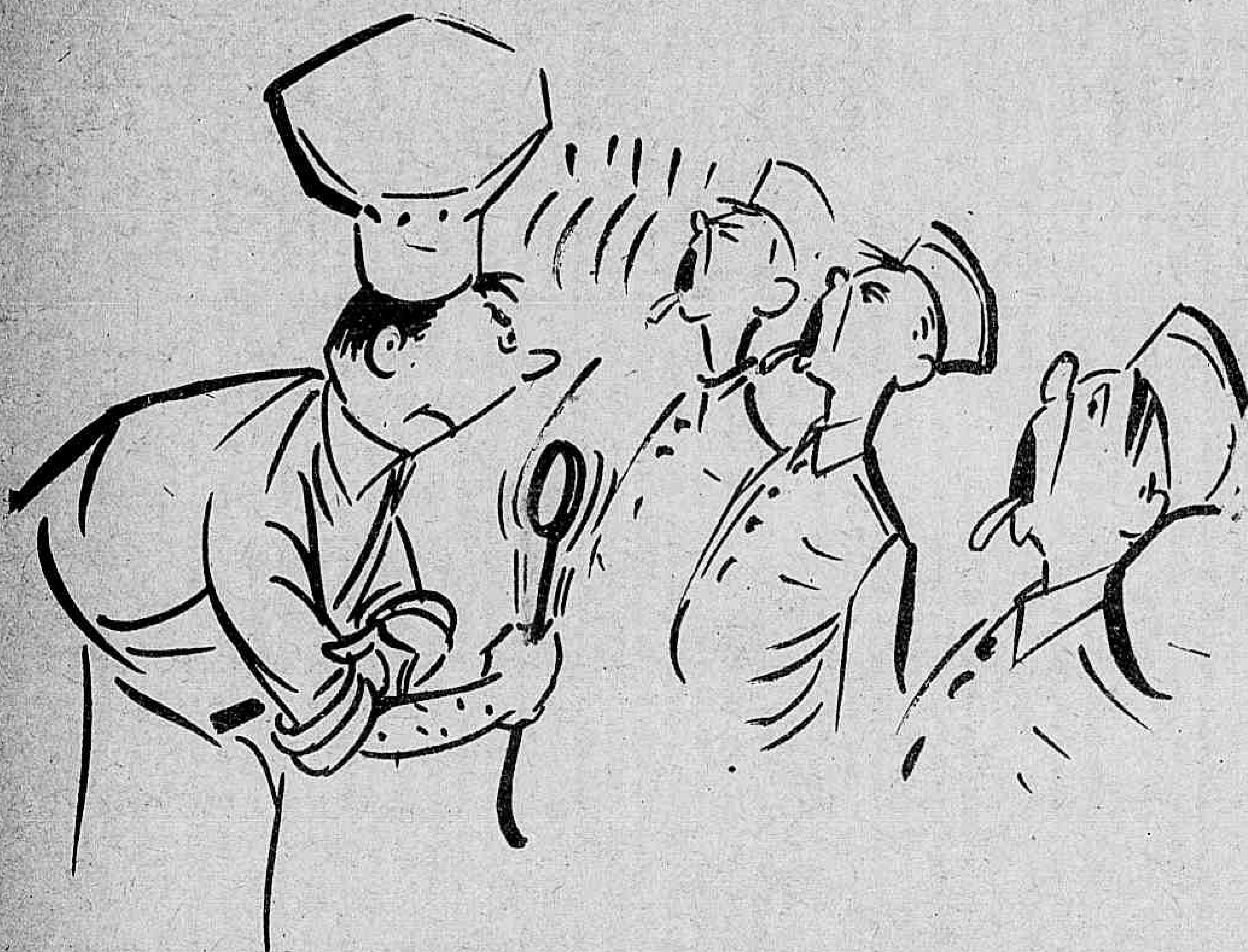
— E você contou-lhes mais tarde, tôda a verdade? — perguntei.

Êle disse que não, com um lento movimento de cabeça.

— Era bastante que o milagre se tivesse realizado. O sangue de João não era do mesmo grupo do de Luísa e sem dúvida a teria matado. Pouco importa, aliás, que eu lhe tenha feito nova transfusão de plasma sanguíneo, enquanto o sangue de João era recolhido num frasco. O de que necessitava a pobrezinha era uma prova do amor de seu marido. E ela a teve!



COMO VOCÊ RESOLVERIA ISTO?



EM princípio de 1945, estava eu designado para auxiliar o cozinheiro do regimento, na qualidade de doceiro, numa pequena base em Samar, nas Filipinas. A guerra tinha sido muito dura e os suprimentos tinham que ser muito contados, havendo mesmo um comêço de crise em nossas rações. Apesar disso, eu fôra autorizado a fazer tortas de frutas uma vez por semana. Em geral, terminava meu trabalho às cinco horas da tarde e guardava tudo na despensa, para servir duas horas depois.

Um dia, depois de ter feito as tortas, ao tratar de servi-las, verifiquei que tôda uma prateleira estava vazia. Soldados desconhecidos tinham penetrado na despensa e comido muitas tortas. Mas, como descobrir os ladrões? Na outra semana, novas faltas foram notadas. Naturalmente, os ladrões deviam ser encontrados entre os que rondavam mais perto a minha cozinha e, portanto, conheciam todos os meus movimentos. Porém eu estava disposto a apontá-los à superintendência. Mas, por outro lado, não desejava ficar duas horas, de guarda, para apanhar os ladrões. Mesmo porque, vendo-me ali postado, vigilante, os ladrões não se aproximariam. Podem os leitores dizer de que meios me vali para descobrir os ladrões de tortas? (Resposta no pé da página.)

CENDRILLON, ESTILO 1954

A história de Cendrillon foi repetida. Mas — e essa é a diferença entre os tempos de Perrault e o nosso, isto é, entre os tempos das fadas e o dos loucos — o ensaio dos sapatos, em vez de conduzir a um casamento, determinou um divórcio.

No mês de agôsto do ano passado, o sr. Hernandez, pacato cidadão de Chicago, voltando para casa inopinadamente, encontrou um rival dentro de casa. Êste fugiu, não tão depressa, entretanto, que evitasse ser reconhecido pelo sr. Hernandez... mas tão aparantado que abandonou no local um dos sapatos.

O sr. Hernandez pediu o divórcio, explicando ao juiz que havia encontrado o sr. Villa em companhia da espôsa. Villa negou, no que foi imitado pela espôsa infiel. Não tinha havido flagrante e o juiz já ia mandar arquivar o processo, quando o marido exibiu o sapato, que seu rival esquecera, na precipitação.

E isto? — perguntou êle. — Poderá êle negar que não lhe pertence? Ordene o sr. juiz que êle o experimente... e veremos.

O acusado teve que cumprir a ordem: o sapato era dêle mesmo!

— Concedido o divórcio! — concluiu o juiz.



VOCÊ PODIA IMAGINAR?

MAIS de um bilhão e duzentos milhões de dólares são gastos em sorvetes, nas 195.000 máquinas de gelados espalhadas pelo território dos EE.UU.

Pescadores e caçadores, nos Estados Unidos, gastam cêrca de seis bilhões de dólares na compra de equipamentos para êsses esportes, mais as despesas de transportes, alojamentos, etc.

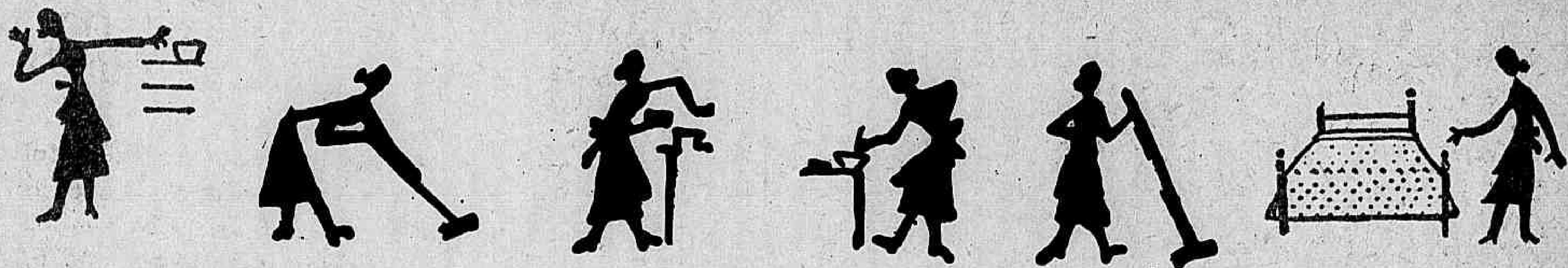
Contrariando a opinião geral de que a idade de 65 anos marca o fim da vida produtiva, três quintos de todos os homens entre os 65 e os 69 anos continuam empregados, enquanto que a proporção é de cêrca de dois quintos para os que atingiram idades entre 70 e 74. Mesmo com idades de 75 e 77, um quinto de todos os homens continua trabalhando, nos Estados Unidos.

Há uma só probabilidade contra sete de que a sua válvula de Televisão ainda continue funcionando em 1955.



COMO VOCÊ RESOLVERIA ISTO? (Resposta)

Da vez seguinte, em vez de tortas de maçãs preferi fazê-las de amora. Como já previa, desapareceram quatro tortas. Imediatamente mandei reunir a turma de suspeitos e quando os tive diante de mim pedi a um por um que pusesse a língua de fora. Os nove culpados apresentavam a língua manchada de roxo... e aquilo era prova irrefutável de seu crime.

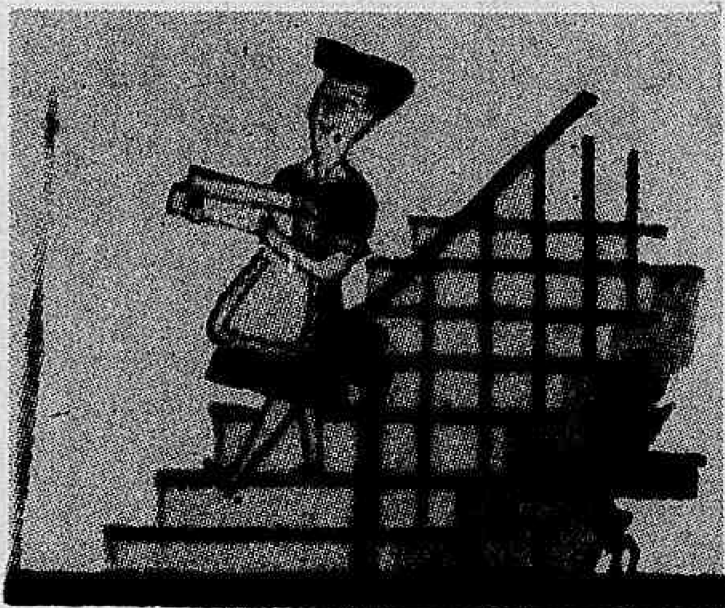


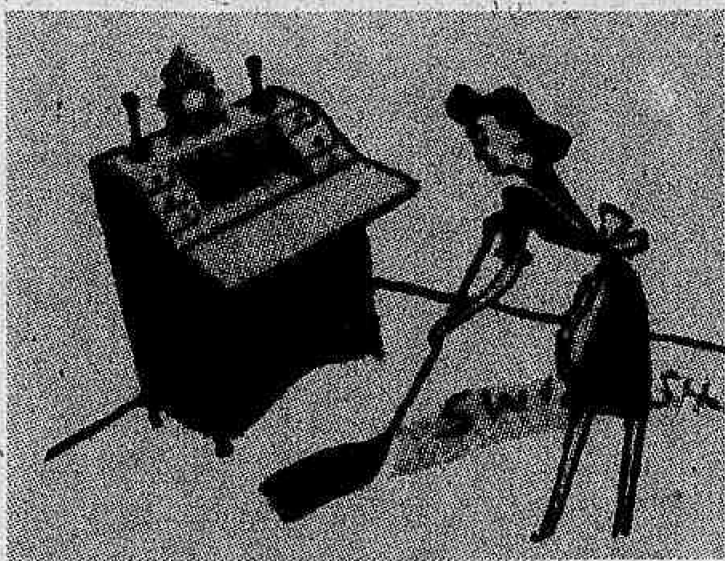
AS MULHERES TRABALHAM DE MAIS!

O ESFÔRÇO MALGASTO NAS TAREFAS DIÁRIAS

A luta das donas de casa brasileiras não é nem mais nem menos intensa e difícil que as dos demais países, atualmente.

Apesar da *eletrificação* do lar, com máquinas para ajudar em tudo, a lida diária se torna cada vez mais penosa. Êsse mal mais se agrava porque a mulher de hoje, tão progressista em outros setores, ficou, no lar, amarrada aos métodos de mamãe e de vovó, que eram (perdoem-nos) erradíssimas. Mas, na verdade, podiam dar-se a êsse luxo de dirigir erradamente uma casa, porquanto tinham, para contrabalançar, uma legião de empregadas, baratíssimas e sossegadas, que não pensavam em gafieiras nem perdiam horas para alisar os cabelos. Hoje, que a dona de casa quase se vê sòzinha para fazer tudo ou então "mal acompanhada" por servidoras que servem mal, é preciso modificar êsse sistema de trabalhar, pôr mais ordem nas coisas caseiras e vencer os obstáculos com método e inteligência. Isso já aprenderam as mulheres norte-americanas. Senão, vejamos. A mulher mais solicitada, em Detroit, atualmente, é a sra. Francess G. Sanderson, que dirige o Departamento de Economia do Lar, na Universidade de Wayne. De fato, seu telefone tilinta a cada momento, dia após dia, com chamadas de mulheres que desejam saber quando podem ingressar "na aula que me ajudará a simplificar o trabalho em casa".







Embora a aula seja exclusivamente para doentes do coração, outras mulheres compreenderam — e com razão — que suas lições eram excelentes para qualquer dona de casa.

A mulher que utilizar os métodos de economia de movimentos da sra. Sanderson ao preparar o almôço do dia, poderá eliminar 90 quilômetros de caminhada por ano. Aprenderá a dobrar um cobertor em quatro partes e a desdobrá-lo para cobrir a cama em apenas dois movimentos. Dêsse modo, evitará o pesado esfôrço de levantá-lo para deixá-lo cair sôbre a cama. Poderá aprender como não permanecer desnecessàriamente inclinada, com o simples ato de colocar cabos mais longos nos utensílios de limpeza.

Uma das discípulas da sra. Sanderson, que gastava muito tempo no manejo de sua vassoura, para recolher o lixo, confessa que agora a maneja mais depressa, como uma diversão, e que limpa a casa quatro vêzes por dia, como uma diversão.

Os métodos para facilitar o trabalho da casa são quase ilimitados. O problema está apenas em encontrar o tempo necessário e o modo de ensinar êsses métodos ao maior número de mulheres.



Atualmente, cêrca de mil e duzentas mulheres, que sofrem do coração, estão cursando as aulas da sra. Sanderson. Apesar do êxito dessa campanha ser devido em grande parte à senhora Sanderson, ela mesma é a primeira a declarar que foi um homem quem a fêz compreender a eficiência dêsse método, animando-a a começar a tarefa.

O dr. John G. Bielawski, da Associação de Combate a enfermidades do Coração, de Michigan, ficou profundamente impressionado pelo que viu em uma visita ao departamento de Reabilitação do Centro Médico Bellevue, da Universidade de Nova York. Ali, na agora famosa "Cozinha do Coração", viu muitas pacientes aprendendo a salvar o próprio coração... simplesmente mudando seus costumes. Pensou, então, que poderia oferecer as mesmas vantagens às mulheres do Michigan. Quando regressou a Detroit foi imediatamente à casa da sra. Sanderson, a fim de solicitar o seu auxílio.

Em fevereiro de 1950, ficou estabelecida a colaboração da sra. Sanderson e seu pessoal com o dr. Bielawski e seus assistentes da Associação, que entrou com o dinheiro necessário, iniciando-se a primeira experiência.

A equipe da sra. Sanderson estudou minuciosamente a maneira como três enfêrmas do coração executavam o trabalho de suas respectivas casas e logo se dedicou a buscar melhores métodos para a realização dessas tarefas e ensinar a suas pacientes.

Uma das três mulheres — dizem os técnicos — fazia cêrca de doze viagens entre o fogão e o refrigerador, sòmente para preparar uma caçarola com costeletas de porco. Cêrca de vinte e oito viagens entre a mesa de mármore, o refrigerador e o forno, para preparar uma simples torta de maçãs.

A sra. Sanderson provou a tôdas elas que, se retirassem tôdas as coisas necessárias do refrigerador e as colocassem num carrinho, com rodas, poderiam reduzir essas viagens a



Lavar pratos exige três vêzes mais energia que permanecer recostada.



Descer escada exige 12 vêzes mais energia que permanecer recostada.



Varrer exige quatro vêzes mais energia que permanecer recostada.



Subir 1 andar exige 45 vêzes mais energia que permanecer recostada.

duas: uma, com todo o material necessário no carrinho, e outra para o regresso. Assim poupariam 276 passos, que, repetidos diàriamente, equivaleriam a dezoito quilômetros de marcha em um dia.

Embora a mesa onde uma das pacientes fazia suas refeições estivesse colocada à direita do armário de louças e do refrigerador, ela costumava guardar todo êsse material na extrema esquerda do armário. Colocando-os à direita, economizava uns 25 metros de caminhada, cada vez que preparava a mesa... e outros tantos, quando tinha que guardar novamente o serviço de mesa.

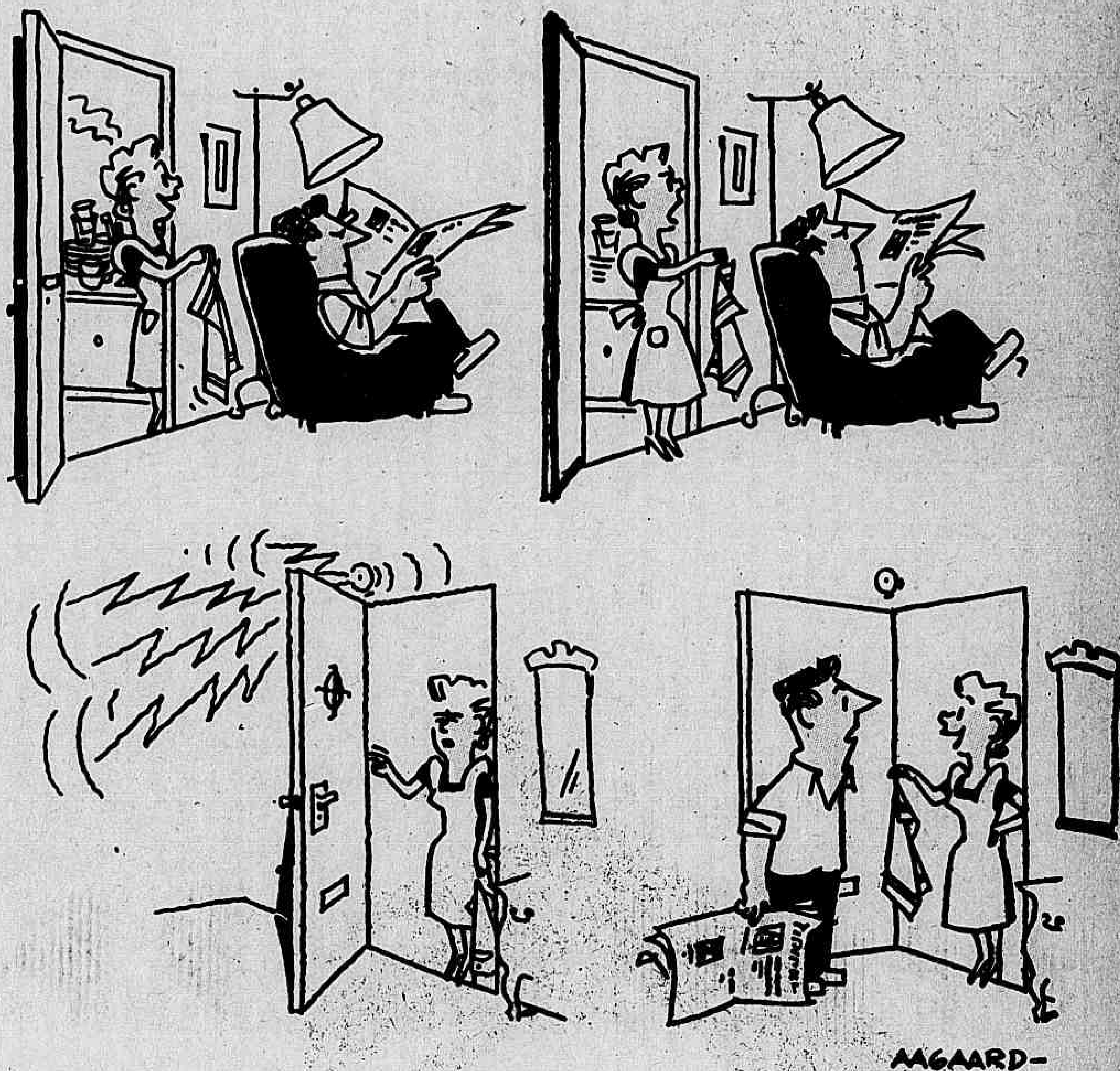
Os resultados dessa experiência sôbre o trabalho das três mulheres convenceram a Associação do Coração, do Estado de Michigan, de que era possível dar à Universidade a ocasião de começar as aulas para as outras donas de casa cardíacas. Desde outubro de 1950 foram realizados quatorze cursos grátis para os estudantes. O curso consta de quatro sessões que se alongam por três semanas e a ltima delas um mês inteiro.

Às enfêrmas são oferecidas, de início, películas e projeções luminosas, mostrando as três primeiras mulheres que serviram para a experiência realizando seus trabalhos caseiros por meio do velho processo e, a seguir, de acôrdo com o método da sra. Sanderson.

Êsses cursos são também ilustrados com desenhos que demonstram às pacientes quando se deve pôr a prova a energia feminina e quando deve a mesma ser poupada.

Assim, iniciando sua nova prática, começam por aprender como se faz uma cama... numa só "viagem" em redor do leito e como é possível limpar os móveis e os utensílios com as duas mãos, estando sentada.

Em breve aprendem como reorganizar as gavetas, gavetões e também os armá-



rios, como estender roupa no coradouro ou fazer outras coisas que facilitam a lavagem da roupa.

Um mês depois, cada uma das pacientes começa a sentir que progrediu e muito.

— Limpei as gavetas de meu armário e pesei o conteúdo: dez quilos! — escreveu, recentemente, uma das alunas. — Resolvi, pois, eliminar dêsse armário tudo aquilo que não necessitaria com freqüência e agora nenhuma gaveta exige esfôrço para ser aberta ou fechada.

Em geral, as radicais mudanças conseguidas, não custaram à paciente outra coisa além de vontade firme de levá-las a cabo, atenção para planejá-las e um pouco de prática.

Os resultados compensam fartamente o pequenino esfôrço.



A FALSA "LIZETTA"

Todos me achavam bonita; todos diziam que eu tinha boa voz; todos me adulavam... enquanto Antônio não via nada disso em mim. Depois apareceu o homem dos meus sonhos... Mas havia Antônio, a quem eu odiava cada vez mais... e me atrapalhava!

Conto de
HARRIETT PRATT

A primeira vez em que vi Antônio Lucci foi numa audição no "Teatro Moré", em Chicago, em 1923, quando o dia estava miseràvelmente quente. Sentei-me com outras vinte ou trinta "girls", esforçando-me por parecer *soignée*. Nunca tivera um emprêgo de cantora. Na minha bôlsa estavam duas contas de "Marshall Field's", quarenta e cinco centavos e uma carta de meu pai, dizendo que já era tempo de eu desistir de minhas loucuras e voltar para casa. Juntara à carta uma passagem de volta para Wynoma, acrescentando que se eu trocasse a passagem por dinheiro, êle não hesitaria em me processar como uma criminosa qualquer.

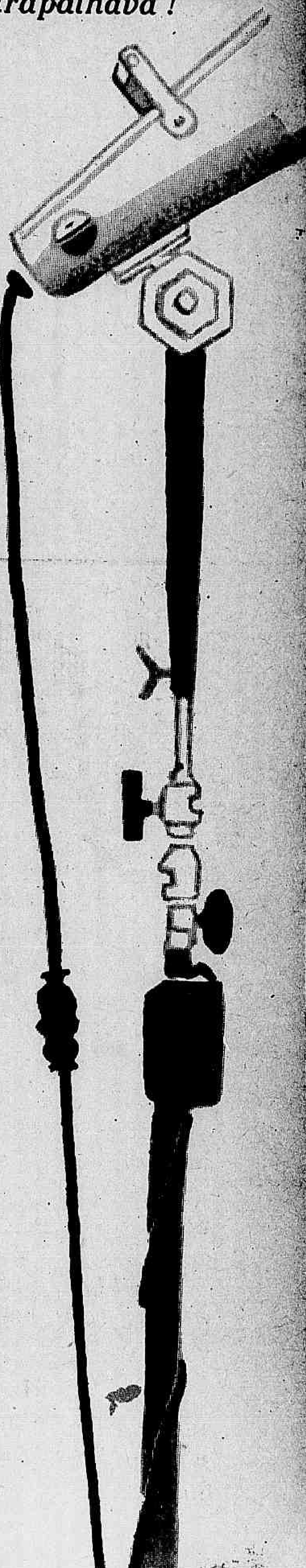
Portanto, eu *tinha que conseguir* êsse emprêgo. Não podia falhar! Era um mês de trabalho, a cinqüenta dólares por semana, cantando nos intervalos do grande filme-silencioso "Adélia do Alasca". O ato seria um dueto e o tenor já tinha sido escolhido. Sentara-se à parte, com ar superior e seguro de sua indiscutível superioridade. Antipatizei com êle, logo que o vi. Era de estatura mediana e tinha ombros largos e peito estufado; os cabelos eram negros, encaracolados, e os olhos muito grandes e escuros. Lembro-me de que murmurei para a "girl" à minha direita: "Êle se julga, talvez, melhor que Caruso!"

Antônio Lucci cantou com cada uma das candidatas, a fim de verificar com qual delas sua voz se casava melhor, e eu tive que admitir que, se êle não era ainda um Caruso, bem poderia *vir a ser, algum dia*. Correu tudo muito bem. Eu preferia mesmo que meu par fôsse um grande cantor. Afinal, não esperava poder, um dia, substituir Geraldine Farrar?

Às seis horas, mr. Preston, o gerente do teatro, lançou um olhar enjoado para as candidatas restantes, em número de meia dúzia, e disse:

— Sinto, pequenas. Por hoje é só.

Eu sabia que aquilo era uma desculpa amável. Que "era só"... *para sempre, definitivamente*! O "show" inaugurava na tarde seguinte, e êle já devia ter escolhido a cantora entre as que haviam assistido. Fiquei ali, alguns instantes, com as outras desoladas candidatas. Porém não fiquei *só desolada*, fiquei furiosa também. Finalmente, depois de arrancar uma ou duas penas do chapéu que comprara, àquela manhã, com cinqüenta dólares tirados do fundo quase vazio da minha bôlsa,



lecantei-me e fui interpelar o gerente.

— Mr. Preston — comecei, contendo minha irritação. — Estive aqui, sentada, mais de três horas e não pretendo deixar esta sala sem primeiro ter cantado.

Mr. Preston, que já se retirava, voltou-se, meio zangado e meio zombeteiro:

— Você é das boas, *eh*? — perguntou.

Procurei explicar-lhe quão agradável era a minha voz. Tinha acabado de regressar do "Scala". Tinha cantado para Louise Homer e Galli-Curci, que me haviam apontado como uma das reais esperanças da Ópera... e que êle devia considerar-se muito feliz por me ter entre as candidatas.

— *Okay, okay,* anjinho — disse êle, sem o menor respeito. — Cante também para nós.

Quando subi para o palco, o tenor mediu-me de alto a baixo, muito sério.

Ganhei o emprêgo. Creio que gritei mais do que realmente cantei. Teria que cantar, agora, para uma audiência *de verdade*, e com uma orquestra *de verdade*. Finalmente, era uma profissional. Saí do teatro trêmula de emoção.

Na calçada, junto da porta de saída, o tenor estava a minha espera.

— Penso que posso, eu mesmo, apresentar-me — disse êle. — Meu nome é Antônio Lucci.

— O meu é Lisetta Milan — respondi, com frieza.

— Italiana?

— Fiz um sinal afirmativo, com a cabeça. Meu verdadeiro nome era Eliza Miller, mas quem poderia pisar um palco com êsse nome, para cantar?

Antônio começou a caminhar ao meu lado.

— É êsse o seu primeiro trabalho? — perguntou.

— Claro que não — protestei, indignada. — Já lhe disse que trabalhei com a...

— *Shh* — interrompeu êle. — Não precisa usar essa tática comigo. De onde você é?

Não adiantava mesmo teimar, com aquêle tipo e por isso respondi, vagarosamente, que "tinha vivido em diferentes lugares".

— Iowa? — insinuou êle. — Nebraska? Kansas?

— Considero-me uma cidadã do mundo!

— Excelente! Assim também eu me considero. Por que não vem jantar comigo? Depois, iremos para meu hotel e ali faremos um pouco de música e ensaiaremos.

Ir à casa dêle! Que idéia fazia a meu respeito? Por isso, disse-lhe que não podia, que *não devia*...

— Poderei, neste caso, ir à sua residência... — propôs êle.

MINHA residência? A Associação Cristã Feminina? Não seria possível. Respondi, portanto, que *tinha um compromisso*... Êle fêz uma careta de contrariedade e depois confessou:

— Está bem... Você tem razão. Eu tinha, mesmo, as piores intenções. O que não entendo é como pôde saber?

— Experiência — respondi da maneira mais sêca que pude. — E até à vista, sr. Lucci!

— Aonde vai? — perguntou êle. — Isto aqui não é uma parada de ônibus.

— Eu sei. Mas pretendo tomar um táxi.

— Oh, perdão! E *à rivederci*, primadona!

Caminhei todo um quarteirão, tomei o ônibus, onde tratei de recordar as cançonetas do *show* e a pensar como seria interessante vestir-me como um esquimau, tôda metida em peles. Brr. Isto não era exatamente o *"Mi Chiamano Mimi"*, com que sonhara, mas talvez que a "Chicago Civic Opera" me "descobrisse".

Quando estava quase a chegar a casa, alguém bateu de leve em minhas costas. Era Antônio Lucci, com um sorriso cheio de malícia, que me dizia:

— Obrigado por me haver dado uma carona no seu... táxi.

NESTA mesma noite escrevi uma triunfante carta para casa, na qual introduzi a passagem do trem, *em devolução*. Mas terminava afirmando que "jamais esqueceria o que tinham feito por mim". Porque, de fato, êles tinham feito grandes sacrifícios por mim, embora eu tivesse que chorar cada dólar de que necessitava. Não que meu pai não fôsse generoso —

pois tinha enviado todos os filhos para a escola que haviam preferido cursar, e gastava com satisfação. Porém, canto, para êle, era o mesmo que pedir dinheiro para piqueniques e outras distrações, coisa sem qualquer futuro. Não considerava que isso fôsse *trabalho*.

O pior de tudo era que eu não podia permanecer com a família. Meu pai era um fazendeiro, e dos bons. Trabalhava pesado, no campo, para sustentar quatro filhos. Então nasci eu e, desde logo, odiei as vacas. Preferia trabalhar no jardim, onde apanhava terríveis resfriados que quase me levaram desta para melhor e me fizeram pensar ser preferível tratar das galinhas. Por muitos meses fiquei apanhando ovos e distribuindo ração... e *cantando*. Aliás, tôda a minha família gosta de cantar e canta razoàvelmente. Porém cantam hinos, enquanto em sempre dei preferência por canções românticas e ópera. Sòzinha consegui decorar quase que a Boêmia inteirinha. Terminado o colégio, desejei ir para New York, mas tive que me contentar com Chicago, que pareceu menos perigosa para a minha família, porque ficava apenas a um dia de trem da nossa fazenda. Aqui estudei com mme. Mazzavini, uma senhora italiana que gastou dois anos e meio levando-me às lágrimas, enquanto ela própria tinha ataques de nervos, até que, finalmente, declarou que eu tinha voz e que dela podia fazer bom uso.

Eis porque, após seis meses de corridas atrás de agentes e de comparecer a muitas dezenas de audições, eu estava finalmente prestes a usar a minha voz. O papel com "Adélia do Alasca" não era todo feito de rosas. Chicago, em agôsto, é quase igualzinho a novembro. Frio de rachar... Antônio e eu éramos obrigados a usar botas forradas de lã e até meus lábios tinham que ser protegidos, sempre, com a gola do casaco, sem o que rachavam dolorosamente.

O nosso êxito foi completo e mr. Preston logo sugeriu que continuássemos juntos,



Mavis era uma inglêsa loura, regularmente bonita. Tanto acompanhava as cantoras ao piano, como tocava «cello» e, às vêzes, servia também como «ponte».

afirmando que nossas vozes e nossos tipos harmonizavam perfeitamente. Antônio e eu trocamos ternos e falsos olhares. Por mim preferia ter formado par com uma tarântula. Êle era só veneno! Como tinha mais estudo lírico do que eu, castigava-me sem dó nem piedade, baixando às vêzes a voz a tal ponto que me obrigava a sacrifícios terríveis para segui-lo. Mas, como não era tôla e tinha realmente boa garganta, depressa aprendi todos os truques. Algumas vêzes cantávamos com as cabeças muito juntas, na beirada extrema da ribalta...

Fora do palco, minhas relações com Antônio eram de cordiais a hostis. Êle sabia exatamente como me exasperar. Se eu me mostrava risonho e conversador; se eu me irritava, êle continuava a sorrir, cruzava os braços e perguntava, com seu ar mais implicante: *"Nervosinha, hein?"*

Na noite do último espetáculo encontrei duas dúzias de rosas vermelhas em meu camarim. Não havia cartão acompanhando. Um admirador desconhecido — pensei. E tratei de imaginá-lo alto, elegante, misterioso, com olhos trágicos, cabelos louros... Era o meu fraco — um homem louro e de olhos trágicos! Eu tinha lido muita coisa a respeito das cantoras de óperas e sabia que tôdas elas tinham tido Grandes Amôres — geralmente infelizes — após aos quais tinham retornado ao palco com seus talentos bastante diminuídos. Estava assim pensando no tipo do admirador misterioso, que enviara as flores, quando...

— Gostou das flores? — perguntou, inesperadamente, Antônio. Estava, havia instantes, de pé, junto da porta aberta; e eu nem sequer o sentira chegar!

— São lindas! — respondi, com entusiasmo.

— Ótimo. Eu recomendei ao florista que mandasse o que tivesse de melhor.

Voltei-me para êle, empalidecendo de surprêsa e de raiva:

— Quer dizer que... que foi você?

Eu não podia acreditar. Seria possível que o *pobre* Antônio estivesse apaixonado por mim... e sabendo que eu jamais me interessara por êle? Seria possível que tivesse escondido seus sentimentos tão bem... até êste momento?

De qualquer maneira, fiquei emocionada. Levantei-me e estendi-lhe a mão, num gesto de reconhecimento, *coisa para ser lembrada*.

— Obrigada, Antônio — murmurei, com carinho.

Êle fêz uma careta, antes de dizer:

— É uma prova da minha admiração por seu perfeito desempenho. Não vá pensar *outra coisa*... meu bem!

Baixei a mão, procurando o vaso com flores e o lancei contra êle. Antônio fechou a porta em tempo; e pude ouvir a sua gargalhada, enchendo todo o corredor. Então, sentei-me e chorei longamente — de raiva.

O resto do ano correu muito bem para mim. Chicago era, felizmente, bastante grande para me livrar do desagrado de encontrar-me com Antônio outra vez. Eu espreitava por um dêsses *grandes romances* e, quase tinha certeza, um dia chegaria para mim essa grande emoção.

Na primavera, assinei contrato para uma *tournée* com Chantauqua. Chantauqua — devo explicar — era uma espécie de companhia de estudantes universitários, concertistas e atores. E a minha grande alegria surgiu quando os Chantauqua chegaram até bem próximo de Wynoma. Diàriamente novos grupos de artistas universitários chegavam, e cada qual, mais alegre e agradável do que o outro.

Em abril, fui com um grupo numeroso para o que chamavam de "quartel-general dos Chantauqua", onde já estavam inúmeras companhias de universitários. A acompanhante era uma inglêsa loura, razoàvelmente bonita, Mavis Chadwick. Tanto acompanhava os cantores ao piano como tocava "cello" e servia de ponto.

— Oh! — exclamou ela, repentinamente. — Aqui tem o nosso professor, mr. Van Pelt.

Voltei-me e... *ali estava êle!* Era alto e louro e tinha olhos escuros, muito escuros e trágicos, embora azuis. Tinha nariz reto, lábios bem desenhados e sensuais. Era tão perfeito que se Mavis Chadwick ali não estivesse, creio que teria acreditado estar diante de uma *visão*.

Minha emoção foi tão forte que por pouco não abri a bôca para lhe dizer

"Até que enfim!", atirando-me logo em seus braços. A êsse tempo êle apertava minha mão e dizia: *"How do you do, Miss Milan"*. Sua voz, apesar de um ligeiro sotaque, era vibrante e nítida.

— Henrik Van Pelt e eu temos trabalhado juntos êste ano inteirinho — dizia Mavis Chadwick nesse instante. — Êle leciona história e música na Holanda e suas aulas são realmente emocionantes.

— Onde estão os demais membros da companhia?

— Aqui estou eu, *por exemplo*... — disse uma voz, junto da porta.

Reconheci-a imediatamente. *"Não!* — murmurei. — *Não é possível*.

OH! Mas é a realidade — disse Antônio Lucci. — É o destino que nos reúne, Lisetta!

— Vocês se conhecem? — indagou Henrik, curioso. — Excelente! Aqui somos, quase todos, velhos amigos...

Êle e Mavis trocaram sorrisos. Notei que ela sorria mais do que era devido, dadas as circunstâncias. Mas não me interessou e muito menos preocupou. Tínhamos que sair, em excursão, na manhã seguinte e eu sabia que Henrik, como chefe do grupo, dirigiria a caminhonete; por isso, tratei de ocupar o banco da frente, entrando pelo lado da direção, a fim de deslocar Mavis e ficar pertinho de Henrik. Porém êste, ao se aproximar do veículo, anunciou:

— Não. Não vou dirigir, pois não me considero um bom chofer.

— Eu dirigirei! — disse Antônio. E, sem esperar aprovação, saltou sôbre o encôsto do banco e caiu ao meu lado. Henrik e Mavis se instalaram no banco de trás e eu observei, com satisfação, que entre êles ficara pousado o "cello". Enquanto o instrumento ali estivesse não havia muito que temer. Logo que iniciamos a viagem tratei de despertar a atenção de Henrik. Eu comprara um formoso guarda-roupa, com lindas blusinhas, vestidos encantadores e um sem número de deliciosos acessórios. Estava sempre mudando de aspecto e notava com prazer que os homens estudavam os mínimos detalhes e ficavam esquecidos, admirando os meus braços nus. Notei, entretanto, que Henrik preferia olhar para a minha nuca ou para as minhas orelhas e compreendi que assim devia ser, tratando-se de um intelectual. Por minha parte, achei que devia interessar-me por suas aulas e, a seguir, fazer-lhe perguntas inteligentes.



Como tinha mais «estudo» de bel-canto do que eu, Antônio me castigava sem dó nem piedade, baixando às vêzes a voz a tal ponto que me obrigava a sacrifícios terríveis para poder manter o acompanhamento...

Passadas duas semanas, compreendi que precisava de agir de modo mais prático, para conquistar o professor. Talvez fôsse inteligente despertar-lhe ciúmes. E o único homem ao alcance da mão era... Antônio.

Para surprêsa minha, Antônio se prestou dòcilmente a êsse papel de "limão". Começou a sair comigo, após o *show*, e, algumas vêzes, fomos tomar café e comer sanduíches, juntos. Antônio para isso se mostrava excelente companheiro e assim flertamos e rimos e discutimos música, e tôdo êsse tempo eu aguardando ansiosamente uma reação qualquer por parte de Henrik. Sentia-me um tiquinho culpada com relação ao

"pobre Antônio", mas não ligava muito ao fato. Recordava-me das rosas e isso me aliviava a consciência. Afinal, uma *liçãozinha* havia de ser útil para êle.

ISSO continuou até que, uma noite, aconteceu o imprevisto. Antônio e eu voltávamos a pé para o hotel. Repentinamente, êle tocou-me num ombro.

— Vem cá — disse, num cochicho, e levou-me para o resvão da entrada de uma loja, àquela hora fechada.

— Para que é? — perguntei.

Êle nada respondeu. Sem qualquer aviso ou pedido de licença, enlaçou-me com os seus braços, no estilo teatral, deitando-me para trás, de modo que tive que me agarrar a êle para não cair. A surprêsa fôra muito grande, para que pudesse fazer qualquer coisa. Quando recuperei o equilíbrio vi Henrik e Mavis, a poucos passos, olhando para nós. Por alguns instantes, ficaram parados, como se também tivessem sido atacados de surprêsa paralisante. Logo a seguir prosseguiram, apressando os passos.

Eu estava furiosa.

— Para que foi isso, *e-xa-ta-men-te*? — perguntei.

Antônio sorria.

— Simples brincadeira... Achei que devia ajudar você a despertar ciúmes em Henrik.

Por alguns instantes, a surprêsa, a vergonha e a raiva me impediram de falar.

— Não sei o que quer insinuar... — disse, finalmente.

— Lisetta... Você pode enganar a outro qualquer. Não a mim! Somos muito parecidos...

— Se eu sequer suspeitasse de que era parecido com você — gritei, desesperada. — Trataria logo de cortar o próprio pescoço.

Antônio começou a rir. Então, dei-lhe um violento empurrão para o tirar do meu caminho e desci a rua, quase correndo, na direção do hotel. Mas não pude correr o suficiente para fugir de suas risadas.

Depois disso, a viagem foi mais difícil, principalmente porque Antônio continuava entre todos nós. Eu achei que devia aparentar uma máscara de tragédia e dignidade, como a Tosca. Mas, mostrar dignidade num automóvel aberto não era fácil, particularmente com Antônio na direção. Além disso outro problema me atormentava. Tínhamos terminado a *tournée* no Illinois e agora seguíamos na direção do meu Estado. Eu escrevera a minha família avisando, e tinha a certeza de que não faltariam às representações nem meu pai, nem os demais parentes. Estava, é claro, muito contente, embora um tanto apreensiva. Se *Lisetta Milan* não conseguia capturar Henrik, que possibilidade havia dêle se interessar por *Eliza Miller*? Porém eu estava com sorte e tratei de evitar que Henrik e minha família se encontrassem. Conheceram Antônio, enquanto eu trocava de roupa, após a chegada, mas isso não me preocupava. Mamãe confessou que êle era muito simpático, mas, naturalmente, porque não sabia que boa "bisca" era êle.

A reunião foi agradável e tratei de convencer aos meus pais de que eu era pessoa respeitável, embora pertencesse ao teatro. Só uma coisa os espantou: o meu "make-up"; mas expliquei-lhes que isso era necessário para a ribalta e que ainda não tivera tempo de retirar. Quando as últimas despedidas foram trocadas, respirei, aliviada, e quando Antônio sugeriu seguir na mesma noite para Glenville, nossa parada seguinte, aceitei a idéia calorosamente. Quanto mais depressa saísse de Wynoma, melhor.

TÍNHAMOS percorrido dez ou doze milhas, quando compreendi que não viajávamos na direção de Glenville. De qualquer maneira, eu me afastava de casa... e isso era o que mais desejava. Eu não podia imaginar que Antônio soubesse quais as cidades em que eu vivera. Mas, a seguir, pensei nos longos minutos que êle havia passado, palestrando com meus pais. Embora receando que Henrik suspeitasse dos meus conhecimentos da região, perguntei:

— Antônio. Tem certeza de que está no caminho certo? Esta estrada é tão ruim...

— Sim, sim... Apenas estou encurtando, por um atalho.

Nesse instante estremeci. Passávamos diante da escola e da praça McKenzie! Esperei, ao menos, que Antônio não parasse e que apenas estivesse fazendo aquilo para me atormentar. Mas o bandido parou! Depois de subir uma estradazinha, que parecia não ter saída, entrou a buzinar desesperadamente.

— Hmm — disse êle. — Creio que enguiçamos. Vou até lá em cima, procurar ajuda naquela casa de fazenda.

— Mas é muito tarde! — gritei, assustada. — Todos devem estar dormindo.

— Não — falou Henrik. — Vejo uma luz.

E, *naturalmente*, todos estavam a nossa espera! Mamãe tinha feito café e logo tirou do forno uns bolinhos perfumados e deliciosos. Fiz as apresentações por meio de gestos, pois estava muito humilhada para dizer uma palavra sequer.

— Mas foi uma agradável surprêsa — declarou Henrik. — Por que você não nos disse antes, Lisetta?

Abri a bôca, mas não encontrei uma resposta.

— Lisetta e eu queríamos fazer uma surprêsa a você — disse Antônio.

Ali ficamos, o resto da noite. Pela manhã, vesti um vestido muito simples, de algodão e desisti do "make-up". Achei que não ficava bem, naquele ambiente.

— O "breakfast" não está pronto, Eliza — disse minha mãe. — Por que você



Então, êle me beijou, ali mesmo, diante de todos — e eu ouvia a doce música dos aplausos...

não vai apanhar uns ovos, enquanto espera?

Por que não? Isso era melhor do que ficar ali, à-toa. Apanhei um cêsto e saí na direção do galinheiro. Tinha apanhado uma dúzia de ovos, quando Henrik apareceu.

— Mas... Você está encantadora — disse êle.

Voltei-me e notei que êle, desta vez, olhava *para mim*, não para minha nuca ou minhas orelhas.

— Acha? — perguntei, estùpidamente.

— Acho sim. Aliás, todos êsses meses tenho observado você. Pensava que você fôsse fútil, que não pensasse em outra coisa senão em vestidos e em flertar. E agora verifico que você nem mesmo é Lisetta. É Eliza, uma moça saudável, simples, bonita e sincera. Por que agia daquele modo?

— Tentava, apenas, despertar a sua atenção — confessei.

— Você quer dizer que...?

— Sim, Henrik. Amo-o — disse dramàticamente. — Sempre o amei... Desde o primeiro instante em que o vi.

— Mas pensei que Antônio...

— Era apenas para despertar os seus ciúmes...

Henrik estava bem junto de mim. O galinheiro estava morno e silencioso. Um raio de sol brilhou nos cabelos de Henrik.

— Minha querida — disse êle. Apanhou o cêsto de ovos, depositando-o no solo. Depois, beijou-me. Foi terrivelmente romântico. Senti-me como se fôsse *Mimi*, na "La Boheme". E tive que me dominar em tempo para não murmurar *"Rodolfo!"* em seu ouvido.

Caminhamos de volta a casa, de mãos dadas, e quando Antônio nos viu ficou muito pálido e o cigarro caiu-lhe dos lábios.

Nada foi dito, porém, quando reiniciamos a viagem, Henrik e eu íamos no banco de trás. O "cello" estava num dos cantos e como era volumoso nos obrigava a sentar bem juntinhos.

POR todo o resto da *tournée*, Henrik sempre estêve ao meu lado. Porém nosso romance não era coisa fácil. Primeiro, porque Mavis estava desolada. Eu não havia pensado muito nela, até então, mas agora seu sofrimento me atormentava. Depois, havia também... Antônio. Estava sempre a nos espreitar, com um sorrisozinho sarcástico e, quando no palco, voltou a empregar seus truques para me atrapalhar.

Além de Mavis e Antônio, eu tinha outros problemas pessoais. Preocupava-me por saber como agradar a Henrik. Êle desejava a "verdadeira Eliza" e eu não sabia mais, agora, como encontrar essa personagem. Pouco me pintava e deixara de usar vestidos espalhafatosos, procurando ser sincera.

— Que há com você? — perguntou Antônio, certa tarde. — Está parecendo uma roceira.

Porém eu adotara a tática de não dar resposta a êle. Mas tudo me fatigava e, certa noite, após um passeio com Henrik, mal tinha fôrças para chegar até meu leito.

Durante a última semana da *tournée*, Henrik propôs que nos casássemos. Eu havia imaginado a cena teatralmente. Porém, afinal, só pude murmurar:

— Casar?

Êle, rápido e inesperado, tirou do bôlso um anel e passou-o para o meu dedo.

— Você quer, Eliza?

— Naturalmente, Henrik — disse, muito simplesmente.

E logo começamos a formar planos. Êle pretendia lecionar num pequeno colégio, ter uma casa na orla da cidade, com um jardim, uma boa horta e talvez algumas galinhas.

— Mas, Henrik — disse eu. — E minha voz?

— Você cantará para os nossos filhos.

— Sim, sim... Mas, afinal... Eu poderia chegar mais alto...

— Eu sei. Mas não quero isso! Tenho ciúmes e não quero que você viva se exibindo...

— Oh! — protestei. — Isso não pode ser.

— Não pode fazer um sacrifício? — perguntou êle, sério.

— Sim... Farei como você quiser... — respondi, molemente.

Nessa mesma noite, Antônio soube do nosso noivado.

— Não acredito que você vá casar com êsse holandês com cara de pedra! —

(Conclui no fim da revista)



Impressionado com a majestade das Pirâmides, Napoleão bradou aos soldados na Campanha do Egito: — «Meditai que do alto dessas Pirâmides, quarenta séculos vos contemplam!»

UM FANTASMA DE 40 SÉCULOS

INTRIGA O FUTURO

O MAIOR MONUMENTO DA PRESUNÇÃO HUMANA

Por DE MATTOS PINTO

HÁ mais de quarenta séculos intrigam os transeuntes das gerações os fantasmas triangulares de Cheops, Chephren e e Mycerinus, cuja solidez supera o tempo e a transitoriedade das conquistas militares. Repousam sôbre o luminoso areal, à margem esquerda do Nilo, cujas águas limosas fecundam as dunas e distribuem os germes da vida, descansam à sombra das montanhas da Líbia, os monumentos mais simbólicos dos povos mortos, que gritam ao presente a linguagem da temeridade e da grandeza.

A luz banha todos os horizontes e uma claridade feita de mil reflexos anima as eternas pedras da arte faraônica. Da arquitetura tumular de Gizeh, cujo mistério impressiona no seu abandono, divisam-se as tôrres e os minaretes do Cairo, respiram-se as quentes ventanias do Saara e, como uma visão de suavidade, contempla-se a alegria do Nilo, que domina o vale no seu abraço de fertilidade e de húmus. E nessa paisagem solitária e ardente, morta e viva, a mudez de Memphis fala com mais eloqüência e mais enérgico pasmo, do que tôdas as exclamações dos viajantes.

O ASSOMBRO DA ANTIGUIDADE E DOS TEMPOS MODERNOS — Nada mais atordoante do que êsses blocos que emergem do seio das dunas e ferem o azul radiante do dia, com a sua figura triangular. Com as quatro faces voltadas para os quatro pontos cardeais, as Pirâmides de Gizeh assombram os itinerantes, que saem despreocupados do Delta e que



Tut-Ank-Amon, faraó do Egito, numa estátua de ouro, esculpida há milhares de anos, onde se pode admirar a perícia dos artistas faraônicos

nvadem o Deserto Líbico. Construídas ›ara servirem de túmulo aos reis da [uarta dinastia, a sua arquitetura e a ua escultura perpetuam há milênios os atos da vida, os segredos da ciência e ›s arrojos da arte, pelas quais subsistem s egípcios, depois de pulverizados para empre. A Grande Pirâmide de Cheops, maior de tôdas, mede cento e setenta : três metros de altura. Supera em najestade a Tôrre de Estrasburgo e a úpola da Igreja de São Pedro, em Roma, endo duas vêzes mais alta do que a greja Notre Dame de Paris, consideradas omo monumentos clássicos da nossa era.

A Grande Pirâmide eleva-se duas vêzes nais no espaço do que a famosa catedral 'o feudalismo francês, imortalizada pelo irismo descritivo de Victor Hugo. Enuanto o templo cristão mede sessenta e eis metros de altura, o monumento de heops alcança a altitude de cento e etenta e três metros.

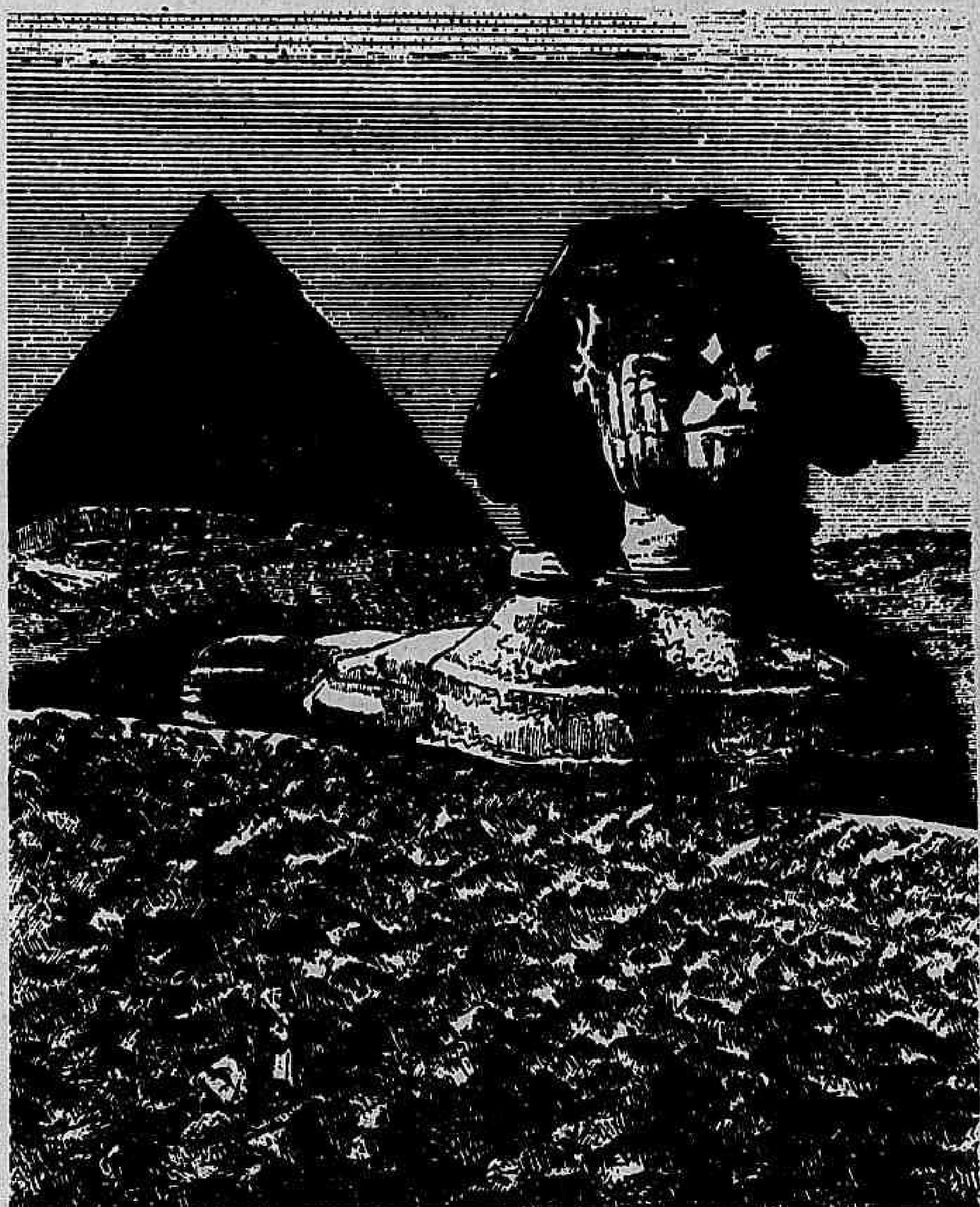
A base vai além de duzentos e trinta e dois metros de extensão, coberta em grande parte pelas areias. A Grande Pirâmide de Gizeh compõe uma massa de pedras, que os calculadores orçam em vinte e cinco milhões de metros cúbicos. Na Campanha do Egito, Napoleão e o exército francês acamparam nas cercanias das Pirâmides, para admirar o maior empreendimento dos filhos de Ammon-Ra e de Osíris. Enquanto os generais escalavam as pedras da arquitetura faraônica, Bonaparte apreciava, comparava e calculava a grandeza da obra e os progressos da engenharia, há mais de quatro mil anos.

Napoleão desistiu de subir ao ápice triangular da maior Pirâmide de Gizeh, porque sofria da vertigem das alturas. Ao descerem, os seus generais comentavam que só do cume se avaliava a impressão do labor egípcio e do prodígio da sua arquitetura. O maior guerreiro dos tempos modernos replicou que de terra se admirava bem a grandeza e executou interessante cálculo, demonstrando que com as pedras das três Pirâmides poder-se-ia construir uma muralha de oito metros de altura, com dois metros de largura, na extensão de quinhentas e sessenta e três léguas. O matemático Gaspard Monge, inventor da geometria descritiva e que servia no exército francês, retomou o cálculo de Napoleão, verificando a exatidão do mesmo. A obra impressiona realmente, com os seus milhares de blocos superpostos, talhados com regularidade, encaixados com matemática segurança. Pelos mesmos, vemos como antes do estilo equilibrado e harmonioso da Grécia, os egípcios conheciam a linha geométrica e sabiam empregá-la na audácia das suas montanhas funerárias.

O engenheiro Mac Ceanl, que viajou pelo Egito, na metade do século XIX, orçou em vinte e cinco milhões de francos o custo do monumento, construído pelos processos do ano 1855, com a sua engenharia avançada. Podem existir monumentos mais suntuosos na Índia e mais decorativos em Roma, mas nenhum consegue atordoar a sensibilidade como as Pirâmides.

O SACRIFÍCIO DE MILHARES DE VIDAS — A arte traz consigo o milagre de imortalizar todos os que se aproximam da sua missão de enobrecer a vida e justificar a existência humana. Cheops, Chephren e Micerinus, os três soberanos do Nilo, que empreenderam os monumentos triangulares, revivem graças ao gênio dos seus arquitetos.

Pretendem, com alguma engenhosidade, que a concepção das Pirâmides nasceu da forma aguda e quase triangular da montanha de Tebas. Nessa sagrada montanha, os primeiros faraós sepultavam os seus mortos e os preservavam da corrupção do tempo. Os reis de Memphis ousaram imitar os senhores de Tebas, com as suas Pirâmides, verdadeiras montanhas artificiais. Contestam essa teoria, por mais cômoda que possa parecer. Agora, depois que os persas, os gregos, os romanos, os franceses e os inglêses passaram pelo Egito, há quem lance vistas meramente curiosas sôbre os maravilhosos destroços sepultos sob as dunas do Saara. Construídas com a idéia básica de sepulcro, as Pirâmides representam ainda mais a vitória da geometria e da matemática, o triunfo da arte de edificar, quatro mil anos antes da nossa era, quando os europeus ainda não balbuciavam as primeiras letras da civilização.



A Grande Pirâmide de Gizeh, com a Esfinge, cujo sentido espiritual intrigou Heródoto, Diodoro de Sicília, Plínio e que vem sendo base de novas descobertas arqueológicas sôbre o mundo dos faraós.

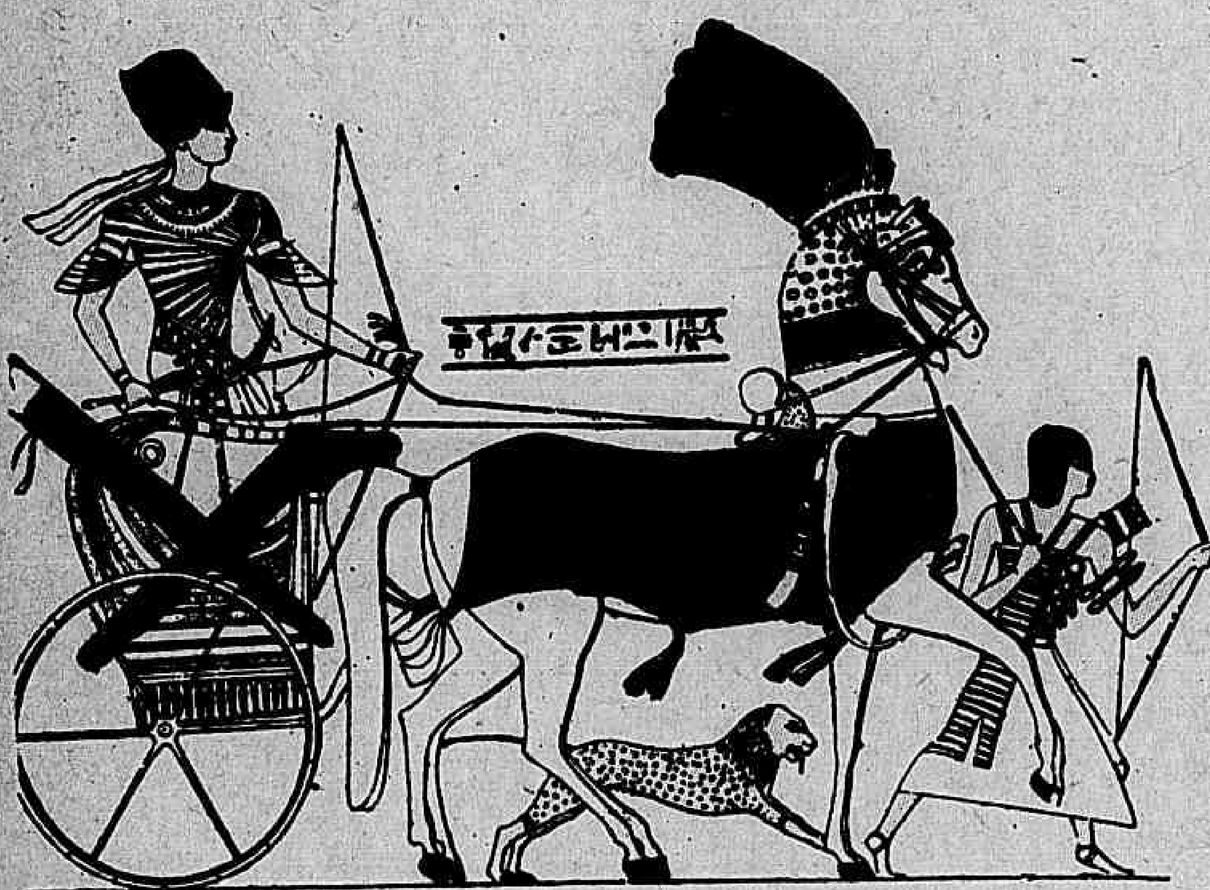


As monumentais ruínas de Luxor, cidade arqueológica do Alto Egito, a 450 quilômetros do Cairo, visitada por milhares de turistas.

Para chegarmos aos primeiros fatos registrados històricamente no Egito, deveremos afastar-nos para cinco mil anos antes de Cristo. A idéia da Pirâmide como tipo arquitetural iniciou-se na I Dinastia, aí pelo ano 3400 antes de Cristo, deslocando-se pelas dinastias sucessivas, que aperfeiçoaram a beleza do monumento. Tomou consistência sob a II Dinastia, que legou os processos técnicos aos obreiros das gerações ulteriores. O calendário egípcio fundamentava-se sôbre observações astronômicas, sabendo-se que a ascensão helíaca da Estrêla Sírius, ascensão considerada relativamente com o nascimento e ocaso do sol, determinava o início do ano. Os agricultores faraônicos orientavam a sua atividade agrícola por um calendário com base astronômica, já tendo fixado

os períodos de cheia do Nilo. Quando edificaram as Três Pirâmides, já se utilizavam do estudo dos astros para semear a terra e marcar a época das colheitas, reconhecendo a regularidade das estações climáticas.

As suas quatro faces, que olham para os quatro pontos cardeais, materializam a primeira criação grandiosa da geometria no Norte da África. A perfeição matemática das pedras, que se ajustam admiràvelmente, espantou sempre todos os



Ramsés II, no seu carro de guerra, com uma mitra real na cabeça e um arqueiro precedendo a carruagem. Um leão domesticado o acompanha.

povos. Os primeiros invasores árabes admiraram a extrema justeza com que os monolitos se dispunham uns sôbre os outros.

Os seus encaixes bem embutidos pareciam talhados com infalíveis instrumentos, por operários especializados. Os monumentos do Egito participam da evolução da arte, não apenas como episódios puramente recreativos, distinguindo-se dos outros pela sua originalidade, pela sua grandeza e pela sua perfectibilidade.

Na Batalha do Deserto Líbico, em que o exército francês iria enfrentar os mamelucos de Murad Bey, desejando excitar o ímpeto patriótico, Napoleão gritou para os soldados:

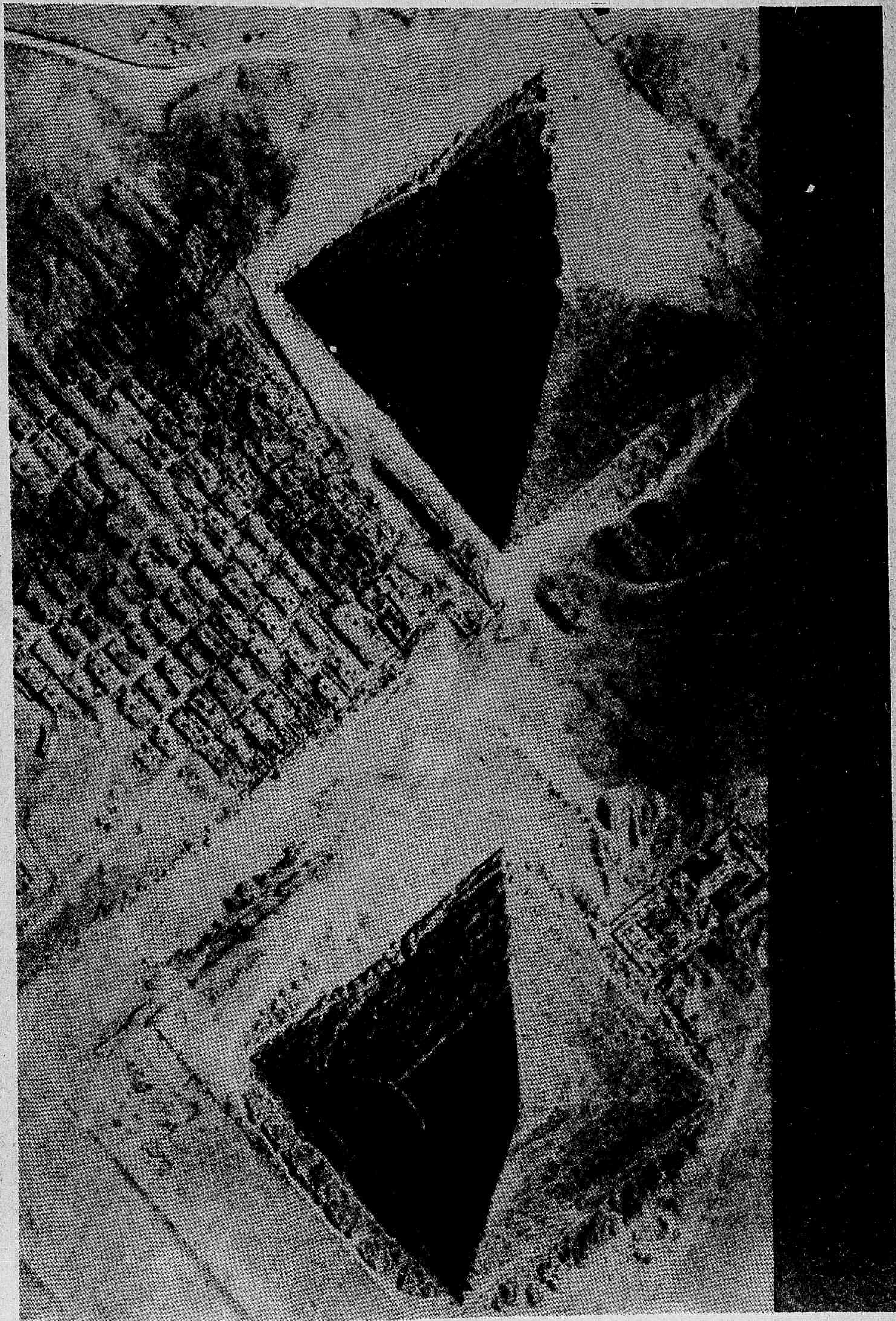
— "Meditai que do alto dessas Pirâmides, quarenta séculos vos contemplam!"

Os milênios atuaram sôbre os monumentos faraônicos, jogando as dunas sôbre muitas edificações e soterrando-as completamente. As dimensões antigas e modernas variam com o tempo, com os instrumentos de medida e com o nível do areal. O historiador grego Heródoto, qualificado o pai da história, que viveu de 484 a 525 antes de Cristo, fala da Pirâmide de Cheops recordando as pedras lisas, de que hoje se acha despojada. O espanto causado pela sua licitária grandeza perdura no assombro de todos os povos.

Considerando que as Pirâmides e a Esfinge de Gizeh datam da IV Dinastia, deslocando-se de 4235 a 3951 anos antes de Cristo, entrevemos a ancianidade do Egito, os seus começos pré-dinásticos, perdidos na noite das idades, quando as suas primeiras criaturas aprendiam a polir o granito e a riscar as primeiras estatuetas. Ontem, como hoje, no tempo de Heródoto, como na época de Plínio, de Alexandre e de Augusto, lamentam os historiadores os sacrifícios humanos, gastos numa obra que simboliza o despótico govêrno dos Faraós, o maior monumento da presunção humana.

A IMORTALIDADE DO ORGULHO FARAÔNICO — As Três Pirâmides de Gizeh recuam à IV Dinastia, sendo os seus edificadores os faraós Cheops, Chephren e Mycerinus, que também recebem dos historiadores os nomes de Khufu, Khafra e Menkara. O grego Heródito, que percorreu o Egito quinhentos anos antes da época cristã, passa como o primeiro erudito da Grécia a falar das Pirâmides.

Dos sacerdotes egípcios, encarregados de escrever a história dos vaidosos faraós, soube como se edificaram os monumentos triangulares. Sucedendo a Rhampsinitus, a quem desejava superar com feitos e obras de arte, Cheops suspendeu os sacrifícios religiosos e cerrou as portas de todos os tempos, para que todo o povo egípcio trabalhasse ininterruptamente na Grande Pirâmide. Tôdas as castas desertaram da adoração de Osíris, para edificar o maior monumento da vaidade de um monarca. Arrebanhou cem mil homens para a extração de pedras nas montanhas arábicas. Uns traziam o granito pelo curso do Nilo e outros transportavam a rocha talhada até a



vizinhança de Memphis. Os escravos arrastavam os blocos de granito sôbre calçadas, que iam das pedreiras até a margem do Nilo, onde barcos os transportavam. Sòmente a estrada para o transporte de materiais exigiu dez anos de labor dos obreiros de Cheops. Para multiplicar os recursos financeiros, não hesitou em sacrificar a honra de sua filha aos amantes ricos, destinando todo o dinheiro para a Grande Pirâmide de Gizeh. Cada trimestre, substituíam os escravos exaustos por novos cem mil homens frescos e robustos, que se renovavam depois de outro trimestre de trabalhos fatigantes. A obra requereu esfôrço e arte de vontade, que se aplicou tanto no exterior como no interior do monumento.



O artista egípcio trabalhou primeiro nas câmaras subterrâneas, destinadas a sepultar e resguardar através dos milênios, a múmia do faraó, e depois no arcabouço da Pirâmide. Sôbre os processos de edificar, Heródoto fala de maquinismos de madeira, pequenos e portáteis, que empregavam para levantar o granito do solo, às sucessivas alturas da Pirâmide.

Sôbre essa particularidade, sugerem muita coisa e dissertam por analogias, preferindo uns admitir o uso de alavancas, para erguer um bloco de um degrau e outro degrau mais avançado.

O historiador Diodoro de Sicília, escritor e viajante grego contemporâneo de Júlio César e do imperador Augusto, repudiou a explicação de maquinismos. Os egípcios adotavam o plano inclinado, sôbre o qual arrastavam os blocos de calcáreo e de granito até o alto.

Dos planos inclinados, espécies de calçadas auxiliares, também falou o próprio Heródoto. Deveriam ser completamente lisos, para as pedras resvalarem e pelos vestígios encontrados, calcularam a extensão em mais de um quilômetro. O calcáreo saiu de Turrah, em face de Memphis, mas as duas qualidades de granito procederam de enormes distâncias, de Assuan e do vale de Hamamat. Chamava-se Imai, o arquiteto da Grande Pirmide, que legou às gerações modernas exemplo tão vivo e imutável de majestade arquitetônica. A maior das Pirâmides de Gizeh cresceu em tempos remotíssimos, quando ainda se ignoravam os meios de grafar a palavra. Chephren, irmão de Cheops e sucessor no trono faraônico, cujo reinado se prolongou por cinqüenta e seis anos, manteve os templos fechados e escravizou o povo para edificar a Segunda Pirâmide de Gizeh, com duzentos e sete metros de base, cento e trinta e nove metros de altura e volume de um milhão, novecentos e três mil e duzentos e setenta e cinco metros cúbicos.

Mycerinus, filho e sucessor de Chephren, empreendeu a tarefa de construir a Terceira Pirâmide de Gizeh, com a base de cem metros, cinqüenta e três metros de altura e volume de cento e setenta e nove mil e cento e oitenta e dois metros cúbicos. As dimensões variam com o tempo, devido ao movimento das dunas, que encobre e soterra dezenas e centenas de metros. Descobriram-se nove pirâmides em Gizeh, sendo os três monumentos de Cheops, Chephren e de Mycerinus, os mais famosos e os mais discutidos pelos arqueólogos.

A arqueologia já descobriu mais de quarenta pirâmides no Egito, supondo-se a existência de outras soterradas no areal do Saara. Quanto pasmo despertam êsses trabalhadores das Dinastias Faraônicas, que retalhavam o calcáreo e o granito sob medida, poliam as pedras para encaixá-las com tão geométrica harmonia.

Pretendia Diodoro de Sicília que os faraós utilizaram cêrca de trezentos e sessenta mil homens para levantar a Grande Pirâmide de Cheops, que supera duas vêzes a Catedral de Notre Dame de Paris. E calculam a fabulosa quantia, que exigia a nutrição dêsse exército de pedreiros, de polidores e artistas.

Heródoto considerava as Pirâmides acima de tudo quanto se pode dizer. Significam mais do que uma obra de arte decorativa, expressam o poder da inteligência geométrica e matemática, numa idade recuada do gênero humano. Justamente pela sua colossal proporção, houve quem visse nas mesmas além da idéia de sepulcro, de simples túmulo

real, uma intenção astronômica.

Parecia incrível que a presunção realesca dos faraós sacrificasse milhares de vidas para edificar sepulcros inacessíveis à fugacidade do tempo.

Gaius Plinius Secundus, que viveu de 23 a 79 depois de Cristo, o naturalista romano Plínio, enumerou mais de 12 autores, que descreveram as pirâmides e traçaram conjecturas sôbre as suas finalidades.

Plínio julgou as pirâmides como um monumento da insensatez e do orgulho dos faraós.

O astrônomo francês Nicolas-Antoine Nouet tentou descobrir intuitos astronômicos nos três edifícios triangulares de Cheops, Chephren e de Mycerinus.



A GRANDE PIRAMIDE REFLETIDA NO LAGO — No primeiro plano, junto da base, o museu e o escritório de turismo, ali instalado próximo da entrada do famoso túmulo de Tut-Ank-Amon.

A enormidade das pirâmides impõe a reflexão nos espíritos especulativos, sôbre o verdadeiro ideal da civilização memphita, que tentou representar o infinito nas dimensões do finito e ousou desafiar a imortal natureza com a mortalidade humana, perpetuada num fantasma eterno na solidão do Saara.

★ ★

RESPOSTAS DE ALEXANDRE MAGNO

ALEXANDRE (356-423, A. C.) era ainda rapazola, quando lhe foram dizer que seu pai, o rei Felipe da Macedônia, havia vencido uma batalha. O adolescente, já cheio de ambição, exclamou:

— Se meu pai vencer tôdas as batalhas, que restará para eu mesmo fazer?

Um dia, um cortesão se maravilhava com Alexandre, que não se mostrava mais animado a participar dos jogos olímpicos.

— Dêem-me um antagonista digno de um rei — respondeu o orgulhoso príncipe — e me apresentarei na arena!

No momento de partir para a grande expedição contra a Ásia, Alexandre distribuiu tôdas as suas riquezas entre os diversos capitães do seu exército.

— E para ti mesmo, que restará? — perguntou, alarmado, um dos seus conselheiros.

— A esperança — respondeu Alexandre.

★

THE RIGHT... WOMAN

EM Sydney, Austrália, os diretores do Asilo da Boa-Vontade acabam de nomear presidente da instituição a senhora Mary Goodwill (Maria... Boa-Vontade).

A "PRÊSA"

UMA NARRATIVA

Por LEOPOLDO MASSIERA

HÁ muito tempo — talvez milhares de séculos — a *Coisa* filava através dos espaços interestelares, na direção da Terra, a bordo de um aparelho metálico em forma de disco. Tanto o aparelho quanto a *Coisa* eram o produto de centenas de anos de estudos, do gênio dos melhores cérebros do planêta, aplicado à biologia e à mecânica. Porque, para obter quanto os cientistas haviam desejado, era necessário um ser inteligente e pensante a suficiência para poder agir sem contrôle exterior e, no tempo conveniente, condicionado de modo a que pudesse livremente mover-se e viver em ambiente totalmente diverso daquele do planêta. E, ainda mais, nesse tempo determinado, era necessário que o aparelho pudesse não só fazer a longa viagem como ainda atendesse à natureza da *Coisa*, de modo que a servisse, a guiasse e a defendesse, servindo-lhe ao mesmo tempo de alvéolo.

Porque os habitantes do planêta tinham a convicção de que um outro planêta, do sistema solar — o astro distante milhares de anos luz — hospedava criaturas pensantes, denominadas *terrestres*. E, desde que tal convicção se fortaleceu, os cientistas locais não tiveram mais paz de espírito. Todos desejam possuir um exemplar *vivo* dos habitantes do planêta Terra, a fim de poder estudar e compreender as condições em que a vida pudera nascer e continuava a desenvolver-se no planêta desconhecido. Por isso, por centenas de anos haviam estudado a *Coisa* e, ao mesmo tempo, a máquina que pudesse superar a imensa distância, afim de apoderar-se do exemplar, que a todos interessava, e transportá-lo para o seu próprio mundo.

FINALMENTE, o aparelho tinha penetrado no sistema solar, depois de superar a esosfera e a ionosfera. Então



De repente, a COISA se imobilizou: acabara de avistar

foi cautelosamente freado. Na estratosfera sua velocidade diminuiu mais um pouco e continuou a cair progressivamente, até chegar a dois mil quilômetros horários. A máquina fôra criada para que, em condições externas particulares, nas quais se encontraria no correr da viagem, funcionasse, internamente, em sentido oposto quanto a direção e velocidade.

Sob o aparelho, o planêta Terra aparecia distintamente, com tonalidade verde, azulada e marrom, das florestas, dos mares e dos continentes, e também com as duas calotas brancas e cintilantes



uma infinidade de sêres viventes: milhares de TERRESTRES! E as radiações não atingiam um ponto de perigo.

dos pólos. A topografia da Terra tinha sido acuradamente traçada nas numerosas viagens dos *espiões* do céu.

A *Coisa* seguiu por um certo tempo, de uns dez mil metros de altura, uma vasta região pontilhada de lagos, de imensas florestas, de tórridas planícies e altíssimas montanhas com cimos cobertos de neve.

PARA conseguir realizar a sua audaciosa missão, a *Coisa* tinha sido criada de modo a captar as radiações dos corpos viventes, paulatinamente, e o aparelho registrava exatamente tais radiações, de maneira a que a *Coisa* pudesse regular-se como melhor convinha, evitando aproximar-se de um aglomerado de corpos vivos, o que teria podido ser perigoso e impedir que cumprisse a missão de que fôra encarregada.

Depois de haver viajado em longos círculos, finalmente, as radiaçeõs viventes registradas pelo aparelho foram tão intensas, que a *Coisa* decidiu aterrar. Suavemente fêz descer seu próprio aparelho numa clareira, no meio de um bosque, e ali pousou com a suavidade

de um floco de neve. E não se pense que a *Coisa* sentiu qualquer abalo em contacto com a atmosfera diferente, genialmente condicionada como fôra, a fim de poder existir em quaisquer condições ambiente. Imunda e viscosa, a *Coisa* resvalou para a relva, em busca da prêsa ambicionada, do terrestre que devia raptar, vivo, no seu próprio planêta.

Repentinamente, imobilizou-se: acabara de avistar uma infinidade de sêres viventes; milhares de *terrestres!* E as radiações não atingiam um ponto de perigo, segundo indicava o aparelho que portava. Por longo tempo ficou observando a longa fila de *terrestres* serpenteando pelo solo... e tão diversos dos outros sêres que viviam no planêta de onde viera!

Os *terrestres* eram inumeráveis e pareciam seguir uma senda apenas traçada na imensa floresta. Alguns transportavam objetos que a *Coisa* não conseguia distinguir. Outros caminhavam em sentido contrário, sem qualquer fardo. A *Coisa* não podia compreender o que faziam os *terrestres*, mas estava muito interessada e os observava com crescente curiosidade. O solo era rugoso e cercado de elevadas montanhas e o crepusculo lentamente sombreava a floresta. Os sêres da Terra se tornavam sempre menos numerosos com a morte vagarosa do dia. Pacientemente, a *Coisa* esperou mais um pouco, porque desejava raptar um ser isolado. Repentinamente, viu apenas dois *terrestres*. Vinham quase juntos e apressados. Os demais haviam desaparecido misteriosamente. Podia raptar dois de uma só vez, pois as radiações não eram perigosas e estavam, mesmo, ainda muito distantes do sinal de alarma. Baixou em movimento brusco a mão estranha, cobrindo os dois terrestres e agarrando-os juntos. Surpreendidos com o inesperado ataque, os dois *terrestres* se debateram, tentando libertar-se, mas a *Coisa* os mantinha bem seguros, tão seguros que um dêles logo se imobilizou, morto, enquanto o outro, maltratado nas pernas, ficou impossibilitado de caminhar. Ràpidamente a *Coisa* o anestesiou e, assim, pôde dominá-lo. Em seu poder, tinha agora um ser inerte, mas vivo! A seguir tratou de recolher-se ao aparelho, ao alvéolo genial que o trouxera por milhares e milhares de anos luz, através do espaço sideral, até aquêle distante e muito estranho planêta do sistema solar.

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

PARA MARCIANO O GESTO DE CHURCHILL



BARBARA Marciano, seu pai (Lester Cousine, à esquerda) e Peter Marciano (pai do pugilista) assim fizeram questão de ser fotografados, ao final do encontro no qual Rocky derrotou, pela segunda vez o negro Ezzard Charles, na disputa do título mundial de todos os pesos.

O "V" que a senhora Marciano faz com as duas mãos é o símbolo de Vitória que Churchill tornou famoso.

★

LINHAS ESCOLHIDAS

Era lânguido como uma fôlha úmida. — N. V. D.

— O bote caminhava para nós, sôbre o mar, apoiado em seus longos remos. — Joseph Conrad

A *Coisa* estava muito orgulhosa, porque considerava cumprida a sua missão. O aparelho o reconduziria à própria casa, atravessando o espaço por outros milhares e milhares de anos luz, com a sua prêsa viva e preciosa. Pena que o outro *terrestre* tivesse morrido, literalmente estraçalhado por sua fôrça.

UM minuto mais tarde, um camponês que regressava para casa, após o trabalho do dia, cruzou pelo bosque e, olhando o céu, viu um objeto brilhante e redondo, de cêrca de um metro de diâmetro, elevar-se, lançando-se para o céu, em velocidade fantástica.

Acreditando ser vítima de uma miragem, esfregou os olhos. Depois pensou em tôdas as histórias sôbre os discos voadores, que os jornais noticiavam e que êle próprio sempre afirmara ser pura fantasia. Ficou excitado. Aquilo devia ser um disco voador... E, portanto, tudo era verdade.

O disco, a êsse tempo, desaparecera na noite, como se o céu o tivesse absorvido.

A *Coisa* depositou cuidadosamente o *terrestre* que havia capturado numa celula oposta do seu maravilhoso aparelho. E ficou pensando quão tolos tinham sido os cientistas do seu próprio mundo, construindo uma cela tão grande, imensamente grande para um ser tão pequenino. Pensou que os exploradores estelares tinham exagerado na descrição dos sêres viventes no planêta Terra. Não sabia, talvez, que os caçadores e exploradores do seu mundo eram indivíduos caracterìsticamente exagerados...

QUANTO ao camponês, depois de ficar alguns instantes imobilizado, no ponto em que vira o disco desaparecer no céu, retomou o caminho de casa, atravessando o bosque pelo local onde pouco antes havia pousado o disco voador. Olhou um instante o solo: nenhum sinal do aparelho que ali havia pousado. Nada viu de anormal. Então continuou a caminhar e seu pé pousou exatamente sôbre o ponto onde, minutos antes, dois *terrestres* haviam desesperadamente lutado contra a *Coisa*. E com o seu sapatão esmagou, sem o saber, o resto do mísero *terrestre* que a *Coisa* imunda tinha matado na ânsia de aprisionar. Pisou e passou adiante.

o

Como, aliás, podia notar, sendo um homem, que acabara de esmagar *um cadáver de formiga?*

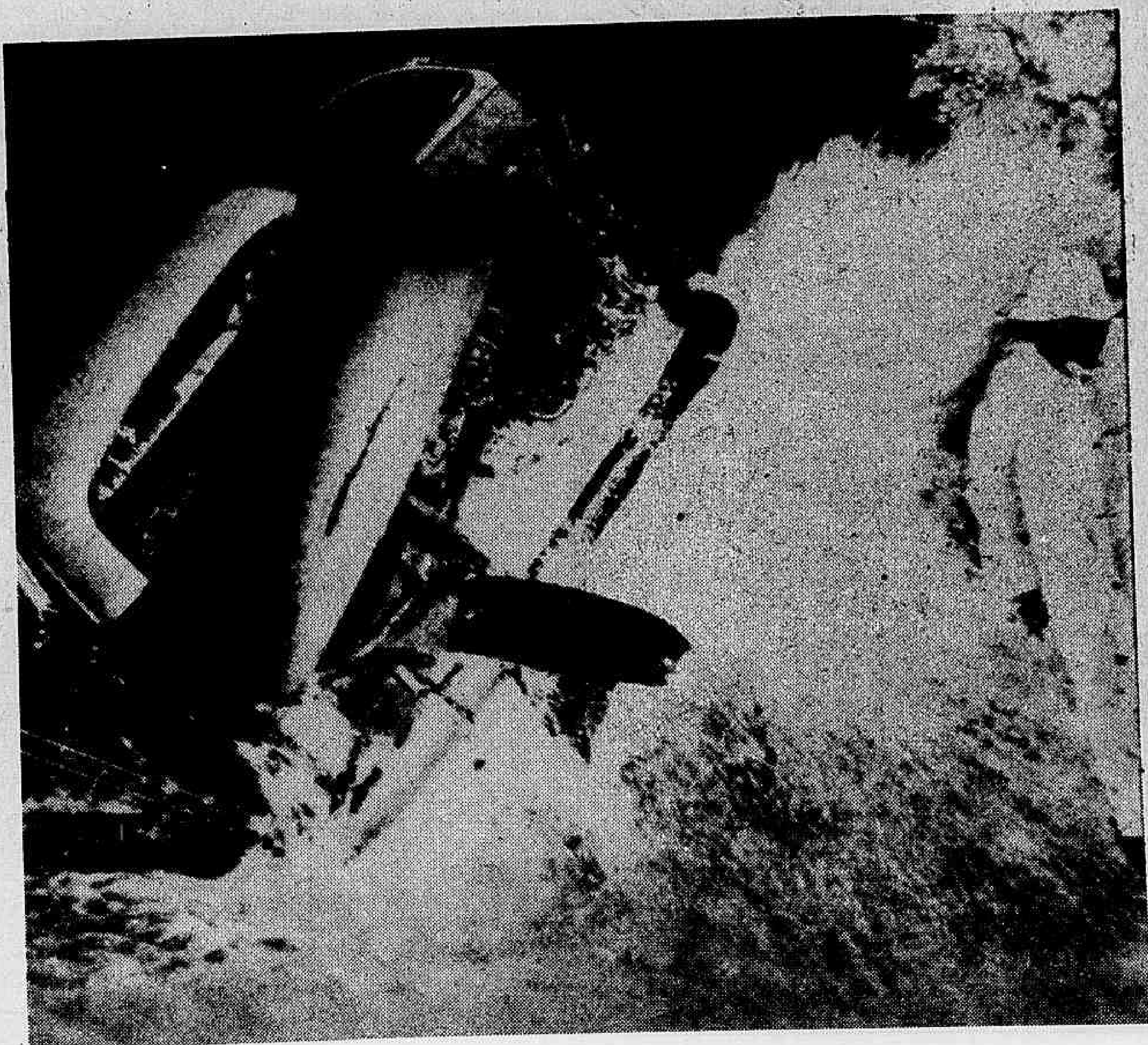
★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

ÁGUA EXPLOSIVA

PARECE uma explosão, mas não passa de fortíssimo esguicho de água.

Êsse automóvel, guiado por Jean Reiser, da cidade de Los Angeles, bateu contra uma bomba dágua para incêndios, existente em quase tôdas as ruas da cidade, derrubando-a.

A violência da água saída da bomba foi tal que quase arruinou completamente o veículo, depois de levantá-lo do chão, com o primeiro impacto, causando-lhe inúmeros estragos.



COMO RE

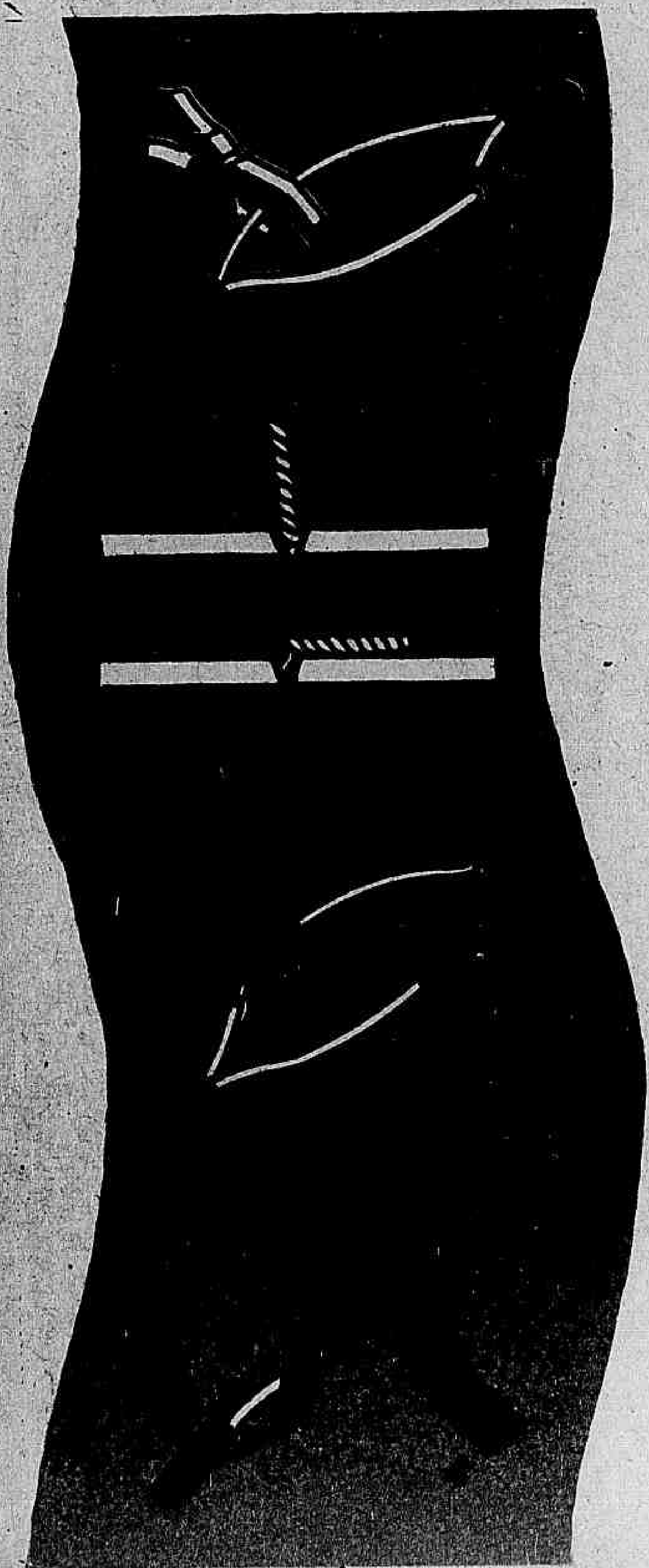


O detalhe, que, para os leigos, pode parecer insignificante, tem grande importância. Um fio partido ou simplesmente esgarçado pode causar sérios aborrecimentos e não pequenos prejuízos. O que devemos fazer, de início, é desligar a fôrça elétrica, na chave geral, antes de tocar em qualquer fio ou comutador.

Depois podemos trabalhar assim:

★





SE UM FIO ESTÁ PARTIDO NO MEIO

1 Cortem e retirem a cobertura protetora, deixando o fio à mostra (ou grupo de fiozinhos); se o fio não está partido, mas apenas mal protegido pela cobertura de fábrica, procedam como em 3. Se estiver partido, cortem os dois fios, porém não na mesma altura, um do outro.

2 Retirada a borracha isolante, cêrca de um e meio centímetros, limpem os fios expostos, raspando-os suavemente com um canivete, torcendo, a seguir, os dois, firmemente (a). Se houver à mão um soldador, o trabalho será mais perfeito. Dobrar os dois fios torcidos como em (b).

3 Cubram cada fio, separadamente, com fita isolante. Ter a certeza de que estão, ambos, bem cobertos e sem possibilidade de um fio roçar no outro.

4 Finalmente, unam os dois fios, já protegidos pela fita isolante, com mais fita isolante.

Chamar um eletricista para coisa tão simples é privá-lo de tempo para fazer coisas que só êle mesmo pode fazer e, também, jogar fora o dinheiro para as despesas domésticas. Um pouco de boa-vontade ajuda muito a economizar. Portanto, mãos à obra.

PARAR FIOS ELÉTRICOS

SE UM COMUTADOR QUEBRAR OU UM FIO SE ESTRAGAR

1 em geral, um fio se solta do parafuso, porque êste tem defeito ou está meio sôlto. Só êste fato é suficiente para estragar a ponta do fio e desbaratar a sua cobertura protetora.

2 Retirem, em tal caso, os dois fios, cortem a ponta dos dois, para que continuem com o mesmo tamanho. Retirem um e meio centímetros da capa protetora com um canivete, tendo o cuidado de não arruinar um só dos fiozinhos.

3 Raspem levemente cada fiozinho, para que fiquem bem limpos, sem qualquer resíduo de borracha ou tecido e, a seguir, enrolem firmemente, para que formem dois todos compactos.

4 Introduzam as duas pontas pelo orifício da base do comutador. Passem um e outro, cada qual por seu lado (exterior) e, voltando, tratem de encaixá-los, cada qual no respectivo parafuso, apertando bem, com a chave.

5 Inspecionem atentamente o trabalho para verificar se alguma ponta de um fio pode atingir a outra, do outro lado. (Qualquer sobra de fio, no parafuso, pode causar aborrecimento e prejuízo.)

SE UMA TOMADA DE FERRO ELÉTRICO PRECISA DE REPARO...

1 Removam os parafusos exteriores e abram a tomada. Observem cuidadosamente, como isso é feito, a fim de que possam recolocar as peças nos devidos lugares.

2 Preparem as extremidades dos fios, como já foi explicado acima, e só o necessário para que haja boa folga e, em conseqüência, boa conexão. Dêem aos fios a forma adequada para encaixar justamente na entranha da tomada, reforçando a posição com linha trançada sôbre aquêles.

3 Unam as duas extremidades aos "clips" de metal, coloquem tudo na tomada e recoloquem, uma sôbre a outra, as duas partes, tornando a prendê-las, firmemente, com os dios parafusos externos.



SÃO COISAS DA VIDA...

A VISA UM PERITO — Celebrando seu 60º aniversário de casamento, um residente de Detroit, Michigan, está avisando aos outros maridos: Quando surgir alguma desinteligência com a espôsa, devemos começar a contar mentalmente, antes de responder. Mas não devemos parar no 10. Devemos continuar a contar. Garanto que, em breve estaremos mais interessados em contar do que em ouvir o que ela diz.

P ESCA MIRACULOSA — Em Buffalo, Estado de New York, um menino de 14 anos, que fôra pescar distante de casa, verificou, com desespêro, que alguém, aproveitando sua distração, roubara a bicicleta de sua propriedade. Impossibilitado de voltar para casa e não desejando refazer o caminho a pé, decidiu esperar por alguma «carona». Enquanto isso, voltou a pescar. Repentinamente, o anzol pegou em alguma coisa. Levantando-o, verificou que se tratava de uma bicicleta. Limpou o limo que a cobria... e voltou para casa, pedalando!



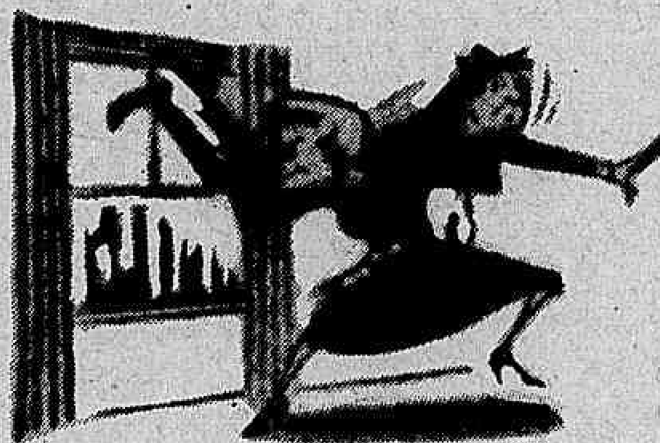
T UDO INÚTIL — Numa estrada da Riviera francesa, um homem foi contratado por um grande hotel para ficar passeando, para cá e para lá, carregando um grande cartaz em que se lia: «Atenção automobilistas! Diminuam a velocidade. Não atropelem os que passeiam!»... foi atropelado e atirado longe por um ônibus.

P RÊMIO — Numa cidadezinha do interior, na França, um «vendedor» de certa marca de automóveis, ganhou um veículo, novinho, de outra marca... por não ter conseguido vender um só veículo da marca que representava na mesma região.

L AVANDO A «ROUPA SUJA» — Em Mineola, Estado de New York, uma desalentada senhora solicitou divórcio do seu marido, um funcionário público sanitarista, alegando que êle não tomara um único banho nos doze anos que tinham de casados.

A SSIM É DIFERENTE! — Prêso, sob acusação de estar sempre telefonando para a residência de um juiz de Tucson, no Arizona, gritando desaforos pesados, um cidadão recuperou logo a sua liberdade explicando: Eu pensei que estava falando com o Departamento de Águas!

S EXO FRÁGIL — Acusada de agressão, uma senhora inglêsa, residente em Londres, explicou na delegacia que tudo o que fizera, quando o marido afirmara ser êle o «mandão dentro de casa», fôra agarrá-lo pela cintura e atirá-lo através das vidraças de uma janela fechada... «para que compreendesse a realidade dos fatos».



C UIDADO COM O CÃO! — Em Coventry, Inglaterra, o agente de uma companhia de seguros, ao chegar a uma residência, a fim de tentar cobrar uma indenização do dono da casa, por motivo dos danos físicos sofridos por um cliente, mordido pelo cão doméstico, foi assaltado e mordido pelo mesmo animal.

PROPORÇÕES

A UMENTA a proporção de mulheres que dirigem automóvel, nos Estados Unidos. De 1 para 4, em 1951, subiu a 1 para 3, em 1953. Uma mulher, em 9, sofre ou provoca acidente e apenas uma em 25 viola as leis do tráfego. Quanto aos homens a proporção indica que um em cada quatro sofre acidentes ou viola as leis do tráfego.



AS LÍNGUAS NÃO RECONHECEM FRONTEIRAS

P ARA desespêro dos puristas, existem em tôrno das fronteiras políticas as gírias de criação popular nas quais se misturam palavras dos dois idiomas falados, oficialmente, de um e outro lado dessas linhas imaginárias. H. L. Mencken, em seu livro «The American Language», conta que quando um mexicano da fronteira percorre as lojas está «chopeando» (shopping ou **comprando**, em inglês) e, se encontra um amigo na rua, atira-lhe cordialmente um «Como le how-do-you-dea?», recebendo como resposta: «Oh! Very-welleando, gracias a Dios!»



DEFINIÇÕES

CORAGEM — Mêdo dominado por mais alguns instantes.

CRITICA AMISTOSA — A maneira de dizer a alguém que é tolo, sem correr o risco de receber uma tapa como resposta.

LUXO — Algo que se converte em necessidade, quando o vizinho o tem.

LOJA DE CURIOSIDADES — Lugar onde nos compram coisas velhas e vendem antiguidades. (Irish Digest).

MEDIANTE a língua do paciente os médicos adivinham a enfermidade do corpo e os filósofos as enfermidades da mente. — **Justino**

A FÔRÇA DE UM JURAMENTO

PAUL FÈVAL

Fê-lo, porém, desajeitadamente. O rosto, naquele instante, trasbordava infâmia. Aurora, no entanto, estendeu a mão para pegar nas flôres.

— Ah! — exclamou Cocardasse, enxugando a fronte — Ali deve haver grossa maroteira!

Dona Cruz, que olhava para Peyrolles àvidamente, precipitou-se num gesto instintivo. Outra mão, porém, precedeu-a, e o *factotum* foi repelido com violência tal que estêve prestes a cair. O ramo escapou-se-lhe das mãos e o corcunda pisou-o. Todos os peitos respiravam com alívio.

— Que vem a ser isto? — perguntou Peyrolles levando a mão ao punho da espada.

Gonzaga olhou para Esopo com desconfiança.

— Não quero flôres! — disse o corcunda. — Só eu, de hoje em diante, tenho o direito de presentear a minha noiva. Que diabo! Ficaram todos tão consternados como se tivesse acabado de cair um raio e afinal foi apenas um ramo de flôres!...

RESUMO DA PARTE JA PUBLICADA

Estamos no vale de Luron, junto ao castelo de Caylus-Tarrides. Para ali, em 1699, o marquês, viúvo, se retirara co msua filha Aurora. Pouco depois, Felipe de Lorena, duque de Nevers, foi repousar em suas terras, no Jurancon, onde se enamorou de Aurora, havendo quem murmurasse que aquêle amor «avançara muito». Quatro anos depois, Nevers já não habitava no Jurancon, porém outro Felipe ali surgira: Felipe Polyvene de Mântua, príncipe de Gonzaga, com quem o marquês queria casar a filha, pois Gonzaga era o único herdeiro de Nevers, que era solteiro e possuía uma das maiores fortunas da França. Em uma tarde de outono de 1699, em uma estalagem próxima ao castelo, Peyrolles, secretário de Gonzaga, com o fim de atacar e assassinar Nevers, dando, assim, ao príncipe, a fortuna de sua vítima. Entre os «bravos» se encontram Cocardasse e Passepoil, que têm um único ídolo na vida: o jovem cavalheiro Henrique de Lagardère, o maior espadachim de França. Nesse dia, aparece, também, junto às muralhas, o cavalheiro Lagardère que, sendo recebido festivamente pelos espadachins, lhes comunica estar de viagem para o exílio, porém, que, antes, pretende cruzar a espada com Nevers. Os bandidos dizem ao cavalheiro o que vão fazer e propõem ajudá-lo. Lagardère recusa indignado, expulsando-os do local. Permanece, porém, junto às muralhas e vê quando o secretário diz ao príncipe que «tudo estava arranjado, mas que não pudera apoderar-se das fôlhas do registro do casamento, porque tinham sido arrancadas, mas que, morto Nevers, Gonzaga desposaria Aurora, ficando com tôda a fortuna do duque». Peyrolles então, julgando ser Lagardère um dos capangas, chama-o e lhe dá uma «senha» mandando-o esperar junto à janela da muralha.

Quando êles se retiram a janela se abre e surge Aurora que, julgando falar com Nevers, entrega a Lagardère sua filha e o registro de casamento. Pouco depois chega Nevers, a quem o cavalheiro informa o que se passa, prometendo ficar ao seu lado. Trava-se a luta e Gonzaga, vendo as coisas mal paradas, ataca e mata Nevers, pelas costas, covardemente. Mas Lagardère foge com a criança, tendo, antes, ferido o príncipe numa das mãos. Passam-se os anos. Obrigada pelo pai, Aurora desposara Gonzaga. Êste abre um banco nos jardins de seu palácio, e vende bancas para quem queira especular. Entre os compradores surge um corcunda — Esopo, que compra a última banca que restava e vê o príncipe contratar os serviços de Cocardasse e Passepoil, que ali apareceram. Gonzaga havia pedido a reunião de um Conselho de Família para, entre outras coisas, apresentar a Aurora a sua filha, Aurora de Nevers. Para isso, Peyrolles havia arranjado uma jovem espanhola, a quem o príncipe convencera ser a filha de Nevers. A espanhola, cujo nome era Flor, declarou que conhecera, na França, uma mocinha da sua idade chamada Aurora, e que a havia visto em Paris, à rua do Chantre. Começada a reunião, Gonzaga, após hábil discurso, manda entrar Flor, que não é reconhecida por Aurora como sua filha. Para maior assombro de Gonzaga, Aurora anuncia que irá ao baile oferecido pelo Regente de França. Isto porque, uma voz misteriosa repetira a divisa de Nevers — «Aqui estou» — e lhe prometera apresentar-lhe a filha no baile. Terminada a reunião, Peyrolles informa ao príncipe que Lagardère está em Paris, pois Faenza e Saldanha foram mortos pelo «bote de Nevers». Quando Gonzaga ordenava que Cocardasse e Passepoil fôssem ao enderêço de Aurora, fornecido, inocentemente, por Flor, surge o corcunda, que se prontifica a falsificar a assinatura de Lagardère num bilhete para Aurora. Faz mais: pede a Gonzaga um salvo-conduto para Lagardère, prometendo, assim, atraí-lo a uma cilada. Em casa, Aurora aguardava a chegada de seu amigo, fazendo anotações em seu «Diário», onde contava o que fôra a sua vida, em companhia de Henrique, desde que começara a ter entendimento das coisas e até onde lhe permitia a memória. Nesse diário conta, entre outras coisas, **a viagem que havia feito com Henrique aos fossos** de Caylus, quando lhe foi revelado que ali mesmo ela nascera e que êle próprio a recebera das mãos de sua genitora, numa noite trágica. Termina seu manuscrito apelando para essa mãe desconhecida, para que, enfim, aparecesse e que a amasse e também a Henrique. Pouco depois, estando Aurora a sonhar com o seu amado protetor, surge Flor, a ciganinha. Como pôde descobrir onde Aurora morava? Um corcunda a guiara até ali. Conta a sua amiga que dentro de duas horas seria princesa. Seu verdadeiro nome era Nevers. Aurora estremece, mas a ciganinha conta-lhe as revelações que ouvira do sr. de Gonzaga (o que mais assusta Aurora, porque êsse nome estava ligado a certa aventura sofrida por Lagardère, em Pamplona). Depois de d. Cruz, surgem dois emissários com caixas contendo vestidos belíssimos, e prendas adoráveis. Acompanhava tudo isso uma carta, com a letra de Henrique, convidando-a a vestir-se, fazer-se bela e acompanhar os dois pajens que a esperavam, embaixo, com duas liteiras, sendo uma para ela própria e outra para d. Cruz. Enquanto se veste, chegam dois personagens, Cocardasse e Passepoil, que encontram alguma resistência da parte de Berrichon e sua mãe, que serviam a Lagardère. Mas, dominam a situação, embora de algum lugar, na sala, um rosto os fitasse, um rosto muito pálido, o do corcunda. Êste lhes fala como se fôsse o patrão e, apesar

Monsenhor, se me permitem que vença a resistência da minha noiva, deixem-me a sós com ela uns cinco minutos!

— Êle tem razão! — murmurou o côro dos convivas.

— Tanta gente, assusta-a! — continuou Esopo — Eu mesmo perco uma parte dos meus meios, porque em amor, a ternura, a paixão, o arrebatamento, estão sempre muito perto do ridículo. Como poderia empregar aquêle acento que embriaga as mulheres, diante de um auditório que se riria de tudo?

— Conceda-lhe o que êle pede! — disse Navailles para Gonzaga.

— Que quer êle? — perguntou o príncipe, meio preocupado.

— Que nos deixem sós... a minha noiva e a mim... durante cinco minutos! — respondeu o corcunda— Isso bastará para vencer a repugnância desta encantadora menina!

— Cinco minutos! — exclamaram todos em côro — Não é coisa que se lhe possa negar, Monsenhor!

Gonzaga conservou-se calado. O corcunda aproximou-se dêle repentinamente e disse-lhe ao ouvido:

— Monsenhor, observam-no! Castigaria com a morte aquêle que se traísse dessa forma!...

— Obrigado, amigo — respondeu o príncipe, que mudou de expressão — O conselho é bom. Decididamente, temos grandes contas a liquidar juntos e parece-me que ainda hás-de ser alguém antes de morrer!

---

de tudo, êles obedecem, conduzindo Aurora até à liteira, que parte para o palácio do príncipe, onde todos se espantam porque horas a tio o regente faz esperar as maiores figuras do reino, para receber secretamente o corcunda, que lhe diz ser enviado por Lagardère e conta como ocorreu o assassinato de Nevers. A seguir, solicita e consegue do regente um salvo-conduto, prometendo levar a palácio, naquela noite, o próprio Lagardère, o vingador de Nevers. Mais tarde, todo de negro, o corcunda se intromete numa brilhante roda de fidalgos, aos quais impressiona com relatos que a todos assombra, parecendo conhecer a vida de todos êles e suas ligações com o falecido duque de Nevers. Peyrolles corre a prevenir Gonzaga do que discursava o corcunda, porém o príncipe fica ou finge ficar satisfeito, declarando que o aleijado apenas o ajudava, proporcionando-lhe o ensejo de apanhar Lagardère e apresentá-lo ao regente e à viúva de Nevers como o assassino do duque. A êsse tempo, no jardim do palácio, o grupo de loucos, formado por Oriol, Nocé, Girone, Choysi, Navailles e Chaverny descobrira o lindo dominó guardado por Cocardasse e Passepoil e decidira raptar a bela criatura. Já conseguiam o que desejavam quando um dominó alto, vestido de negro, surgiu e, num relance, desbaratou os atacantes, desaparecendo com Aurora antes de que surgissem os guardas. Pouco depois, no salão, Gonzaga estando entre seus comparsas, tendo ao lado a princesa de Gonzaga, que fôra a viúva de Nevers, ouve junto de si uma voz anunciar: Aqui estou. Era Lagardère, que afastando-se do grupo aperta-lhe o punho e, apontando para a cicatriz na palma da mão de seu inimigo, diz: — «Fui eu quem fêz isto. Nevers será vingado». A seguir, volta ao encontro da princesa, a quem relata tôda a longa aventura, desde o drama dos fossos de Caylus. Não se entendem, porém, e Lagardère receia que a mãe de Aurora não seja sincera. Promete-lhe, porém, entregar Aurora, no correr da festa do regente. De fato, a viúva de Nevers pretendia prender Lagardère e recuperar a filha e, para isso, tôdas as luzes do jardim logo se apagam e Cocardasse e Passepoil ouvem a guarda confabular sôbre o cêrco e prisão do seu ídolo. Mas o próprio Lagardère surge das sombras e entrega Aurora aos dois espadachins, ordenando-lhes que a levem a determinada sala do palácio e a entreguem ao regente «em nome do Cavalheiro Lagardère». Pouco depois, sessenta homens cercam e prendem Lagardère. Infelizmente, os guardas de Gonzaga se apoderam de Aurora, antes desta ser entregue onde devia. Lagardère é levado à presença do Regente e da princesa de Gonzaga. A princesa, não tendo recebido a filha, ataca o cavalheiro e êste é obrigado a entregar a espada ao regente. Ao retirar-se, porque tinha o salvo-conduto, é interceptado por Gonzaga, que aponta-o ao regente como o matador de Nevers. Êste se defende e pouco depois espera-o fora da sala e diz que Aurora já está em seu poder... e também os documentos provando sua identidade. Lagardère consegue escapulir ao cêrco dos homens de Gonzaga e desaparece no jardim do palácio. Ouvem-se gritos e a guarda sob sôldo de Gonzaga vem anunciar que matou Lagardère. Quando o vão mostrar, porém, o corpo desapareceu e surge o corcunda vangloriando-se de haver atraído o cavalheiro... Êste fôra levado para ser atirado ao rio. Horas depois, o corcunda ferido, pois era o próprio Lagardère, cuida de suas chagas. No dia seguinte, recebendo seus homens no seu escritório. Gonzaga é surpreendido por uma pedra atirada do jardim e que vem cair a seus pés. Era uma lista dos antigos cúmplices matadores de Nevers, e agora acrescida com o seu próprio nome. Então, Lagardère estava vivo... ou seria algum cúmplice, para amedrontar o príncipe? Cocardasse e Passepoil, porém, ganham esperanças. Na mesma tarde, realiza-se o leilão de títulos, promovido pelo regente, e o corcunda ganha bem dinheiro, emprestando as costas como mesa para assinatura dos cheques. Ali ouve Gonzaga afirmar aos cortesãos que se Lagardère não estivesse morto, todos, êle e seus amigos, correriam perigo e a seguir dá a entender que se livrará de Aurora de Nevers, casando-a com o único do seu grupo ao qual no fundo também temia: Chaverny. Logo o corcunda faz um pedido ao príncipe de Gonzaga. Quer ser convidado para a ceia que o príncipe oferecerá na mesma noite, ceia que tem por fim concretizar um plano diabólico, que o poria, de uma vez, livre de Aurora e de Chaverny, em quem não confiava muito, casando um com o outro. Pouco depois, Passepoil e Cocardasse, interrogados, confirmam a morte de Lagardère. Mal acabam a «narativa» uma pedra, atirada do jardim, entra pela janela, contendo um aviso... de Lagardère, de que, aquela noite, estaria presente à ceia! Na noite da festa surge o corcunda e aproveitando o entusiasmo de Chaverny força-o a beber, até embriagá-lo. Depois convence Gonzaga de que êle, sim, deve casar com Aurora. Como a idéia de Gonzaga era eliminar a herdeira de Nevers e como o corcunda lhe parece homem cruel, aceita a idéia. Breve Aurora, naquela companhia, estaria morta! Preparam a cerimônia e trazem a noiva. Porém Gonzaga prepara o ramo da noiva. Flores envenenadas, que em breve a matariam. Aurora desconfia, mas certa de que Lagardère estava morto, declara que aceitará as flores. Peyrolles avança com o ramo para entregar-lhe...

Depois, dirigindo-se aos outros:

— Meus senhores — prosseguiu — estava a pensar em todos vós. Ganhamos esta noite uma partida difícil. Amanhã, segundo tudo indica, terão terminado as nossas dificuldades... Perdoem a minha distração e sigam-me.

O príncipe sorria. Tôdas as fisionomias se iluminaram.

— É melhor não irmos para muito longe...

— Ficamos na galeria...

— Meus senhores — disse Oriol — podem apostar!

Jogava-se por tudo e a propósito de tudo. As apostas neste caso eram um por cento por Esopo.

Ao passar junto de Cocardasse e de Passepoil, Gonzaga perguntou-lhes:

— Por uma boa quantia, voltariam para Espanha?

— Faremos tudo para obedecer a Monsenhor — replicaram os nossos dois heróis.

— Então, não se afastem muito — disse o príncipe, misturando-se com os seus partidários.



Quando todos deixaram o salão, o corcunda voltou-se para a porta da galeria, onde se via uma tríplice fila de cabeças, e disse:

— Muito bem, assim, não incomodam. Ah! Esquecia-me de uma coisa! Onde está Monsenhor?

— Aqui — respondeu Gonzaga — Que queres?

— Tem algum notário pronto à primeira voz? — perguntou Esopo, muito sério.

Ouvindo aquilo, Gonzaga não pôde deixar de rir.

— Rirá melhor quem fôr o último a rir!... — murmurou Esopo.

Não sem um movimento de impaciência, Gonzaga respondeu:

— Não te inquietes! Tenho, sim! Despacha-te!

O corcunda cumprimentou e voltou para junto das duas jovens. Dona Cruz via-o avançar, com uma espécie de receio; a amiga continuava de olhos baixos. O corcunda foi ajoelhar-se diante da cadeira de Aurora. Gonzaga, em vez de analisar o espetáculo que tinha tanto interêsse para os amigos, foi passear um pouco afastado, dando o braço a Peyrolles. Pararam no outro extremo da galeria.

— De Espanha — dizia Peyrolles — pode-se voltar...

— Mas em Espanha, tal como em Paris, também se pode morrer — murmurou Gonzaga — E prosseguiu, após um curto silêncio — Aqui, não é lugar propício. As mulheres adivinhavam. Dona Cruz falaria...

— Chaverny... — principiou Peyrolles.

— Êsse será mudo... — interrompeu Gonzaga.

Trocaram um olhar significativo e Peyrolles não pediu mais explicações.

— É preciso — prosseguiu Gonzaga — que ao sair daqui ela seja livre, absolutamente livre, até ao voltar da esquina...

Peyrolles inclinou-se naquele momento para escutar o que se passava na rua.

— Parece que a ronda vem até aqui... — disse o príncipe.

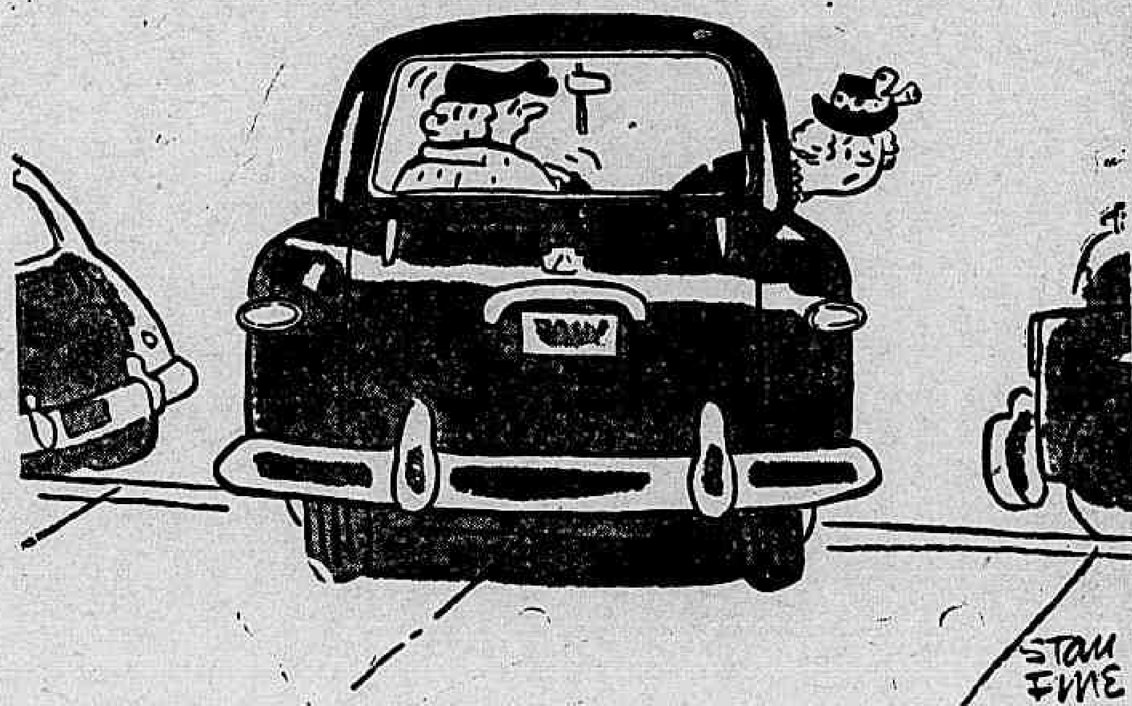
Com efeito ouviu-se lá fora o ruído de armas, mas esse ruído foi sufocado pelo murmúrio que naquele momento se produziu na galeria.

— Isto é assombroso! — exclamavam — É prodigioso!

— Estaremos alucinados? Que diabo lhe estará êle a dizer?



O corcunda continuava ajoelhado junto da cadeira de Aurora. Dona Cruz quis



— Sempre deixo que meu marido faça isto. Onde estamos agora?

colocar-se entre eles, mas Esopo afastou-a, dizendo:

— Deixe!

Falara em voz baixa, mas essa voz estava tão estranhamente modificada que a cigana afastou-se, embora contra vontade, e abrindo muito os olhos. Em vez daquela vozita estridente e aguda que estavam habituados a ouvir, era uma voz máscula e meiga, harmoniosa e profunda. Essa voz pronunciou o nome de Aurora. Dona Cruz viu a sua jovem companheira estremecer e depois dizer baixinho:

— Estou a sonhar...

— Aurora! — repetiu o corcunda.

Aurora escondeu o rosto nas mãos; lágrimas ardentes correram-lhe entre os dedos que tremiam. Os que olhavam para Dona Cruz pela porta entreaberta julgavam assistir a uma espécie de fascinação. A cigana estava de pé, cabeça deitada para trás, bôca aberta e os olhos fixos.

— Ah! — exclamou Navailles — Aquilo parece milagre!

— O corcunda deve ter um talismã!... Qualquer feitiço!...

Devia ser verdade. Aurora curvou-se para a voz que a chamava e balbuciou por entre soluços:

— Ah! Mas eu estou a sonhar!.. Isto é horrível! Eu sei que êle morreu...

— Aurora! — repetiu o corcunda pela terceira vez.

E como Dona Cruz ia abrir a bôca, impôs-lhe silêncio com um gesto imperioso.

— Não volte a cabeça — prosseguiu êle docemente, dirigindo-se a Aurora de Nevers — Estamos à beira de um abismo; um movimento, um gesto, pode deitar tudo a perder.

Dona Cruz foi obrigada a sentar-se junto de Aurora. As pernas tremiam-lhe.

— Dava vinte luíses para saber o que lhes diz! — exclamou Navailles.

— Começo a acreditar... E no entanto êle não lhe deu nada a beber... — comentou Oriol.

O corcunda prosseguia:

— Não está a sonhar, Aurora. O seu coração não a enganou: sou eu!

— Ah! — murmurou a jovem — não ouso sequer abrir os olhos. Flor, minha irmãzinha, olha!

Dona Cruz beijou-a na fronte para lhe dizer mais baixo e mais de perto:

— É êle!

Aurora entreabriu os dedos e olhou. O coração parecia querer-lhe saltar do peito, mas conseguiu abafar o seu primeiro grito. Ficou imóvel.

— Aquêles homens que não acreditam no céu — disse o corcunda depois de ter lançado um olhar rápido em direção à porta — acreditam com facilidade no inferno; são fáceis de iludir, contanto que se finja fazer mal. Obedeça, não ao seu coração, minha bem-amada, mas simule qualquer bizarra atração que para êles pareça obra do demônio. Finja-se fascinada por esta mão...

E Esopo fêz alguns gestos sôbre a cabeça de Aurora, que se curvou obediente.



— E ela acaba por ceder! — exclamou Navailles estupefato.

— Acaba! — repetiram todos os convivas.

Oriol precipitou-se, esbaforido, para a balaustrada e exclamou para o príncipe:

— Meu senhor perde o melhor!... Creia que merece a pena ver...

Gonzaga deixou-se arrastar em direção da porta.

— Silêncio! Não os perturbemos! — diziam no momento em que o príncipe chegava.

Deram-lhe lugar. Gonzaga estava mudo de espanto. O corcunda continuava com os seus gestos e passes. Aurora inclinava-se a pouco e pouco para êle. O corcunda tinha razão. Os que não crêem em Deus, muita vez acreditam no Diabo; nos filtros, nos poderes ocultos, na magia!

Gonzaga, o espírito forte, murmurou:

— Aquêle homem possui um malefício!

Entretanto, a mão de Aurora desceu num movimento automático.

— Dá-me a tua mão lentamente — segredava o corcunda a Aurora — como se um poder invisível te obrigasse a dar-ma contra a vontade!

Ah! Se os que se encontravam na galeria pudessem ver o adorável sorriso de Aurora!... Êles, porém, naquele momento apenas tinham olhos para o corcunda e diziam com profundo assombro:

— Êle faz dela o que quiser! É um verdadeiro demônio!

— Ah! — disse Cocardasse olhando para Passepoil — Coisas destas só vendo-as é que se acreditam.

— E eu quando as vejo — disse Peyrolles por detrás do príncipe — não acredito!

— Não se pode negar uma evidência destas! — protestaram de todos os lados.



— Não esqueçamos nada — dizia Esopo, muito baixinho, pois tinha razões para contar com a cumplicidade de Dona Cruz — Gonzaga e o seu alma danada estão ali. É preciso enganá-los também. Quando a tua mão tocar na minha, Aurora, é preciso estremecer e lançar em redor um olhar estupefato. Bem!

— Eu representei aquêle papel na *Mulher e na Fera Humana*, na Ópera — disse a Nivelle encolhendo os ombros — mas expressava maior estupefação do que ela, não é verdade, Oriol?

— Estava encantadora como sempre, minha querida — respondeu o financeiro — no entanto, que choque deve ter sentido quando as mãos se encontraram!

— Prova de que existe antipatia e dominação diabólica! — pronunciou gravemente Taranne.

— Agora — prosseguiu o corcunda — volta-te para mim, lentamente... muito lentamente... como um autômato. Depois, deixa-te cair nos meus braços.

Aurora obedeceu. Dona Cruz estava imóvel como uma estátua.

Por detrás da porta, que se abriu de par em par, rebentou uma tempestade de aplausos.

A cabeça encantadora de Aurora estava inclinada sôbre o ombro de Esopo!



— Exatamente cinco minutos! — exclamou Navailles de relógio na mão.

A onda dos espectadores invadiu o salão em tumulto. Ouviu-se um riso sêco do corcunda, dirigindo-se a Gonzaga:

— Como Monsenhor vê, não foi difícil!

— Monsenhor — dizia Peyrolles por seu turno — há aqui qualquer coisa de incompreensível. Desconfie...

— Terás mêdo de que êle possa escamotear a tua cabeça? — perguntou Gonzaga, Depois, voltando-se para o corcunda, acrescentou — Bravo, meu amigo! Hás-de dar-nos a tua receita!

— Vende-se, Monsenhor! — replicou o corcunda.

— E isso durará até ao casamento?

— Só até ao casamento, não mais.

— E por quanto vendes o teu talismã? — perguntou Oriol.

— É barato, mas preciso de uma coisa que é muito cara...

— O que é? — perguntou o financeiro.

— Espírito! — respondeu o corcunda.

Oriol desapareceu entre a multidão. Deram palmas. Choisy, Nocé e Navailles rodearam Dona Cruz e interrogavam-na:

— Que lhe disse êle?... Era em latim?... Tinha alguma coisa na mão?...

— Falava hebraico — respondeu a cigana que a pouco e pouco ia recuperando a sua calma.



— E ela compreendia-o?

— Muito bem. Êle meteu a mão na algibeira e tirou de lá uma coisa que parecia... como direi?...

— Um anel?

— Um maço de ações? — disse a Nivelle.

— Não, um lenço — retorquiu a cigana, voltando as costas.

— Admiro-te — dizia entretanto Gonzaga a Esopo, pondo-lhe a mão no ombro.

— Para um debutante não foi mau, pois não, Monsenhor? — retorquiu o corcunda, com um sorriso modesto — Mas... peça a êsses senhores que se afastem um pouco: a distância, meus senhores, a distância!... Onde está o notário?

— Mandem entrar o Notário Real! — ordenou Gonzaga.

X

OS RECEIOS DA PRINCESA DE GONZAGA

A princesa de Gonzaga passara o dia anterior nos seus aposentos, mas numerosos visitantes tinham quebrado a solidão a que se condenara a viúva de Nevers havia tantos anos.

Logo de manhã, Aurora de Caylus principiou a escrever muitas cartas e os próprios visitantes iam levar-lhe a resposta.

Foi assim que recebeu o cardeal de Bissy; o duque de Tresmes, governador de Paris; Machault, tenente-geral da Polícia; o presidente Lamoignon e outros. A todos pedia auxílio e socorro contra Lagardère, aquêle falso fidalgo que lhe roubara a filha. A todos contava a sua conversa com Lagardère, que furioso por não obter a extravagante recompensa que idealizara, se refugiara por detrás de audaciosos desmentidos, preparando, certamente, uma aparatosa vingança contra a princesa.

Apesar do respeito com que se afetava rodear o nome do príncipe de Gonzaga, a verdade é que a cena da véspera, no tribunal de família, deixara em todos os espíritos más recordações contra êle. Havia em tudo aquilo um mistério de iniquidade que ninguém sabia sondar, mas que os intrigava...

O cardeal fôra o primeiro que farejara um escândalo. Depois, êsse faro passou aos outros. E logo que todos foram postos na pista do mistério, resolveram iniciar a caçada resolutamente.

Primeiro aconselharam a princesa a ir ao Palácio Real, a fim de esclarecer o Regente, mas ao mesmo tempo avisaram-na de que não devia acusar o marido.

Pelo meio-dia, a princesa apresentou-se no Palácio Real onde foi imediatamente recebida. O Regente esperava-a. A audiência demorou um tempo fora do vulgar. Ela não acusou o marido, mas Sua Alteza interrogou-a, o que não pudera fazer no decorrer do baile.

E o Regente, em memória de Felipe de Nevers, o seu melhor amigo, a quem estimava como irmão, recordou o passado e falou daquele lúgubre acontecimento de Caylus que, para êle, nunca ficara esclarecido.

Era a primeira vez que falava assim, em particular, com a viúva do seu grande amigo. A princesa não acusou o marido, mas no fim da audiência, depois de se retirar, Felipe de Orléans ficou triste e pensativo.

No entanto, recebera duas vêzes o príncipe de Gonzaga, nesse dia e na noite anterior, e não teve com êle a mais pequena explicação. Para quem conhecesse Sua Alteza, êste fato não precisava de comentários.

A desconfiança nascera no espírito do Regente...

De regresso da sua visita ao Palácio Real, a princesa de Gonzaga encontrou os seus aposentos cheios de amigos. Todos quantos a tinham aconselhado a não acusar o marido lhe perguntaram o que decidira o Regente a seu respeito.

Gonzaga, que instintivamente pressentia uma próxima tempestade, não duvidava das nuvens que se amontoavam no horizonte. Mas era tão rico e tão poderoso! E a história dessa noite, por exemplo, contada no dia seguinte, podia ser fàcilmente desmentida! Ririam do ramo das flores envenenadas; ririam do casamento tragicômico e se alguém se atrevesse a dizer e sustentar que Esopo tinha por missão assassinar sua mulher, ninguém acreditaria!

Mas a tempestade não soprava dêsse lado. A tempestade vinha do palácio de Gonzaga. Aquêle longo e triste drama dos dezoito anos de casamento forçado ia ter talvez o seu desenlace. Qualquer coisa se movia por detrás das tapeçarias negras do altar onde a viúva de Nevers todos os dias mandava rezar uma missa de defuntos. Por entre êsse luto sem igual, erguia-se um fantasma. O crime presente podia não ser acreditado por causa dessa multidão de testemunhas, tôdas elas cúmplices; mas o crime passado, embora profundamente enterrado, acaba, quase sempre, por quebrar o seu caixão.

A princesa de Gonzaga respondeu aos seus ilustres conselheiros que o Regente quisera saber as circunstâncias do seu casamento e tudo quanto o precedera.

Acrescentou que Sua Alteza obrigaria êsse Lagardère a falar e então cada um dos presentes prometeu fazer o què lhe fôsse possível para apanhar o cavaleiro. Todos sabiam ou desconfiavam que Lagardère tomara parte na cena noturna que, vinte anos antes, encetara o comêço daquela interminável tragédia.



Pelas cinco horas da tarde, Madalena Giraud foi procurar a princesa que se encontrava sòzinha e entregou-lhe um bilhete do Tenente-geral da Polícia, onde o magistrado anunciava à princesa que Lagardère fôra assassinado na noite anterior, ao sair do Palácio Real. A carta terminava com estas palavras que se tinham tornado sacramentais: "Não acuse seu marido".

A princesa passou o resto da tarde na febre da sua solidão.

Entre as nove e dez horas, Madalena Giraud voltou novamente como outro bilhete. Êsse, porém, era com letra desconhecida, e fôra entregue por dois homens de mau aspecto, mas que ninguém conhecia.

Nesse bilhete lembrava-se à princesa que o prazo de vinte e quatro horas concedido a Lagardère pelo Regente expirava nessa noite às quatro da manhã.

Informava mais que o cavaleiro se encontraria a essa hora no pavilhão que servia de retiro particular ao príncipe de Gonzaga, e onde se iria realizar uma festa nessa noite.

Lagardère em casa de Gonzaga?... Por quê?... Como?... Mas então a carta do Tenente-geral da Polícia em que lhe anunciava a morte do cavaleiro?

A princesa mandou preparar o carro e dirigiu-se ao palácio de Lamoignon. Uma hora depois, vinte guardas franceses, comandados por um capitão, bivacavam no pátio central do referido palácio.

XI

A ASSINATURA DO CONTRATO

É interessante recordar que a festa dada pelo príncipe de Gonzaga na sua casinha por detrás de Saint-Magloire, tinha por pretexto um noivado: o do marquês de Chaverny com uma jovem desconhecida a quem o príncipe dotara com 50.000 escudos. O noivo aceitara e nós sabemos que o príncipe tivesse tomado tôdas as medidas para que coisa alguma retardasse a união projetada.

O notário real, um verdadeiro notário real, fôra convidado, e um padre, um autêntico padre, aguardava na sacristia de Saint-Magloire.

Não se tratava, pois, de um simulacro. O que Gonzaga queria era um casamento



— Que cara é essa? Afinal, o dinheiro é meio de troca... e eu troquei algum!

legal, válido, um casamento que desse direitos ao marido sôbre a mulher, de forma que a vontade do noivo pudesse tornar indefinido o exílio da noiva.

Gonzaga não mentira. Não gostava de sangue e só quando os outros meios não conseguiam nada é que o empregava.

Por instantes, a aventura dessa noite tivera uma feição pouco agradável. Pior para Chaverny! Mas o corcunda surgira e as coisas tinham tomado uma nova e melhor fisionomia. Esopo era evidentemente um homem a quem se podia pedir tudo...

— A maior parte dos corcundas são maus — pensava Gonzaga — querem vingar-se. Têm o coração cruel, e o espírito forte, porque andam neste mundo como em país inimigo.

Chaverny não valia nada para o caso em questão! Chaverny não passava de um louco a quem o vinho tornava generoso, franco e valente. Era até capaz de ajoelhar junto da mulher, depois de lhe ter batido e amá-la até ao delírio!

O corcunda, não!... Enfim, Esopo fôra um verdadeiro achado.



Quando Gonzaga pediu para irem chamar o notário todos quiseram dar provas de zêlo.

Oriol, Albret, Montaubert, Cidalise, precipitaram-se para a galeria e ultrapassaram Cocardasse e Passepoil que se encontraram sòzinhos no peristilo de mármore.

Então, em vez de entrarem nos aposentos do andar de baixo, abriram a porta da rua e penetraram no jardim. O portão estava aberto de par em par. Não havia traço da emboscada mandada armar por Gonzaga diante da casa. Os nossos dois heróis foram até à ruela onde Peyrolles encontrara, na véspera, os cadáveres de Saldanha e de Faenza. Estava deserta. Entreolharam-se surpreendidos.

De súbito, ouviram um som confuso vindo do lado da igreja.

— Fica aí — disse o gascão — vou ver de que se trata.

E colando-se aos muros do jardim lá foi andando, enquanto Passepoil ficava de guarda, à estrada. Ao fim do jardim havia o cemitério de Saint-Magloire. Cocardasse viu-o cheio de guardas franceses.

— Bem... — murmurou ao regressar — se quiserem dançar, orquestra já têm!

Entretanto Oriol e os seus companheiros entravam no quarto onde o Notário Real, Griveau, dormia tranqüilamente em cima de um sofá, junto de uma mesa onde se viam ainda os restos de uma opulenta ceia.

Mestre Griveau era um homem dos seus quarenta anos, gordo, rosado, sorridente, e fiel servidor do príncipe de Gonzaga. Oriol pegou-lhe por um braço, Cidalise pelo outro e ambos o arrastaram até ao primeiro andar.

Griveau cumprimentou o príncipe, as senhoras e os cavalheiros com perfeita cortesia. Levava consigo uma minuta do contrato preparada antecipadamente. O nome de Chaverny estava à cabeça e só era preciso retificar isso.

A convite de Peyrolles, o notário sentou-se a uma mesa, tirou da algibeira pena e tinta e principiou o seu trabalho. Gonzaga e o grosso dos convivas conservaram-se em redor do corcunda.

— Isso demora? — perguntou êste último, dirigindo-se ao notário.

— Compreende a impaciência natural do noivo! — disse o príncipe a rir.

— Apenas cinco minutos, Mon senhor — respondeu o notário.

— Bebamos! Visto têrmos tempo — exclamou Gonzaga — Bebamos pelos noivos!

De novo saltaram as rolhas das garrafas de champanhe e desta vez a alegria parecia ser real. A inquietação desaparecera, todos se sentiam bem dispostos.

Dona Cruz encheu o copo de Gonzaga.

— A saúde dos noivos! — gritou.

— A saúde dos noivos! — repetiram todos em côro, bebendo alegremente.

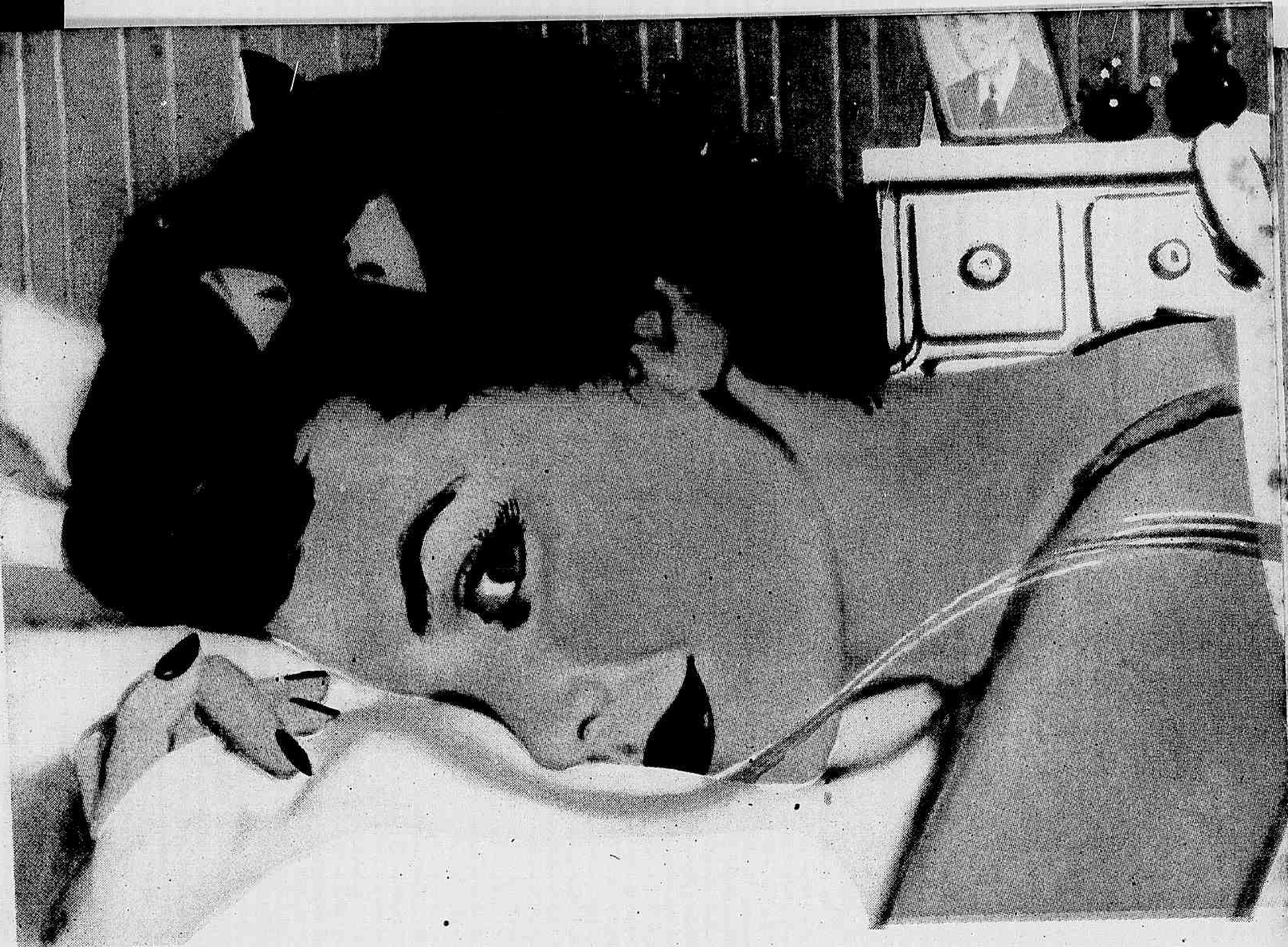
Entretanto, a noiva retirou-se para o *boudoir* a fim de fazer a sua *toilette*.

— Já está — disse momento depois Griveau — Podem assinar quando quiserem.

— Já escreveu o nome dos noivos? — perguntou o príncipe.

— Não, porque não sei...

(Continua no próximo número)



BEIJÁ-ME OUTRA VEZ...

Por
ELIZABETH STOWE

ÊLE acertou o laço da discreta gravata de listras e olhou novamente pela janela do seu quarto para o jardim dos Higdons — os vizinhos do lado. Viu que os convidados começavam a chegar.

"Caramba! — pensou êle (pegara o hábito de usar aquela expressão desde o dia em que se mudara para a pequenina casa de aluguer, em Georgetown, e se adaptara à maneira de comer e de viver do lugar). Ela está beijando *todo mundo!*"

Mel emudeceu os lábios e pensou que em poucos minutos estaria chegando lá e ganhando o seu também. E antegozou o momento. (Por que não?).

Ela era do tipo pequeno, um pouco magra, com aquêles cabelos dourados, uma maneira graciosa de virar a cabeça e estava elegantíssima num vestido muito bem feito, tudo muito harmonioso. Talvez não fôsse o tipo da pequena que se procura *para casar* — continuou, conversando mesmo. — Mas, já que ela está distribuindo beijos tão generosamente... Caramba! Qual será a sensação de ser beijado por uma pequena que nunca se conheceu antes?

Tudo o que êle sabia dela era que se tratava da irmãzinha mais moça de Joan Higdons e que chegara de New Orleans. Joan falava nela com o mais evidente orgulho; portanto alguma razão devia haver, tal como beleza, popularidade e êxito com os rapazes de New Orleans, certamente. As mulheres têm uma noção de valor muito peculiar.

— Melville! — chamou Helen, lá do primeiro degrau da escada, e elevando a voz mais alto do que a vitrola onde se ouvia "Introdução e Rondó Caprichoso", de Saint-Saens.

Ela fôra buscar Helen para ir à festa e a trouxera da Biblioteca do Congresso, onde ela passara a tarde lendo, e, agora, ela o esperava, lá em baixo, enquanto êle trocava a camisa.

— Já vou descer, Helen! — respondeu Mel, calmamente.

Olhou mais uma vez para o jardim dos vizinhos. Estava namorando Helen



TESSA HAVIA DITO:

— "SÓ BEIJO OS VELHOS AMIGOS..."

POR ISSO, MEL FICOU RONDANDO, ATÉ SER APRESENTADO...

para casar. Ela era o tipo de pequena para espôsa de Melville Sykes — o mais jovem e mais capacitado membro da firma Peabody & Mapes, onde era consultor analista da grande corporação industrial.

Talvez, mesmo, êle se animasse a pedir a mão de Helen aquela noite. Ia tirar três semanas de férias no próximo mês e poderia aproveitar para passarem a *lua-de-mel* em algum lugar aprazível e sossegado; New Hampshire possìvelmente. Ainda acabando de vestir o paletó, êle desceu apressadamente as escadas, desculpando-se:

— Perdoe a demora — disse êle e logo sorriu, com aprovação, para o penteado sóbrio de Helen, emoldurando o rosto sereno; para o vestido bem feito e discreto e para os sapatos de modêlo clássico; ela simbolizava realmente o tipo de mulher que todos os homens inteligentes aprendem a apreciar em todos os setores: sobriedade, bom-gôsto, disciplina e cultura.

— Achei interessante... a festa aí do vizinho. (Queria preparar o espírito de Helen para quando chegasse a vez dêle ser beijado também.) A convidada de honra parece que está beijando todos os convidados que chegam... Até os homens...

— Sério? — perguntou Helen, com ar de espanto.

Fêz um gesto enérgico, com o dedo erguido, lembrando a êle que *tomaria conta do assunto*, e acrescentou:

— Bem, eu sei que você quer fazer política de boa-vizinhança, mas êsses jantares-americanos são tão insípidos... Vamos arranjar uma desculpa para sair logo, sim?

Êle fêz que sim com a cabeça e desligou o rádio, cortando uma *Ouverture*, que começava suavemente.

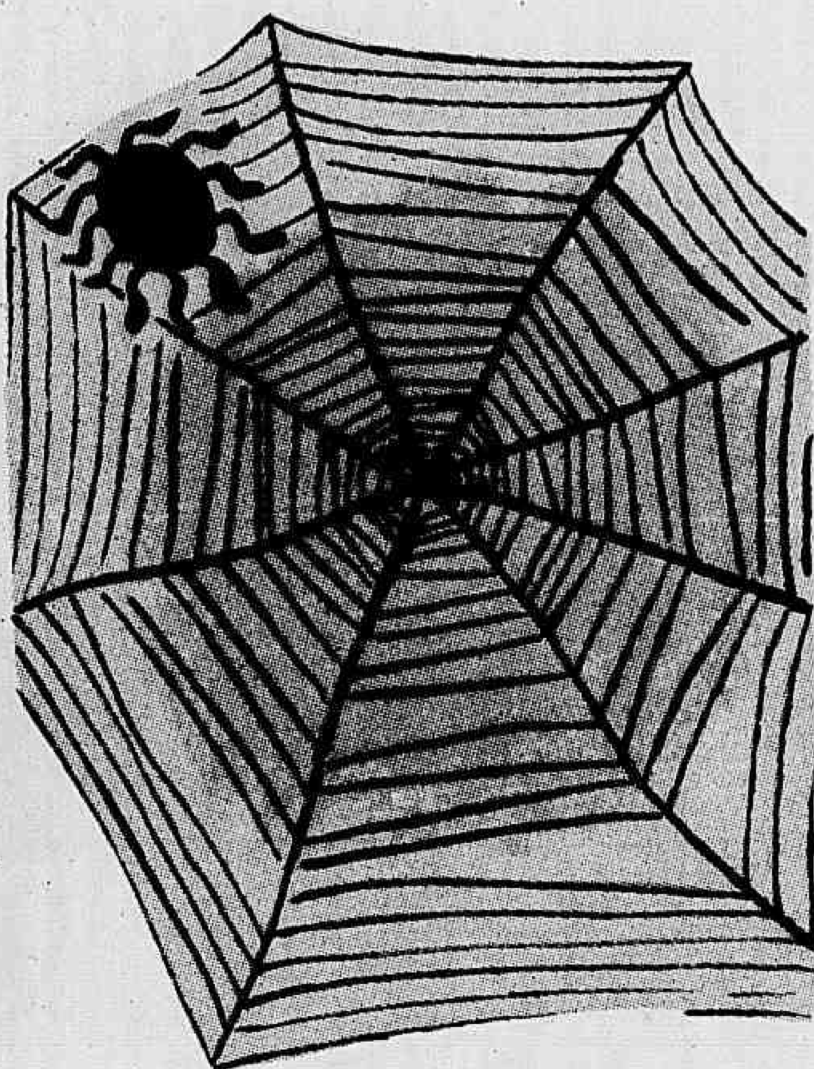
Helen considerava os Higdons muito fúteis e talvez tivesse razão; êles nunca conversavam sôbre coisas sérias e formavam o tipo do casal que passa a vida de uma festa para outra. Isto era muito comum, ali, em Georgetown, entre juízes, generais e artistas de sucesso e almirantes, assim como os grupos das aristocracias Eisenhower, os de Truman, Roosevelt, Hoover, Coolidge e até McKinley!

Caminharam para a casa do vizinho ao lado. Ao ar livre, no jardim, havia grupinhos que conversavam animadamente, enquanto um acordeonista passeava entre êles tocando aquela irritante canção popular favorita de Joan. Melville avistou logo a *irmãzinha da dona da casa*, ainda em perfeita forma, distribuindo com beijos as saudações aos que chegavam. *(Cont. no fim da revista)*

A CIÊNCIA CONFIRMA OS PROVÉRBIOS ARCAICOS...



1 — Cabelo macio prenuncia chuva. O cabelo é firme e cheio de estática durante um período de pressão elevada (tempo bom), ùnicamente, «por causa do ar sêco».



2 — Teia de aranha abandonada indica chuva próxima. As aranhas se escondem nos cantos de suas próprias teias quando se verifica baixa da pressão atmosférica.

SOL pedrento... Chuva ou vento." Há uma série imensa de provérbios e que nos legaram os homens desde antes de Jesus Cristo (Mateus, Cap. 16-V. 2 e 3) e que não deixam de ter uma boa base científica e embora a predição do tempo seja uma das mais complicadas entre as ciências modernas, é ao mesmo tempo tão velha como o próprio homem.

Para muita gente, hoje, êsses provérbios valem mais do que os boletins oficiais de meteorologia. Nas páginas que se seguem, indicaremos algumas dessas sentenças, que, se bem interpretadas, são quase exatas.

Uma súbita tempestade, para muita gente, não significa outra coisa senão ter que ir fechar as janelas.

Porém para os donos de restaurantes, como terraços e mesas ao ar livre, a coisa muda muito de aspecto.

De fato, se o tempo os pega desprevenidos ficam em situação bastante desagradável. Por isso mesmo, muitos dêles se convertem em teimosos estudantes de meteorologia.

Há alguns que chegam a ser verdadeiros peritos no assunto e tôdas as manhãs rea-



3 — Quando ferimentos antigos, dentes sensíveis ou joanetes começam a doer, chuvas se aproximam. Trata-se de uma reação à pressão atmosférica, que vai baixando.



4 — Quando o apito de um trem ou qualquer outro ruído familiar soa surdamente, há, na certa, chuva por perto. Os ruídos se amortecem ao baixar a pressão.

QUALQUER PESSOA PODE PREDIZER O TEMPO



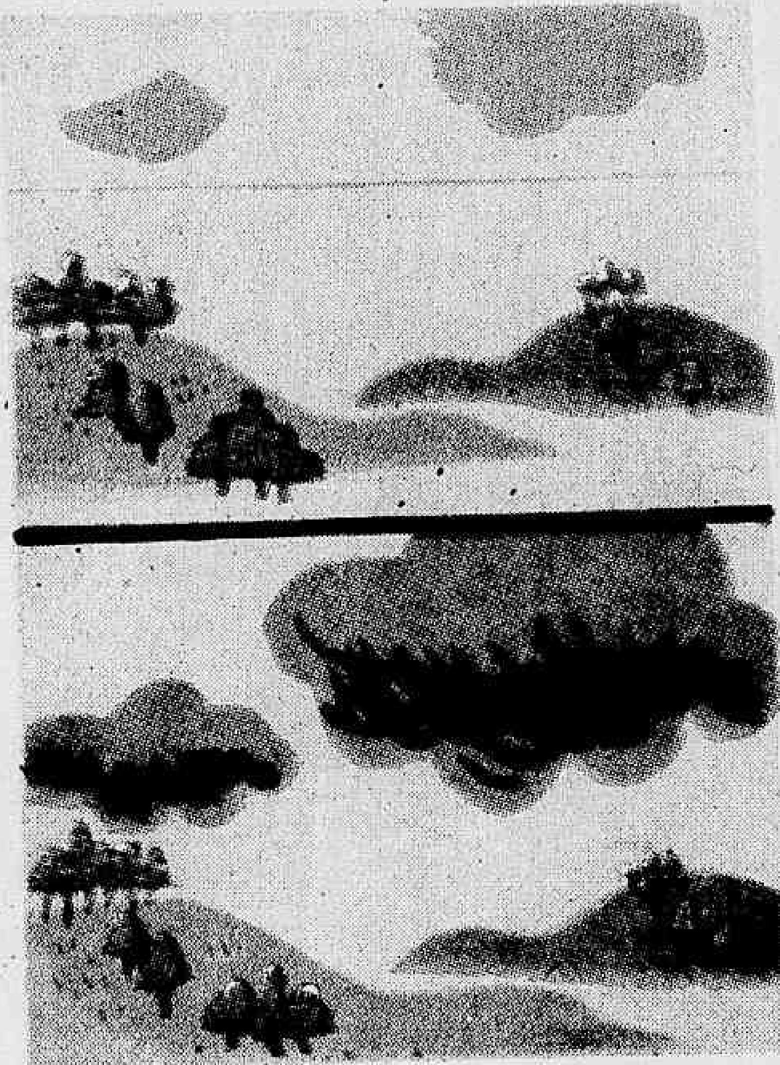
lizam uma prova muito simlpes para saber se a atmosfera contém umidade suficiente para uma tempestade. Vertem água temperada em um vaso, deitam nêle um pedaço de gêlo e agitam o líquido, servindo-se de um termômetro. Quando a parede exterior do vaso começa a suar tomam nota da temperatura da água. Êste é o grau de "rocio"; a temperatura em que a umidade do ar ambiente c o n d e n s a, formando ora rocio sôbre a grama, congelando num vaso ou suando num copo com água gelada.

Se o grau de condensação ou de "rocio" é superior a 18º C., num dia temperado e agradável, o mais provável é que haverá tempestade; se é inferior a 15º C, o dia, provàvelmente, será claro.

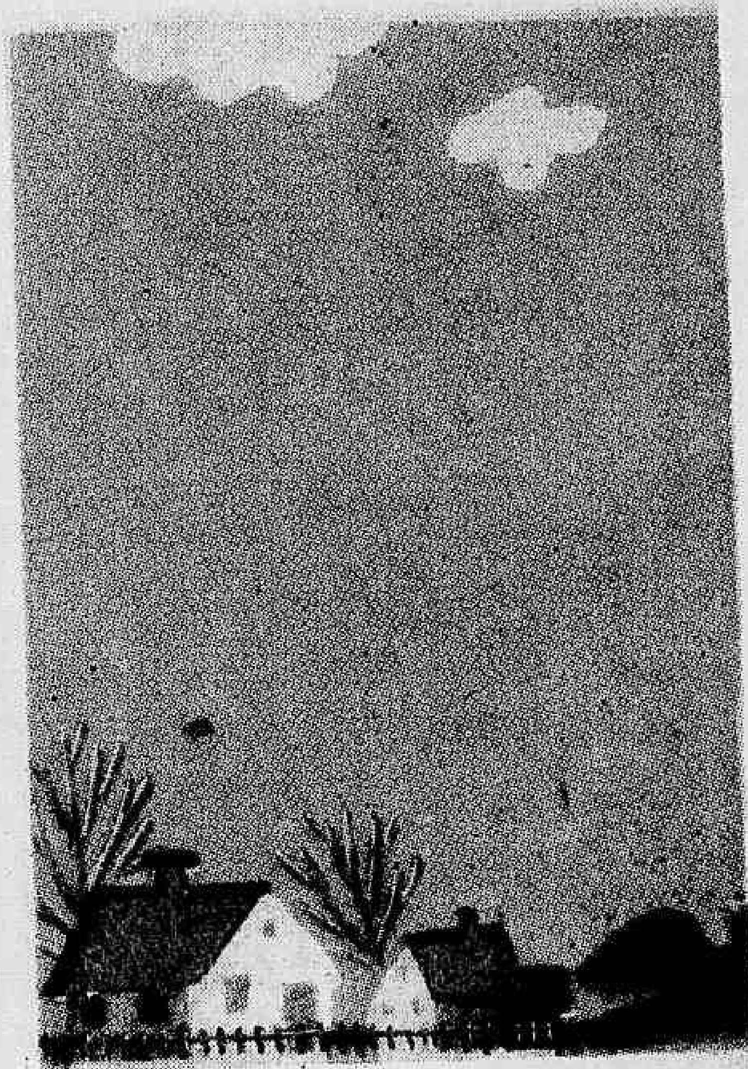
Não é possível prognosticar o tempo observando apenas a côr do céu; mas também não devem os leitores acreditar que isso seja tarefa muito complexa. Os profissionais obtêm uma média de 85% de respostas acertadas e até é possível que o amador consiga porcentagem superior, em sua própria vizinhança.

Já pensou o leitor, alguma vez, por que seu termômetro marca tantos graus, e o do seu vizinho assinala mais ou, talvez, menos, enquanto o meteorologista oficial anuncia uma temperatura distinta?

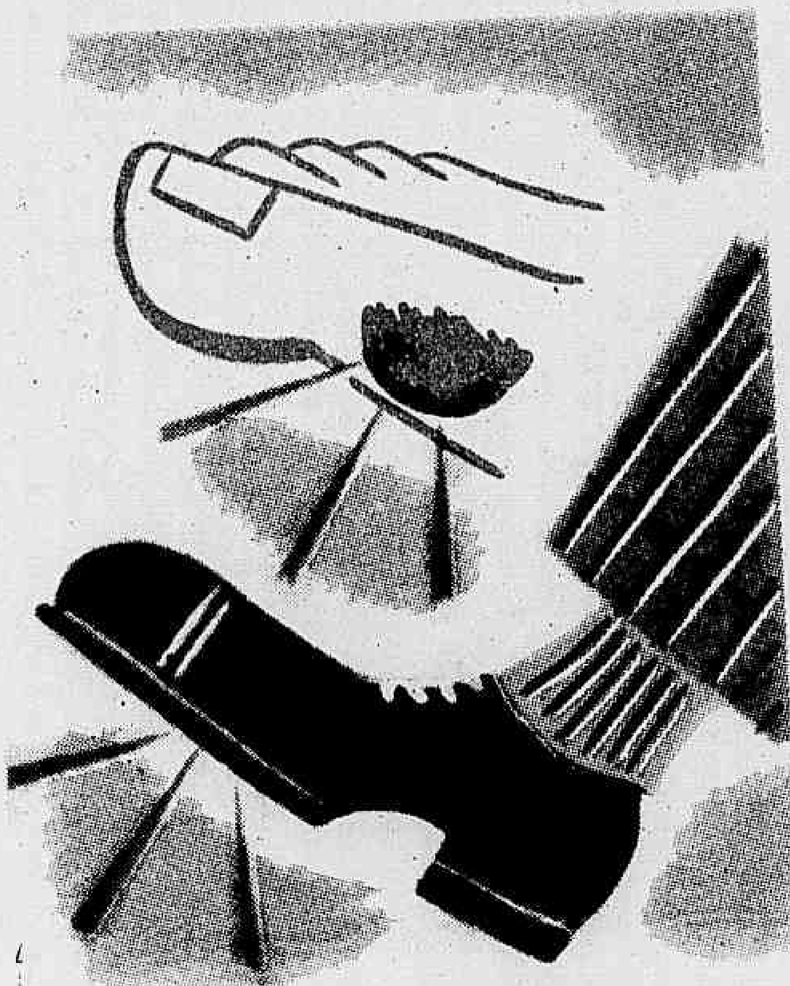
E o mais provável, nisso tudo, é que os três estejam certos. As



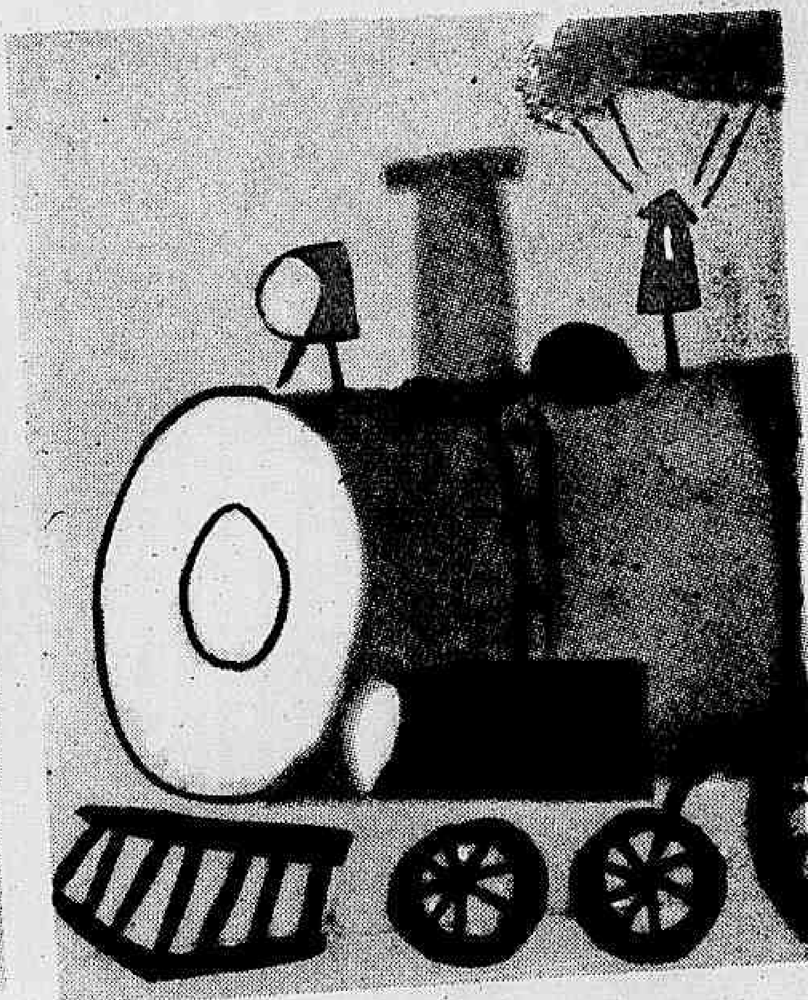
5 — Ausência de orvalho? Devemos esperar chuva. O orvalho cai porque faltam as gotículas de água formadoras de nuvens, para recolher a condensação noturna.



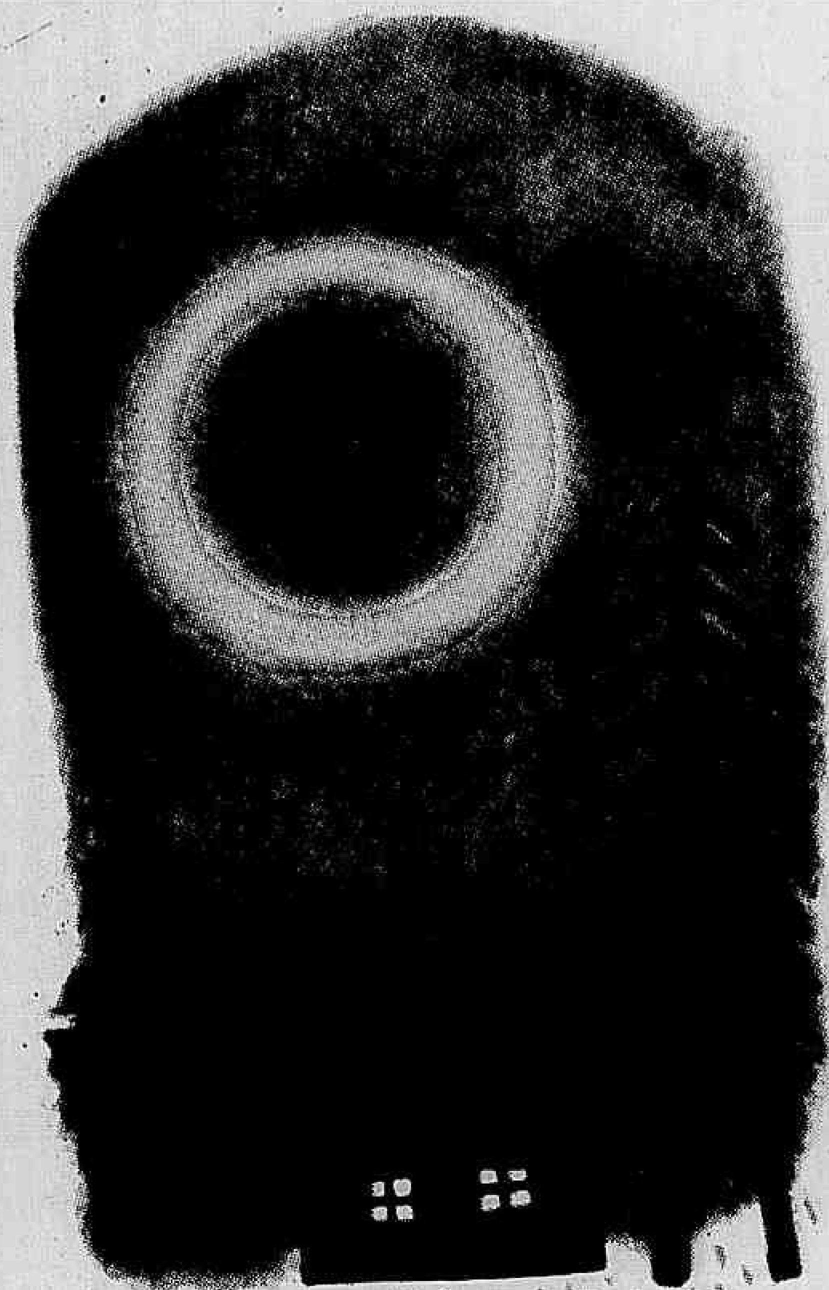
6 — Fôlhas viradas predizem chuva. As fôlhas crescem de conformidade com os ventos do tempo bom, virando-se ao ocorrerem os ventos prenunciadores de c h u v a



7 — Halo ao redor do sol ou da lua significa chuva em um prazo de dez horas. O halo é causado pela aproximação de uma corrente de ar quente contra nuvens geladas.



8 — Choverá dentro de umas quatro horas quando a lua tive uma auréola embaciada, causad pelo brilho de sua luz através da n u v e n s chamadas alto-estratos



9 — Crepúsculo amarelado prenuncia chuva. O sol poente está brilhando através de um ar úmido que chegará, isto fora de qualquer dúvida, até no dia seguinte.



10 — Crepúsculo vermelho significa tempo bom. O sol está brilhando através de ar sêco, o qual — com absoluta certeza — chegará até no dia imediato



11 — Fumaça descendente prediz chuva. A fumaça não se eleva prontamente ao diminuir a pressão atmosférica, em combinação com os úmidos ventos de chuva.



12 — Grossas ondas oceânicas precedem furacões de mais ou menos 30 quilômetros por hora. Tais ondas — e a baixa do termômetro — são indício de tempestade.

diferenças muito acentuadas são devidas aos diferentes lugares em que se coloca o termômetro. O ar quente tende a subir; o frio, sendo mais pesado, fica nos níveis inferiores.

Mesmo num espaço reduzido são notadas diferenças de temperatura. Se colocarmos o termômetro a diferentes alturas, numa sala, notaremos que o ar, próximo dos tornozelos é muito mais frio que o ar que circula em redor da cabeça.

As temperaturas oficiais são registradas à sombra. Os observadores dos escritórios meteorológicos instalam seus termômetros em uma caixa colocada no alto, com os lados abertos, de modo que o ar possa circular livremente. Alguns amadores colocam seus termômetros à sombra de uma veneziana.

De qualquer maneira, um termômetro suspenso à altura da vista, à sombra, proporcionará observações razoàvelmente seguras.

Uma das regras básicas para o meteorologista-amador é que as tempestades quase sempre são precedidas por uma onda de forte calor. Assim, pois, se se nota que o termômetro sobe quando deveria estar baixando, como, por exemplo, durante a noite, isto significa que vai chover (ou nevar, segundo a região).

Depois de uma tormenta a temperatura deve baixar: pouco, se a tormenta foi pequena, e muito, se foi grande. Se tal coisa sucede, é possível anunciar que o tempo claro e limpo não há de durar. Por outra, se a temperatura não sobe em dia ensolarado, é de esperar tempo claro e uma noite mais fria que a anterior.

O meteorologista profissional confia muito no barômetro para as predições. Como se sabe, com o termômetro medimos a temperatura do ar, enquanto que, com o barômetro, registramos seu pêso, isto é: a pressão atmosférica.

No dia anterior ao do terrível furacão que arrasou a Nova Inglaterra, em 1938, um residente do Connecticut comprou um barômetro. Ao chegar a sua casa, viu que o instrumento anunciava uma forte tempestade.

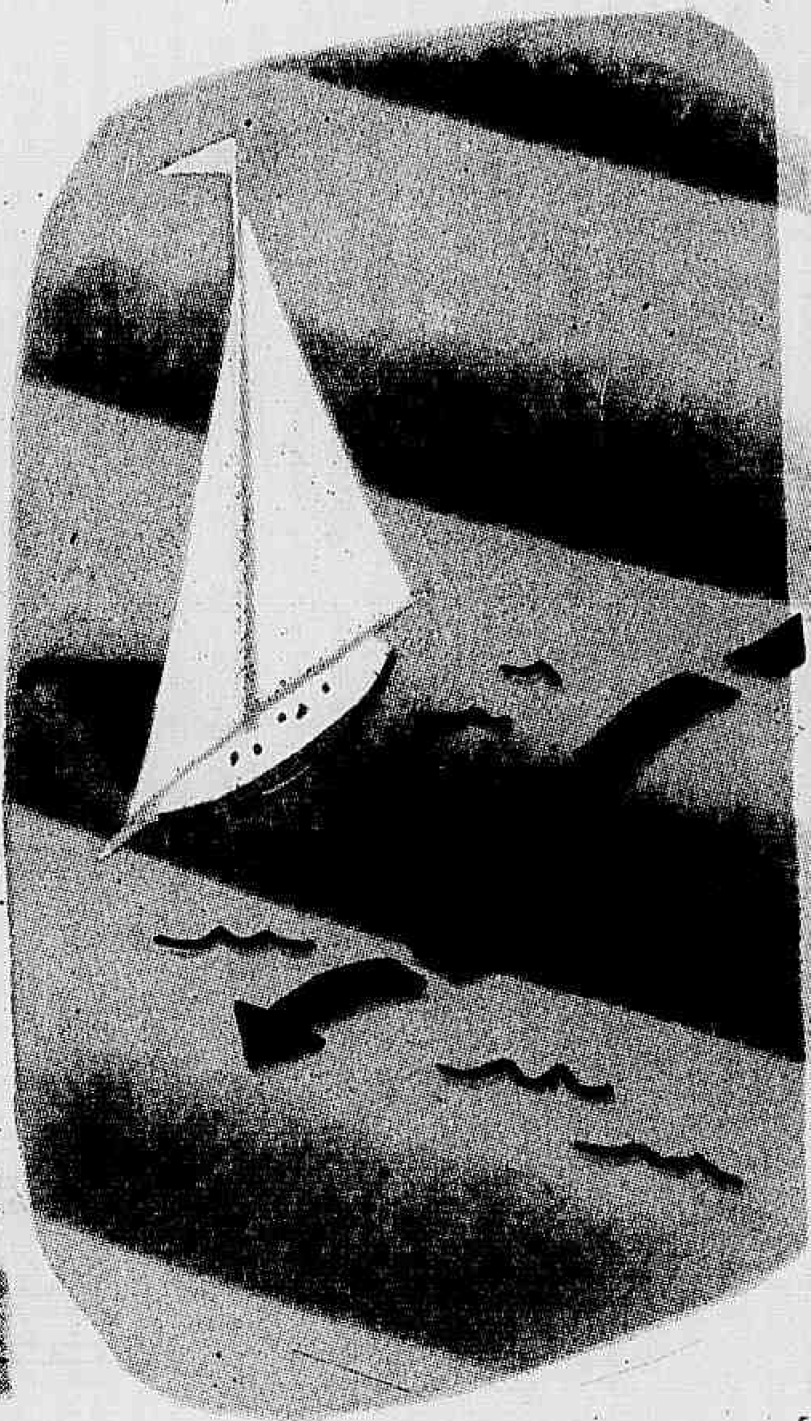
O dia estava tão formoso que lhe pareceu impossível e voltou à loja para exigir que lhe devolvessem a importância da compra, dizendo que o aparelho estava desarranjado.

Doze horas mais tarde estourou o furacão que foi um dos mais fortes de que há memória.

Quando a atmosfera se torna pesada, exerce maior pressão nos instrumentos e, em conseqüência, a pequena



13 — Os pássaros voam alto em tempo sêco «para capturar insetos», os quais se encontram em maior altitude do que a normal, porque as suas asas estão enxutas.



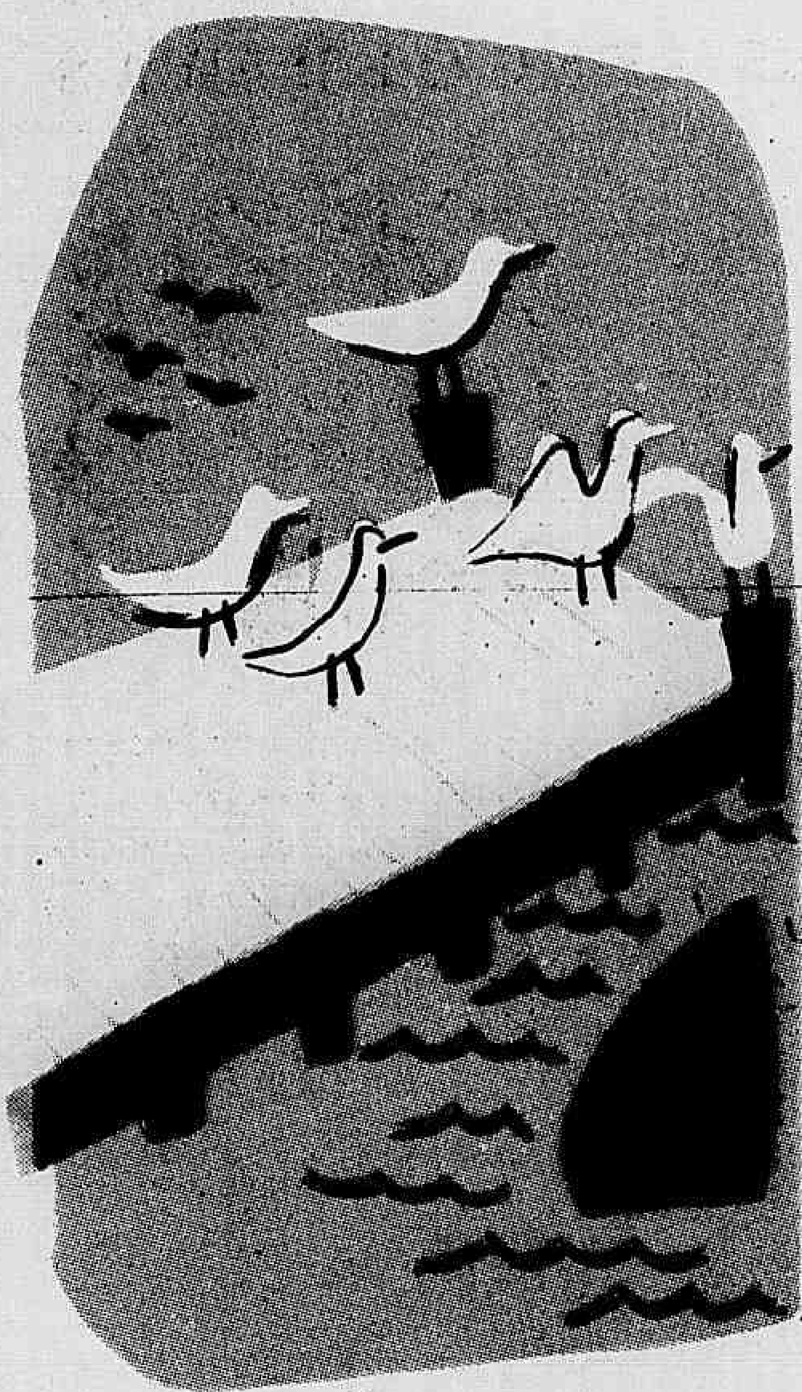
14 — As andorinhas voam baixo antes da chuva. A baixa da pressão atmosférica, quando se aproxima tempo instável, é causa de incômodo para o seu sensível ouvido.



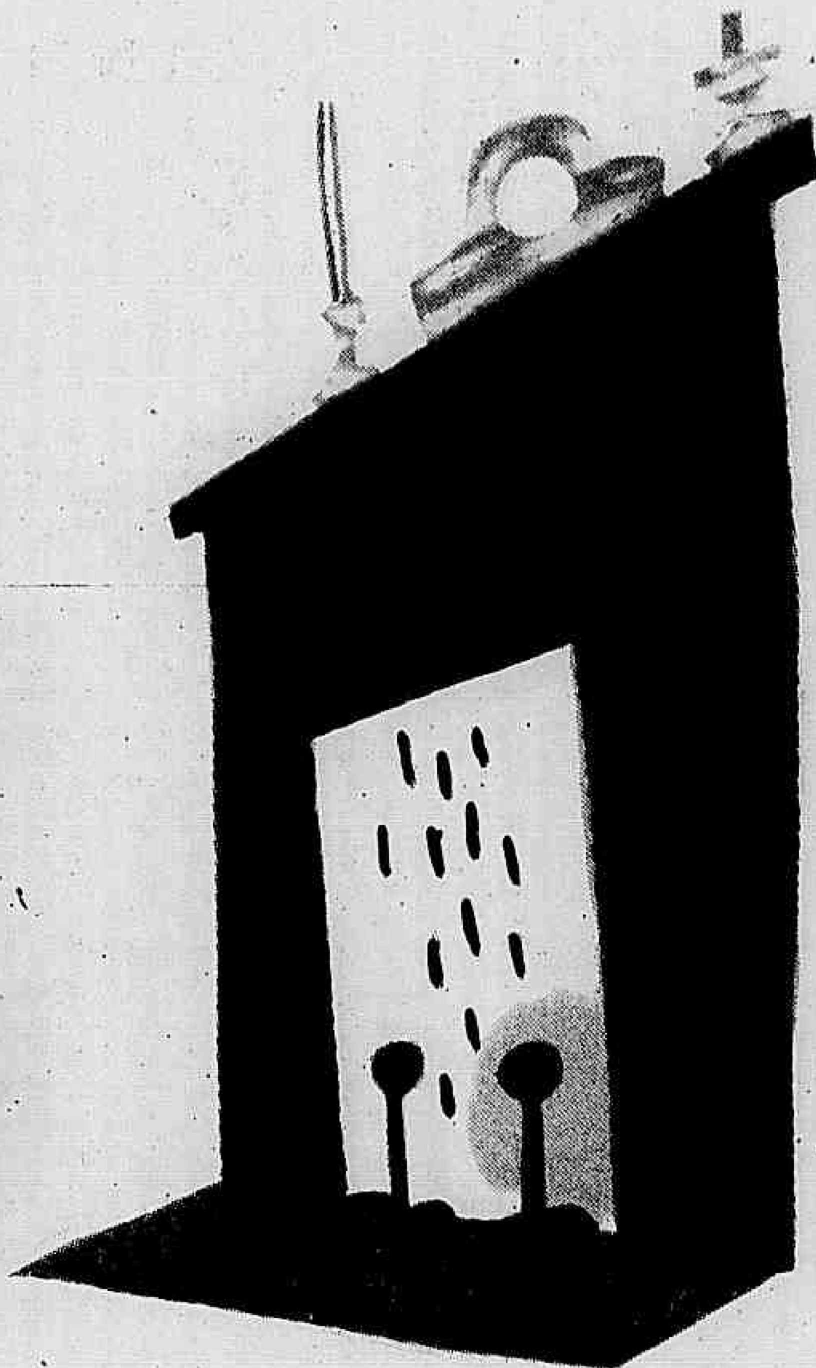
15 — Gaivotas que repousam com freqüência, indicam a aproximação de uma tempestade. As aves se fatigam fàcilmente no ar rarefeito, ao baixar a pressão.



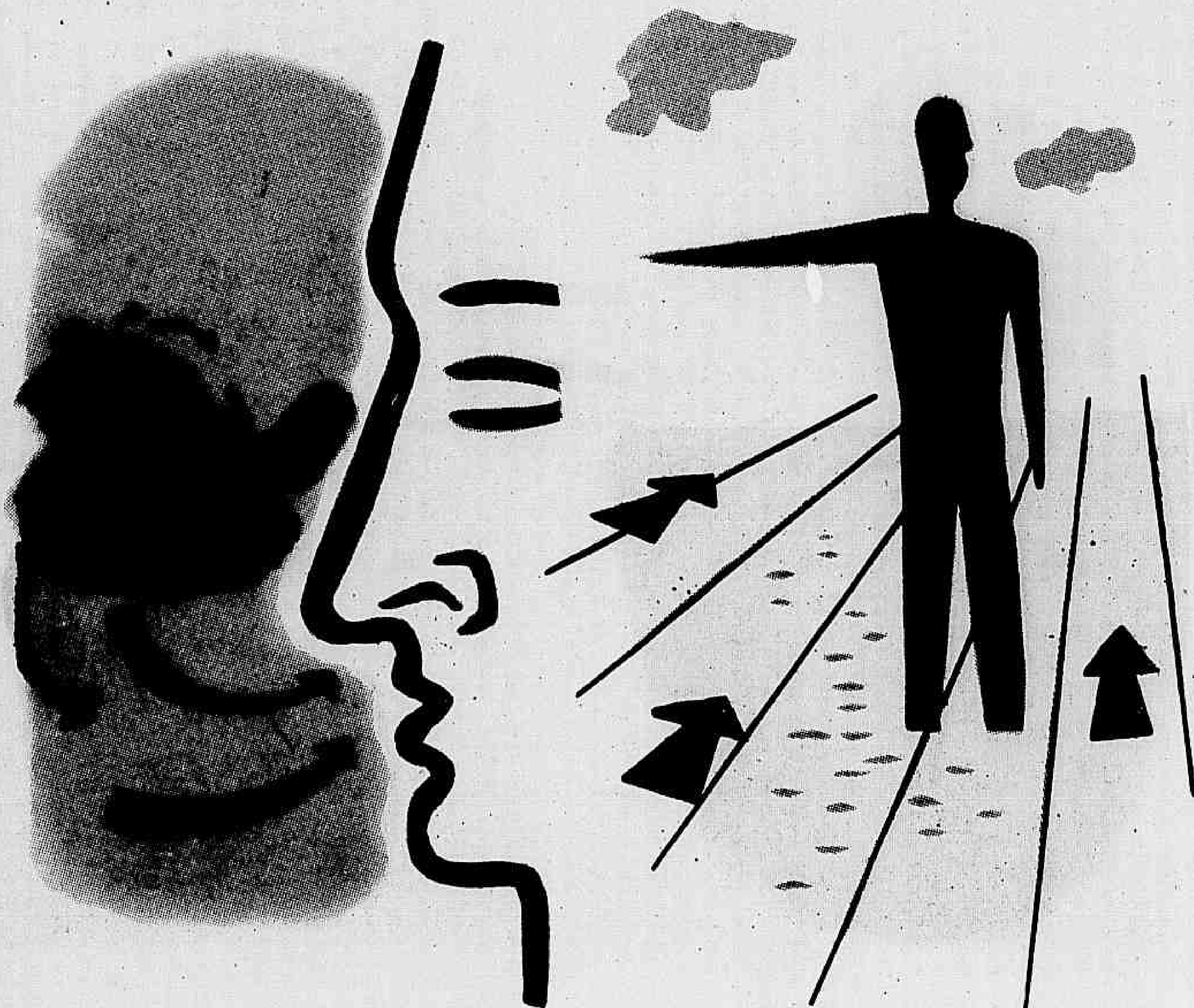
16 — Queda da fuligem em uma chaminé pode ser prenúncio de chuva. A baixa da pressão atmosférica desprende a fuligem, que se mantivera fixada pela pressão alta.



17 — Os odores dos brejos e prados se acentuam antes da :huva, e isto porque a pressão ıtmosférica diminuindo, liberta os ıromas que se encontravam cativos.



18 — Quando se tem as costas voltadas para o vento, a mais próxima área baixa (chuvosa) fica à esquerda. Se a mesma se localiza no oeste ou no sul, a chuva não tarda.



19 — Quando as nuvens denominadas cúmulos se tornam mais scuras, baixas e vastas, durante cair da tarde, choverá — provàvelmente — antes do anoitecer.

20 — Vendo-se flocos de cúmulos a grande altura, o que acontece nas massas de ar polares, haverá, fora de qualquer dúvida, tempo bom durante vários dias.

haste indicadora do barômetro se eleva. A atmosfera, geralmente, é mais pesada quando o tempo esfria; o ar frio é quase sempre mais sêco e por isso um barômetro, cuja hastezinha sobe, nos indica tempo claro. Quando a atmosfera se torna ligeira exerce menor pressão e a hastezinha indicadora desce. O ar ligeiro é ar quente e o ar quente conserva maior umidade. De modo que, se o barômetro baixa, o mais provável é que chova (ou caia neve):

A vantagem dos amadores sôbre os meteorologistas profissionais está firmada, principalmente, no fato de que podem localizar as mudanças bruscas em sua própria vizinhança, enquanto que os segundos raramente estão em condições de fazê-lo.

O mais seguro dos signos para a predição do tempo é constituído pelas nuvens. Eis o que podemos chamar de duas regras gerais:

1) Quanto mais depressa as nuvens se movam, mais depressa o tempo mudará.

2) Se as nuvens se formam durante o bom tempo e estão muito altas isto quer dizer que não haverá tormenta durante vários dias.

As nuvens que passam muito alto, chamadas cirros (palavra latina que quer dizer cachos), são como fila-

mentos que podem ter sido arrojados por uma tormenta a mais de 1.500 quilômetros de distância. São demasiado tênues para escurecer o sol, porém algumas vêzes formam um anel em seu redor ou em redor da lua, porque estão formadas de pequenos cristais de gêlo, que fazem jogos com a luz.

À medida que as nuvens estão mais baixas e grandes, com a proximidade da tormenta, o anel aparece maior e daí o velho adágio: "Quanto maior o anel, mais próxima a chuva", que encerra uma grande verdade.

As nuvens cirros podem desaparecer e a zona tormentosa pode passar para o norte ou para o sul; mas se se estendem no alvo manto dos cirro-estratos, o prognóstico é de chuva nas próximas 12 horas.

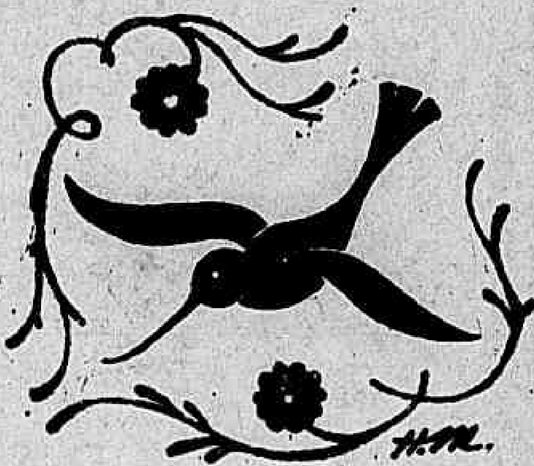
Há países em que é mais fácil o tempo no verão e outros em que no inverno isso pode ser feito com mais vagar e precisão. Depende da estação se mostrar mais uniforme, pois nestas condições as tormentas avançam mais vagarosamente: uns 30 quilômetros em vez de 45,50 e mesmo 60 quilômetros por hora.

As nuvens chamadas cúmulos parecem massas esponjosas, que vogam à deriva, através dos ciclos da primavera e do verão. Por meio delas podemos obter indícios seguros do tempo. Em regra geral são companheiras de tempo claro e moderado, formando-se mais ou menos ao meio-dia para desaparecer quando o sol deita; mas, quando aparecem pela manhã, bem cedo, e crescem constantemente, anunciam chuva, que chegará em poucas horas, provàvelmente com raios e trovões, se sua base se alarga e escurece bastante enquanto sua parte superior se eleva e se alisa, afetando algumas vêzes a forma de um imenso platô.

O prognóstico é: tempestade antes do final do dia, em qualquer manhã úmida de verão, quando não haja vento que possa evitar o aquecimento do ar e, em conseqüência, que o mesmo se eleve e se condense, formando nuvens que serão a cabeça da tormenta.

Tanto no inverno quanto no verão, sempre o observador experimentado encontrará excelentes informações para predizer o tempo baseado nos velhos

LINHAS ESCOLHIDAS



QUANTO mais estreita a mente, mais ampla a afirmação — **Pulse**

— Psicólogo é um homem que observa a todos os demais, quando uma mulher bonita entra no salão. — **«Passing Variety» — Dublin**

— Em redor de seus olhos estavam os sulcos de velhos sorrisos. — **Gertrude Atherton**

— Era tão desalentador como querer apanhar azougue com luvas de boxe. — **S. Pruitt**

— Nada indigesta mais do que ter que engolir as próprias palavras. — **«Pagente»**

— **Perdão:** o perfume da violeta na mão que a esmaga. — **N.C.**

— Reinou o silêncio e o relógio se encarregou da conversação. — **H. E. Reece**

— Tão fácil como quebrar uma dieta. — **Gay Atlanta**

— Flocos de neve dançavam ao som das valsas que o vento assobiava. — **Sharon M. La Ronde**

provérbios e rememorando as lendas e antigas histórias de animais.

Muitos dos antigos provérbios a respeito do tempo e baseados no sol, na lua, e no céu, são agora confirmados pelos observadores técnicos, munidos de aparelhagem científica.

Assim: "Lua clara, frio seguro" — dizem os camponeses. E êsse é um dito inteligente porque os ventos gelados se formam durante as noites frias, claras, sem vento e essas são as noites em que a lua surge mais brilhante. Do mesmo modo, é exato o dito: "Quando há sereno na grama não haverá chuva". Isto porque a chuva requer um céu nublado e uma atmosfera úmida; tais circunstâncias impedem que o solo perca calor e, assim, favorecem a formação de rocio.

Um dos mais antigos e acertados provérbios do tempo se baseia na côr do céu da manhã e da tarde.

Podemos encontrar na Sagrada Bíblia (Mateus XVI, 2, 3):

"Quando vai chegando a noite dizeis: Haverá bom tempo, porque o céu está azulado. E, pela manhã, dizeis: Hoje vai haver tempestade, porque o céu está coberto e incendiado."



A LUZ ZODIACAL
CHAVE PARA O UNIVERSO

DO nosso leitor Svend Frish, da firma Kristian & Smith, Engen, do Estado de S. Paulo e estudioso dos fenômenos celestes, recebemos carta referente a um artigo publicado em junho de 1953, em EU SEI TUDO e da autoria do nosso colaborador De Mattos Pinto, que tratava do mesmo assunto. O tema é, realmente, vasto e contém ainda muitos mistérios, que precisam ser debatidos até um esclarecimento final e que melhor possa servir aos homens de ciência. Com êsse objetivo o sr. Svend Frish aborda o assunto, trazendo para o mesmo uma valiosa contribuição, que, sem dúvida, será grata aos curiosos como aos estudiosos do tema.

Passamos, pois, a palavra ao nosso leitor:

A LUZ ZODIACAL, CHAVE PARA O UNIVERSO — Muito antes de Ticho Brahe, Kepler, Humbolt, Herchel e Flamarion, os Astecas e bem assim os egípcios estudaram

o fenômeno da luz zodiacal, sem alcançar para o mesmo uma solução satisfatória.

O seu fracasso, entretanto, não pode surpreender, sendo devido, sem dúvida, ao fato de, em sua época, ser ainda desconhecida a teoria relativa ao campo magnético.

Sendo, também eu, um interessado nessa matéria e sobrando-me ocasião para uma pesquisa paciente, pude observar, durante oito anos, de 1917 a 1925, quase noite a noite, essa luz misteriosa, também chamada "a falsa madrugada".

Foi isso em local não distante de Sorocaba, cêrca de 300 metros para oeste da Estação de Fôrça e Luz, onde nenhuma iluminação elétrica prejudicava os estudos do céu, antes proporcionando ao observador uma escuridão quase completa.

A fim de que mais fàcilmente o leitor possa entender o fenômeno, convém observar os desenhos que acompanham o presente artigo.

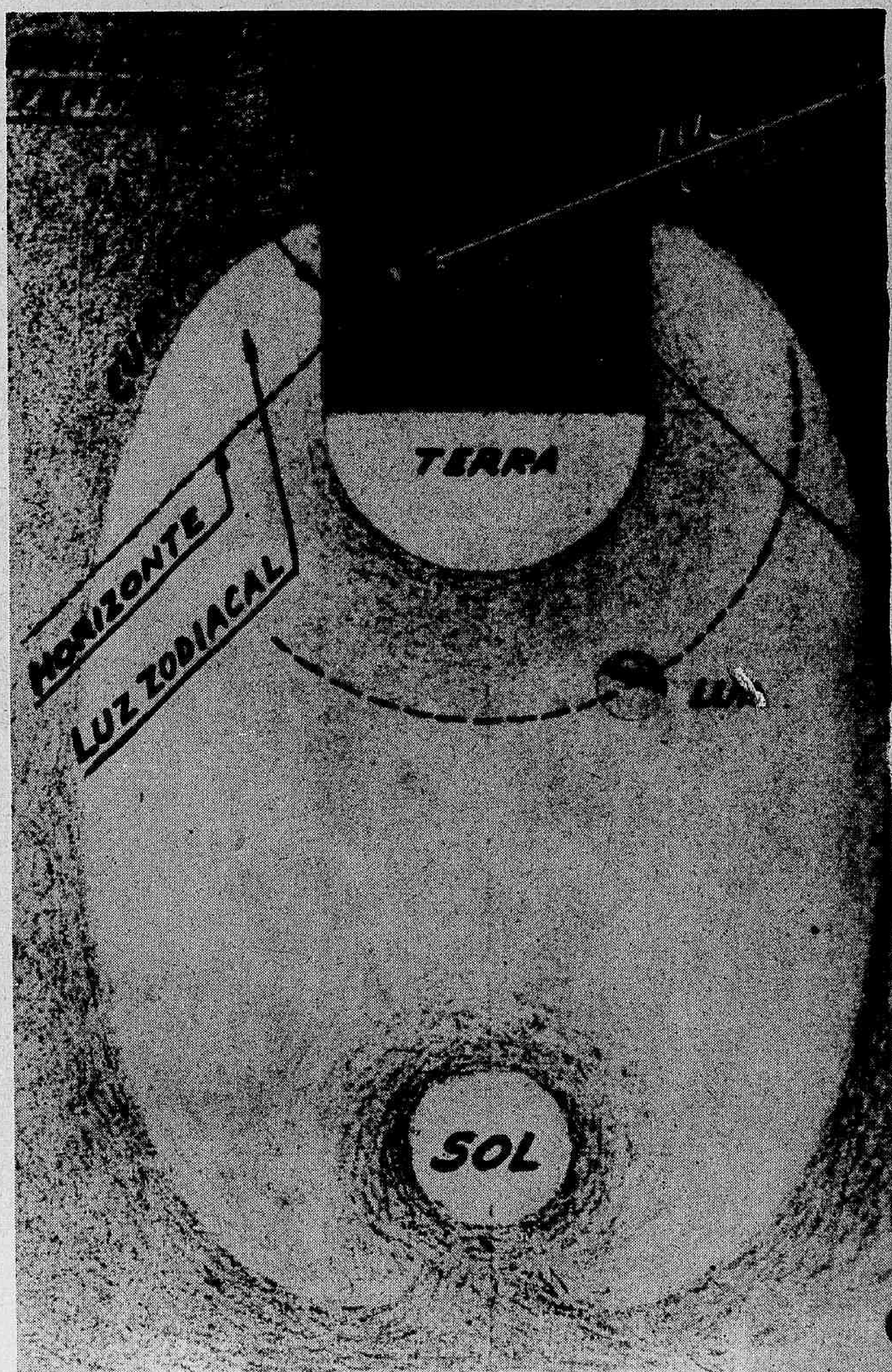
Observem, por exemplo, o desenho nº 1, que apresenta a luz zodiacal em sua forma comum, lembrando a enorme cauda de um cometa. Essa forma não é, pròpriamente, a de um cone, conforme se diz geralmente. O lado esquerdo, no horizonte, conforme pude observar, era sempre mais claro; depois, subindo numa curva regular, até atingir, aproximadamente, uns 45 graus, desaparecia. No seu lado direito era cortada por uma linha vertical com relação à Terra, não muito clara, pouco determinável mesmo. Apesar disso, em milhares de observações feitas, apresentava sempre a mesma forma, segundo indica o desenho n. 1, devendo-se notar que a flecha indica a posição do sol poente.

Como isso podia ocorrer?

Vamos "cortar" a terra e o sol, em secção plana (vejam o desenho nº 2) e a seguir tomaremos a posição no local designado "Observador". Então, olhando para a esquerda, veremos o mesmo fenômeno como no desenho 1.

A parte esquerda da luz zodiacal é apresentada mais nìtidamente, *porque é a mais distante*. Por sua vez, subindo sempre, a luz é cortada bruscamente por uma linha reta de total escuridão: *a sombra da própria terra*.

Entretanto, essa curva só pode ser criada pelas linhas magnéticas e essas linhas vêm do sol, a grande figueira central e trazem com elas as cinzas.



Teremos, dêsse modo, um campo magnético perfeito, sendo essa cinza, iluminada pelo sol, que forma a chamada Luz Zodiacal, que não é, por si mesma luminosa.

Há mais, ainda. A cinza é igualmente distribuída sôbre tôda a Terra, devido ao movimento rotativo da mesma. Entretanto, quando a Lua passa entre a Terra e o Sol, também ela recebe boa parte dessa cinza, e porque mostra sempre a mesma face para a Terra, a cinza se deita, ali, sôbre as linhas magnéticas, formando um campo magnético perfeito no pólo da Lua. (Desenho n. 3, segundo o mesmo princípio que serviu de base para o desenho n. 4.)

Qualquer pessoa pode observar essas linhas com um binóculo. Dêsse modo se explica a forma um tanto oval que a lua tem, pois a sua cinza se deposita quase que ùnicamente sôbre os seus pólos norte e sul.

TRANSFORMAÇÃO DE UM COMETA EM PLANÊTA — Eis outra teoria muito fácil de ser compreendida. Um cometa, entrando na órbita solar, tende a viajar em sua direção. Entretanto, mais perto do alvo, o magnetismo do cometa o faz mudar de direção, sendo arremessado no espaço. Após percorrer vastas distâncias, volta uma segunda vez e com o mesmo resultado, embora cada vez com menos fôrça e com a sua órbita encurvada, quase num círculo, até que, lentamente, inicia a rotação sôbre o próprio eixo, acabando por se transformar em um planêta. (Desenho n. 5.)

Mercúrio, o último cometa-errante, promovido a "aristocrata dos planêtas", ainda não abandonou seus primitivos

hábitos e por isso a sua órbita varia de 45 a 75 milhões de quilômetros e o seu dia tem a duração de um ano, sempre igual.

Vejamos, aogra, a duração dos dias dos diferentes planêtas.

Mercúrio	88 dias	2100 horas
Vênus		68 "
Terra		24 "
Marte		24 "
Júpiter		10 "
Saturno		10 "

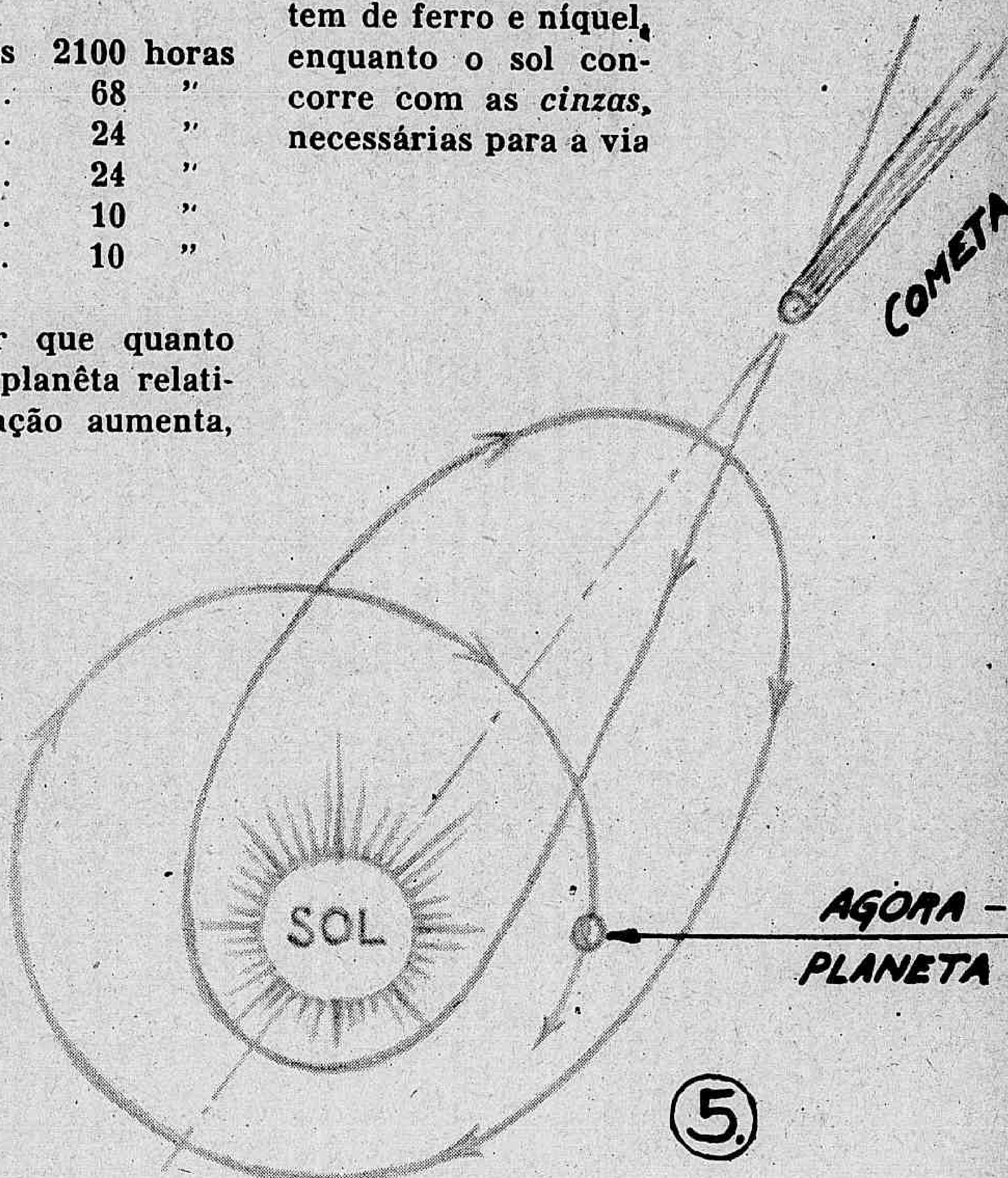
Assim podemos observar que quanto maior a distância de cada planêta relativamente ao sol, a sua rotação aumenta, de modo que a sua matéria — em razão da fôrça centrífuga — está subindo no espaço, como acontece com o anel de Saturno. Êste é, aliás, o grande criador de "luas" para todos os demais planêtas.

Quando uma das luas alcança uma velocidade "de excesso" — isto é: mais forte que a da atração magnética — liberta-se de Saturno e procura o sol. Porém, algumas vêzes, é capturada, ao passar perto de um dos outros planêtas — igualmente como ocorreu com a nossa lua, que há uns 11.000 anos, foi capturada pela Terra, provocando com isso uma brutal elevação das águas oceânicas em redor do nosso planêta, na linha do Equador, formando como um imenso e espêsso anel líquido que tragou tôda a Atlântida, menos os Açores e, no outro lado da América, Mã, menos as "Montanhas dos Deuses" (na Ilha de Páscoa).

Talvez não fantasiassem muito os astrólogos, quando — desde os tempos mais remotos — consideravam Saturno como "a origem de todos os males". Pela mesma razão "o dia de Saturno" desapareceu dos Almanaques em Portugal e na Islândia — "para afastar o perigo".

Por todos êsses motivos, Saturno sempre foi considerado como um vizinho indesejável por todos os "nossos" planêtas. Os restantes, Urânos, Netuno, etc., pertencentes a um antigo sistema, sempre ficaram livres de sua influência, devido a grandes distância em que se encontram.

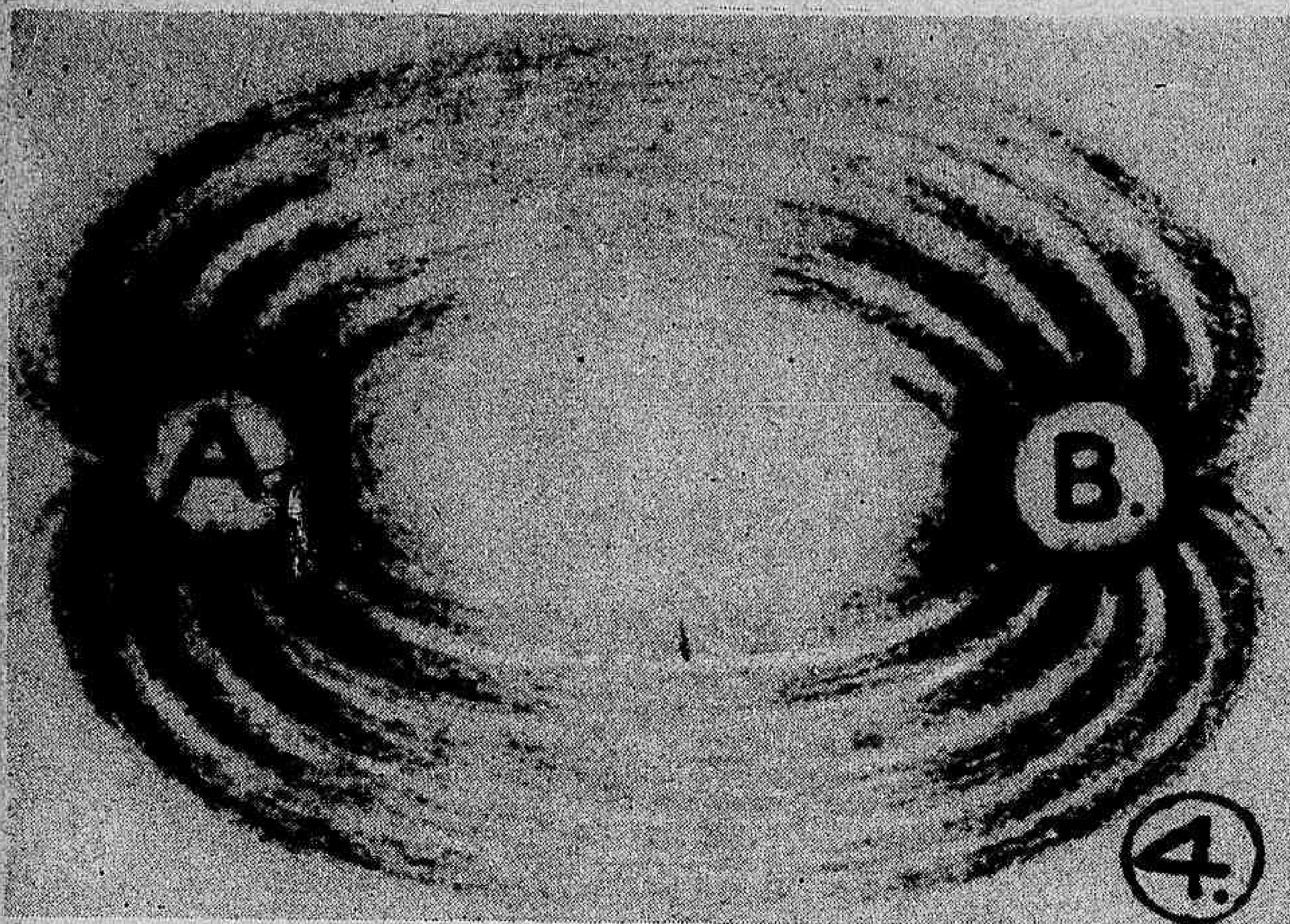
Os cometas consistem de ferro e níquel, enquanto o sol concorre com as *cinzas*, necessárias para a via



orgânica. Mas nem sempre o sol será o grande sacrificado, que sempre está fornecendo material e nada recebendo em troca. Dia virá em que um dos planêtas terá crescido tanto a ponto de ser êle mesmo o próprio sol.

Quem será, então, o grande regente nosso sistema?

O equilíbrio, fatalmente, estará desorganizado, sendo talvez inevitável uma pavorosa catástrofe. Chegará o instante em que os dois poderosos adversários se enfrentarão — o Rei Sol e o Planêta Usurpador, decididos a não ceder um palmo! Os planêtas menores nada significarão na luta entre os dois gigantes, justamente como ocorre, atualmente com



Campo magnético tornado visível por meio de poeira de ferro sôbre um papel e também sôbre os pólos de um ímã.

os países menores nas contendas entre os mais poderosos. São afastados ou sacrificados, pura e simplesmente, sem qualquer consideração.

Depois de iniciada a luta, uma luz vinte milhões de vêzes mais forte que a atual iluminará a Via-Láctea, para depois apagar-se, lentamente. Enormes quantidades de cometas e meteoros serão lançadas em tôdas as direções... E surgirão as "Novas".

Mas que terá realmente acontecido?

O planêta, chocando-se contra o sol, incendiou-se, os vapores incandescentes transferiram novas energias para o sol, cuja côr de vermelho-alaranjado terá mudado para a azul-branca.

Os que tenham um bom telescópio, poderão observar um fenômeno semelhante, 2 a 3 vêzes por ano.

Uma nova era se inicia! Serão habitáveis os novos planêtas? Sim. Porém os nossos desejos de nada alteram as leis da natureza. Temos que aceitá-las, conforme a Vontade Superior.

Porque a natureza é eterna, e o sentido "Tempo" sòmente existe para nós, que o dividimos em horas, minutos e segundos, para alcançar tudo aquilo que consideramos de importância nesta nossa vida já por si tão curta!

★ ★

VÔOS DA FANTASIA

ERA um suspiro lânguido e sonoro, a voz do mar aquela tarde. — **M. Machado**

— Bem-aventurados os nossos imitadores, porque dêles serão todos os nossos defeitos. — **Jacinto Benavente**

— Não devemos confundir a mente aberta com a mente porosa, incapaz de manter uma convicção. — **B.C.**

— Uma janela, com vidraças partidas, remendadas com teias de aranha. — **Al Kerr**

Já saiu o ALMANAQUE EU SEI TUDO para 1955, o livro mais completo sôbre o ano. O ALMANAQUE EU SEI TUDO está em todos os jornaleiros. Pedidos à Cia. Editôra Americana — Rua Visconde de Maranguape n.º 15 — Rio de Janeiro.

— (Sôbre um adversário político): — Às vêzes tropeçava com a verdade; mas sempre se equilibrava pressuroso e seguia viagem como se nada houvesse acontecido. — **Winston Churchill**

— Deixar de fumar é a coisa mais fácil do mundo. Já fiz isso centenas de vêzes. — **Mark Twain**

— Quando morre um tirano, seu poder termina. Quando morre um mártir, seu poder começa.

— A noite era nitrato de prata que convertia em espelhos as vidraças do trem. — **Gonzalo Grille**

— Desconfio do semeador de ódio; o ódio nunca fêz florescer nada. — **Gregoire Leclos**

— Era tão extrema a fraqueza de Frei Pedro de Alcântara que parecia feito ùnicamente de raízes de árvores. — **Santa Teresa**.

— A ira se derreteu em sua bôca e deslizou, em torrentes, até seu coração. — **Georges Bernanos**.



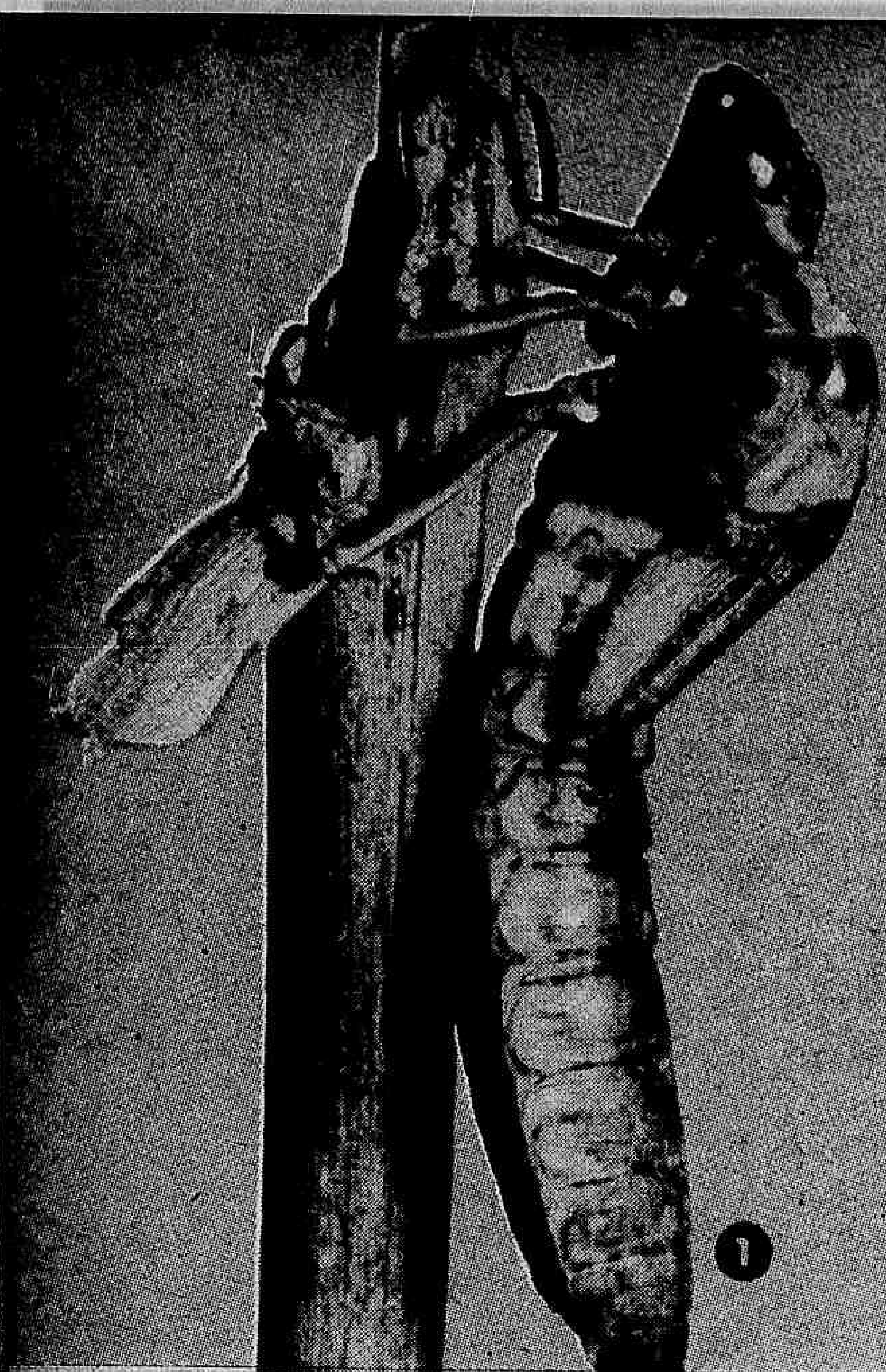
A DUPLA VIDA DA LIBÉLULA

30 minutos de metamorfose fazem da feia larva aquática o inseto de asas imensas e resplandescente, verdadeira jóia da fantasiosa natureza.

O homem que vive nas grandes cidades modernas, absorvido pelo próprio labor e obrigado a uma vida sedentária, perdeu um pouco o hábito de contemplar a natureza. Todavia, dos muitos e variados espetáculos que se lhe oferecem contìnuamente, em sua própria casa, bem poucos o deixariam indiferente, se tivesse o tempo necessário para os contemplar.

Nesse particular temos que destacar o imenso mundo dos insetos, pleno de desconhecidas belezas, que maravilham e atraem.

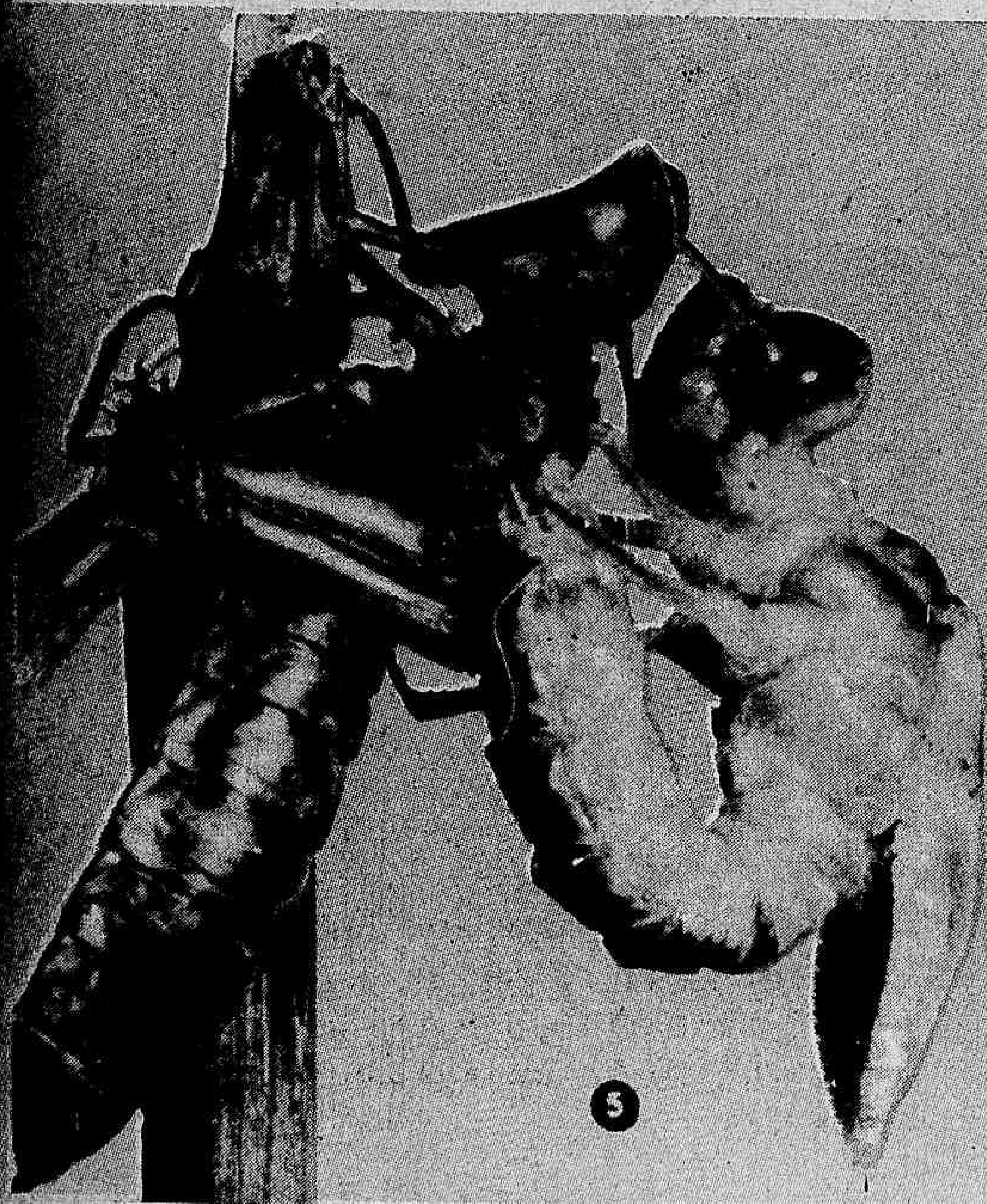
Quem já teve a ocasião de observar de perto a manta-religiosa depositar o ôvo ou um enxame de abelhas, ativas e meticulosas em redor de uma só rainha, jamais poderá esquecer o espetáculo — e a lição que o mesmo constitui.

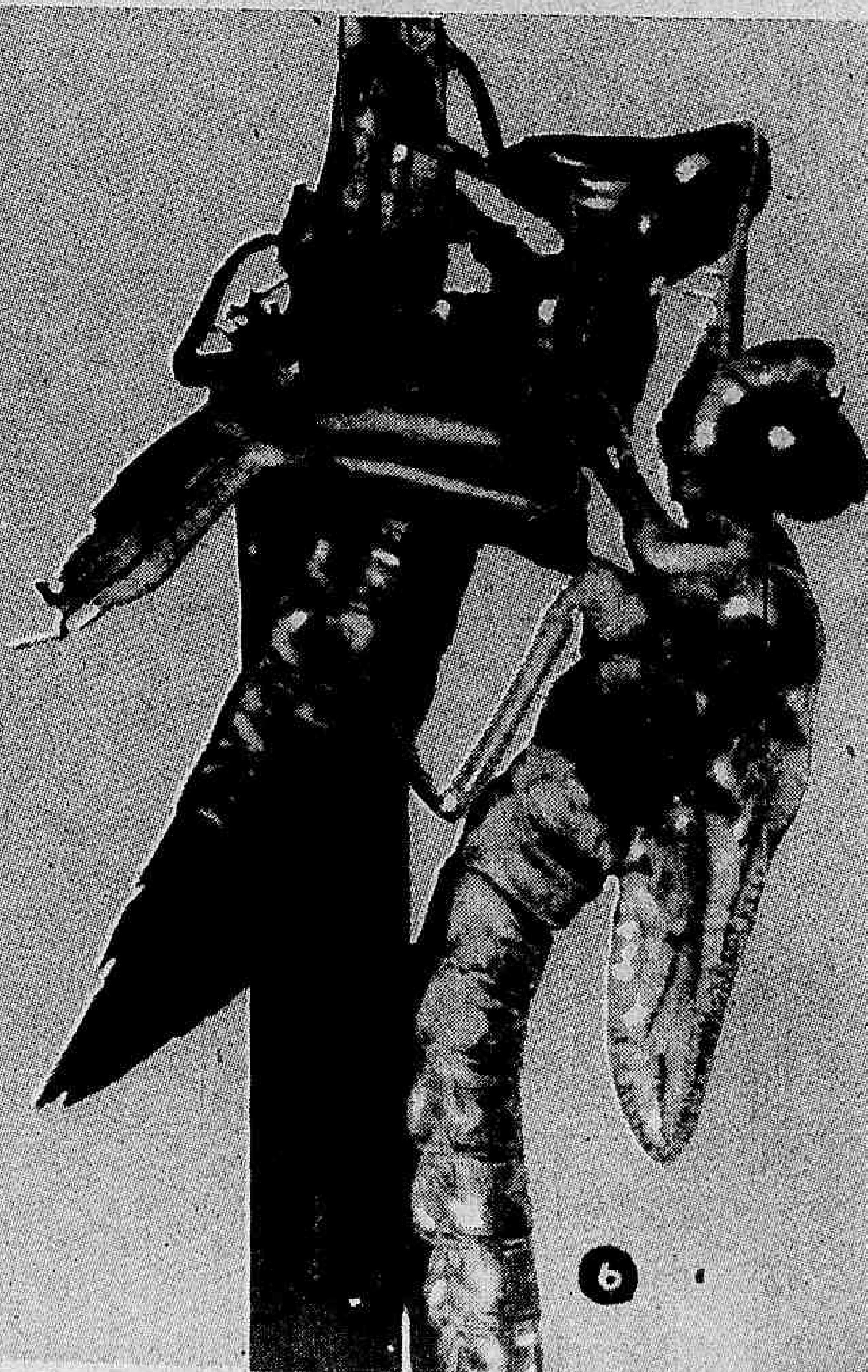




Entre tantos espetáculos diversos, um dos mais extraordinários é, sem dúvida, a metamorfose do inseto; êsse processo cital que transforma a larva em inseto perfeito. Seja qual fôr o inseto, os problemas da metamorfose são imensos e suas diversas fases são incessantes maravilhas.

A habilidade do fotógrafo conseguiu fixar em uma esplêndida série de fotografias, os diferentes momentos da metamorfose da *aeschne bleue*, grande libélula muito comum nos nossos campos durante o mês de abril e maio. Entremos, pois, na intimidade dêsse fenômeno e vejamos como nasce êsse inseto multicor.





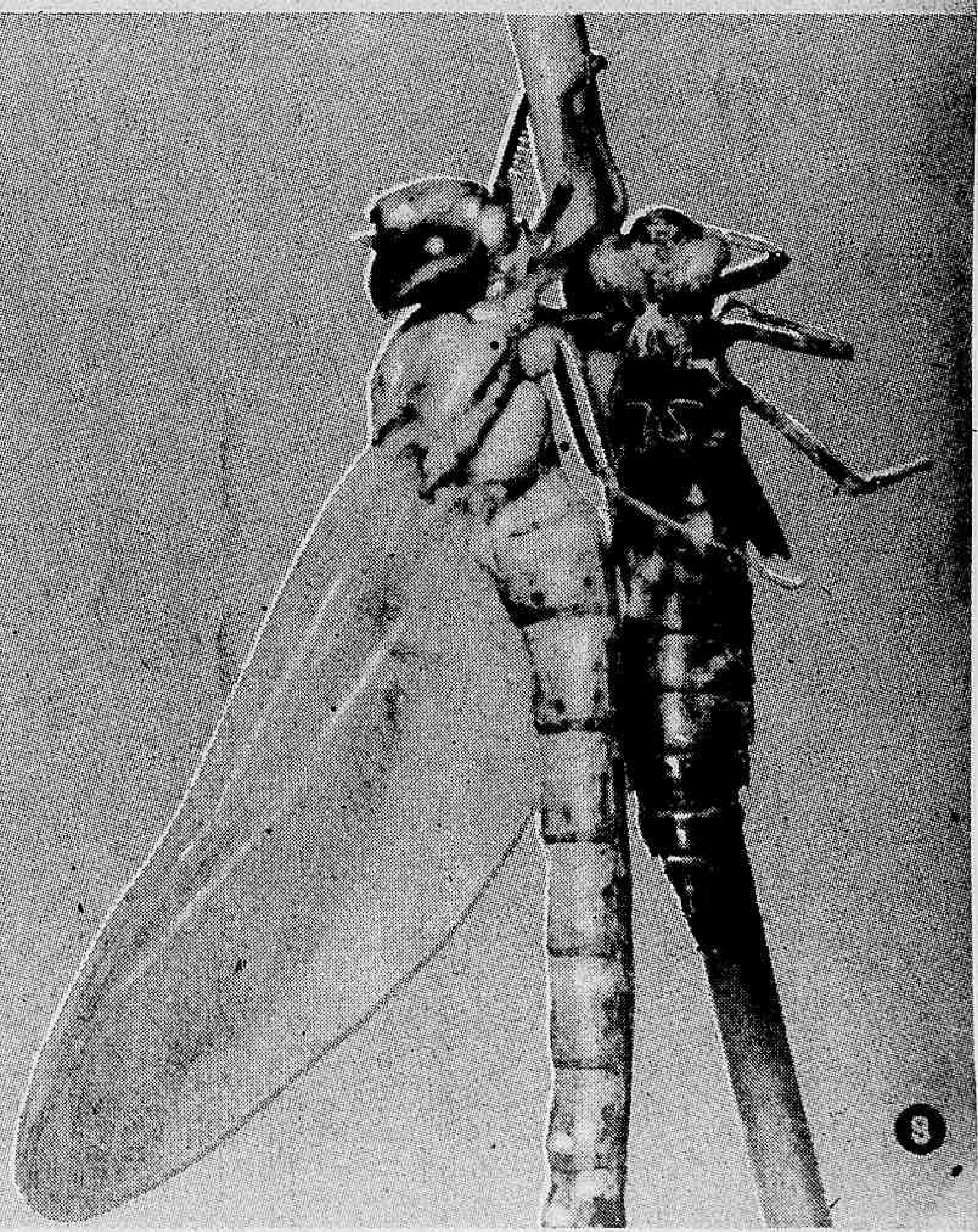


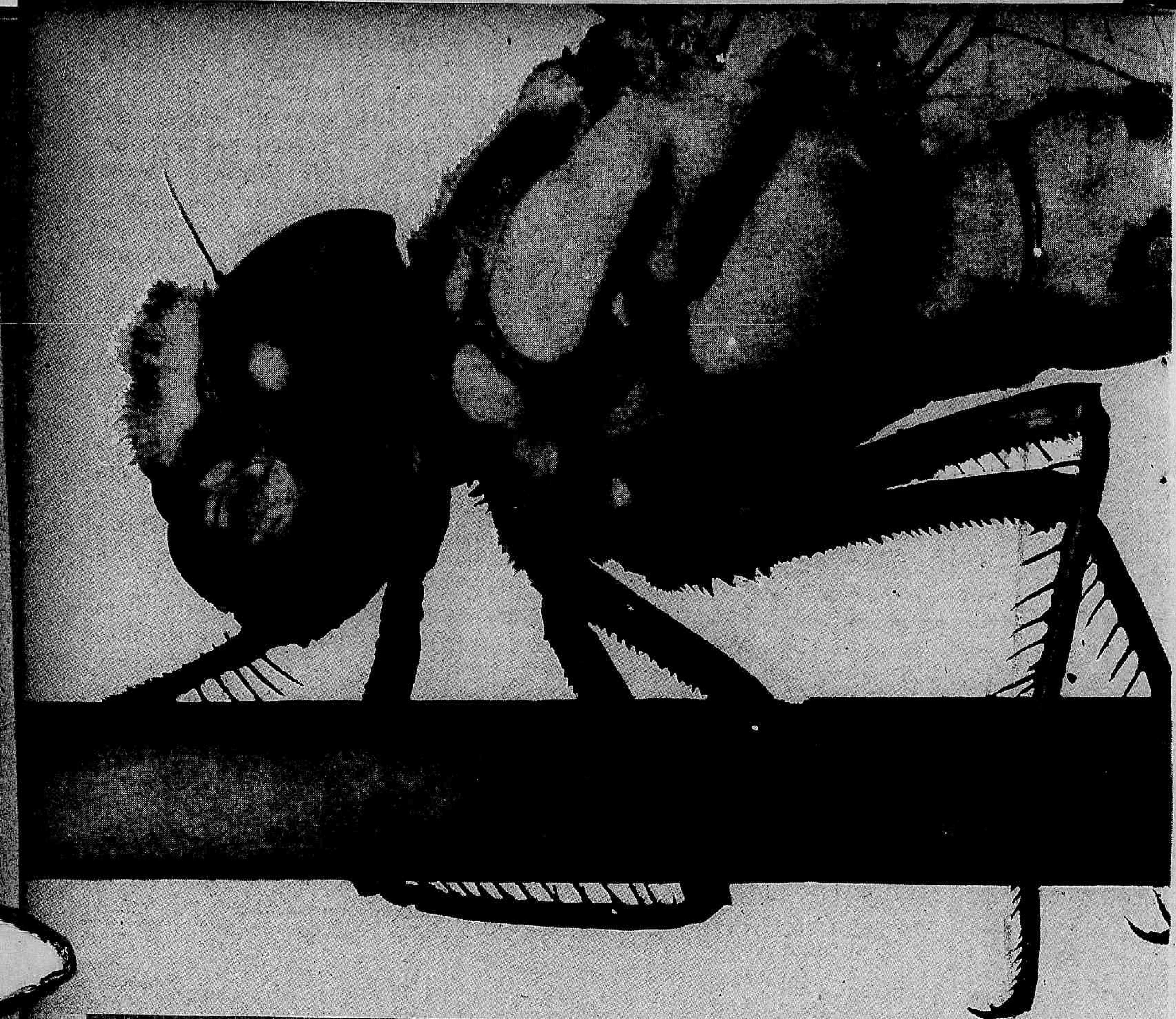


A larva da libélula transcorreu tôda a sua vida na água, nutrindo-se de minúsculas prêsas capturadas graças a um aparelho de prêsa bastante curioso, a "máscara", que possui na cabeça e que é muito visível em tôdas as fotografias. Quando o último mutamento se avizinha, a larva, ninfa, que mede de quatro a cinco centímetros, está quase nera; sob o tórax apresenta quatro protuberâncias que são a bainha na qual se formam as maravilhosas e resplendentes asas do futuro inseto perfeito.

Um belo dia, nas proximidades da metamorfose, a larva sobe para a superfície da água e cessa de alimentar-se.







Incha a extremidade do abdome, alargando-se na ponta e facilitando dessa forma a oxigenação da ampola retal, que lhe serve de aparelho respiratório.

Passados alguns dias, a larva não fica nessa posição, voltando logo para dentro d'água. Mas, se o tempo está firme e belo, armemo-nos de um pouco de paciência porque o espetáculo não tardará muito a começar.

Bruscamente, na segunda metade da noite (cêrca de três da madrugada) a larva se deita de lado, mergulhando na água profunda. É, então, agitada de movimentos convulsivos que duram alguns minutos, sacudindo o abdome de um para outro lado. Depois retorna ao mesmo galho de planta e por êle sobe até cêrca de um metro da superfície da água. Ali, então, firma-se fortemente (fig. 1).

O abdome, agora, incha muito, agitando-se de um para outro lado e depois se distende. Tudo isso é muito rápido. Da cabeça ao dorso a cutícula torácica é rasgada e surge então o tórax do verdadeiro inseto adulto, de côr esverdeada. Imediatamente aumenta de volume, alargando a abertura. E tudo se precipita.

Em poucos minutos, a pele se abre em todo o dorso e o inseto se liberta do invólucro da larva.

Durante todo êsse tempo, os movimentos do abdome continuam enquanto

se vê o coração do inseto bater aceleradamente.

O animal faz esforços supremos nessas contrações (fig. 2) e a cabeça se separa da que pertenceu à larva. Notem a semelhança de forma que existe entre olhos e bôca do inseto adulto e os da larva no momento da metamorfose, com exceção da "máscara". Juntamente com a cabeça, é libertado o primeiro par de asas, que descolam imediatamente da cutícula larval. Do dorso da larva pendem filamentos brancos, visíveis em tôdas as fotografias e que são devidos à transformação interna da grossa traquéia do animal. As asas começam, então, a surgir destacadamente do corpo.

O desenvolvimento continua lentamente e o animal surge do fôrro torácico (figs. 3 e 4). O último par de pernas se libera da bainha larval. Notem como ficam arqueadas pelo esfôrço. Porém logo se retezam, endurecendo imediatamente.

Tudo isso, desde o início da metamorfose, pròpriamente dita, durou menos de dez minutos. Agora o animal fica pendente, sustentado apenas pelo abdome, o que dura outros quinze ou vinte minutos.

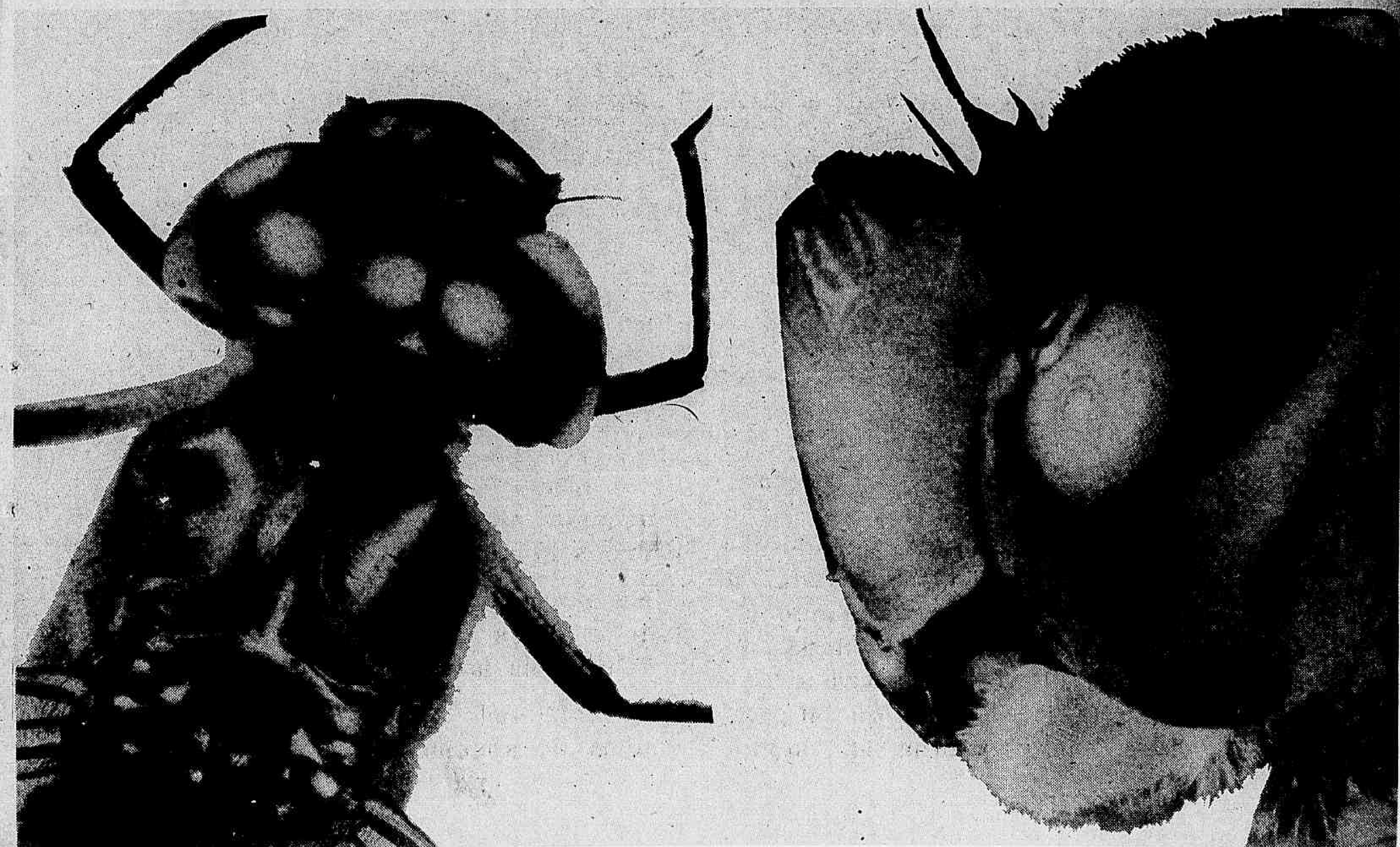
Examinando as figuras 3 e 4 verificaremos que a libélula é um pouco mais pigmentada na segunda que na primeira, mas sua forma já se delineia. A cabeça, principalmente, sofreu um verdadeiro modelamento durante êsses poucos minutos: os olhos se engrandeceram, tornando-se proeminentes; a fronte se elevou e a bôca toma forma definitiva; o volume geral da cabeça aumentou; o tórax se alonga ligeiramente, ficando as asas um pouco distante do pescoço.

Depois de assim ficar, por uns vinte minutos, a libélula se inteiriça bruscamente: suas patas se aderem à veste larval ou à planta (fig. 5) e a metamorfose continua.

Então, o abdome é libertado totalmente (fig. 6) e, enquanto a cabeça completa a sua modelagem, é a vez do abdome tomar forma. Os movimentos respiratórios continuam, amplos, o coração bate sempre velozmente.

Partindo da base, um fluxo sanguíneo obriga a asa a despregar-se e a distender-se; é êsse o momento mais patético da metamorfose, aquêle que se desejaria ver repetido muitas vêzes. Os pequeninos embriões alados, completamente murchos e pregados, transformam-se, em dez minutos, em verdadeiras asas, a princípio muito tenras (fig. 7), depois bastante fortes.

A êsse tempo, o abdome se alonga ainda mais, tornando-se menos largo e perdendo a sua curvatura: é êsse o momento em



que o animal fica quase com o dôbro do tamanho que tinha minutos antes (fig. 8). Notem nessa fotografia a enorme diferença de forma entre o adulto e a larva: trinta e cinco ou quarenta minutos foram suficientes para completar-se essa extraordinária transformação.

Mais uma meia hora e as asas, agora suficientemente fortes, assumem a posição distendida, própria para voar. As articulações torácicas se endurecem, mantendo-as nessa posição, que será definitiva. O animal se pigmenta... tornando-se a libélula que todos conhecemos.

Na planta ou sôbre o relvado fica apenas a sólida crosta larval, que o tempo (e as formigas) breve destruirão. A vida completou, aos nossos olhos, um dos seus milagres mais espantosos.

★ ★

A "BOA RESPOSTA" DO MÊS



UM fotógrafo de jornal, de Washington, incumbido de fazer a cobertura dos testes do hidro-avião de All Williams, famoso «ás" norte-americano, concorrente ao troféu Schneider, em Annpoles, há alguns anos, tinha fama de ser exageradamente generoso consigo mesmo, apresentando «contas» muito altas na caixa da redação.

Por isso mesmo, o diretor de um grande jornal, para o qual trabalhava, recomendou-lhe que apresentasse relatório diário, por via-telegráfica, das despesas que fôsse forçado a fazer para bem atender ao serviço. Isso fêz êle, apresentando diàriamente uma conta bastante alta. Uma delas dizia: «Trinta e cinco dólares para arrendar uma lancha e seguir as provas do avião».

No último dia, terminada a reportagem, o fotógrafo telegrafou ao patrão, pedindo permissão para tomar alguns dias de férias. Ao mesmo tempo os jornais de Baltimore agradeciam ao Comando Costeiro por haver fornecido lanchas velozes para o pessoal da imprensa encarregado da cobertura dos testes.

Algumas horas depois, com um pulo de surprêsa, o repórter leu o telegrama com a resposta do patrão:

— «Volte Washington imediatamente. Não esqueça de trazer o iate que comprou.»

PSICANÁLISE

DOIS psiquiatras trocam idéias.

— É inacreditável — dizia um — o número de pessoas que pensam de maneira pouco normal, hoje em dia. Às perguntas mais simples, dão respostas estapafúrdias...

— Por exemplo...?

— Bem. Vamos fazer uma experiência. Farei a você uma série de perguntas, das que costumo fazer a meus enfermos. Primeira pergunta: usa saias curtas e seus lábios sorriem agradàvelmente. Que é?

— Ora! Muito simples... É um escocês que toca uma gaita de foles!

— Muito bem. Segunda pergunta: você está deitado na cama e alguma coisa macia, morna, agradável, encosta em você. Que é?

— Meu caro colega... Outra pergunta muito simples. É um saco de água quente!

— Justo! Terceira pergunta: Em que pensa você, se dois braços o enlaçam por trás?

— Penso num lutador de judo.

— Oh, meu caro! Você dá respostas simples e certas. Mas se soubesse o que respondem os meus clientes!

★

HORARIO

UM homem se precipita para o chefe da estação de estrada de ferro, a quem pergunta, ofegante:

— Minha espôsa está no expresso para S. Paulo. Será que ainda tenho tempo para lhe dizer adeus?

— Isto, meu caro senhor, depende do tempo que têm de casados...

BRINCANDO COM FOGO

AQUÊLE ESTRANHO HOMENZINHO, LÁ NO FUNDO DO BAR, PARECIA ORGULHAR-SE DE SUAS CICATRIZES. ÊLE CONSEGUIRA VENCER OS "CAÇA-NÍQUEIS"...

Conto de
MICHAEL SHERIDAN

Tradução de
SYLVIA
JAMBEIRO



Sally me recebeu com expressão zombeteira, perguntando se aquêle era, afinal de contas, o seu «grande dia».

PELO menos duas vêzes por ano, no intervalo das filmagens, faço questão de me ausentar um pouco de Hollywood. Geralmente vou para Reno, embora diferindo da maioria de escritores de argumentos, pois não vou para jogar nem para me divorciar.

Acontece apenas que o lugar me fascina! Sempre caras novas, e os mexericos originais dos residentes, a respeito dos visitantes, e aquela ânsia constante de uma pequena e suja cidade, tentando desesperadamente parecer uma metrópole gigantesca.

Enfim, seja qual fôr o motivo de atração, sempre fico muito alerta com o que se passa ao meu redor como, por exemplo, aconteceu a última vez que lá estive.

Reparei no homenzinho, logo que êle entrou no "Bar do Harry". Devia ter uns cinqüenta anos, era magro, meio desleixado dentro das roupas folgadas e tinha um par de olhos azuis, vivos como eu nunca vira antes, sob as pálpebras empapuçadas.

Êle começou a pedir uma bebida, depois parou. Tirou do bôlso uns trocados, contou-os ràpidamente e resolveu conformar-se com uma cerveja.

Possìvelmente pelo fato de nunca ter passado por dificuldades financeiras é que fico constrangido quando vejo alguém naquela situação.

Arrastei um banco para junto de mim e convidei-o a acompanhar-me com uma bebida igual a que eu estava tomando.

— Está meio frio aqui — falei, um pouco sem jeito. — E é melhor que tome uma bebida mais forte. — E, para atalhar os seus efusivos agradecimentos, acrescentei: — E, mesmo, não gosto de beber sòzinho...

Não me recordo como começamos a nossa conversa, mas sei que êle tinha uma voz baixa e convincente. Também eram convincentes as suas mãos, que ajudavam a conversa, gesticulando, mãos de jogador, com as unhas cuidadosamente tratadas por *manicure*. Eu não conseguia despregar os olhos daquelas mãos que pareciam falar quando as palavras não ocorriam logo; nunca estavam paradas. Outro motivo fazia com que eu não pudesse tirar os olhos das mãos do desconhecido; é que ambas as mãos, desde os pulsos até às pontas dos dedos e palmas, estavam cobertas de cicatrizes horríveis, vermelhas e repuxadas.

Êle parou de repente de falar, notando o meu espanto:

— Está impressionado com as minhas mãos, não é?

— Sim; que foi que aconteceu?... Ou prefere não falar sôbre o assunto?

Porém êle não pareceu constrangido em mencionar o que acontecera. E começou a contar:

— Não é uma história muito interessante — falou, como que desculpando-se. — Tudo começou há muito tempo, quando o "Clube Marvin" era apenas uma espelunca. Conhece-o? Quem



não conhecia? Vinte e três mesas, duzentos e quatorze empregados, uma féria por noite de $35,000, e nada embaraçado. Marvin ia muito bem!

O homem abanou a cabeça e prosseguiu:

— Eu havia chegado aqui com a minha pequena e íamos casar; fazem vinte e cinco anos agora. Mas resolvi tentar a sorte num "caça-níqueis" e... perdi todo o dinheiro que havia economizado para o casamento — e também...

— ... a pequena? — perguntei, curioso.

— Sim! E perdia-a para o Marvin — explicou, falando baixo.

— Oh! — exclamei, penalizado.

— Sim; ela preferiu ficar com um bandido, aproveitador — continuou êle em sua linguagem tôda própria. — Aquela máquina era uma verdadeira mina. E você sabe como são as mulheres...

Até hoje acho que não conheço bem as mulheres, mas disse:

— Sim, sei como são elas...

Êle estendeu a mão para o copo de bebida e falou:

— Desde então jurei que havia de achar um meio de vencer aquelas malditas máquinas "caça-níqueis"; e também arruinaria Marvin!

— E então?

— Consegui... — continuou êle, devagar — e não consegui!

Notando o meu olhar de espanto sorriu e prosseguiu:

— Levei muito tempo para descobrir; na verdade sòmente há alguns meses consegui o que queria.

— Mas... levou quase um quarto de século! — exclamei.

— Sim; mas valeu, para quem desejava tanto quanto eu chegar àquela descoberta!

— Sim, sim, continue.

— Pois bem, tornei-me um jogador, mas não um dêsses jogadores de espelunca; eu jogava às direitas e comecei a ter lucro. Quinze pacotes por dia! Comecei a juntar umas economias. Não esbanjava, não fumava, não bebia; guardava tudo. Então comprei dez máquinas "caça-níqueis", de todos os tipos. Comprei até algumas feitas na Europa e desmontei tôdas, cuidadosamente, e tornei a montar, estudando-as com atenção. Mas não conseguia vencê-las nem descobrir o segredinho.

Chamei o garção e pedi nova rodada de bebida; para mim, apenas um refrigerante e me justifiquei:

— De vez em quando gosto de matar a sêde...

— Nós todos temos nossas fraquezas *de vez em quando* — gracejou êle — E a minha era com as tais máquinas "caça-níqueis". Pois bem; depois de anos e anos de tentativas e estudos no meu plano cheguei à conclusão de que sòmente pela matemática poderia chegar ao meu fim. Mas por mais cálculos que fizesse nada conseguia. De repente dei com a solução *por sorte, por acaso*. Só que seria preciso agir com muito cuidado. Tôda a cidade já estava a par do meu sonho; todos sabiam o que eu queria. Já me haviam apelidado de "Johnnie Nelson, o Sonhador".

Foi assim que fiquei sabendo o seu nome e falei, apertando-lhe a mão cheia de cicatrizes:

— Prazer em conhecê-lo, Johnnie.

Êle sorriu, respondeu ao meu apêrto de mão e continuou:

— Pois bem. Certa noite, voltei ao "Bar do Marvin" e vi Sally, a pequena com quem um dia eu ia me casar e que estava cada vez mais bonita. Ela me recebeu com expressão divertida e indagou se aquêle era *o grande dia*. Eu respondi que sim. Troquei uma nota em pratas e procurei a máquina mais cara.

— Que aconteceu, então? — perguntei, sinceramente interessado.

— O senhor alguma vez já teve ocasião de ver uma destas máquinas, quando o sujeito acerta e o dinheiro jorra como uma cascata?

— Que som mavioso, hein? Mavioso e muito raro.

— Pois é. E Sally arregalou os olhos quando ouviu o barulho do dinheiro, caindo. Aquilo era o fruto de anos e anos de trabalho. Sally correu a dar a notícia a Marvin, e logo todo mundo sabia. Marvin pediu que eu fôsse ao escritório falar com êle, mas eu nem liguei importância.

E contou que repetiu a façanha quantas vêzes quis. Trocava a nota, metia as pratas e recolhia a cascata de volta, até que uma noite acabou a alegria. E o

queixo de Johnnie endureceu quando relatou:

— Sally estava tomando conta da máquina junto de mim; ela etava mais bonita do que nunca. Eu já não estava tão cauteloso e deixei cair o dólar que ia pôr na máquina naquele momento. Ela se curvou e apanhou-o, mas deixou que caísse imedatamente e me olhou com expressão de dor e desapontamento; depois saiu correndo do salão. Ela poderia ter dado um grito de dor, mas não deu. Foi até correta, mas... minha *sopa* tinha acabado!

— Não compreendo. O que poderia haver com aquêle dólar para que ela gritasse?

— É que a moeda estava em brasa! Era a minha moeda *especial*, que vencia o "caça-níqueis"! Até o momento de usál-a eu a conservava numa caixinha, aquecida por baterias, dentro do meu bôlso. Afinal, aquêle disco em brasa havia resolvido o caso quando tudo mais falhara. Por quê? Não sei. Mas foi o que venceu o "caça-níqueis"!

— Quer dizer que, depois disso, o Marvin barrou a sua entrada lá...?

Johnnie abanou a cabeça:

— Não; eu mesmo deixei de aparecer por algum tempo. Finalmente, foi o próprio Marvin quem mandou me dizer que todos estavam sentindo a minha falta por ali e convidou para que eu fôsse novamente até lá. Isto me tranquilizou porque mostrava que Sally não havia contado coisa alguma a êle. E, mesmo, eu não tinha intenção de vencer as outras máquinas da cidade. Minha cisma, por motivos pessoais e particulares, era com Marvin e ninguém mais.

— E você voltou?

— Sim; voltei. Mas, antes não tivesse voltado! A minha entrada no salão pareceu um sinal para que todo mundo desaparecesse, pois fiquei sòzinho em frente da máquina. Ninguém, sequer para me observar, para ver se eu ia fazer algum truque. Pois bem. Comecei a agir. Coloquei meu dólar especial na máquina e estendi as mãos, esperando a cascata de dinheiro.

— Mas não houve, desta vez — disse eu, tentando adivinhar.

— Houve, sim — disse Johnnie compenetrado. — Funcionou direitinho... Só que Marvin havia mandado fazer uma instalação elétrica na máquina e, quando aparei nas mãos as moedas... recebi tôdas elas em brasa, vermelhas! (E, olhando para as mãos marcadas). Só agora é que estão cicatrizando. Mas não consigo arranjar emprêgo. Perdi o tato...

Fiquei pensando, penalizado, na sorte do homenzinho. Provàvelmente, o único trabalho que poderia fazer, agora, seria manejar cartas de jogar. Disfarçadamente, tirei duas notas da minha carteira e coloquei sôbre os seus joelhos. Talvez pudesse usar aquela história como argumento para um filme, algum dia, em Hollywood; e então haveria de recompensá-lo fartamente.

Êle se levantou do banco e falou:

— Quanto quer que o senhor me tenha dado há de ser muito útil para mim. Talvez algum dia eu lhe possa pagar — disse, baixinho.

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

NÃO HAVIA PERIGO

GILLES Delamara, ator «quebra-pescoço», que se contrata para «dobrar» tôdas as grandes estrêlas de cinema, nas cenas sensacionais e de maior perigo, foi mais uma vez contratado por um estúdio parisiense para um papel arriscado. Devia manter-se imóvel, no meio de uma estrada, enquanto um automóvel de corrida se dirigia, diretamente para êle, a 200 quilômetros horários.

— Bem... — disse Delamare. — É que... Suponhamos que, no último momento, o condutor de veículos não preste muita atenção e...

— Não se assuste com isso, pois não haverá perigo — disse o diretor do filme. — Se acontecer qualquer coisa, cortaremos a cena!

★

SAVOIR-FAIRE

NA Irlanda, a dona de casa, à hora sacrossanta do chá, apresenta amàvelmente o açucareiro a cada convidado. Na Inglaterra, ela «pesca» com pinça uma pequena tablete de açúcar, para a oferecer ao visitante, que achou seu chá um tanto amargo. Na Escócia, ela sugere, com um sorriso agridoce: «Talvez o sr. não tenha mexido bastante...»

Depois que êle saiu, pedi mais um *drink*, para terminar, e olhei para Matt, o garção, que me fitava curioso, e disse:

— Que tal, hein?

— Ah! O senhor ouviu a história, *também*? — perguntei.

Êle polia um copo com o guardanapo e respondeu:

— Sim, ouvi. *Quanto lhe custou?*

— Não muito — respondi, meio embaraçado. — Acho que deveria ter dado um pouco mais...

Matt serviu uma cerveja para êle mesmo e comentou:

— O preço é mais ou menos êsse mesmo. Está certo!

Larguei o copo na mesa e perguntei, intrigado:

— Quer dizer que a história não é verdadeira?

— Qual!... Êle sempre escolhe ouvintes entre os *patos*. Ganha, no fim de tudo, o suficiente para pagar a estada aqui e a passagem de volta, pois, terminadas as férias, volta ao seu trabalho.

— Não compreendo.

— É o seguinte. O senhor é um bom rapaz. Êle também é, mas estou contando tudo para evitar que o senhor queira ser generoso demais. Não deve; na semana passada êle já ganhou bastante; e foi com o rosto.

— Com o rosto?

— Sim. Trazia a orelha quase decepada, e uma cicatriz que ia de um lado a outro do queixo. Contou uma história de injustiça e perseguição, numa plantação de cana!

Eu não quis ouvir mais.

— Então, aquêle malandro... é um vigarista.

Então foi a vez de Matt se ofender.

— Isso não! Não precisa ofender o rapaz! Johnnie é um bom sujeito. E êle não lhe pediu nada! (E abanando a cabeça, admirado) O interessante é que o senhor não o tenha encontrado, antes, em Hollywood. Durante cinco dias da semana Johnnie trabalha num estúdio de lá, como um dos melhores... e o resto do tempo êle se diverte e se defende.

Aquilo era a deixa para eu perguntar e perguntei:

— Pois bem; estou curioso — disse um tanto aborrecido. — Que faz êle, afinal, no estúdio?

Matt olhou-me, admirado. Depois, muito circunspecto, indagou:

— Mas, então, o senhor que escreve argumentos, que vive dentro dos estúdios não viu logo?

E como eu aguardasse explicou:

— Johnnie trabalha nos *Studius Orpheum*. É um dos melhores, senão o melhor técnico em *maquilagem* de lá. Hei, espere aí! Vou preparar outro *drink* para o senhor... E, desta vez, um bem forte!

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

APLAUDINDO A SI MESMO

HÁ poucos meses, uma delegação militar norte-americana, à frente da qual se encontrava um general, fêz uma visita oficial à Turquia. Ao chegar, no pôrto de Izmir, uma compacta multidão esperava a delegação e o general se julgou obrigado a fazer um discurso. Quando terminou, magros aplausos se ouviram.

Mas, logo a seguir, um dos oficiais turcos tomou a palavra e, desta vez, o discurso foi delirantemente aplaudido. O general visitante, achando que devia ser gentil, aplaudiu também cada frase do orador turco. Após alguns minutos, um dos oficiais de sua comitiva se voltou para êle, dizendo:

— Meu general... No seu lugar eu não aplaudiria tanto. Êle está apenas traduzindo o discurso que o senhor fêz.

★

CONSELHO

O professor Tarneaud, laringologista do Conservatório de Paris, não gosta que o consultem fora de suas horas de trabalho. Uma noite, num banquete, uma senhora perguntou-lhe:

— Diga-me, professor. Quando está resfriado, que costuma fazer?

— Depende, minha senhora — respondeu Tarneaud, sorrindo. — Às vêzes tusso e outras vêzes espirro...

[illegible]
NORTE-AMERICANAS

COMER EM CASA,

O marido norte-americano pode ser grande patife à hora do almôço. É bastante que diga, diante de qualquer prato apetitoso... que já comeu a mesma coisa no almôço (realizado, como de costume, fora de casa). É mesmo muito curiosa a importância que se dá "ao estrangeiro", quando se trata de comer, nos Estados Unidos. Tôda a vaidade do país, que é uma vaidade muito grande e muito justa, não vai ao ponto de acreditar possuir a arte de comer e, nos melhores restaurantes qualquer um notará que os vinhos, como a cozinha, são "importados".

Esta palavra "imported" colocada na margem de uma garrafa ou na procedência de um cozinheiro, é suficiente para dar outro tom e outro sabor à comida. E ao elevar os preços até ao exorbitante, como no "Colon'", de New York, podem anunciar orgulhosamente: "Menu and services continental. Food is continental".

Da mesma forma, o viajante encontrará na curiosa mistura de nomes inglêses e não inglêses do menu muitos "a la reine", "a la tal", etc. Se dá as costas aos restaurantes caros, o viajante estrangeiro descobrirá as seguintes delicadezas da cozinha indígena: o café antes da sopa; tomates com natas de leite por cima; almôndegas com açúcar; pão-doce com manteiga salgada. O único lugar onde quem escreve não encontrou açúcar numa comida norte-americana foi na sobremesa. E era geléia! Mas não se alegre, por exemplo, um espanhol, ao ver um prato marcado "spanish". Dão êsse nome a tudo que contiver

COMER FORA...

tomates. Uma organização gigantesca, combinada com essa falta de gôsto, chegou a resultados extraordinários. Há certas casas de pensão, por exemplo, onde o proprietário compra um boi e o divide em pedaços marcados com celofane, que o envolve, a fim de ser conservado no matadouro ou açougue mais próximo e fica à disposição das diversas famílias da pensão — ou do bairro. Cada vez que alguém necessita de um pedaço de carne vai — às vêzes depois de quatro meses — ao açougue, abre o seu frigorífico, escolhe o pedaço mais próprio para o seu desejo ou a festividade e o leva para casa, onde o come alegremente.



Um sapo pode olhar para um rei. Porém não um cliente a um garção.

As estatísticas dizem que os Estados Unidos são o país número cinco (Argentina, Uruguai, Austrália e Nova Zelândia na frente) no consumo de carne; mas, na realidade, uma família média consome bem pouca quantidade. Devemos notar que os norte-americanos, como os habitantes dos países antes mencionados, chamam de carne quase exclusivamente o "steak", ao que nós chamamos de "bife" e que tem o tamanho da mão de homem e quase a mesma espessura. Esta porção custa, em geral, três dólares em qualquer restaurante. Em compensação, um pedaço de vitela, naturalmente de reduzidas dimensões, entra, invariàvelmente, numa refeição de dólar e meio, mais a sopa, uma salada, pão com manteiga, geléia e café em abundância. O café que o norte-americano bebe, como sabemos muito bem, é da melhor qualidade, embora infinitamente aguado, ao ponto de ser usado como bebida acompanhante dos alimentos sólidos e não, como fazemos, em pequena xícara, terminada as refeições. Quando se fala da comida norte-americana, é preciso salientar que, embora a maioria dos produtos chegue ao público em fatias de conserva, isso nada implica contra a excelência do material conservado, que é realmente ótimo. A vigilância do Estado, quanto à alimentação, é severíssima e disso se beneficia especialmente o leite. Os norte-americanos bebem o líquido dos seus vinte e cinco milhões de vacas a razão de um quarto de litro diário por pessoa, o que indica, por certo, que muita gente chega ao litro, sobretudo na infância. O sabor do leite que tôdas as manhãs chega à porta das casas, é extraordinário. A primeira coisa que a dona de casa faz é abrir a porta, a fim de apanhar a garrafa de leite. Dentro da vasilha deixou um papel com o número de garrafas que necessita. Os leiteiros, nos Estados Unidos, como os geleiros para as casas que não possuem refrigeradores elétricos, são os sêres que mais sabem dos interiores domésticos.

Comer no restaurante representa, para a norte-americana principalmente, esquecer que tem em casa pratos para lavar. Ser servida à mesa, sem ter que mover-se nem cuidar de que esteja tudo em ordem na cozinha é uma novidade tal, que quase leva ao extremo da emoção essas escravas do lar.



Quando conseguir que lhe tragam o almôço, o senhor se incomoda de comer depressa? — Começaremos a servir o jantar dentro de cinco minutos.

Ao homem, em geral, a coisa não parece assim tão boa. Primeiro porque está cansado de estar na rua e deseja ficar em casa. Segundo porque os preços nos restaurantes são proibitivos quando se pensa

em ir a algum estabelecimento elegante. Porém, sôbre todos êsses defeitos, o que mais impressiona ao estrangeiro — o norte-americano já está acostumado e o aceita com um gesto de resignação — é o comportamento dos garções. O povo que inventou o *slogan* "o cliente tem sempre razão", parece esquecê-lo fatalmente, quando se trata de um restaurante, porque nêle o cliente jamais tem razão. O orgulho norte-americano tem evidente ocasião de manifestar-se no tratamento com o cliente. Existe, de maneira subterrânea, um implícito desejo de demonstrar que as aparências enganam. Que, de fato, ao simples olhar, há num restaurante um cidadão sentado que ordena que lhe sirvam certas porções de comida e outro, de pé, que se aproxima para o atender.



— Pois bem: seja lá como se pronuncia... Quero que me sirva êsse prato!

Esta expressão do serviço, no que implica de humildade, é o que parece morder, de tal maneira no ânimo dos garções norte-americanos, que não perdem ocasião de demonstrar com o gesto, com a ausência (e, se fôr necessário, também com expressões verbais, que não deixam lugar para dúvida) que ali não existe um senhor e seu servo, mas dois tipos de cidadãos: um que, casualmente, está de pé. Não há nenhuma relação de dependência de um para outro, e o teorema é demonstrado, como já foi dito, de mil maneiras. E êsse "ponto" de honra é mantido, inclusive, no instante delicado da colaboração cliente-garção, isto é: no momento da gorjeta. Porque, por obscuras razões sociais e de interêsse patronal, a gorjeta, essa marca extra de satisfação que o cliente dá, não foi abolida, mas, em compensação foi evitado o difícil momento de entregá-la, que exigiria (mesmo o democrático cliente norte-americano gosta que alguém dobre diante de si o espinhaço, numa reverência de gratidão — uma ratificação dessa situação de dependência a que antes aludíamos. Para evitá-lo, a gorjeta não é dada na mão. Deixa-se no prato ou sôbre a mesa e um se afasta distraìdamente, como também distraìdamente e como quem retira um prato mais, o garção a apanha. (O "muito obrigado" já foi dado mecânicamente, ao apanhar o prato...)

Essa luta surda entre o cliente que deseja ser servido depressa (porque *time is money*), e o garção, para quem a exigência do cliente soa como uma exigência insuportável, é constante em todos os meios sociais, desde o típico café, onde o homem só costuma fazer um ligeiro almôço e no qual, em geral, são servidos por garçonetes.

No aspecto de defender a própria dignidade, que ninguém pretende atacar, naturalmente, as garçonetes aparecem quando bem lhes apetece ou somem de uma vez, se não simpatizam com a cara do cliente. Uma delas disse, certa vez, a um cliente que solicitava cortêsmente uma segunda xícara de café: "Não fique aí nervosinho! Onde pensa que está?"

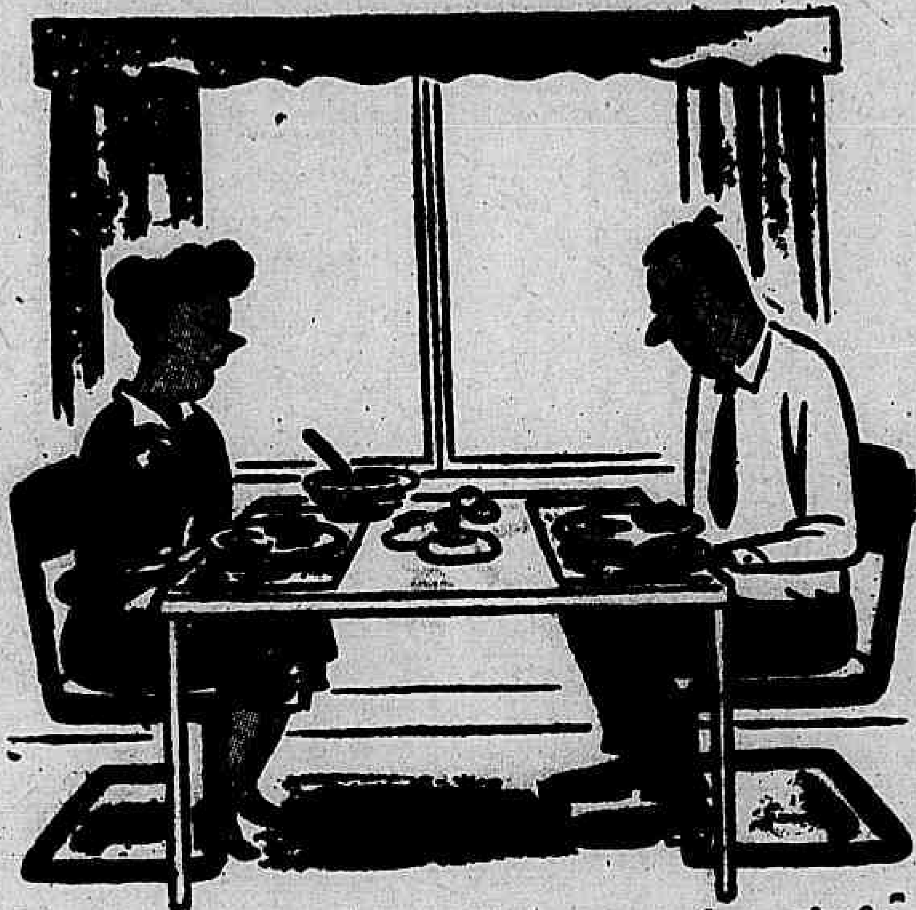
No entanto, também há garções simpáticos. São êsses indivíduos absolutamente incapazes de odiar, por temperamento, obedecendo a êsse complexo muito humano. Mas excedem-se em sentido contrário, isto é: afirmam sua igualdade de cidadão com o cliente não com o método mais comum de tratá-lo mal, mas exageradamente bem, com uma familiaridade que deixa de bôca aberta o estrangeiro recém-chegado. São os garções que exclamam, ao ver chegar o cliente novo: "Olá,



— Um prato francês, hein? Quem traduziu a receita?

meu amigo" ou "meu velho", que fazem comentários sôbre a forma "como cortas os cabelos" ou ao "excessivo volume do teu ventre'.'

Dirão alguns que isto só ocorre nos restaurantes de segunda categoria, nunca nos elegantes. Até certo ponto, isso é verdade. A busca da gorjeta, no segundo caso, é tão constante, que os garções procuram — e o conseguem, às vêzes — lembrar os seus colegas latinos. Sabem muito bem que quando um norte-americano vai a um restaurante de luxo, o faz não apenas para comer melhor, mas também — e principalmente — para sentir-se "in a continental mood", isto é: numa atmosfera *velho estilo*, onde um senhor ainda é um senhor, servido com reverências.



— Segunda-feira você gostou das almôndegas; na têrça também, como na quarta-feira. Hoje, repentinamente, você declara que não gosta!

Mas, ao contrário, é muito fácil que venham a cair em outro defeito: o complexo de superioridade. A cozinha de um restaurante elegante, como já dissemos, tem a especialidade de pratos à francesa, que quase sempre figuram com nomes em francês. O garção, nesses casos, tem sôbre o pobre cliente norte-americano, que desejou celebrar em grande estilo um acontecimento de sua vida, a vantagem de conhecer o segrêdo das palavras misteriosas e dos temperos que se escondem sob o típico "a la". E, se é indivíduo indiscreto, pode revelar seu desprêzo pela ignorância do cliente.

Quando se trata de vinhos, a superioridade do garção norte-americano é total, porque os "ankees" quase nunca bebem vinho. Se querem acompanhar uma festividade bebendo-o — e para tanto terá que ser "imported", a não ser que se resignem a beber o que fabricam na Califórnia — entregam-se, corpo e alma, em mãos de alguém que consideram capaz. Tivemos a prova disso comendo em um dos salões do "Waldorf Astoria", de New York. Passava o "maitre" do salão, em grande uniforme, com os alamares rituais e uns bigodes retorcidos "a la Kaiser", que contribuíam para lhe dar um ar "continental", que tão necessário se faz para os jantares solenes. Ao pedir-lhe que nos deixasse ver a lista dos vinhos, respondeu perguntando que havíamos pedido para comer e, ante o indignado silêncio do cliente, repetiu a mesma pergunta. Foi necessário que o cliente insistisse, um tanto zangado para que lhe fôsse, afinal, apresentada a lista e pudesse escolher o vinho de sua preferência.

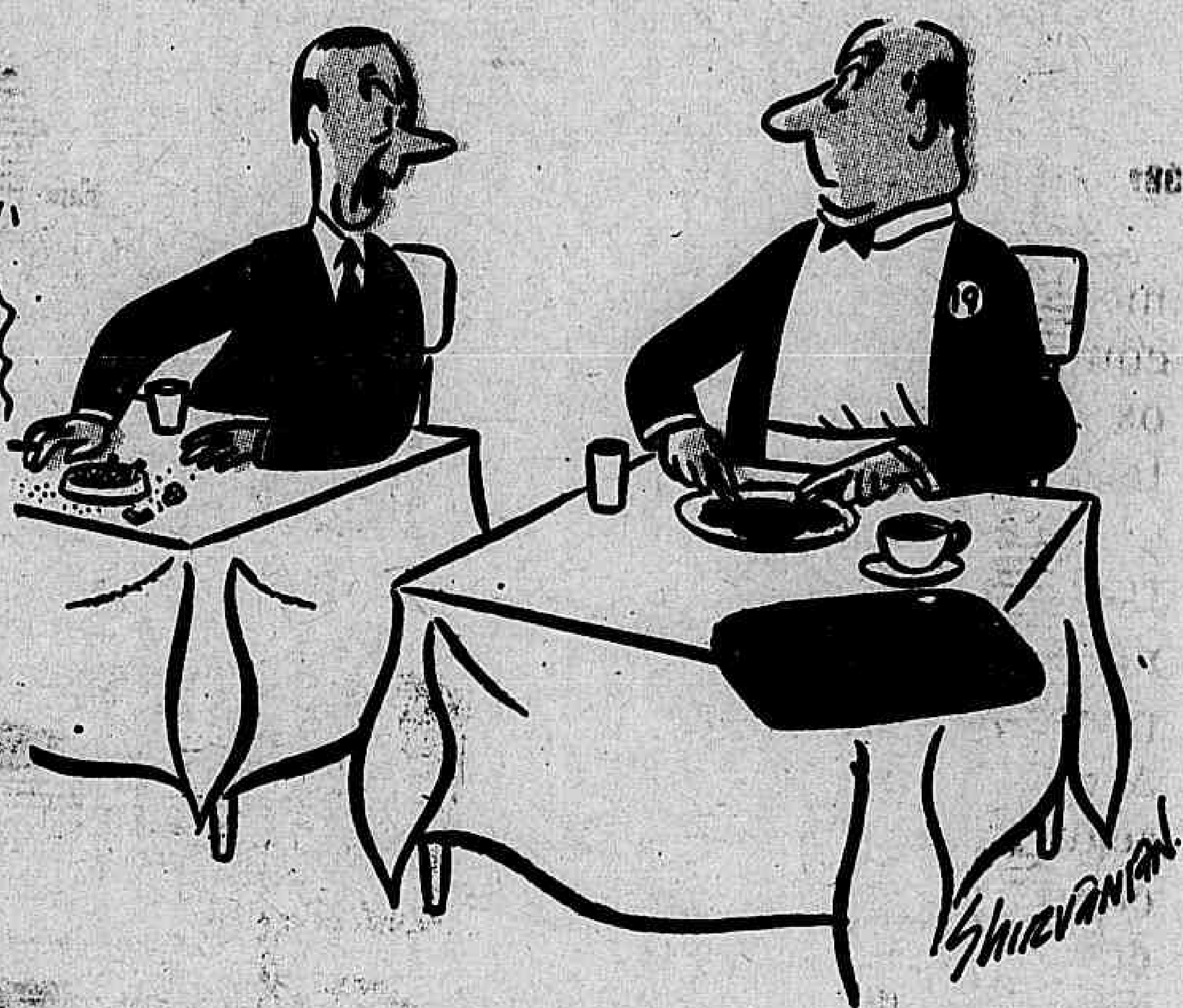
É um problema curioso o do serviço de restaurante nos Estados Unidos. Baseado em um antagonismo entre uma idéia velha — que a velocidade industrial e econômica dos novos tempos repele — a prestação de serviço pessoal ainda não morreu, porque está muito enraizada na humana personalidade o considerar a hora do almôço ou do jantar um momento de repouso físico e moral. Porém houve uma tentativa para terminar com a escravidão, substituindo o garção pela mecânica: como nos au-



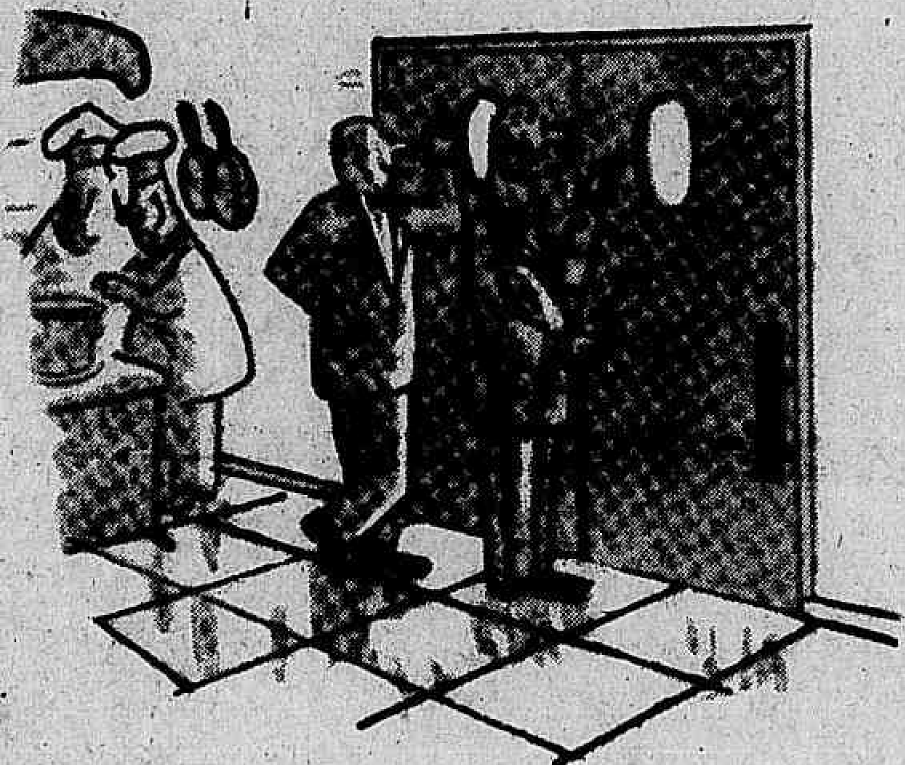
— Por que você não faz também, lá em casa, essa «galinha» com Penacho a la Soucarof?

tomáticos. Os automáticos norte-americanos eliminam o problema do tempo. Sôbre as guias, que correm ao longo do bar, o cliente acompanha o mostruário e solicita ao vendedor os pratos que estão quentes ou frios, por trás das vidraças. Terminado êsse percurso encontra-se diante da caixa. Paga e vai para a mesa que escolhe, onde encontra água, sal ou açúcar. Ao terminar, simplesmente levanta-se e sai.

Êsse poderia ser o sistema ideal para um povo que tem pressa e que repele a idéia do serviço, porque cada um deve saber servir-se a si mesmo. Por êsse caminho é fácil perguntar porque não deve uma pessoa cozinhar para si mesma e também comprar no mercado o necessário e, quem sabe, cultivar as verduras e ordenhar as vacas. Porque soa bem — e está de acôrdo com a ortodoxia democrática — ir de um lado para outro, com os braços sustentando uma bandeija cheia



— Diga-me. Você não é o meu garção?



— Isso não é nada. Olha aquêle na mesa do canto, que agita o guardanapo para me chamar.

de copos, pratos, etc.; quando podem empregam êsse método, principalmente se estão diante de estrangeiros, para apontar o caminho do futuro.

Por isso, repetimos: deve ser muito grande ainda a ânsia de ser servido que anima e tortura a todos nós, porque essa solução ideal do automático — todos para um e um para si mesmo — não se universalizou inteiramente.

Continua sendo o mais barato, mas quem pode pagar um pouco mais (embora esperando também um pouco mais) prefere ir a um restaurante, sentar-se e mandar que lhe tragam a comida.

★ ★

O QUARTO DE WINNIE

EM Londres e em tôda a Inglaterra, a aristocracia inglêsa, para enfrentar as horas difíceis do pós-guerra, decidiu abrir (contra pagamento) à visitação pública as suas faustosas residências de campo e os seus velhíssimos castelos. As residências históricas, assim abertas à visitação do público pagante são em número de cento e oitenta, sendo que algumas oferecem hospitalidade para **week-end**, obtendo renda ainda com o aluguer de carruagens, cavalos, venda de flores, hortaliças, frutas, leite fresco, etc.

Um dos grandes proprietários que têm percebido a maior quota de «freqüência» é o duque de Marlborough, chefe do ramo primogênito da família a que pertence Churchill. Seu castelo recebeu, em 1953, cêrca de 140 mil visitantes. Atrativo principal: o quarto onde nasceu Winnie (do ramo segundogênito).

★

MUITO FÁCIL

MUITO interessante, a velha senhora observa um carpinteiro que bate pregos numa tábua. Segura a tábua com a mão esquerda e o martelo com a direita. Quanto aos pregos, guarda-os dentro da bôca.

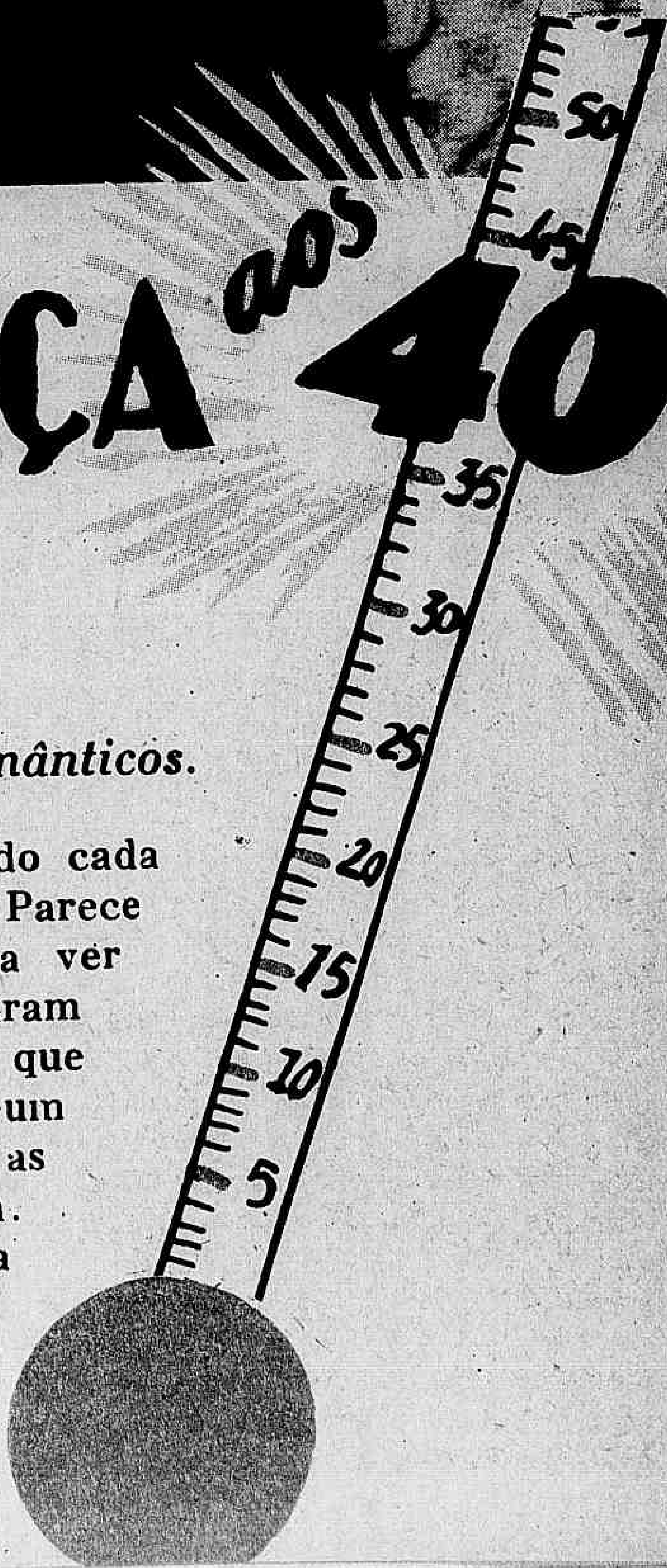
— Cuidado! — diz a observadora. — O senhor pode, sem querer, engolir um prego!

— Isso é fácil de remediar — responde o carpinteiro. — Tenho outros!



Humphrey Bogart e sua espôsa Laureen Bacall

O AMOR COMEÇA aos 40



Humphrey Bogart, um dos atuais atores "maduros" de Hollywood, conta porque êle mesmo e os da sua idade continuam classificados entre os mais cotados para filmes românticos.

ESSA é a realidade. Os "antigos" continuam brilhando cada vez mais não cedendo o pôsto aos mais novos. Parece que o público, em tôdo o mundo, não se resigna a ver desaparecer aquêles que já por tantos anos o brindaram com trabalhos perfeitos em muitas dezenas de filmes que perduram na memória de todos. Um Gary Grant, um Clark Gable ou um Laurence Olivier ainda fazem as garôtas estremecer de emoção quando surgem na tela. Por que razão? Vamos, honestamente, dar a palavra a um dêles, a um dêsses "maduros" que continuam firmes, encabeçando os elencos dos filmes românticos e conquistando suas *leading-ladies* e ao mesmo tempo aos fãs: Com a palavra Humphrey Bogart!



"Não há muito tempo estava eu saboreando um chá com torradas, em companhia de um pequenão chamado Bacall e distraindo-me com os jornais de Hollywood. E, inesperadamente, encontrei uma notícia que quase me gelou de susto. Alguém escrevia para reclamar contra uma situação que classificava de desesperada, concluindo por anunciar que o Cinema estava precisando de gente mais moça.

"Mais de setenta e cinco por cento de nossos grandes nomes da tela já passaram da idade própria para figurar em elencos de filmes românticos" — dizia o articulista.

"Porém, eu afirmo que isso é tolice. E vou provar fartamente que o articulista não tem razão. Não posso concordar com a idéia de que os jovens atores sejam superiores aos outros, já maduros. Reconheço que não poderei convencer os que sejam realmente muito moços ainda, mas espero que me compreendam e aceitem as minhas razões aquêles que ainda não completaram os 40.

Para começar, passemos em revista os românticos "fora da idade" e que o articulista tenta colocar à margem dos elencos cinematográficos.

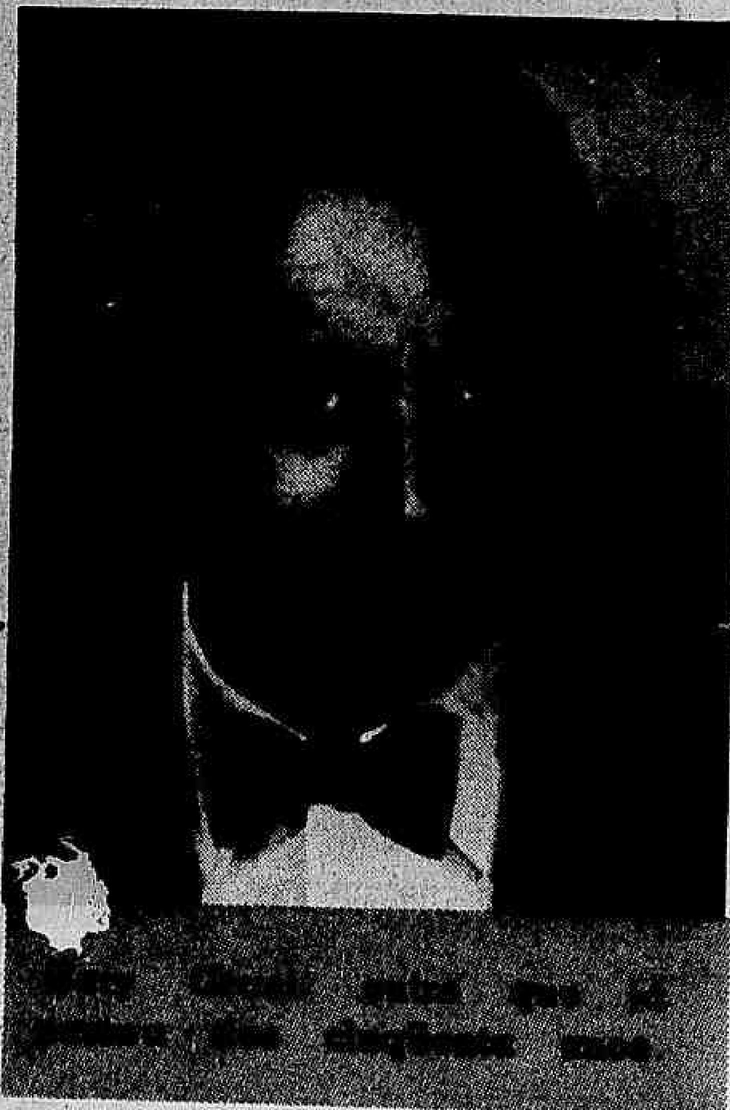


Clark Gable	*Laurence Olivier*
Spencer Tracy	*James Stewart*
Cary Grant	*Bing Crosby*
Joseph Cotten	*Gary Cooper*
Ronald Colman	*Charles Boyer*
Fred Astaire	*James Mason*
James Cagney	*William Powell*

Muito bem. Sabem que Clark Gable já passou dos 53? Mas a verdade é que continua sendo chamado, em tôda a parte, de "O Rei", por milhões de mulheres, em Hollywood e no resto do mundo. E todos viram como se portou num dos seus mais recentes filmes: *Mogambo*, ao lado da sensacional Ava Gardner.

Spencer Tracy já ultrapassou os 54 anos e até já fêz papel de avô. Mas a verdade é que continua sendo um dos maiores — senão o maior — ator de Hollywood, seja representando comédias, seja em cenas de amor.

Cary Grant já atingiu o meio-centenário. Mas, pergunto: que outro homem, de idade muito menor, tem mais classe do que êle?



Falemos, agora, de Gary Cooper. Já passou dos 53 e há duas décadas que trabalha no Cinema, figurando com destaque inexcedível. No entanto, ainda não deu sinal de estar começando a fraquejar, quando se trata de enlaçar e beijar uma linda pequena. Exatamente isso é o que ocorre com Ronald Colman, que já chegou aos 63 anos, mas permanece firme entre os grandes sedutores da tela.

Fred Astaire é outro exemplo típico do que afirmo. Já chegou aos 55 e, apesar disso, continua a sapatear melhor do que outro qualquer e a figurar nas comédias

românticas como só êle sabe. E cantando também, com o mesmo *charme* irresistível de há vinte anos!

E que dizer de Cagney? Continua tão bom e tão demolidor aos 50 como quando começou a trocar os primeiros tiros e os primeiros murros com Edward G. Robinson, primeiro, e mais tarde comigo mesmo, há quinze anos. E sempre por causa de lindas garôtas que êle disputa a murros como qualquer mocinho brigão de beira de calçada.

Quem desejar mais exemplos, aqui estão — e excelentes: Laurence Olivier, ou melhor: Sir Laurence Olivier. Há muito mais Ofélias apaixonadas por Olivier do que por êsses mocinhos de topete engomado que agora estão surgindo na tela. Classe, boas maneiras, encanto pessoal, elegância perfeita, distinção... Quem tem mais do que êle? No entanto está atualmente com 48!

Um outro ator maduro que não se deixa vencer pelo tempo (nem nisso consentiriam as suas fãs) é James Stewart, que aos 47 já completados continua a ter cara e jeito de menino.

Crosby, o invencível Bing Crosby, já chegou também aos 50 anos e continua muito firme entre os fazedores das maiores rendas de bilheteria, vendo os jovens cantores apresentando-se como possíveis concorrentes e logo depois desaparecendo, totalmente batidos. Na venda de discos fonográficos não tem concorrentes dignos de respeito. Relativamente a contratos para a TV ou o Teatro continua dominando inteiramente os demais e se vissem como gasta lápis para atender aos pedintes de autógrafos sempre que é reconhecido em algum lugar público! Não há muito ficou viúvo e agora anda sendo perseguido por dezenas de brotinhos, candidatas à vaga em sua vida romântica.

Eque outro ator jovem pode viver uma cena de amor com o realismo emocionante de um Joseph Cotten? E que idade tem êle? Quarenta e nove!

Qual o ator jovem que pode murmurar palavras de amor junto do ouvido da amada e dizer coisas mais convincentes e arrasadoras para um coração feminino que Charles Boyer, com aquela voz fascinante e aquela técnica que só êle, como bom francês, sabe empregar? Vocês sabiam que Boyer já ultrapassou os 55 anos?

E William Powell, o imenso William Powell, com os seus atuais 62? Quem pode ser amoroso mais cínico e mais tentador do que êle?

Por modéstia, deixarei de incluir nessa lista um outro ator "maduro"...

Mas, em compensação, passando para outro campo, posso citar outros exemplos, em refôrço do que afirmei no início.

Assim, por exemplo, quem é o maior artista da televisão, na atualidade? Seu nome é William Boyd, mais conhecido como Hapalong Cassidy. Sua idade? Cinqüenta e seis anos... E, se não há grande dose







[illegible]


Fred Astaire, com 55, continua sapateando como nenhum outro... e muito romântico


William Powell, que já conta sessenta e três anos de idade e ainda possui incontáveis fãs.


Com 58 anos, Hapalong Cassidy (William Boyd) é ainda o mais popular mocinhos.


James Mason, com 46, ainda surge em papéis de brotinho.


Com mais de setenta casou o antigo vice-presidente norte-americano Alben W. Barkley.

de amor e romance nas apresentações de Hapalong, indiscutivelmente soube êle conquistar milhões de crianças norte-americanas bem assim como os seus pais. O maior artista lírico romântico dos passados quinze anos foi Enzio Pinza, que então se apresentava na Broadway com a revista "South Pacific". Creio não ser necessário repetir o que todos sabem: que Pinza, que já era avô, tornou-se pai aos 59 anos de idade, contando atualmente 62 e continuando a brilhar no palco e fora dêle como um homem dos mais sedutores.

Por sua vez temos o grande exemplo de Leopoldo Stokowsky, famoso regente da Orquestra de Filadélfia. Casou-se com uma Vanderbilt brotinho e tornou-se pai aos 63 anos, uma primeira vez, e de novo aos 66!

Sim, os homens "maduros" segundo a classificação dos jovens, continuam sendo atraente. E como democrata convencido, pertencente ao glorioso partido político não posso esquecer de mencionar dois dos mais comentados casamentos de 1949: o do então vice-presidente dos Estados Unidos Alben Barkley, na época com mais de 64 e o do então prefeito de New York, depois embaixador no México, William O'Dwyer, na época com mais de 53 anos.

Nenhum dêsses homens a que me referi deixou de ser interessante para as mulheres ou de interessar-se por elas. Muito ao contrário.

Agora vamos examinar os galãs moços, particularmente os que trabalham ou procuram trabalhar no Cinema.

Não há muitos meses eu viajava pelo Leste. Tive, então, ensejo de conversar calma e longamente com um dos "big-shots" do Cinema.

Disse-me êle:

— Temos errado lamentàvelmente na seleção de nossos primeiros atores, em Hollywood... Abandonamos um pouco certos atores da mesma idade que a sua (referia-se


Com 47 anos, James Stewart continua com cara de menino e encantando as fãs.


Gary Cooper — 54 anos de idade. Brilha ainda em papéis românticos e de emocinhos.


54 anos e continua sendo o maior para os papéis de sedutor irresistível: Clark Gable.

a mim) e tentamos substitui-los por outros, bem mais moços. O desastre não poderia ter sido maior!

E estava com a razão. Entretanto, não estou muito seguro de que o seu problema possa ser resolvido com facilidade. Há real necessidade de caras novas para figurar em primeiro plano. A indústria precisa dêsses elementos para sobreviver. Infelizmente, muitos dêles têm apenas caras bonitas... com personalidade juvenil senão infantil... Antes de que consigam fincar pé já o público se cansou dêles, com desastrosa queda das bilheterias. Muitos dêles chegam ao cinema sem um curso, sem nada. Outros, com 30 anos foram incapazes de passar da instrução ginasial. Além do mais sem qualquer experiência da vida, sem dramas nem comédias em sua vida privada. Cegos,


Joseph Cotten, com quarenta e nove, continua obtendo papéis românticos. Aos quarenta e sete, Sir Laurence Olivier continua despertando paixões. Com cêrca de setenta, o maestro Stokowski, casado com uma jovem Vanderbilt, continua em boa forma. Foi pai aos sessenta e três e sessenta e seis.

inteiramente, para a arte e incapazes de compreender a personagem que terão que viver na tela.

Por isso mais me firmo em minha tese, a qual avanço com cautela, por temor de parecer um despeitado saudosista. Acredito firmemente que um homem não poderá ser um grande amoroso antes de atingir os 40!

Está certo! Vocês, os moços, podem começar a protestar e a reunir argumentos de combate. Mas, deixem-me, ao menos, continuar. Vejam bem êsse galã jovem. É por demais convencido, egoísta e teatral (sem ofensa para os meus colegas do teatro). É um amoroso muito falho e insincero. Seus conhecimentos são vagos, sua experiência deixa muito a desejar. Pouco mais sabe oferecer à mulher amada além da sua mocidade.

Certamente, há muita mocinha que fica entusiasmada com êsses rapazes. Nem o mundo seria normal se tal não acontecesse. Muitas moças casam com rapazes da sua idade. Mas vocês hão de reconhecer que isso acontece com essas moças que acabaram de sair da escola e quase nada sabem da vida.

Porque as mulheres chegam à maturidade antes que os homens da mesma idade. Tornam-se, assim, mais clarividentes antes do que êles e então compreendem que devem preferir os homens mais idosos. Isso tem prova com o que sempre ocorre quando as moças casam com rapazes da mesma idade. O divórcio é o desfecho mais comum. Então a mulher se torna mais prudente e para garantir a felicidade futura escolhe um homem mais idoso para segundo espôso.

Uma mulher inteligente compreende que o homem mais idoso leva grande vantagem sôbre os da sua mesma idade. E essas vantagens são as seguintes:

1 — Têm mais experiência. Sabem quando e como chamar um garção; quando deve ser usado um casaco de inverno e que quantidade de vermute deve ser deitada num Martini. Leu maior número de livros, conhece mais o mundo. Como dizia Oscar Wilde, o homem maduro sabe o preço de tudo e o seu real valor também.

Por outro lado, temos o homem moço. Mal saído da Universidade, não tem qualquer prática e nada pode afirmar nem relatar. E convenhamos que o fato de ter a geometria fresquinha na cabeça não chega para tornar das mais agradáveis a vida de uma linda espôsa.

2 — O homem maduro sabe como cortejar uma mulher. Aprendeu essa centena e meia de pequeninas cortesias que a tornam feliz e a fazem sentir-se mais mulher. A surprêsa de um perfume, o "champagne" à meia-noite, a atenção para ouvir o que tem a dizer...

3 — O homem maduro não é tão volúvel como o homem jovem, que a cada passo descobre "novidades". Apesar disso não significa que seja um santo, pois a ocasião aparecendo aproveita-a mesmo, pois sabe que as suas oportunidades não são assim tão constantes como quando era moço.

4 — O homem maduro representa segurança. Não me refiro à segurança financeira, embora reconheça que muitas moças casam por êsse motivo. A segurança não se concretiza apenas com as coisas materiais. Muitas moças casam com homens mais idosos para ter segurança moral, para alcançar mais segurança de caráter.

Não quero parecer doutoral nesse ponto, mais há realmente uma grande diferença entre a "personalidade" de um homem moço e o caráter e a estabilidade de um homem maduro. Muitas mulheres preferem um homem em que tenham confiança e não outro que simplesmente represente mocidade.

Agora chega de argumentar. Vocês poderão consultar muitos livros de história e verificar que inumeráveis homens famosos, com mais de 40 casaram e tornaram felizes suas respectivas espôsas.



HERANÇA

Um belo dia, Mike cai diante do cais do pôrto e morre afogado.

— Ao menos deixou êle alguma coisa para a senhora? — pergunta, dias depois, uma amiga à viúva.

— Sim. Quatro mil dólares!

— Extraordinário! — diz a outra. — E quando se pensa que êle não sabia nem ler nem escrever...

— Sim — diz a viúva. — ... **Nem nadar**...

VAMOS APOSTAR

É lícito apostar, porém não o risco jactancioso e imprudente...

NO Antigo Testamento estão mencionados muitos episódios relacionados com loterias. Entre êles estão as instruções de Jeová a Josué, caudilho dos judeus depois da morte de Moisés, para dividir em sorteio a terra por onde corria o Jordão. Daí deriva a palavra *lote*, que, etmològicamente, significa *porção*, sorte.

Os primeiros que se lembraram de utilizar as loterias para proporcionar diversão ao povo e rendas ao govêrno, foram os políticos romanos.

Com os fundos assim obtidos com a venda de números de loteria puderam aterrar os Pântanos Pontinos, embelezar o parque Píncio, cobrir de mármore as muralhas do Forum e erigir estátuas, além de outros melhoramentos que atestaram a opulência da Roma Antiga.

Comparados com os prêmios daquela época, parecem insignificantes os que são oferecidos nos programas de rádio de nossos dias, pois alguns compreendiam até mansões completamente mobiladas e dezenas de escravos.

Os puritanos, que se estabeleceram na América do Norte, apelaram para as loterias, a fim de financiar a colonização da Virgínia, em 1612. Desde então, cada vez que o govêrno necessitava de dinheiro para abrir estradas, canais ou portos, construir edifícios públicos, sabia como obtê-lo depressa.

William Penn distribuía a terra entre os "quakers" por meio de loterias; Benjamin Franklin e John Hancock também aprovaram a loteria como método de arrecadar fundos para a nação. Quando, em 1761, o famoso Faneuil Hall (considerado o Berço da Liberdade) foi destruído por um incêndio, o govêrno enfrentou as despesas para a reconstrução do edifício com o dinheiro obtido por meio de uma loteria.

Em 1776, o Congresso norte-americano instituiu uma loteria nacional e, nos 50 anos seguintes foram autorizados setenta sorteios para custear obras públicas, tendo sido pagos prêmios que se elevaram a cêrca de 85% do dinheiro invertido.

Nem outra coisa fêz o nosso govêrno quando instituiu as "Bergaminas", apólices municipais do Distrito Federal, com sorteios periódicos.

As loterias floresceram em quase todo o mundo até fins do século passado, quando foram abolidas em alguns, continuando, porém, embora mais moderadas, nos restantes. Isto porque passou de oficial a particular e logo surgiram indivíduos inescrupulosos que começaram a utilizá-las como meio de lograr o público. Nesse particular destacaram-se certos grupos capitalistas norte-americanos, que instituíram modalidades as mais diversas,



sem absoluta garantia e usando de processos os mais ousados para sua expansão criminosa.

O serviço dos correios lhe desferiu o golpe de morte, ao negar permissão para a circulação das listas de prêmios, pelas vias postais.

Depois de uma investigação judicial, em New York, as autoridades descobriram, em 1833, que o público estava gastando cem milhões de dólares, anualmente, em loterias que pagavam apenas nove milhões em prêmios! Imediatamente o jôgo foi proibido no referido Estado. Não passou muito tempo sem que outros Estados seguissem êsse exemplo.

No entanto, depois da guerra civil norte-americana (1861-1865), quando o tesouro fiscal estava vazio, uma oferta de 40.000 dólares anuais, feita por um grupo de pessoas da Louisiana, a fim de que se lhes concedesse franquia para estabelecer uma loteria, pareceu bastante sedutora para não ser aceita e assim funcionou, durante vinte e cinco anos, como Loteria Oficial do mesmo Estado, e os bilhetes eram vendidos por todo o país, com prêmios que se elevavam até dois milhões de dólares mensais.

Entretanto, os promotores da Loteria acabaram sendo atacados pelo demônio da cobiça. O govêrno não tardou a verificar que quando ocorria não ser vendido o bilhete premiado, a companhia ficava com todo o dinheiro arrecadado.

E com tanta freqüência eram premiados os bilhetes não vendidos, que foi pedida ao govêrno uma severa investigação. Esta foi longa e ruidosa. Após a apresentação de complicados relatórios, todos absolutamente discordantes entre si, os concessionários conseguiram que tudo fôsse abafado, aumentando seus pagamentos ao govêrno de 40 mil dólares anuais — quantia realmente ridícula — para mais de um milhão; além disso, e a fim de dar ao sistema um ar mais sério, contrataram os serviços de dois generais da guerra civil, Beauregard e Early, que ficaram encarregados de presidir os sorteios. Porém o público sabia que tinha sido enganado e simplesmente deixou de comprar bilhetes.

Os jogos de azar não parecem ter relação alguma com a santidade, porém os verdadeiros servos de Deus sempre aproveitaram qualquer ocasião para levar a cabo seu apostolado. Muitos dêles não deixavam de jogar, se isso lhes permitia ganhar algumas almas.

Conta-se que Sto. Inácio de Loyola, que não praticava o bilhar, foi desafiado por um habilíssimo jogador.

— Com muito prazer — respondeu o santo, que imediatamente propôs: — Que lhe parece, se apostássemos coisa mais original que uma banal quantia em dinheiro?

O jogador foi forçado a aceitar, conforme o código social da época.

— Se o senhor ganhar, serei o seu criado durante um mês inteiro e estarei sujeito a qualquer coisa que julgue indispensável me ordenar — prosseguiu Santo Inácio, muito calmo. — Ao contrário, se eu ganhar, o senhor deverá obedecer a tôdas as minhas ordens durante um mês.

Talvez o caráter extravagante da aposta tornasse nervoso o campeão. O certo é que Sto. Inácio ganhou a partida. Então ordenou ao perdedor que passasse os trinta dias fazendo Exercícios Espirituais e, ao terminá-los, êste mudou completamente de vida, tornando-se um homem honrado, trabalhador e piedoso.

A Inglaterra, que atualmente não vê com bons olhos as loterias — ao ponto de devolver aos remetentes tôda a correspondência de Londres, dirigida aos escritórios que controlam as corridas de cavalos combinadas com loteria, isto é: os famosos "sweepstakes" da Irlanda — têm uma lista semanal de jogos, que mais parece uma enumeração das despesas com a guerra atômica.

Existem, de fato, escritórios que aceitam apostas as mais diversas e inesperadas, tais como se vai chover entre sete e nove horas de determinado dia da semana seguinte.

A verdadeira loteria se converteu em uma obsessão, na Inglaterra, quando a Rainha Elizabeth I a introduziu no reino.

De fato, durante o reinado dessa grande rainha, o Parlamento proibiu tôda classe de jogos entre os particulares, a fim de que os cofres do Estado continuassem

a obter rendas que equivaliam a 100 milhões de dólares anuais.

Por sua vez, a França fêz da loteria um monopólio do govêrno, por insistência de Casanova, que era o administrador das loterias do Estado, nos tempos de Luís XV, tendo organizado êsse sistema de jôgo para ser uma das grandes fontes de rendas fiscais.

Na Espanha, Carlos III, em 1763, estabeleceu uma loteria cujo produto se destinava à beneficência pública.

Com o mesmo caráter existem ainda hoje loterias em várias repúblicas centro e sul-americanas.

Os jogos de dados, por sua vez, foram legados aos povos de hoje pelos cruzados inglêses, que davam aos mesmos o nome de "azard", porque o inventaram quando se encontravam acantonados no castelo de Azard. Daí derivou a palavra azar, que em espanhol e português perdeu o *d*, e a palavra hazard, que em francês e em inglês ganhou um *h*.

O grave inconveniente dos jogos de azar, é que podem chegar a fascinar de tal modo os indivíduos, que os mesmos se arriscam a qualquer aventura e nada lhes é tão sagrado nem tão importante que não possa ser objeto de aposta.

A história do amigo de S. Tomás Moro, que havia jogado com tanta sorte que estava convencido de que esta o acompanharia sempre e que podia arriscar-se a qualquer coisa e sair vencedor, costuma repetir-se com ligeiras variações, em nossos tempos.

— Jamais perco! — costumava gabar-se, quando S. Tomás Moro o aconselhava a abandonar seus maus costumes e vida desregrada.

— Suponha que morras repentinamente sem ter tempo para conseguir um sacerdote... — dizia-lhe Moro.

— Posso correr êsse risco — respondia o jogador, em tom de mofa. — Sou homem de sorte e de qualquer maneira conto com três palavras para salvar-me do inferno, mesmo que tivesse morte repentina e não tivesse o amparo de um sacerdote. Diria simplesmente: *Meu Deus, perdoa!* e seria perdoado!

Assim zombava êle das censuras e conselhos de S. Tomás Moro, que insistia sempre, afirmando que o homem não pode fazer alarde de seus pecados e apostar sempre e até mesmo que Deus dêle se compadeceria, em seus últimos momentos, perdoando-o.

Um dia, viajando ambos a cavalo, de Whitehall a Chelsea, de regresso a seus lares, os animais se assustaram ao cruzar uma ponte. O animal que era montado pelo jogador se encabritou e saltou, atirando o cavaleiro ao solo.

Na fração de segundo que transcorreu antes de que o desgraçado batesse com a cabeça contra o peitoril de pedra, teve êle tempo de pronunciar três palavras, mas não as devidas.

S. Tomás Moro nos conta seu horror ao reconhecer o espanto na voz do jogador que gritou, furioso:

— *Com mil demônios!* quando voava da sela e caía tão desastradamente, morrendo em conseqüência da violenta pancada.

TENTATIVA HERÓICA



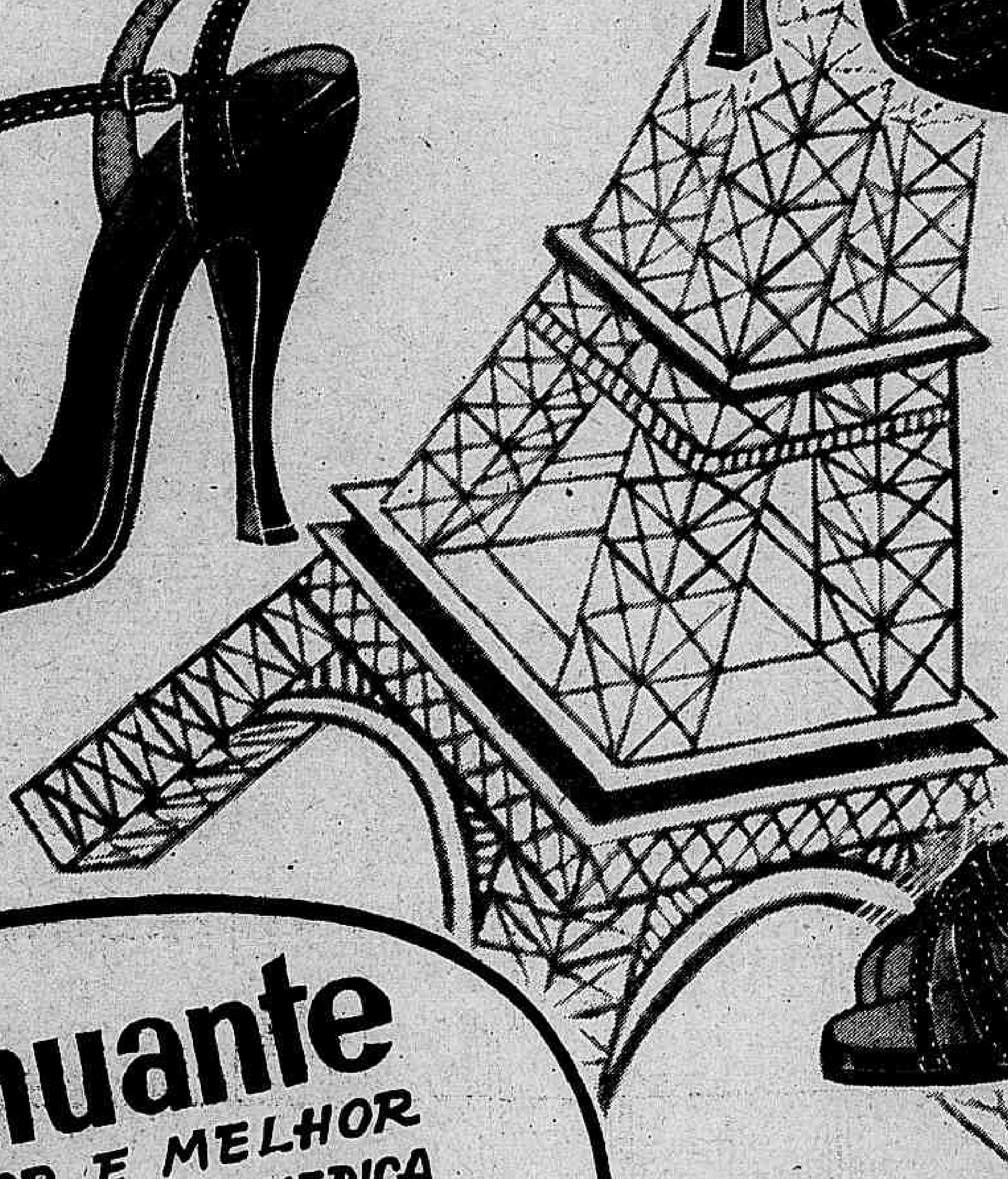
UM guarda da fronteira mexicano-norte-americana, Richard McCown, de San Diego, Califórnia, mostra como encontrou, encolhido incrivelmente sob a capota do motor de um velho automóvel, o mexicano Felipe Ramirez, que tentava entrar clandestinamente nos EE. UU. O «recurso» custara ao pobre Ramirez não pouca fadiga, dado que é homem alto, com cêrca de 1m,80 e o espaço à sua disposição era limitado.

torre Eiffel

O SALTO
Sensacional!

- FINISSIMO (TIPO AGULHA)
- INQUEBRAVEL
- 8 CENTIMETROS DE ALTURA
- UMA MARAVILHA






insinuante
É A MAIOR E MELHOR SAPATARIA DA AMERICA LATINA E É TAMBEM UMA GALERIA A SUA DISPOSIÇÃO COM AGUA GELADINHA SEMPRE AS SUAS ORDENS.

CARIOCA, 46-48
SETE SETEMBRO, 199-201

AT. SEMO G/.

Remetemos para todo o Brasil; porte por par, 5 cruzeiros. Não fazemos Reembolso Postal.

O DIÁRIO DE FELIX LANE

De NICHOLAS BLACKE

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Começa o «Diário de Felix Lane» com a primeira página de seu livro de apontamentos, na data de 20 de junho de 1937, quando o autor anuncia que vai matar um homem que não conhece, nunca viu, ignorando tudo sôbre êle: nome, aspecto, profissão, etc. Mas vai tentar descobri-lo e matá-lo, porque êsse desconhecido, guiando um automóvel de marca e número ignorados, atropelou e matou seu filho único, de sete anos, com o qual se recolhera a uma casa de campo, após perder a espôsa. Na polícia não há indícios, nem nos arredores da aldeia onde o fato ocorreu. Por isso, começa a raciocinar, a fim de descobrir como agiria, êle próprio, no lugar do atropelador.
Indagando cautelosamente consegue saber, por um lavrador, que um automóvel foi lançado num pantanal, poucas horas depois do atropelamento de seu filho. Nêle iam um cavalheiro e uma conhecida atriz cinematográfica, Lena Lawson, seu companheiro se chama George. Decide então visitar o estúdio onde Lena trabalha, porém não antes de se transformar em Felix Lane, autor, para esconder sua identidade como Frank Cairnes. Consegue um cartão para visitar o estúdio e não tarda a conhecer Lena Lawson, a quem se apresenta como Felix Lane — anunciou sua intenção de escrever um argumento para cinema. Do seu contacto com a atriz descobre outros indícios fortes de que está na pista certa. Suas relações se estreitam ràpidamente e ela confessa que seu cunhado (George) a perseguia com galanteios. Mais tarde, pretextando precisar repousar, Felix Lane propõe-se a levá-la a Severnbridge, em sua companhia. Assim conheceria George Rattery. Indivíduo antipático, autoritário, que maltrata a mulher e o filho, menino de 14 anos. Imediatamente, notando a ligação de Lena e Felix, passa a perseguir êste último com indiretas grosseiras. Não tarda George a ter a certeza de que aquêle era o assassino do filho. O convívio mais aumenta o seu ódio, pois assiste como vive aquêle homem grosseiro e como sofrem todos os que o rodeiam.

George começou por reclamar ante a obrigação de procurar galhos secos. Lena gracejou, alegando que o exercício lhe faria bem, mas George não estava de humor a aceitar qualquer gracejo e sua cólera recaiu sôbre o inocente Phil, como de hábito. "Mostre-nos os teus talentos de *boy-scout*, acendendo a fogueira" — ordenou êle. Os ramos, porém, estavam úmidos e o pobre Phil era realmente desajeitado, não sabendo como acender os gravetos. George ficou, de pé, junto dêle, sarcástico, enquanto o infeliz menino remexia os pauzinhos, gastava uma caixa de fósforos e fatigava os pulmões em vão. Minha piedade pelo filho, que tinha as faces vermelhas de vergonha e os olhos lacrimosos, era tão forte como meu desprêzo pelo pai. Violet resolveu intervir, sem outro resultado além de jogar óleo sôbre o braseiro. George se voltou contra ela, louco de raiva, gritando:

— Quem pediu uma fogueira? Foi você ou eu? Se o seu filho é um pequeno imbecil, a culpa não é minha. Outro garôto teria acendido essa fogueira num instante! E sabe o que mais? Não me amole!

Phil não pôde suportar êsse ataque brutal, dirigido contra sua mãe. Levantou-se, num salto, e plantou-se diante de George:

— Por que não acende o senhor mesmo, já que tudo sabe?

Porém sua coragem morreu e suas palavras acabaram num murmúrio. Mas George tinha bom ouvido. Um tapa violento e ruidoso lançou o menino ao chão. Cena horrorosa! A maneira como George batera no filho era revoltante. Levara-o até o extremo, forçando o menino à rebelião para, em seguida, esmagá-lo pela fôrça brutal. Senhor! Como me censurei por minha covardia! Por que não intervi mais cedo? Levantei-me, decidido a cuspir todo o meu desprêzo no rosto do animal (o que teria sido funesto para os meus projetos) quando Lena, mais rápida, disse em tom perfeitamente natural:

— Vocês dois vão apreciar a paisagem. O chá estará pronto em cinco minutos. Por favor, leva Felix para conhecer os arredores, George querido.

O convite foi acompanhado por um olhar tão doce, que George obedeceu com a docilidade de um cordeiro.

Realmente. Fomos juntos ver o panorama. Admirável! Após uma curva que nos escondeu aos olhares de nossos companheiros, chegamos ao alto de uma pedreira abandonada... Um precipício de uma centena de pés de profundidade. Minha decisão foi tomada em menos de trinta segundos.. Eu passara um pouco à frente de George para ir observar umas

flores e, atingindo meu objetivo, vi-me numa senda estreita, que dominava o fundo da pedreira. As risonhas colinas cobertas de mato ralo, mas muito verde, os campos de trevo e de mustarda nos cercavam com lentas ondulações. Era uma tarde maravilhosa! E, a meu lado, George com seus sapatões de sola grossa... O homem que envenenava aquêle dia maravilhoso, atormentando Violet e o pobre Phil; o assassino de Martie! Olhei mais uma vez a paisagem inteira e também a George e a senda de coelho, aberta no bordo da pedreira. Sabia, nesse instante, de que modo riscaria o miserável da lista dos vivos.

— Venha ver daqui! — gritei-lhe.

Êle avançou. Quando chegasse junto de mim, chamaria sua atenção para a máquina de quebrar pedras, abandonada na pedreira, a nossos pés. Êle se curvaria um pouco na beira do precipício. Eu recomeçaria a caminhar nesse instante, mas, logo aos primeiros passos, fingiria tropeçar e arrastaria meu companheiro na queda. George perderia o equilíbrio. Sua elevada estatura e seu pêso fariam o resto. Um assassinato perfeito, em suma. Pouco importava que uma testemunha assistisse de perto ou de longe a cena, pois eu não pretendia negar o fato de ter sido, por infelicidade, a causa involuntária da queda de George. Ninguém poderia suspeitar do meu móvel e muito menos de minhas intenções criminosas.

George estava apenas a cinco passos de mim.

— De que se trata? — perguntou êle, continuando a avançar.

Cometi um êrro fatal, sem o saber. Levado por um absurdo sentimento de bravata, respondi:

— Uma imensa pedreira! Um verdadeiro precipício! Venha ver!

George deteve-se bruscamente.

— Oh, obrigado... Para mim isso não serve — explicou. — Sou sujeito a vertigens, meu caro.

Aí está. Tenho que recomeçar tudo, outra vez.

11 DE AGÔSTO

Lena, depois de se mostrar risonha comigo, perguntou porque eu não me instalava na residência dos Rattery até ao fim do mês.

— Receio que minha presença desagrade a George.

— Ora. George não veria inconveniente nisso!

— Como você sabe?

— Porque já indaguei dêle. Você pode estar tranqüilo por êsse lado, meu bem. A situação entre George e eu está definitivamente esclarecida.

— Quer dizer que houve alguma coisa entre vocês?

— Êle apenas me perseguiu com uma côrte insistente. Inùtilmente, é claro!

Em seus olhos havia lágrimas e pude entender o que tivera que suportar do brutamontes. Tratei de consolá-la da melhor forma. Mais tarde, ela perguntou:

— Você virá?

Acedi, desde que minha presença não contrariava a George. Terei cometido um êrro imperdoável? Era, porém, difícil resistir a Lena, e a vida, assim, em comum, poderia favorecer meus planos criando oportunidades. Mas terei que esconder meu "Diário"! Cuidado, Felix! Não deves amolecer um só instante! O amor não deve penetrar em teu coração, agora! Deves continuar só!

12 DE AGÔSTO

Uma tarde agradável fazendo canoagem, no rio. Como já suspeitara, por ocasião de um primeiro passeio — embora então não ventasse muito para poder adquirir uma certeza absoluta — o barco de Carfax exige que sempre se sustente o leme, sob o vento. Deve ser muito difícil de manobrar em tempo ruim. Phil está louco para sair comigo. Prometi levá-lo qualquer dia, mas sempre me falta coragem. Eu teria iniciado Martie êste mês, nos segredos da navegação, se... Razão de mais para levar Phil! Devo aproveitar tôdas as ocasiões para fazer a chaga sangrar.

Um pensamento que me perseguiu a noite tôda: "Como posso ver George diàriamente, odiando-o de corpo e alma, e aparentar a maior calma perante êle, sem esfôrço e mesmo sem impaciência por apressar seu fim?" Não receio as conseqüências de meu ato e conservo a esperança de descobrir o bom método...

Mas não há dúvida de que estou disposto a contemporizar.

Eis o que penso ser a verdadeira explicação: tal como o apaixonado adia, muitas vêzes, não por timidez, mas para prolongar a deliciosa espera da felicidade, o homem cheio de ódio deseja saborear sua aversão, observar viver sua vítima inconsciente, antes de realizar o ato que concretizará seu ódio. Só a você, meu confessor-fantasma, ouso confiar êsse fruto monstruoso de meus pensamentos; mas estou convencido de agir como é devido. Serei um indivíduo atacado de nevrose? Um sádico? Deus me julgará!

Um sentimento dêsse gênero não explicaria a longa "indecisão" de Hamleto? Pergunto se terá existido um erudito para afirmar que essa indecisão provinha, na realidade, do seu desejo de prolongar a expectativa da vingança, de beber gôta a gôta o delicioso e perigoso néctar do ódio? Creio minha hipótese inédita. Que bela ironia, se eu escrevesse um ensaio sôbre Hamleto para desenvolver essa teoria, depois de terminar meu caso com George! A idéia é tentadora. Hamleto não era um neurótico hesitante, tímido e versátil: era um gênio do ódio, o herói que o elevou ao altar da arte! Hesita, adia... segundo pensam muitos. Mas, não! Êle suga a substância vital de seu inimigo, até a moela dos ossos. Devemos ver na morte final do rei apenas o gesto banal de um homem que joga fora a casca de uma fruta, depois de haver sugado sua polpa!

14 DE AGÔSTO

A sorte não nos poupa as ironias trágicas! Uma conversa extraordinária surgiu no correr do jantar, ontem. Como e por que surgiu o assunto? Não me lembro. A verdade é que nasceu uma animada discussão em tôrno da famosa questão: "Os médicos têm ou não o direito de acabar com a vida de um enfêrmo incurável e que sofre de maneira atroz?"

— Ora, os médicos! Charlatões e ladrões — gritou a sra. Rattery. — Não os quero para mim. Jamais precisei dêles até hoje, pois cheguei a esta idade sem conhecer doenças, graças a Deus! A imaginação é a causa de oitenta por cento das chamadas enfermidades... E quero dizer a você, meu filho, que andaria muito melhor sem êsses tônicos ruinosos que vive tomando! Um homem forte como você não deveria estar visitando médicos! Mas, que hei de fazer? Vocês pertencem a uma geração de hipocondríacos!

— Que é hipocondríaco? — perguntou Phil.

Havíamos, realmente, todos, esquecido sua presença. Jantava apenas desde poucas semanas na companhia dos maiores. Consegui evitar uma observação desdenhosa de George com minha resposta:

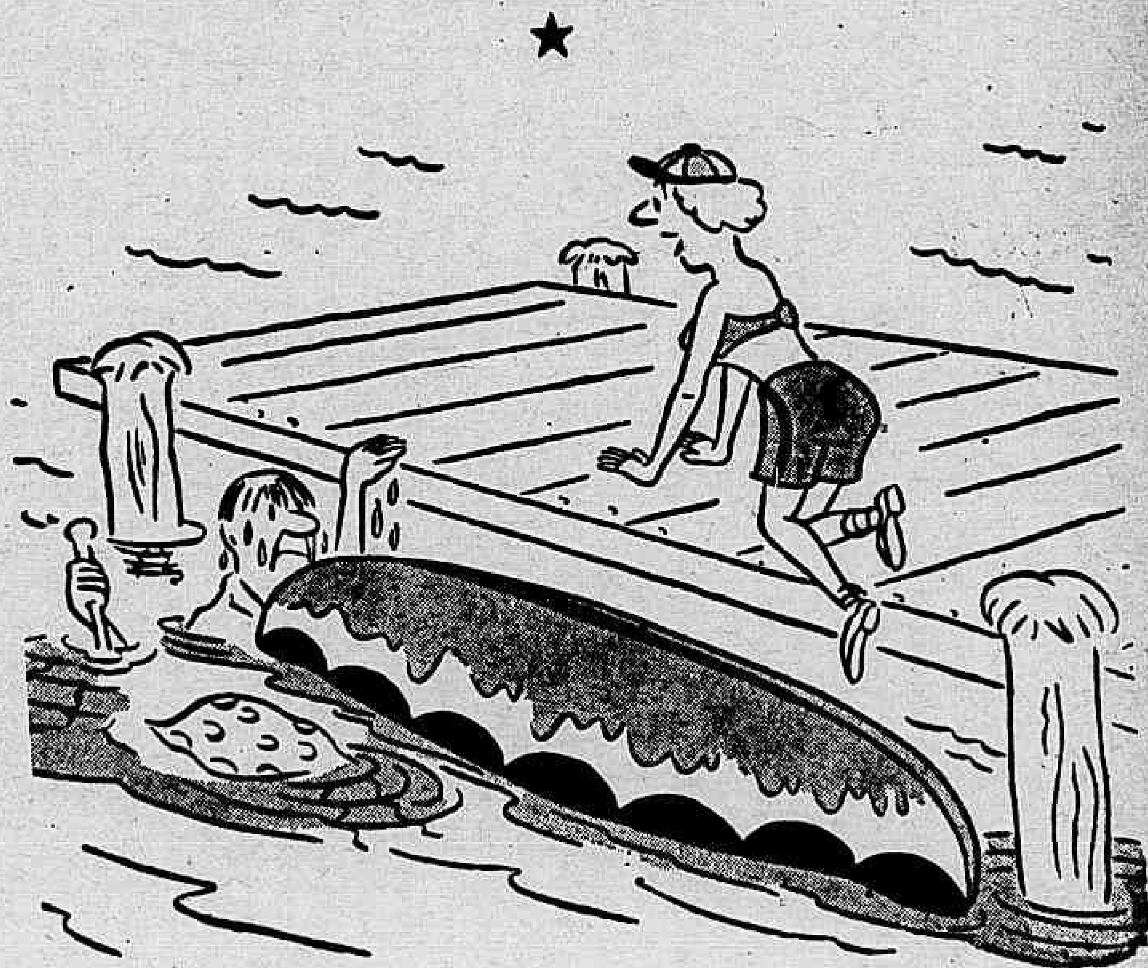
— Uma pessoa sadia que gosta de dizer que está doente.

Phil ficou um longo momento, pensativo. Como poderia haver prazer em sofrer de uma indigestão imaginária? Isso ultrapassava sua compreensão. A conversa continuou, acesa, durante algum tempo mais; George e sua mãe não ouviam, jamais, o que os outros diziam, continuando presos aos próprios pensamentos. Um movimento de irritação me levou a dizer, sem me dirigir a alguém em particular:

— Mas, pondo de lado os incuráveis físicos ou mentais, não devia ser permitido eliminar da sociedade os sêres criados e postos no mundo para tornar insustentável a vida dos demais?

Um silêncio, muito interessante para ser anotado, seguiu a minhas palavras. Depois vários dos presentes começaram a falar ao mesmo tempo.

★



— Não diga que pisei errado outra vez!

— Creio que a conversa vai tomando um rumo desagradável... — disse Violeta, no tom polido da dona de casa, que receia ver tudo se agravar e que fala com um tremor mal contido.

— Oh! Mas já pensaram no número?... E como saber onde começa essa categoria de envenenadores públicos, por exemplo?

Lena lançou para mim um longo olhar, como se me visse pela primeira vez... (Ou foi simples imaginação da minha parte?)

— Tolices... Idéias sopradas pelo diabo — declarou a velha sra. Rattery, profundamente escandalizada e numa reação sincera, (A primeira, sem dúvida.)

George não hesitou. Não suspeitara de que a minha flecha envenenada lhe era dirigida.

— Vejo que você é um sanguinário, Felix! Veja, Lena! Quem diria, heim?

Traço típico do caráter de George. Atacar sempre indiretamente. Procurava atingir-me por intermédio de Lena.

Lena, porém, não lhe deu atenção. Continuou a observar-me com olhar desconfiado.

— Você seria realmente capaz de fazer isso, Felix? — perguntou ela, finalmente.

— Aí está como são as mulheres! — exclamou George. — Têm uma tendência infalível para transferir as discussões gerais para casos particulares!

— Sem dúvida — respondi, afinal. — Essas criaturas não têm o direito de viver! E acrescentei, falando em tom de gracejo:

— Mas entendam bem... Eu livraria, sem hesitar, a sociedade dêsses indivíduos, se tivesse a certeza de poder fazê-lo sem ter, depois, que passar a cabeça pelo laço da fôrca...

A sra. Rattery entrou novamente em cena.

— Se bem compreendi, o senhor é um espírito forte, sr. Lane? E um ateu, também; sou capaz de jurar!

— Nada disso, minha senhora — respondi com suavidade. — Respeito as leis divinas e sociais. Mas não acha a senhora, pessoalmente, que certas circunstâncias justificam o assassinato?

— Matar um inimigo, em tempo de guerra, não é um assassinato! É um dever exigido pela honra. A vida humana não conta, quando a honra está em jôgo.

A velha senhora pronunciou essas banalidades com ar importante. Nesse momento, seu nariz bastante acentuado e seu ar de autoridade a fizeram semelhante a uma matrona romana.

— Quando a honra está em jôgo? A sua honra pessoal ou a de outro qualquer, minha senhora? — perguntei com impertinência.

— Deixemos êsses senhores terminar seu *pôrto*, Violeta — disse a sra. Rattery, com seu ar cada vez mais importante. — Abra a porta, Phil. Você parece estar no mundo da lua.

O *pôrto* e o prazer de poder voltar ao assunto, levando-o para o seu terreno favorito, levaram George às confidências.

— Minha mãe é uma mulher notável — confiou-me êle. — Não esquece, jamais, que seu pai era primo em quinto grau do conde de Evershot. Creio que não se resignou ainda a ter um filho dono de garagem. No entanto, a necessidade é quem comanda os destinos. Sua fortuna desapareceu na Bôlsa e ela estaria hoje num asilo de velhos, se eu não a tivesse amparado. Naturalmente, digo isto em segrêdo, Lane. Os títulos nada significam atualmente, graças a Deus, porque realmente não tenho jeto para "snob". É preciso evoluir com o seu tempo, não acha você? Mas não posso deixar de admirar, até certo ponto, o espírito de casta que ela possui e que levará para o túmulo. *"Noblesse oblige"*... eis o epitáfio que melhor lhe convém. A propósito, conhece você a história do duque e da criadinha capenga?

— Não — respondi, procurando dissimular da melhor maneira possível meu enfado.

15 DE AGÔSTO

Nova saída no barco a vela com Phil, hoje. Vento um tanto forte e chuva no final da manhã. Manobras incessantes e delicadas. Phil é desajeitado como êle só, embora aprenda depressa os têrmos apropriados a êsse esporte. Incidentalmente, indicou-me a maneira mais própria para matar seu pai.

Inconscientemente, é claro. A verdade sai da bôca das crianças... Phil acabava de empunhar a alavanca do leme, quando um golpe de vento deitou a embarcação. Êle fêz o que eu lhe havia ensinado e, a seguir, voltou-se para mim, rindo, com os olhos brilhantes de entusiasmo!

— Isto é formidável, Felix! — gritou, alegremente.

— Sim. Meus parabéns, Phil. Você manobrou muito bem. Seu pai não acreditaria, se visse você com o leme. Olhe com atenção por cima do ombro, para vigiar a aproximação das marolas.

Phil estava verdadeiramente encantado. George o considera — ou finge considerar — o último dos covardes; ora, as crianças de sua natureza são dominadas pela necessidade de justificar-se a seus próprios olhos da acusação levantada contra elas por um membro pouco simpático do seu ambiente; tendem a provar a injustiça da acusação.

— Seria espantoso! — disse êle. — Você acredita que êle... Acha que êle concordaria em vir conosco, qualquer dia?

Antes de que eu respondesse, êle próprio concluiu, com ar sombrio:

— Não... Sem dúvida recusaria, *pois não sabe nadar*.

Não sabe nadar?

A frase martelou meu espírito, procurando cravar-se nêle, para sempre. O clamor parecia vir de longe, ressoando no mais fundo do meu ser, como as vozes indecifráveis, que acompanham os sonos anestésicos, e meu coração batia como o de um doente, estirado na mesa de operação. O espírito de vingança procurava libertar-se de sua prisão como um pinto da casca do ôvo?

Fechemos êste "Diário" para refletir intensamente. Confiarei meu plano a você, amanhã, meu confessor-fantasma. Já começa a surgir em meu espírito.

16 DE AGÔSTO

Sim. Creio que posso cantar vitória. A única dificuldade será decidir George a me acompanhar num passeio no rio; mas alguns pontos judiciosamente cuidados devem chegar para espicaçar seu amor próprio. E sua sorte estará decidida logo que pise o fundo da canoa.

Terei que esperar um dia de vento sul para êsse passeio fatal. Teremos vento pela pôpa até ao cotovêlo do rio. A partir de então, navegaremos com vento pela esquerda e, mais adiante, pela frente, o que nos obrigará a navegar em ziguezagues. Então será o momento propício! Esperarei o momento oportuno para dar o golpe de leme, o que nos colocará em *pane*. Com sua falta de marcha característica, o barco emborcará, sem a menor dúvida. *E George não sabe nadar!*

Eu havia decidido fazer virar a canoa por outro processo, sem aguardar o vento contrário. Mas as margens estão sempre cheias de pescadores e um dêles poderia ver o acidente. Se, por infelicidade, essa testemunha conhecesse as manobras elementares, sem dúvida poderiam surgir perguntas embaraçosas para um navegador experimentado como eu, não havendo justificativa honesta para a catástrofe. Ao contrário, minha responsabilidade estaria salva se o próprio George empunhasse o leme no momento fatídico.

Eis o meu projeto, cuidadosamente amadurecido e definitivo: logo que começarmos a navegar entregarei o leme a George, ocupando-me com a grande vela. Logo que perceber a aproximação de uma marola, direi a George para colocar a proa contra o vento, o que transtornará a marcha da embarcação. E como George ignora o meio de corrigir a situação, não terei tempo de correr em seu auxílio e a canoa há de virar! George será lançado à água e, com um pouco de chance, mergulhará depressa. Mas terei de agir de modo que o "acidente" não se desenrole à vista de algum pescador.

Será o crime perfeito. O acidente puro e simples! O pior risco ao qual ficarei exposto será um sermão do *coroner*, por haver confiado o leme a George num dia de vento particularmente traiçoeiro.

O *coroner*! Eis uma complicação que só agora compreendo. Minha verdadeira identidade será quase fatalmente revelada no inquérito e Lena saberá que sou o pai do menino que George esmagou estando ela no veículo, ao lado do matador! Meu nome abrirá os seus olhos? Suspeitará de eu ter provocado o acidente? Tenho que me assegurar o silêncio dela

de qualquer maneira. Gostará ela de mim o bastante para calar? Não desejo, no momento atual, servir-me dela como de um instrumento. Tanto pior se tiver que agir de outra maneira. Devo pensar apenas em Martie, tal como o encontrei, com o saco de bombons estourado, junto do corpo inerte. Que importam os sentimentos desta ou daquela pessoa, em comparação com a morte do meu filho?

A morte por imersão passa por ser dolorosa. Os pulmões de George estourarão, suas têmporas serão apertadas como entre duas tenazes, suas mãos lutarão desesperadamente para afastar o pêso terrível da água sôbre seu peito... Possa êle recordar-se de Martie nesse momento! Nadarei em redor dêle, gritando para que êle ouça nitidamente: "*Martin Cairnes*"? Que adiantará? Seus pensamentos de agonia serão uma vingança suficiente para Martie!

17 DE AGÔSTO

Preparei minha "isca" para George durante o almôço, em presença de Carfax. Pobre Violeta! Seus esforços para fingir ignorar os manejos de Rhoda Carfax e de George causam piedade. Disse, astuciosamente, cortando uma conversação, que Phil estava em vias de tornar-se um brilhante navegador a vela. O rosto de George refletiu uma luta entre sua fatuidade e um ceticismo maldoso. Respondeu, a contragôsto, que gostava de saber que seu filho *prestava para alguma coisa*. Ésses passeios serviam, ao menos, para impedir que ficasse vadiando, durante as férias.

— Você devia vir conosco, qualquer dêsses dias! — propus.

— Naquela caixa de fósforos? Oh, não! Respeito muito minha pele!

Seu riso fanfarrão soou falso.

— Ora! Você não correrá nenhum perigo, garanto!

E continuei, dirigindo-me a todos os presentes:

— Fico surpreendido com êsse mêdo que quase todos têm dos pequenos barcos; no entanto, essas mesmas pessoas atravessam uma rua, sem pensar sequer no perigo bem mais real de ser atropelado.

George baixou imperceptìvelmente as pálpebras. Porém foi só isso. Violeta, porém, pareceu ofendida.

— Oh! Conheço George muito bem, para saber que êle não tem mêdo — disse ela.

— O que acontece é que...

A intervenção de Violeta piorou tudo para o lado do marido. Creio que George estêve a ponto de sufocar de raiva... Ser defendido por sua mulher, êle! Violeta, sem dúvida, ia acrescentar: "*êle não sabe nadar*"; mas George lhe tirou a palavra, imitando sua voz de maneira cruel:

— Não, meu bem; *George não tem mêdo!*

— Ótimo! Você me acompanhará qualquer dêstes dias — disse eu com indiferença. — Estou certo de que vai ficar encantado com o passeio.

Está tudo combinado. Não sei como pude dissimular minha alegria. Numa espécie de nevoeiro, vi Lena tagarelando com Carfax, Violeta se esforçando por atender aos seus deveres de dona de casa, Rhoda bebendo as palavras de George com riso langoroso, a sra. Rattery, martirizando um miolo de pão com ar de desaprovação — e lançando, de tempos a tempos, um olhar acusador para George e Rhoda.

Uma voz que me pareceu estranhamente distante, chamou-me repentinamente à realidade. Rhoda Carfax perguntava, voltada para mim.

— Que faz o senhor, o dia todo, fora do tempo consagrado a dar aula a Phil?

Procurei desesperadamente uma resposta apropriada, quando George se intrometeu, para dizer:

— Oh! Êle passa longas horas, fechado em seu quarto, *preparando seu crime!*

Senti que empalidecia terrìvelmente. Olhei para George, com os lábios trêmulos, durante um tempo que me pareceu como um século. Rhoda Carfax me tirou dessa indizível angústia, indagando:

— Ah! Fica trabalhando para o seu próximo livro, sr. Lane? O ar do campo é assim favorável à inspiração?

"Oh! Obrigado, meu Deus! George falava de um assassinato fictício" — pensei. Porém meu terror despertou bruscamente. Teria êle suspeitado de alguma coisa? Não. Êsse temor era ridículo. A amplidão do meu alívio transformou-me, numa reviravolta rápida,

num indivíduo provocador e irritante; procurava dessa forma vingar-me do mêdo que George me causara.

— Sim — respondi à sra. Carfax. — Preparo um lindo assassinato... Acho, até, que será a minha obra-prima!

— Felix se cerca de mistério — prosseguiu George. — Portas fechadas com duas voltas de chave, lábios serrados, etc.... Diz êle que escreve um romance policial, mas que provas nos dá em apoio do que afirma? Uma idéia! Felix deveria mostrar agora mesmo, a todos nós, seu famoso manuscrito... Que acha, Rhoda? Êle bem nos deve isso, para nos provar que não é um evadido da prisão, um criminoso procurado pela polícia ou coisa ainda pior!

— Eu não...

— Sim, leia para nós o princípio do seu livro, depois do almôço, Felix! — insistiu Lena. — Sentaremos, em círculo, em seu redor e gritaremos em côro quando o assassino mergulhar o punhal no peito da vítima.

Sofri, então, verdadeiro assalto que me colocou em situação angustiosa.

— Por favor, sr. Lane!

— Êle não pode recusar...

— Vamos, Felix, seja camarada!

Disse, então, num tom que desejava parecer firme, mas que pareceu, segundo receio, o cacarejo de uma franga encolerizada:

— Não. Impossível! Desculpem. Mas não gosto de mostrar meus manuscritos inacabados... É uma mania...

— Não seja um estraga-festa, Felix! Uma idéia! Eu lerei o primeiro capítulo, se você está com preguiça ou não gosta; a seguir organizaremos um *bôlo* com os nomes dos suspeitos... Um *shilling* de cada um. Aquêle que tirar o nome do assassino ganhará tudo. Espero que o assassino apareça logo no primeiro capítulo, heim Felix? Vou subir e procurar o manuscrito.

— Proibo que faça isso! — gritei, com voz desesperada. — Faço questão de guardar segrêdo de meus manuscritos como da minha correspondência. Acho que devem respeitar o que é meu como sempre respeito o que pertence aos outros...

O sorriso zombeteiro de George me



enervara assustadoramente. Êle é, aliás, bastante estúpido, para compreender certas indiretas. Mas a sua alegria por me haver irritado tornou-o mais audacioso:

— Ah! Ah! — exclamou, rindo. — Tudo se explica! Há, no fundo de tudo, cartas de mulher. Felix arranja inspiração com as coisas íntimas. Mas desconfie de Lena! Quando ela tem ciúmes é mais perigosa que uma leoa, Felix!

Tive que fazer um grande esfôrço para responder com ar indiferente:

— Não, George. Não são cartas de amor, pode crer!

E, por bravata, acrescentei:

— Mas, no seu lugar, não me atreveria a ler o manuscrito... pois seria embaraçoso para você... encontrar-se, perfeitamente retratado, num dos personagens... Pense nisso!

Carfax interveio de uma maneira absolutamente inesperada:

— Aposto em como êle não se reconheceria... A menos que fôsse o herói do drama, é claro! Poucas pessoas se vêem tais como são.

De fato, não pensava que Carfax fôsse capaz de um comentário tão acidulado. Parece tão insignificante! A picada era muito fina para a pele do crocodilo... Nada sentiu. Discutimos, em seguida, sôbre o tema: "Até que ponto os autores se inspiram na realidade para criar seus personagens?", e a nuvem passou de uma vez. Guardarei por muito tempo, entretanto, a recordação dessa cena: queira Deus que eu não venha a me trair! Jamais devo me irritar contra George. O esconderijo dêste diário tem que ser realmente seguro; uma porta, fechada a chave, não deteria um atrevido como George, se eu vier desastradamente a picar sua curiosidade a respeito do famoso "manuscrito".

18 DE AGÔSTO

Meu confessor hipócrita... Você já se viu, alguma vez, na situação de um homem que pode cometer um crime com a certeza absoluta da impunidade? Já se imaginou residindo sob o mesmo teto de sua vítima, um ser cuja existência é uma maldição para o seu ambiente e um insulto para o Criador? Compreende como é fácil viver com o objeto do seu ódio, que lhe parece, dia a dia, mais desprezível? Êle olha para você, de vez em quando, com um olhar estranho; você lhe parece um indivíduo que parece viver nas nuvens, é claro... Você responde com um sorriso distraído ao que êle diz, porque seu espírito está ocupado com a ação combinada do vento, da vela e do leme, ação que assegurará a destruição do ser odiado...

Imagine tudo isso, se possível: depois procure sentir-se paralisado, sem ação, prêso por uma bagatela, um nada...

A "voz da consciência"? Já pensou nisso, leitor? Um pensamento generoso, sem dúvida, mas imerecido. Pode crer: nenhum escrúpulo vem perturbar o meu sono. Se não tivesse qualquer razão pessoal para suprimir George a maneira como êle entrava o desabrochar da encantadora natureza de Phil seria justificativa suficiente para o meu ato.

George matou um menino maravilhoso e não permitirei que faça o mesmo com outro. Não. Não são nem as censuras da minha consciência nem a minha timidez que me retêm: o obstáculo é simplesmente... atmosférico.

Por quantos dias ainda o vento continuará surdo aos meus apelos? O vento. A brisa propícia, suficiente para fazer virar uma embarcação mal manobrada, mas não muito forte para que possam censurar por haver confiado o leme a um noviço em condições particularmente perigosas... Ontem, por exemplo, havia vento; hoje, ao contrário, sopra com uma violência exagerada. Essa situação vai eternizar-se? Não poderei ficar indefinidamente aqui, mesmo que estivesse só. E, por sua vez, Lena começa a me aborrecer. Para ser absolutamente franco, sinto os sinais anunciadores de fadiga. É abominável falar assim de uma criaturinha cada dia mais carinhosa, bem sei. Mas Lena perdeu a timidez inicial. Mostra-se mais apaixonada, mais exigente para o meu humor atual. Ainda esta noite pediu-me que a levasse para longe daqui. "Partamos juntos, Felix. Vivamos, afinal, um pouco um para o outro, longe de tôda essa gente... Por favor, meu querido". Parece farta da vida em família. Nada mais natural, em suma.

(*Continua no próximo número*)

OLHANDO O MUNDO HÁ SESSENTA DIAS

MEMENTO de EU SEI TUDO

OS FATOS OCORRIDOS EM NOVEMBRO DE 1954

1 — SEGUNDA-FEIRA: — Pende para os democratas a vitória nas eleições norte-americanas. — Cresce o terrorismo na Argélia. — Duzentos milhões de libras em mercadorias de exportação, retidos no pôrto de Londres, em conseqüência da greve dos portuários. — Sancionada a Lei prorrogando a atual Lei do Inquilinato.

2 — TÊRÇA-FEIRA: — Vitória democrática para a Câmara dos Representantes norte-americana. Quanto ao Senado ainda há dúvida sôbre o domínio de Democratas ou Republicanos. — Os Estados Unidos anunciam que vão melhorar seus planos de ajuda à América Latina. — Noticia-se que o Brasil negocia importante empréstimo. — Chega ao pôrto desta capital o cruzador canadense "Quebec".

3 — QUARTA-FEIRA: — O sr. Averell Harriman é eleito governador do Estado de New York, derrotando seu competidor Republicano. Declara-se em Washington que o resultado das eleições, favorável aos Democratas, não alterará a política exterior norte-americana. — Iniciada na ONU a discussão da questão entre Israel e os países árabes. — Distribuídos os Prêmios Nobel de Física, para os cientistas alemães Max Born e Walter Boxhe, e de Química, para o cientista norte-americano Linus Pauling. — O General Fulgêncio Bautista, candidato único, é eleito presidente de Cuba.

4 — QUINTA-FEIRA: — Com os resultados das eleições para governadores de Estados, os Democratas conquistaram 27 postos contra 21 dos Republicanos, nos Estados Unidos. — O doutor Albert Schweitzer recebe o Prêmio Nobel da Paz. — Primeira e grande batalha aérea entre nacionalistas e comunistas chineses. — Nomeados para a presidência do IAPC, IAPI, IAPB e IAPM, respectivamente, os srs. Luís Lago de Araújo, Anísio Castro Rangel, Paulo Teixeira Remoro e Paulino Inácio Jacques. — Eleito para a Academia Brasileira de Letras, na vaga de Cláudio de Souza, o sr. Josué Montelo. — Eleito presidente da Confederação Nacional da Indústria o deputado Augusto Viana Ribeiro dos Santos.

5 — SEXTA-FEIRA: — Revela Washington que as baixas norte-americanas na guerra da Coréia ascenderam a 142.091 homens, fora 4.735 considerados desaparecidos. — Depois de um período de tumultos e atentados terroristas reina calma na Argélia. — Visita a Câmara Federal o vice-presidente da República



APARELHAMENTOS DE PROTEÇÃO CONTRA TODOS OS PERIGOS: NA TERRA, NO MAR E NO AR —

INDÚSTRIA BRASILEIRA

Óculos para esmeril e soldas — Capacetes para jato de areia — Extintores e cargas de todos os tipos e tamanhos — Capacetes e escudos de fibra para solda elétrica e oxigênio — Capuzes, luvas, aventais e roupas de abestos e couro para fornalhas — Escafandros e artigos para mergulhadores — Máscaras contra poeira "Delta" — Máscaras contra gáses industriais.

DIAS GARCIA IMPORTADORA S. A.

Rua Visc. de Inhauma, 23-25 — Tel.: 23-2017 — End. Tel.: GARCIA — RIO DE JANEIRO





O pêlo nas pernas, braços e axilas compromete a sua presença na rua, nas praias e nas reuniões elegantes. Para eliminar os pêlos supérfluos não use navalha: use RACÉ, o maravilhoso e eficiente depilatório em pó perfumado. Elimina com incrível rapidez os pêlos incômodos.

à venda nas boas perfumarias

Laboratórios VINDOBONA

R. Uruguaiana n. 104 - 5.º - Rio

O perfeito destruidor do pêlo



Racé

Queira enviar-me o folheto grátis referente ao depilatório "Racé".

NOME: ....

RUA: ....

CIDADE: ....

ESTADO: ....

da Índia, sr. Sarvapalli Radhakrisman, hóspede oficial do nosso govêrno.

6 — SÁBADO: — A França repele o convite alemão para uma visita a Bonn, a fim de ultimar os estudos sôbre o Sarre. — O ato provoca mal-estar na Alemanha Ocidental. — Os Estados Unidos prometem auxiliar o desenvolvimento econômico do Egito. — Noticia-se que 2.500 barris de petróleo serão vendidos diàriamente pelo Peru ao Brasil. — Chega a esta capital o sr. Atilano Cariezali, novo embaixador da Venezuela no Brasil.

7 — DOMINGO: — Avião B-29 da Fôrça Aérea Norte-Americana é derrubado por dois caças russos sôbre território japonês. — Agitações vermelhas na Itália visando o "premier" Mario Scelba. — Moscou anuncia que seu maior desejo é o de viver em paz com os Estados Unidos. — Falece, em Niterói, D. João da Mata Andrade do Amaral, bispo daquela diocese. — Nesta capital, falece o general-de-divisão Lamartine Peixoto Paes Leme.

8 — SEGUNDA-FEIRA: — Os Estados Unidos protestam enèrgicamente exigindo reparações morais e materiais pela agressão a um de seus aviões por caças russos, sôbre o Japão. Moscou, por sua vez, acusa os Estados Unidos de violação do espaço aéreo soviético. — Pede o Japão imediato crédito de 8 bilhões de dólares, a fim de reforçar o sudeste da Ásia e impedir que o mesmo caia em poder dos Comunistas. — A Alemanha decide adiar a ratificação dos acordos de Paris, em vista da atitude pouco amistosa da França, relativamente ao Sarre.

9 — TÊRÇA-FEIRA: — Mendes-France conquista novo voto de confiança do Parlamento, para sua política exterior relativa ao Sarre. — Continuam os norte-americanos preocupados com as reações do preço do café do Brasil. — Milhares de navios franceses recolhem milhares de indígenas católicos e budistas, do Viet-Nam, que fogem da perseguição dos comunistas. — Novamente censurado pelo Senado norte-americano o senador McCarthy.

10 — QUARTA-FEIRA: — Executado o ex-chanceler Hossein Fatemi, um dos principais auxiliares de Mossadegh, condenado por "traição ao Xá e à nação iraniana". — Insiste o Japão junto dos Estados Unidos na delineação e execução de um plano para garantia da Ásia. — O delegado do Brasil na Conferência de "Gatt" insiste pela instituição de condições mais equitativas para o comércio exportador com a revisão geral do acôrdo das Tarifas. — Falece em Roma o cardeal Giuseppe Bruno, destacado membro do Sacro Colégio. — Designada a Delegação Brasileira à Conferência Econômica Interamericana, de Quitandinha.

11 — QUINTA-FEIRA: — Os Estados Unidos declaram estar dispostos a fazer

parte de um organismo internacional destinado a amparar a economia de tôdas as nações. — O presidente Perón acusa violentamente a Igreja Católica de intromissão nos negócios do govêrno e ameaça de prisão vários sacerdotes.

12 — SEXTA-FEIRA: — Inaugurada no Palácio do Parlamento, em Montevidéu, a VIII Sessão da Conferência Geral da Unesco com a presença de 72 Estados membros dessa instituição. — Instalado nesta capital o IV Congresso Brasileiro de Proctologia. — Descobertos em diferentes regiões do nordeste abundantes depósitos de minerais radioativos. Instala-se em São João da Boa Vista a VI Convenção dos Industriais do Interior Paulista. — Tropas francesas que acabaram de lutar na Indochina são transferidas diretamente para a Argélia. — Bom número de parlamentares Conservadores britânicos, atacados de catapora, deixam Churchill em situação de perigo, diante de seus adversários políticos.

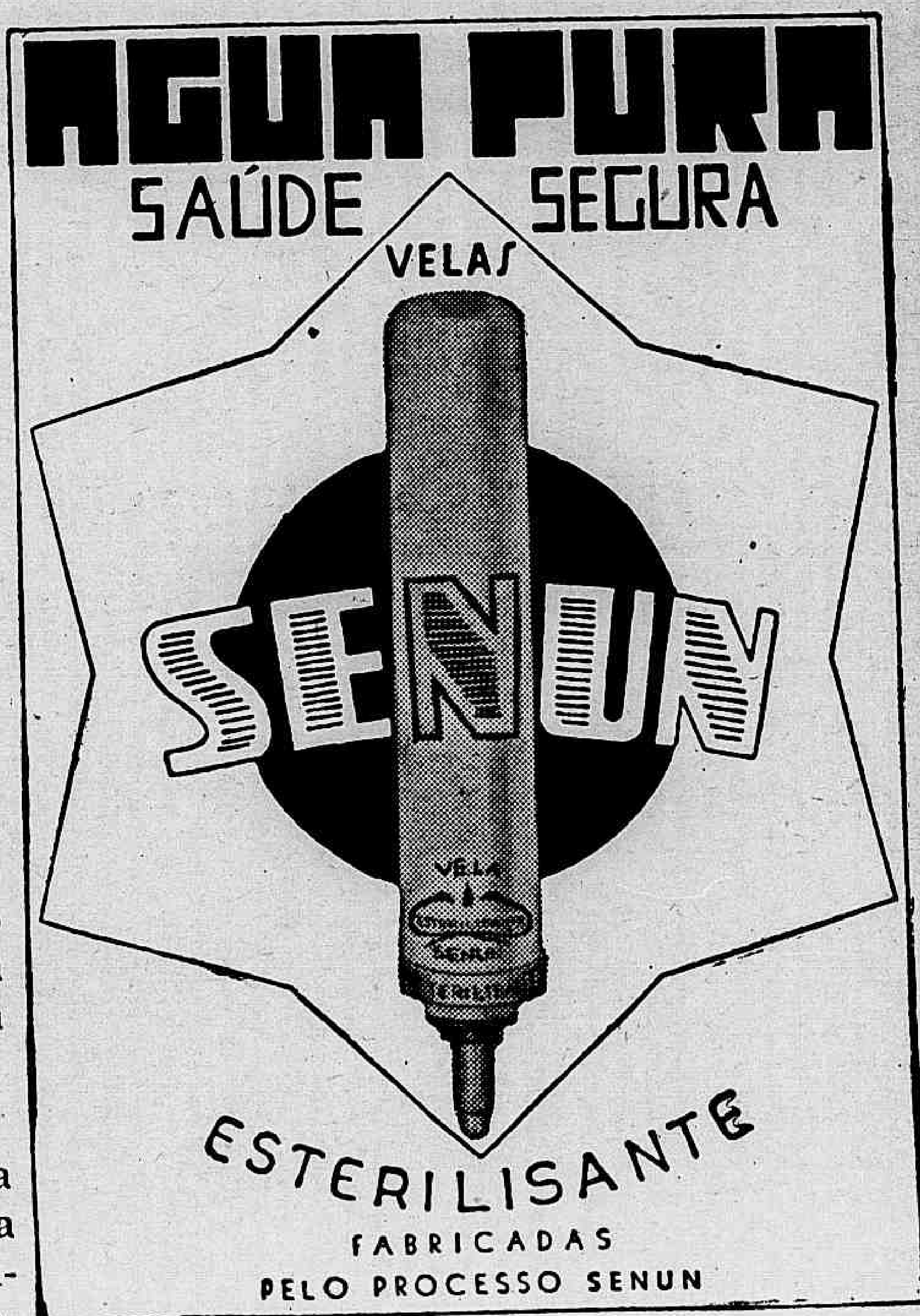
13 — SÁBADO: — Propõe a Rússia nova Conferência "para tratar da segurança européia e evitar os perigos destruidores de uma guerra". — As sessões da Unesco começam com queixas e acusações recíprocas entre todos os delegados. — Dois padres demitidos de suas funções de capelão da polícia e professor de religião na Escola de Comércio, iniciando-se, assim, a ofensiva peronista contra a Igreja Católica. — Vetado pelo Executivo o projeto que reclassificava os cargos dos funcionários de nível superior.

14 — DOMINGO: — As potências ocidentais examinam a proposta russa para uma nova conferência pacifista. — Afundado por unidades navais da China Comunista o "destroyer" "Taiping", da marinha nacionalista, perdendo-se 28 homens. — O sr. Arnaldo Orantes, adido de imprensa à embaixada da Guatemala no México é assassinado a tiros por um desconhecido.

15 — SEGUNDA-FEIRA: — A Inglaterra opina que qualquer conferência com a Rússia seja feita sòmente depois de ratificados os acordos de Paris. — O Conselho da Revolução do Egito destitui o general Mohammed Naguib da Presidência do Egito, sob a acusação de ser o mandante dos atentados terroristas praticados pela Fraternidade Muçulmana. Naguib é substituído pelo general Abder Nasser. — Sugerido no Senado norte-americano o imediato rompimento de relações com a Rússia e seus satélites "porque as embaixadas comunistas são utilizadas como centros de espionagem".

16 — TÊRÇA-FEIRA: — O novo chefe do govêrno egípcio acusa Naguib de se haver unido aos comunistas e aos terroristas muçulmanos. — Adverte Foster Dulles que "qualquer ação militar contra Formosa será considerada ato de hostilidade contra os Estados Unidos" e, ainda, que "um novo bloqueio de Berlim por parte da Rússia terá graves conseqüências". — Reaberto o comércio de café, no Havre, fechado em 1939.

17 — QUARTA-FEIRA: — Resolve a Inglaterra que suas fôrças continuarão



A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. - Rua da Carioca, 33 - Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

no continente europeu, enquanto a União da Europa Ocidental o reclamar. — O Partido Peronista concita seus filiados a denunciar as atividades políticas por parte do clero. Foram detidos diversos párocos. — Eleito presidente do Conselho da Organização dos Estados Americanos, o Embaixador do Uruguai, sr. José A. Mora. — O govêrno peruano anuncia que confiscará todos os barcos da frota beleeira "Ouassis" que forem apresados em suas águas territoriais. — Nova nota norte-americana à Rússia relativamente ao ataque a um avião sôbre território do Japão.

18 — QUINTA-FEIRA: — Desmente a Embaixada Argentina, em Roma, que o govêrno do general Perón maltrate os sacerdotes católicos na Argentina. — Formada a delegação norte-americana à Conferência Econômica de Quitandinha. — Apresentado pelas potências ocidentais novo projeto à ONU, para aproveitamento da energia atômica para fins pacíficos. — Chega a esta capital d. Armando Lombardi, novo núncio apostólico no Brasil.

19 — SEXTA-FEIRA: — O govêrno de Washington mais confiante na ação do "premier" francês para a aprovação dos acôrdos da União Européia. — O govêrno alemão aprova quatro projetos da lei referente ao mesmo acôrdo. — Complica-se o caso das baleeiras apresadas pelas autoridades peruanas, tendo o govêrno inglês declarado que só reconhece o limite territorial de 3 milhas marítimas. — Instalada na Escola Técnica do Exército a II Mesa Redonda da Indústria de Automóveis no Brasil. — Toma posse a nova diretoria da Confederação Nacional do Comércio.

20 — SÁBADO: — Libertados os três padres católicos presos pela polícia argentina. — Outros dois sacerdotes, presos no dia 17 do corrente, são condenados a 5 dias de prisão, que deverão cumprir no Lar Sacerdotal. — O governador eleito de S. Paulo, sr. Jânio Quadros, chega a Roma, onde lhe são prestadas significativas homenagens. — Preocupado o papa Pio XII com a sorte dos trabalhadores em todo o mundo.

21 — DOMINGO: — Falece repentinamente, de um enfarto do miocárdio o sr. Andrei Vishinsky, ex-chanceler e atualmente chefe da delegação russa à Assembléia Geral das Nações Unidas. — Recebido pelo papa Pio XII o sr. Jânio Quadros. — O chefe supremo da Fraternidade Muçulmana jura inocência para si e seu grupo partidário, no caso dos atentados terroristas no Egito.

22 — SEGUNDA-FEIRA: — O "premier" francês propõe uma imediata Conferência dos Quatro Grandes, para resolver palpitantes questões internacionais. — Grupos de bancos norte-americanos concedem ao Brasil, a prazo longo, empréstimo de 200 milhões de dólares, contra o ouro depositado no Banco da Reserva Federal, de New York. — Segue para o Egito o sr. Jânio Quadros. — Revela-se que não mais será dado sucessor ao ex-presidente Naguib, do Egito. — Instalada em Quitandinha a Conferência Econômica Interamericana, sob a presidência do sr. presidente Café Filho.

23 — TÊRÇA-FEIRA: — Aprovado pela ONU o Plano-Eisenhower, para aproveitamento da energia atômica com fins pacifistas. — Os cardeais, bispos e arcebispos argentinos enviam carta ao presidente Perón expressando profunda amargura diante das acusações levantadas contra certos membros do clero e associações religiosas argentinas. — Jacob Malik, escolhido para substituir Andrei Vishinsky, segue para New York, a fim de assumir a chefia da delegação russa na Assembléia Geral da ONU. — Assume a presidência do Inst. do Açúcar e do Álcool, o sr. Carlos de Lima Cavalcânti.

24 — QUARTA-FEIRA: — Os cardeais argentinos assinam pastoral em que dizem: "Nenhum sacerdote pode nem deve tomar parte nas lutas político-partidárias sem comprometer a sua investidura e a própria Igreja". — Assume seu novo pôsto na ONU o sr. Jacob Malik. — O papa Pio XII nomeia bispo de Oeiras, monsenhor Raymond de Castro e Silva, auxiliar do bispo de Teresina e bispo titular de Elusa. — Tenta o suicídio, nesta capital, o sr. Edgard Estrêla, diretor do Serviço de Trânsito no Distrito Federal.

25 — QUINTA-FEIRA: — O papa está, novamente, atacado de soluços e desarranjos gástricos. — O Parlamento norueguês ratifica a admissão da Alemanha na Nato. — Os trabalhadores filiados ao Partido Peronista paralisam os trabalhos por vinte e quatro horas, como sinal de protesto contra o clero e sua intromissão na política. — Entrega credenciais o novo núncio apostólico. — O Diretório Nacional do P.S.D. escolhe o nome do sr. Juscelino Kubitschek, governador de Minas Gerais, para candidato à presidência da República no pleito de 3 de outubro de 1955. — O coronel Nasser ameaça suprimir a Fraternidade Muçulmana no Egito. — Acusada a França de praticar violências e atos de terrorismo no norte da África.

26 — SEXTA-FEIRA: — Washington, em nota a Pequim, exige imediata libertação de 18 aviadores norte-americanos condenados sob alegação de espionagem. — Adenauer adverte que a rejeição dos acordos de Paris pelo Parlamento alemão seria de conseqüências catastróficas para o país. — Repelido, após violenta refrega, ataque comunista contra a ilha de Wichin, tendo sido afundados oito dos numerosos "juncos" utilizados pelos vermelhos. — Falece o arcebispo de Lima, cardeal D. Juan Alberto Guevara. — Falece o sr. Edgard Estrêla, diretor do Serviço de Trânsito.

27 — SÁBADO: — Insiste a França na realização de nova conferência dos Quatro Grandes e pede, ainda, à Rússia que aceite a nova união do ocidente europeu. — Itália e Brasil procuram aumentar o seu intercâmbio comercial. — Devido ao seu estado de saúde, ligeiramente afetado pelos distúrbios gástricos, o papa Pio XII deixa Castel Gandolfo, retornando ao

É TÃO FÁCIL GANHAR CR$ 1.000,00

Não deixando de ter em casa o melhor para os móveis

Óleo de Cedro

ÓLEO DE CEDRO
RENOVA, LIMPA E DÁ BRILHO AOS MÓVEIS, RADIOS, PIANOS E GELADEIRAS

Se a senhora ainda não experimentou êste produto, experimente-o que jamais deixará de usá-lo, estamos absolutamente certos.

RESULTADO DA «VISITA-SURPRÊSA» TODOS OS DOMINGOS NO «RADICAL» E AS SEGUNDAS-FEIRAS NO «CORREIO DA NOITE»

COMO APRENDER A DANÇAR



5ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares Rua da Liberdade número 120 —— São Paulo

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — S. Paulo

A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

Vaticano. — Eleições para renovação do Conselho Nacional do Govêrno, Senado e Câmara dos Deputados, no Uruguai. — Pedido no Senado de Washington o bloqueio naval da China Comunista, caso o govêrno de Pequim recuse libertar os aviadores norte-americanos.

28 — DOMINGO: — O govêrno de Pequim repele o protesto norte-americano provocado pela prisão de 18 aviadores acusados de espionagem. — Falece o cientista italiano dr. Enrico Fermi, que foi o criador da primeira pilha atômica da qual nasceu a primeira bomba atômica. — O estado de saúde do papa Pio XII "não é de natureza a inspirar cuidados", segundo boletim do seu médico assistente. — Revela-se que o Partido Colorado conquistou a maioria absoluta nas eleições para a renovação do Conselho Governamental, Câmara e Senado, do Uruguai.

29 — SEGUNDA-FEIRA: — Os ocidentais repelem a proposta russa para uma conferência sôbre a segurança da Europa e ao mesmo tempo insistem na reunião dos Quatro Grandes, alegando que com a sua proposta a Rússia queria apenas impedir a ratificação dos acordos de Paris. — O Papa Pio XII interrompe tôdas as suas atividades, permanecendo acamado. — Prosseguem, em Quitandinha, os trabalhos da Conferência Econômica Interamericana. — Discos-voadores voltam a ser vistos de norte ao sul do Brasil, assim como em outros pontos da América do Sul. — Recebido como "doutor honoris causa", na Universidade de Paris, o professor A. Carneiro Leão.

30 — TÊRÇA-FEIRA: — Foster Dulles repele a idéia de um bloqueio da China Comunista. — Revela o govêrno de Costa Rica que ex-dirigentes costa-riquenses preparam a invasão do seu país com o fim de ali instituir uma ditadura. — Excepcionais homenagens são prestadas ao "premier" Churchill pela passágem do seu 80º aniversário. — O primeiro ministro Salazar discursa a respeito das colônias portuguêsas na Índia.

TRABALHOS GRÁFICOS

★ LIVROS
★ FOLHETOS
★ PROSPECTOS
★ BULAS
★ RÓTULOS
★ CARTAZES

E QUALQUER SERVIÇO DO RAMO GRAFICO
TRABALHO RAPIDO E LIMPO

Cia. Editôra Americana

RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — TEL. 22-8647 — RIO

NOS DOMÍNIOS DA GRAMÁTICA

«As letras são o alimento da juventude, a paixão da idade madura e a recreação da velhice.» — CÍCERO

POESIA E MÚSICA

Quando me disponho a escrever esta crônica para o primeiro número do EU SEI TUDO, em 1955, cai-me nas mãos um livro de versos delicados, despretensiosamente assinados por Teresa Regina. O título — FÉ — logo me prende a atenção, e é com grande prazer e surprêsa que encontro poesias que me falam ao coração, porque ressumbram amor à poesia e à música, artes que tanto aprecio e que me são bastante caras.

Como oferta aos leitores, no dealbar de um ano novo, e também como justa homenagem à jovem poetisa(1), transcrevemos algumas de suas poesias, que bem revelam apurada sensibilidade. E com isso, esta secção perde um pouco de sua aridez e sensaboria...

ODE AO VIOLINO

A alma que tens — as cordas maviosas
que a mão fina do artista acaricia,
vibram notas sutis, maravilhosas,
na inspiração suprema da harmonia.

Cantas o "Alegro", choras "Moderato".
De ti nasceu o exímio Paganini.
E nas famosas óperas num ato
ou num prelúdio, lembras um Bellini.

Em melodia falas o segrêdo
que o artista guarda bem no coração,
e que confessa a ti, pois não tem mêdo
de te mostrar, sofrendo, uma emoção.

Quem é poeta, toca-te sentindo
versos e música a se unirem tanto,
que se as notas alegres nascem rindo,
os versos crescem, acarretando o pranto.

Tu sofres, choras, amas como gente,
quando te toca o bom violinista,
pois refletindo tudo o que êle sente,
vives da vida e d'alma de um artista.

Muitos escritores já definiram ou conceituaram a poesia. Para Montegazza, "a poesia é a música do sentimento". Coelho Neto disse que "a poesia é o bálsamo harmonioso da alma". Segundo Lope de Vega, "a poesia é pintura dos ouvidos, como a pintura é poesia dos olhos".

Teresa Regina também conceitua a poesia. E o faz magistralmente, como se vê abaixo.

O QUE É A POESIA?

Quando os namorados
deveras se apaixonam
e sentem a pureza
do seu amor,
talvez perguntem extasiados:
— Que é a poesia?

— É o próprio amor!

Quando o artista
conhece todo o enlêvo
que lhe vem da arte,
pergunta emocionado:
— Que é a poesia?

— É arte!

Quando a tarde
declina,
o céu esmaece
e as cigarras choram,
tôda a natureza
parece perguntar:
— Que é poesia?

— É eternidade!

E êstes versos, que bem justificam o título do livro e definem uma personalidade:

Q U E M ?

Quando as estrêlas reluzem,
diamantes no céu;
quando a lua derrama
a luz branda
sôbre a terra,
pergunta o poeta:
— Quem criou tanta beleza?

Na hora em que o sol
é tudo no espaço,
doirando a natureza,
e os pássaros gorjeiam,
o poeta insiste:
— Quem vos criou?

O mar calmo respondeu ao poeta.
Trouxe no rugido das ondas
o eco milenar
e eterno:
— Deus!

É todo assim o livrinho de Teresa Regina: palavras otimistas e cheias de fé. Um repositório de conceitos sadios e construtivos. Um coração que vibra ante a poesia e a música, artes que aproximam os corações e o elevam aos páramos da espiritualidade. Eis o que de melhor poderia oferecer aos meus leitores, no início de um novo ano.

JOSÉ RICARDO NETO

---

(1) Trata-se da srta. Teresa Regina Cavalcânti, que se dedica às letras e à música e constitui fino ornamento da sociedade carioca

BIOGRAFIA DE TODOS OS SANTOS E PERSONALIDADES HISTÓRICAS E LEGENDÁRIAS

PELÍADES — Assim eram chamadas as filhas de Pelias, rei de Ilkos. Expulsas de Iolkos, após a morte de seu pai, vítima de assassinato involuntário, refugiaram-se em Mantinéia, na Arcádia.

PELIAS (Mitologia grega) — Rei de Iolkos, na Tessália, filho de Possidônio ou de Cretheu e da ninfa Tiro. Era irmão de Neleu e de Eson e foi pai de Acasta. Segundo uma tradição, destronou Eson e obrigou-o a suicidar-se com sangue de boi. Segundo outros, foi nomeado por Eson tutor de Jason. Temendo a ambição do seu sobrinho, encarregou-o de dirigir a expedição dos Argonautas, esperando que perecesse na emprêsa. Segundo outra tradição. Eson vivia ainda quando Jesão, seu filho, voltou da conquista do Tousão de Ouro e foi então rejuvenescido pelos artifícios de Medéia. As filhas de Pelias, Asteropéia e Antinoé, rogaram a Medéia que renovasse o prodígio em favor de seu pai. Aconselhadas pela mágica criatura, mataram o ancião e lançaram seus membros numa caldeira. Medéia, que desejava vingar-se das injúrias de Eson e de Jason, recusou-se a ressuscitar Pelias. O êrro dramático das filhas de Pelias ficou lendário.

PELÓPIDAS — General tebano, um dos chefes do partido popular, morto em 364, antes de Cristo. Era filho de Hippoclos e herdou uma grande fortuna. Amigo íntimo de Epaminondas, fugiu de Atenas quando o spartiata **Phoébidas se apoderou** da cidadela de Tebas e tratou de preparar a libertação de sua pátria. Em 378, partindo secretamente com uma tropa de banidos, entrou já noite em Tebas, expulsou os spartistas e os oligarcas e restabeleceu o govêrno popular. Conseguiu para Tebas o apoio de Atenas, bateu os spartiatas em Tegira, perto do Orcomene, em 375, e contribuiu, em 371, à frente de um **batalhão sagrado**, para a vitória de Leuctres. Em 369, com Epaminondas, invadiu o Peloponeso e restaurou Messenas. Em 368 foi enviado à Tessália contra o tirano Alexandre de Pheres; conseguiu sua submissão aparente, intervindo também na Macedônia, de onde levou, como refém, o jovem Felipe, o futuro senhor da Grécia. Foi menos feliz numa nova expedição na Tessália e na Macedônia; foi aprisionado por Ptolomeu, um dos pretendentes ao trono da Macedônia; Epaminondas foi libertá-lo, em 367. No mesmo ano, Pelópidas foi encarregado de uma embaixada em Suza, junto de Artaxerxes. Em 364, comandou uma última expedição na Tessália, onde bateu Alexandre de Pheres em Cynoscephales, porém morreu durante essa campanha.

PELOPS (Mitologia grega) — Herói eponino do Peloponeso, filho de Tântalo, rei da Frígia. Seu pai o cortou em pedaços e serviu-os aos deuses, num festim. Mas os deuses descobrindo o crime, salvo Demétrio, que comeu um ombro, denunciaram o criminoso. Zeus fêz reunir, por Hermes, os destroços do corpo e ressuscitou Pelops, substituindo o ombro que faltava por um ombro de marfim. Após essa aventura, Pelops se dirigiu a Pisa, na Elida, onde o rei Oenomaos desafiava para uma corrida de carro todo pretendente à mão de sua filha, Hippodamia. De todos êles triunfava, matando-os a seguir, para prevenir a concretização de **um oráculo**. Graças a um cavalo alado, que obtivera de Possidônio — ou graças à cumplicidade de Myrtilo, cocheiro do rei de Pisa, pôde vencer a corrida, matou Oenomaus, desposou Hippodamia, tornando-se rei de Pisa. Senhor de Olímpia, ali restaurou os jogos fundados por Heràkles; conquistou a Arcádia e deu seu nome a tôda a península. Mais tarde, renderam-lhe culto em Olímpia.

PELOPS de Oponte (Mitologia grega) — Herói grego, um dos pretendentes à mão de Hippodamia; vencido na corrida de carros, sendo morto por Oenomaos.

PENÉLOPE (Mitologia grega) — Filha de Icários e de Periboea, mulher de Ulisses, rei da Itaca, e mãe de Telêmaco. Homero a descreveu como o tipo da espôsa virtuosa e fiel guardiã do lar. Penélope é mencionada raramente na «Ilíada», mas desempenha papel destacado na «Odisséia». Durante os vinte anos que durou a ausência de Ulisses, ela foi fiel ao marido, repelindo tôdas as propostas dos pretendentes, que abusavam do seu isolamento para viver à vontade em seus domínios, e enviou seu filho, Telêmaco, à procura do infortunado navegador. Havia declarado aos pretendentes que não se casaria antes de terminar um grande sudário, destinado a envolver o corpo de Laércio, pai de Ulisses, quando êle morresse.

Pôs-se logo a trabalhar e ao fim de três anos o sudário não estava terminado... porque a virtuosa mulher desfazia à noite o que havia tecido durante o dia. Por isso são citados: O trabalho de Penélope, **o sudário de Penélope**, a propósito das obras que nunca terminam. Tendo Telêmaco voltado para junto dela sem ter conseguido encontrar Ulisses ou sequer saber se estava morto ou vivo, Penélope, aconselhada por Minerva, prometeu desposar o pretendente que conseguisse esticar o arco de Ulisses e fizesse passar sua flecha pelos anéis do cabo de doze machados, dispostos em fila. Mas só Ulisses podia distender o arco temível. Finalmente, surgiu o herói, disfarçado em mendigo, e massacrou todos os pretendentes com a ajuda de Telêmaco.

Outras lendas são menos favoráveis à rainha de Itaca. Conta Pausânias que Ulisses, ao retornar, acusou Penélope de ter entregue a casa à pilhagem, atraindo os pretendentes, terminando por expulsá-la. Segundo Ovídio, Penélope, enquanto guardava o rebanho de seu pai, tinha sido surpreendida por Hermes, disfarçado em bode, e que dessa união nascera o deus Pan.

Entretanto, êsse nome passou à História para designar uma mulher virtuosa: É uma Penélope!

QUEBRA CABEÇAS

DR. LAVRUD
DIRETOR

DR. LAVRUDINHO
SECRETÁRIO

ANO XXXVII — N.º 8 — JANEIRO — 1955
DICIONÁRIOS ADOTADOS — GUSTAVO BARROSO — PEQUENO BRASILEIRO — 9.ª EDIÇÃO — DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS — DE LIDACI — MONOSSÍLABOS DE JAPYASSU E DE ZYTHO — PROVÉRBIOS ORIGINAIS DO DR. LAVRUD E PROVÉRBIOS DE LAMENZA

SENDO ESTA SEÇÃO DE DIFUSÃO DO CHARADISMO, NÃO PUBLICA TRABALHOS DIFÍCEIS

10 TORNEIO DE 1955 —
Janeiro a Maio
LOGOGRIFOS
ACRÓSTICO ELOGIOSO
Justa homenagem ao falecido e distinto mestre Dabliu.

— 1 —

Waldemar! — Caros confrades,
Aqui venho render preito,
Lembrar com o respeito,
Dêle as altas qualidades.
Exímio telegrafista,
Mestre, cuja *elocução* — 7-3-8-9-4
Alcançou com *distinção* — 3-10-1-4-7
Renome na Sé edipista.
Varão de existência honrosa
Digna, tão laboriosa.
Êsse *homem* tão leal — 7-6-9-6-2
Sólido, só teve então,
Amigos, em profusão
No *circuito* social — 5-2-6-10-5
Tem seu nome, que é uma glória,
Assente com brilhantismo,
Nos anais do charadismo
Aliado por *memória*.

Heron Silpes (Canavieiras)

— 2 —

Ao futuro edipista Álvaro da Costa Júnior, para os seus primeiros ensaios.

Muitas vêzes um *rancor* — 3-4-2-7-4
Declarado sem cautela
E' *sinal* de grande amor — 3-1-2-7-4
De tôda boa donzela.

Pode preferir te ver,
No fundo de uma *prisão* — 6-4-5-8
Por não poder te trazer
Aqui junto ao coração. — 6-8

Desculpe esta *liberdade*
Do meu modo de falar,
Mas, saibas desta verdade:
"Quem desdenha, quer comprar".

Uedath (Niterói)

— 3 —

SINFONIA MATINAL

Acorda... A natureza tôda canta
Desprendendo os silfos do seio [das rosas.
Veste a campina o verde da es- [perança — 2-6-3-1
As cachoeiras gemem langorosas.

O sol formoso surge lá distante;
Na carícia sutil que tudo invade
Procura o orvalho *tênue*, tremu- [lante — 2-8-3-6
Dos lírios de alma em *flor*, na [soledade — 7-9-1-3-4

Ver êste cenário de beleza pura,
E' *acreditar* no Senhor Onipo- [potente, — 7-5-6-9
Porque só Deus nos dá tanta [ventura,

A aurora vem chegando lenta- [mente;
Em pleno *amanhecer* tudo é do- [çura,
E a luz crepuscular faz bem a [gente.

Donatila Borba — (D.S.P.) — Criciuma, Sta. Catarina.

CHARADAS NOVÍSSIMAS

4 — Duas — três — Indivíduo *macambusio* não pode ter *mêdo* ou *horror mórbido a solidão*.

Heron Silpes (Canavieiras)

5 — Uma — duas — Há muita *vantagem* em fazer-se *com a maior brevidade o prefácio* do novo livro.

Beatriz Cardoso — C.E.P. — (São Paulo).

6 — Duas — uma — De um modo *brando* e sem *complicação*, educa-se um *menino de pouca idade*.

Cysneirense (Muriaé)

7 — Duas — duas — O feitor *indicou* o lugar onde devia se *escavar* para *semear* as sementes.

Emidlej — A.C.C.P. — (Pôrto Alegre).

8 — Uma — uma — *Em seguimento do* jantar houve "*repetição*" da *sobremesa*.

Florentino (João Pessoa)

9 — Duas — uma — Sendo repelido, *foge* sem *remorso*, o *passeante noturno em busca de amôres*.

Jovaniro (Rio)

10 — Duas — uma Da *poltrona* do alpendre o turista *supõe* ver uma *depressão na lombada de um monte*.

José Coelho Vieira (Maceió)

11 — Três — duas — *Sofro em segrêdo* a *sorte* que não me *estimula o apetite a* trabalhar.

Malba Tantan (Santos)

Em homenagem ao insigne mestre Dr. Lavrud.

12 — Duas — três — Fêz 34 anos que, sem *interrupção* e com invejável *talento*, o eminente confrade *Dr. Lavrud* dirige a mais bem feita secção de charadas, onde se nota o perfeito *enigma*.

Mavicaro.

13 — Uma — quatro — As bondosas palavras de "*realce*" do *ilustre* confrade *Mavicaro*, deixaram êste humilde charadista muito sensibilizado e *agradecido*.

Dr. Lavrud

14 — Três — uma — *Restringe* e *sacrifica* o teu palavreado que é uma *réplica vigorosa*.

Oarcim

15 — Duas — três — *Desfiz* o trabalho e *cuidadoso* elaborei outro, que ficou *bem acabado*.

Pompeu Júnior (Botucatu)

16• — Três — uma — Eis a *bala de arcabuz* encontrada *aqui* junto à *armadilha*.

Seamva (Santos)

17 — Três — uma — Levando *vida tranquila*, *nada* perturbava aquela *mulher ociosa*.

Tonnew (Cascadura)

18 — Uma — duas — Logo *calculei* que era um bom *sujeito* o *morador* desta casa.

Tartarin (Itajubá)

19 — Três — uma — Quem várias vêzes *cai* no mesmo êrro *revela grande* leviandade.

Zigomar T.E.M. (B. Horizonte)

20 — Uma — duas — Observo essa *grande quantidade* de gente sem *destino* e fico *amuado*.
P. Del Debbio (S. Paulo)

ENIGMAS

Ao Emidlej, com vistas a sua "Granita".

— 21 —

Do jardim, plante o sétimo lugar
Antes de *a principal* chamada,
E quando o inverno chegar
Verá, então bem brotada,
Com a proteção das chuvas,
(7 letras)
Qualquer *semente de uvas.*
Mavicaro

— 22 —

Conforme dizia o Agapito,
Andar em má companhia,
De forma alguma admito...
Ponha *fim* à essa mania!
P. Del Debbio (São Paulo)

— 23 —

São duas partes. Ouvi-me
Prestando atenção bastante.
União a primeira exprime.
A segunda é semelhante.

E o todo da brincadeira
E' feito de forma tal
Que, sem metade primeira,
Ainda é o mesmo — é *igual.*

Três letras em cada ponta
E' o mais que se pode achar.
E a soma total da conta
Dá seis — um número par.
Lutércio (Rio)

— 24 —

Com o lucro do negócio
Prosperou o comerciante,
Que parecia beócio
No tempo de principiante.

Mas, no bairro em que êle mora,
Sob risonho futuro,
Ninguém por certo ignora
Que o seu *principio* foi duro...
Gil Virio (Andradina)

Ao confrade Dopasso.

— 25 —

Desejando-te felizes
Festejos de aniversário,
Ai vão essas perdizes,
Que feitas de modo vário,
São melhores, como dizes,
Do que um *faisão ordinário.*
Onde?
J. D. Mingo (Senhor do Bonfim)

CHARADAS SINCOPADAS

Ueniri

26 — Três (duas) — O teu *convite* é *objetivo* de estudos.
Asil — A.C.C.B. (Salvador)



JUVENTUDE ALEXANDRE



27 — Três (duas) — Com *confusão* não se *ajusta contas.*
Antomar (João Pessoa)

28 — Três (duas) — *Pessoa obesa* não dança *samba.*
Cysneirense Júnior.

29 — Três (duas) — Êle é muito *esforçado*, isto é um *fato*
Dr. Legnar (Urupês)

30 — Três (duas) — Em geral a mulher *que gosta de luxo* não *cuida* bem da alma e do espírito.
Emidlej — A.C.C.B. — D.S.P. (Pôrto Alegre).

31 — Três (duas) — Vou *brindar* a uma rã, para ouvi-la *coaxar.*
H. França (Recife)

32 — Três (duas) — Naquele que *procede* mal, ninguém *confia.*
Jovaniro (Rio)

33 — Três (duas)
E' *muito grande*, em verdade,
A *tolice*, a presunção
Que não raramente invade,
Quem quer bancar sabichão.
J.D. Mingo (Senhor do Bonfim)

34 — Três (duas) — *Esconderijo* não é lugar para homem corajoso e *justiceiro.*
José Coelho Vieira (Maceió)

35 — Três (duas) — *Corda de viola* não se *corta* com faca.
Laranjeirense (Aracaju)

36 — Três (duas) — O *atraso* fêz gorar a *cilada.*
Malba Tantan (Santos)

37 — Três (duas) — No *corte de fôlhas de erva mate que ficou para ser completado no outro dia se deu um pequeno impulso dado às castanhas no jôgo.*
Ordisi (Lisboa)

38 — Três (duas) — Estávamos de *saida*, com a tarde quase *escura.*
Pompeu Júnior (Botucatu)

39 — Três (duas) — Parabéns, pois são muito *vistosos* os teus *brincos!*
Santorum (Rio)

40 — Três (duas) — Não é com o produto de um *roubo* que se *vence* na vida.

Uedath (Niterói)

CHARADAS CASAIS

41 — Três — Êste *indivíduo manhoso*, na certa, é *pessoa fina*.

Asil — A.C.C.B. (Salvador)

42 — Três — Que *branco sujo*, aquêle de cara *esquálida!*

Bisilva (Manaus)

43 — Cinco — A mulher *emagrecida* faz o homem ficar tristonho.

Conde de la Fére — A.C.C.B. (Salvador).

44 — Três — E' engraçada a *costaneira* trazida pelo *vento forte em geral no quadrante sul*.

Cysneirense (Muriaé)

45 — Quatro — Quem *faz movimento rápido e inesperado* tem o apelido de *veloz*.

Dr. Legnar (Urupês)

46 — Três — Eu *acumulo* dinheiro no cofre, porque sou uma *pessoa econômica*.

Edur G. Monteiro — (Cuiabá).

47 — Três — Soldado galucho entrincheira-se até no sítio onde se esperam antas.

Fiote (Cuiabá)





A sua vivacidade, a sua alegria permanente, tornaram-na a creatura mais adoravel do mundo. E ela diz sempre: - "Devo minha alegria contagiante á saúde perfeita e a saúde á Emulsão de Scott". Em minha casa todos fazem uso da Emulsão de Scott, do mais puro óleo de figado de bacalhau, rica em vitaminas, cálcio e fósforo, o tónico ideal para crianças, moços e velhos



EMULSÃO DE SCOTT

TÔNICO DAS GERAÇÕES

48 — Três Uma *certa dança acompanhada de canto é própria* daquele *que tem côr trigueira*.

H. França (Recife)

49 — Três — Não é *proibido* por lei, mas é feio o sistema de *cavação*.

Jasbar — T.E.M. (Belo Horizonte).

50 — Três — As *bruchas* usaram mantos *escuros*.

Florentino (João Pessoa)

51 — Três — O que mais *aflige* o mundo é o castigo de uma terceira guerra.

K.T.Q.Z. (S. Paulo)

Ao confrade Bisilva.

52 — Três — O mendigo apanhou no chão uma *ponta de cigarro* e, fumando-a, se sentiu *feliz*.

Ismênia (Recife)

Ao distinto confrade Farani.

53 — Duas — Homem *de poucas palavras* não vai em *conversa* fiada.

Manduca — A.C.C.B. (Salvador).

54 — Quatro — *E' muito incômodo* para mim quando *causo grande tristeza* à alguém.

Olin. — P.S.

55 — Três — Já no *intróito* da pantomina e balabrega *caçoa com* a platéia.

Roama (S. Paulo)

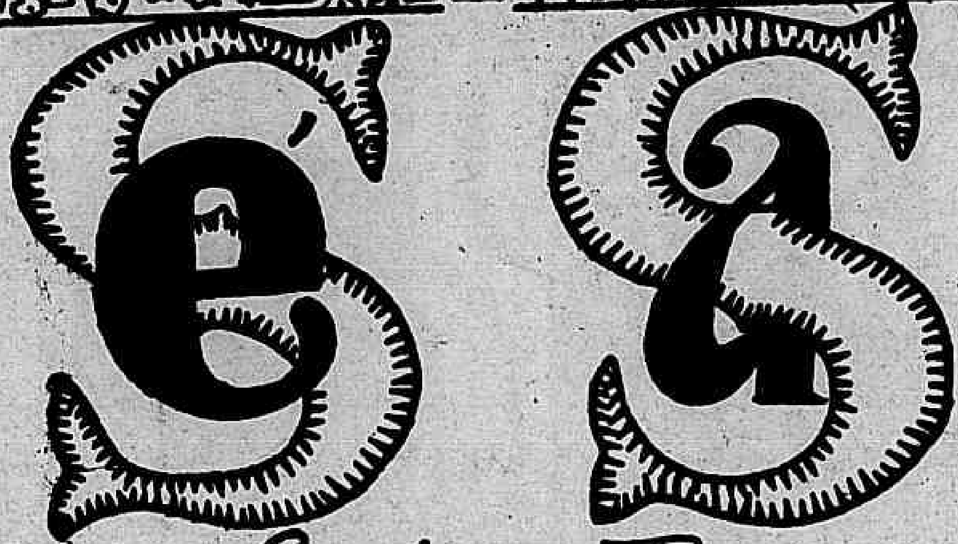
56 — Cinco — Todo *empregado em companhias de seguros*, deve conhecer a *parte da matemática que estuda as bases dos seguros em geral*.

Sertanejo II (Lavras)

ENIGMA PITORESCO

— 57 —





— 58 —

ENIGMA PITORESCO

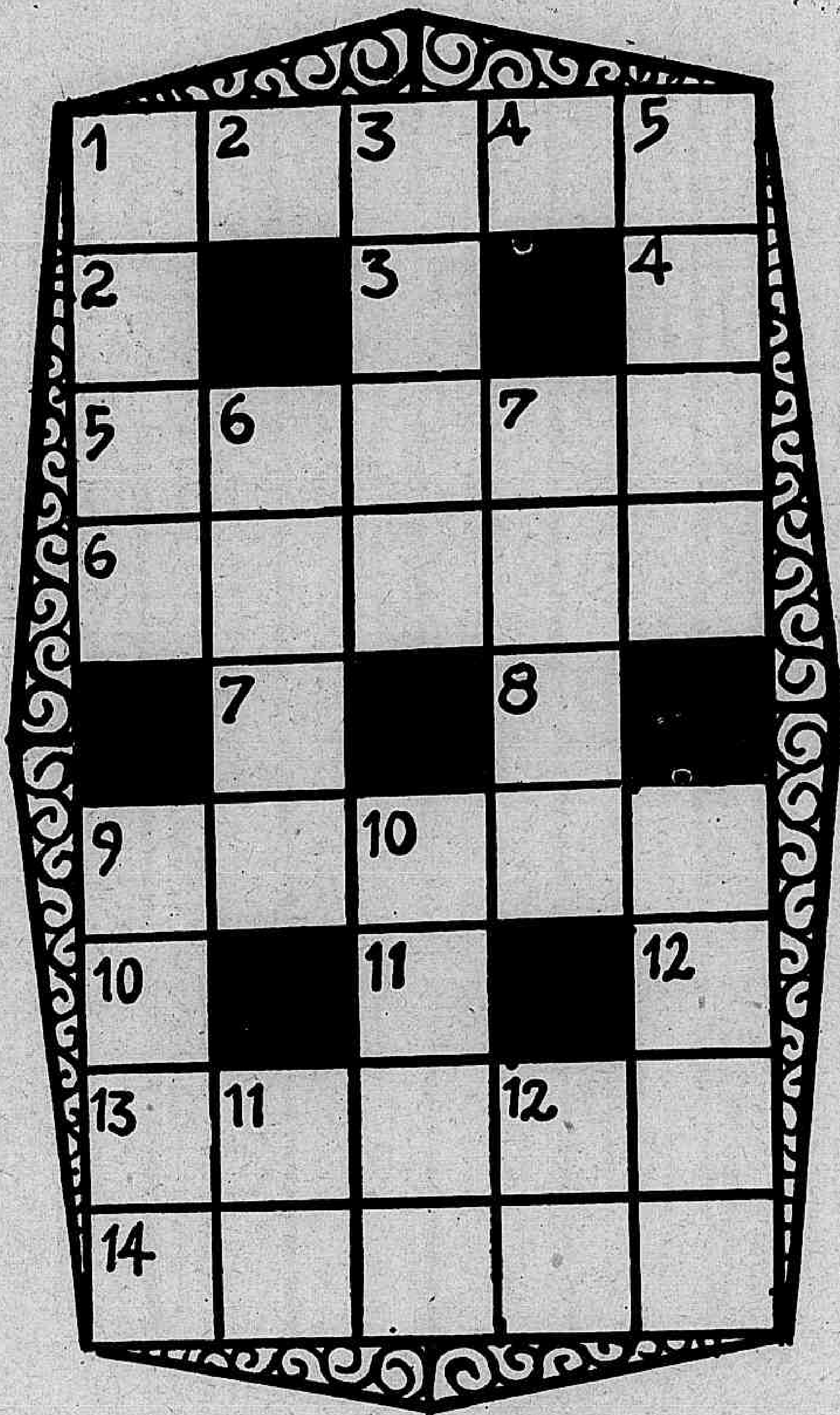


Bereco — G.C.N. (Recife)

PALAVRAS CRUZADAS

Problema n. 2

(Póstumo)



Dábliu (Rio)

HORIZONTAIS — 1 Lugar de contenda; 2 — Valia 80; 3 — Valia 70; 4 — Cinco; 5 — Geração; 6 — Praia; 7 — Simb. do iodo; 8 — Cem; 9 — Descobrir; 10 — Valia 11; 11 — Primeiro; 12 — Valia 350; 13 — Ocultar; 14 — Esfomeado.

VERTICAIS — 1 — Cofre; 2 — Valia 80; 3 — Adjetivo e pron. demonstrativo; 4 — Valia 50; 5 — Caução; 6 — Melodia; 7 — Chicote feito de uma só tira de couro; 11 — Viração; 12 — Abrev. de adicione (farmácia).

HUMBERTO JORGE

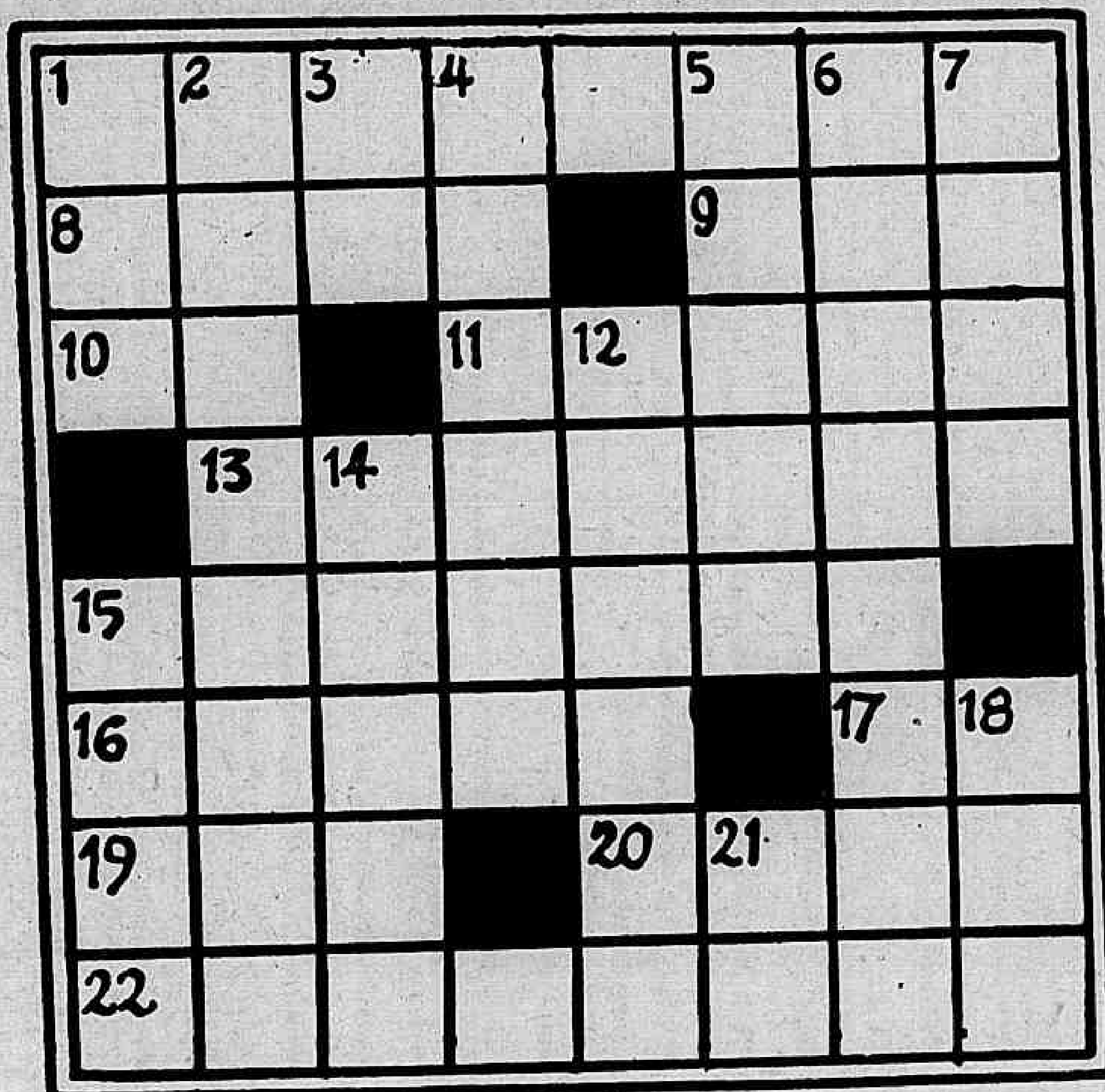
Futuro poeta e charadista, pois é filhinho do nosso *Mascobu* (Dr. Ribeiro Costa) e nasceu no dia 11 de outubro último, na cidade de Abaíra, Bahia.

Aos pais do já travêsso Humberto Jorge os nossos parabéns.

CORRESPONDÊNCIA

Cartas recebidas até 5 de dezembro:

Matsuk (Rio) — Feita a mudança do seu endterêço; mande colaboração.



Problema n. 1

Fusinho (Bangu — Rio)

HORIZONTAIS — 1 — Folhelho de milho; 8. — Inchar; 9 — A família; 10 — Graceja; 11 — Ambiba; 13 — Capturar; 15 — Combater; 16 — Esp. de olmeiro; 17 — Preposição; 19 — O macho e a fêmea, em certas aves; 20 — Pessoa não-me-toques; 22 — Araribas (árvores da família das leguminosas).

VERTICAIS — 1 — Caráter; 2 — Que está inserido no ápice (de um órgão vegetal); 3 — Simb. do rádio; 4 — Espécie de abelha melipônida; 5 — Elogia; 6 — Lingua de fogo; 7 — Navegar; 12 — Cariocinese; 14 — Levantara; 15 — Catálogo; 18 — Senão; 21 — O degas.

Rochefort (Capital) — A sua carta veio lembrar os bons tempos daqueles confrades. E' pena que tão ilustre confrade esteja afastado das lutas. Muitíssimos gratos.

———

Fusinho (Bangu — Rio) — Gratos pela bela colaboração enviada.

———

M.A.G. (Salvador) — Inscrita com muita satisfação — Gratos pelas suas bondosas palavras.

———

Bisilva (Manaus) — Recebemos, tudo em ordem. Gratos.

———

Agenor Costa, Coringa, Trica, Silvio Alves, Segon — Agradecidos pela visita que nos fêz.

PRAZO

Para as soluções de cada mês: Distrito Federal e Niterói, 45 dias; demais Estados, 90.

Tôda correspondência sôbre charadas deve ser dirigida para a redação de EU SEI TUDO — Rua Maranguape, 15 e endereçada ao diretor desta seção.

DR. LAVRUD





"Era"... mas acontece que passei a fazer o regime Eno diariamente - "Sal de Fructa" Eno ao deitar e ao levantar. A irritabilidade e o nervosismo provindos de má digestão, de prisão de ventre, de acidez, cessaram. Hoje posso dar e vender bom humor. Não seja "do contra" tome ENO laxante, antiácido e estomacal.

"Sal de Fructa"

ENO

BEIJA-ME OUTRA VEZ...

(*Continuação da pág.* 49)

No momento, ela cumprimentava, à sua maneira, mais um recém-chegado, enquanto a rotunda espôsa do *premiado* olhava, complacente.

Neste momento apareceu Henry Higdons, grandalhão e alegre, com uma bandeija de salgadinhos na mão. Mal viu Melville foi logo dizendo:

— Mel, estive falando com um amigo a seu respeito e êle queria saber qualquer coisa sôbre enxôfre; você se importa de dar uma explicação?

— Claro que não — respondeu Mel, distraído, enquanto observava que a pequena, para variar, beijava uma moça, ràpidamente, enquanto a cumprimentava.

— Você tem que pagar a hospitalidade dos Higdons — comentou Helen, enquanto Henry foi procurar, entre os convidados, o amigo de quem falara.

Mel deu de ombros e continuou observando *a pequena dos beijos*, que agora dava mais um no calvo coronel das Fôrças Aéreas, recém-chegado. Caramba!

Helen também observava. Deixou escapar uma risadinha zombeteira:

— Aquela deve ser a convidada de honra. Compreendo agora o que você disse. Que *exibicionista!*

— Sim; é mesmo — comentou Mel; pigarreou, passou a mão pelos cabelos e repetiu: — É mesmo.

Helen olhou para êle, de lado, e falou, irônicamente:

— Não fique tão preocupado, Mel! Tenho a certeza de que ela não vai esquecer de *cumprimentar* você...

— Caramba, Helen! Você não está pensando que eu...

Mel teve que parar porque Joan se aproximava com o mais expansivo dos seus sorrisos.

— Mel, coração! (Joan chamava todos de "coração", todos menos Helen, talvez. Via-se que gostava tão pouco de Helen quanto esta em retribuição). Helen! Que gentileza a sua em vir à minha festa! E vocês já conhecem a minha irmãzinha? Tessa! Vem cá, coração.

Ela só se poderia chamar Tessa, ou outro nome igualmente original — pensou Melville. Um nome tradicional e significativo, pois Carmem, Scarlett ou Amber não lhe assentariam bem. De perto, não tinha, absolutamente, uma expressão vulgar. Era muito viva, mas não vulgar!

Vieram as apresentações. Primeiro Helen, naturalmente, com a mão estendida para a frente, a fim de evitar intimidades e esperando por certo que Mel seguisse o exemplo; porém êle sentia muito não poder atender...

— E aqui — apresentou Joan — Mel Sykes!

Êle engoliu em sêco e preparou-se, mas ganhou apenas um leve apêrto de mão, e as palavras:

— Muito prazer, sr. Sykes. O senhor é o novo vizinho, não?

— Eu... Sim, sim, pelo menos era novo no ano passado, quando cheguei — respondeu êle, com um sorriso sem graça. Talvez não estivesse pròpriamente desapontado, mas apenas curioso de saber o que faltaria nêle se até ao calvo coronel da aeronáutica e todos, enfim, haviam sido cumprimentados de igual modo *e só êle não*...

Helen inclinou a cabeça com expressão zombeteira e disse:

— Que pena, Melville...

Êle pigarreou, receando que ela fôsse adiante.

— Que pena... por quê? — perguntou Joan, curiosa.

Mel tentou conter Helen; *fechou* a cara, porém ela falou:

— É que êle viu a senhorita Beaumont beijando os outros rapazes e pensou, coitado, que também...

— Caramba, Helen — disse Mel, com ar de censura, pois nunca pensara que a sua namorada o colocasse em tão delicada situação.

Tessa riu francamente e respondeu:

— Não se trata de implicância, sr. Sykes. É que eu só costumo beijar as pessoas quando as conheço pelo menos há mais de meia hora...

— Então vou procurá-la antes de partir.

Êle dissera aquilo na intenção de melhorar a atmosfera de embaraço, de dar um sentido de brincadeira ao caso, mas, pelo olhar de Helen, parece que saiu tudo ao contrário e deu a impressão de que queria combinar alguma coisa, pois sua voz saiu com um tom muito sério. Caramba!

A mão pesada de Henry em seu ombro veio salvá-lo:

— Desculpem a interrupção, meninas — falou o dono da casa. — Mel, êste é o meu amigo Pete Wirnack, de quem falei.

Naquelas circunstâncias foi com o maior alívio que êle fêz para Pete Wirnack uma análise verbal do enxôfre e tão exata como a que fizera para a firma Peabody & Mapes.

Joan levou Helen para apresentá-la aos convidados, enquanto a jovem Tessa rodopiou alegremente até um grupo animado, mais adiante.

— Então, Pete? Que lhe dizia eu? — perguntou, satisfeito, o simpático Henry. — E isto é *só* sôbre enxôfre. Pois o Mel é capaz de fazer o mesmo com aço, níquel, cobre ou titânio. É só pedir!

— Êste é o meu trabalho — falou Melville modesto, embora ìntimamente lhe agradasse o elogio. Lembrou-se de que Helen falara em pagar a hospitalidade dos

Higdons. Caramba! Êles se orgulhavam de o ter por amigo!

Finalmente, livre de Pete, saiu, sorridente e procurando conhecidos, porque numa festa é preciso ser sociável.

Logo Tessa o notou e veio para o seu lado. Criaturinha encantadora, foi logo indagando:

— Está gostando da festa?

— Como não? (Sentia-se agora mais expansivo.) Os doces e os salgados estão excelentes. Aliás, as festas dos Higdons são sempre muito boas. (Que sorriso, o dela!)

— Não me esquecerei de contar isso a êles, que o admiram tanto!

— E eu a êles! (Foi sincero ao dizer isso, pois, embora os Higdons não comungassem dos interêsses intelectuais dêle e de Helen eram pessoas agradáveis e bem-humoradas.)

Nesse instante avistou Helen, que, lá do outro lado do jardim, o fitava, séria. Caramba! Afinal, êle estava apenas conversando com a convidada de honra.

— Estive em Nova Orleans o ano passado — começou êle.

— É verdade? Foi conhecer o Carnaval?

— Não; nada de divertimentos. Fui examinar petróleo...

— Sim, sim. Mas chegou a conhecer bem Nova Orleans?

Êle confessou que vira muito pouco, além do hotel onde se hosperadara e o pessoal da companhia, mas ficou contente de poder contar a ela que comera, uma noite, no *French Quarter*, uns "camarões a remolade", preparados tìpicamente. Lembrou também ter ido a um ou dois clubes noturnos, e que, quando caminhava pelas ruas ajardinadas, sentia uma fragrância agradável e estranha, que nunca sentira antes, lembrando um pouco gardênia, porém mais suave e mais doce.

Ela sorriu e explicou:

— Deve ser uma essência de oliveira que preparamos lá.

Ela estava falando sôbre assuntos banais e que nada tinham com namôro, mas seus olhos flertavam o tempo todo e o



seu sorriso também, mesmo quando continuou:

— Georgetown lembra o *French Quarter*, não acha? E eu gosto tanto da pequenina casa onde você mora! Admiro aquela casa há muitos anos; há treze anos, para ser exata. Eu era apenas uma garotinha, quando vinha visitar Joan e Henry, e já gostava daquele pequeno chalé. Será tão interessante por dentro como é por fora?

— Você nunca estêve lá dentro? Bem, é preciso dar um jeito nisso. Na verdade (e naquele momento êle achou a coisa mais justa do mundo retribuir um pouco a hospitalidade dos Higdons. Nada de muito complicado, naturalmente. Talvez uma daquelas suas especialidades em *casseroles*) estive pensando se você e os Higdons teriam uma noite livre, esta semana, para um pequeno jantar no jardim...

— Não temos nada programado para têrça-feira — sugeriu ela com vivacidade.

— Mas lá vem a *sua* Helen.

— Melville — começou Helen. — Sinto muito, mas acho que devemos...

— Oh! Já vão? (Tessa usou a expressão usual de Joan para demonstrar desapontamento com a partida de convidados).

— Sim, temos que ir. Melville ainda precisa trabalhar, hoje à noite...

A voz de Helen era fria, gelada, e mais uma vez ela estendeu a mão para evitar qualquer demonstração de intimidade por parte de Tessa. É claro, ela podia agir *como quisesse*, porém êle não pôde deixar de lembrar com um sorriso divertido:

— Muito bem; conhecemos-nos *há mais de meia hora*.

— Está com tôda razão — respondeu Tessa, rindo.

E, pondo-se na ponta dos pés, beijou-o. Imediatamente, êle sentiu a mão de Helen no seu ombro, enquanto a pequena se afastava perguntando:

— Então, têrça-feira... a que horas?

Mel ainda estava meio tonto; ela usava a mesma fragrância que êle sentira em Nova Orleans...

— Possivelmente, às sete — respondeu.

— Telefonarei depois para Joan e Henry.

Saíram pela calçada, de volta a casa dêle, e Helen foi logo perguntando:

— Que negócio é êsse de têrça-feira?

Por que se tornava tão difícil explicar uma coisa tão banal como um pequeno jantar para os Higdons e sua hóspede? Como êle não respondesse logo ela acrescentou:

— Com certeza um beijinho na chegada e outro na saída.

— Caramba, Helen! Não é possível que você esteja...

— Com ciúme? — Ela riu nervosamente.

— Não, Mel! Estou apenas admirada de ver uma pessoa do seu nível mental perdendo tempo a alimentar as futilidades e vaidades de uma doidinha como aquela.

— Caramba, Helen! Não tenho intenção de alimentar a vaidade de ninguém, apenas o estômago... com um jantar que há muito devo a êles. E já que falamos em surprêsa, surpreendido estou eu com a sua... mesquinhez! Nunca pensei, Helen!

— Eu é que nunca esperei de você o que acabei de ver!

Quando se dirigiam para o teatro, onde costumavam assistir, todos os domingos, a um recital de música séria, êle chegou à conclusão de que aquela não era a noite indicada para falar em casamento.

Mais tarde, quando na porta de Helen êle se curvou para beijá-la, ela não o repeliu, porém êle achou que seus lábios eram frios, embora ela dissesse com o mais terno dos sorrisos:

— Não prefere isso àquele flêrte tolo de hoje à tarde?

Êle foi para casa pensativo. Afinal, era muito moço e precisava saber o que mais lhe agradaria: lábios macios e uma cabeça de vento ou...

Havia ainda luzes na casa dos Higdons quando êle parou o carro na calçada. Mel ainda estava cismado. Claro que continuava firme na intenção de casar com Helen, mas desde que ainda não estava comprometido, julgava-se dono do próprio nariz. Então, porque não entrar um pouco para fazer pessoalmente o convite a Joan e Henry. Seria contra-senso telefonar para um vizinho da casa ao lado. Tocou a campainha da porta.

Se por acaso nem Joan nem Henry estivessem em casa? E se, *por sorte*, apenas Tessa estivesse?

A própria Tessa veio abrir a porta. Estava trajando calças compridas, brancas, e uma blusa de sêda, e tinha os pés descalços. O efeito desta indumentária era surpreendente...

— Oh! Mas que surprêsa! Não quer entrar?

Êle entrou e não viu mais ninguém aparecer, nem ruídos de passos nos outros cômodos. Caramba! Que sorte!

— Você não esqueceu de uma coisa? — perguntou êle, com um olhar malicioso e inclinando o rosto para junto do dela.

— Oh! — ela se afastou, embaraçada.

— Bem, aquilo só vale em dias de festa — declarou, com uma gargalhada. — Só para festas, garotão! (E dirigindo-se para a escada chamou lá para cima): Joan! Henry! Temos visita!

Êle não ficou pròpriamente desapontado; apenas arrependido de ter seguido o primeiro impulso, entrando para fazer o convite pessoalmente. Afinal, um telefonema teria resolvido tudo com mais facilidade.

Caramba! Esquecera até que tinha um trabalho extraordinário para fazer, além do seu trabalho normal, e que teria de

entregar tudo pronto na quinta-feira! Mas, já vinham Joan e Henry descendo a escada.

— Alô! Então que tal uma xícara de café quentinho, hein? — foi a saudação de Henry.

— Não, Henry, obrigado; tenho trabalho extraordinário para fazer em casa.

Mas, nesta altura, Henry já estava na cozinha, fazendo o café, enquanto Joan procurava um prato de salgadinhos que havia sobrado da festa.

Melville olhou para o *motivo* daquela visita.

Ela estava confortàvelmente *enroscada* no sofá.

— Só para festas... — dissera ela. Como se êle fôsse tolo bastante para acreditar. Ela o olhava com atenção e falou:

— Que é que você está analisando esta semana?

Como se fôsse possível explicar, assim, em poucas palavras, o seu trabalho!

— É um assunto muito complicado, sabe?

Sentiu-se melhor vendo Henry e Joan que voltavam da cozinha com as bandejas. Tomaria o café e *cairia fora*.

— Henry! Queixou-se Tessa, com voz chorosa. — O seu ilustre e talentoso vizinho acha que eu não sou capaz de entender um assunto complicado, sabe?

— Ora, Mel, creia que Tessa é capaz de entender tudo — disse Joan, com orgulho. — Ela é *o gênio da família!* É que nós escondemos o fato, assim como os óculos que ela usa para ler.

— É verdade — exclamou Tessa, procurando os óculos sôbre a mesinha ao lado e colocando-os. — Aí está! Vejamos se agora estou com ares de intelectual e erudita, capaz de entender qualquer assunto.

— Desculpe; você não me pareceu...

Foi interrompido pelo telefone, que batia. Era para ela. Chamada interurbana, de Nova Orleans! Ela correu a atender. Mel ouviu-a namorando:

— Mas, Paulo, meu garotão, não precisava você chamar outra vez, meu bem...

Melville pousou na mesa a xícara e levantou-se dizendo:

— Tessa falou com vocês a respeito de têrça feira?

Os Higdons concordaram, teriam prazer em aceitar, e êle, com exagerada efusão, exclamou: "Ótimo, ótimo", enquanto Tessa continuava no telefone, namorando com o "garotão" Paulo. Ouviu-a, ainda, quando passou pelo *hall*, na direção da porta, e começou a compreender melhor o ponto-de [illegible] de Helen sôbre o assunto.

Estava empenhado no estudo de um relatório quando Helen telefonou:

— Desculpe se lhe pareci mesquinha hoje, Melville; afinal, convidar os Higdons foi uma boa idéia sua e, para mostrar minha aprovação, irei também; irei mais cedo, *para ajudar*.

— Muito obrigado, Helen; será ótimo.

— Pois é; mas, depois disso, espero que não os procuraremos mais. Êles *não são do nosso tipo*. E a vida é tão curta...

— Tem razão, Helen; tem tôda razão.

Na manhã seguinte êle estava vestindo o paletó junto à janela quando, olhando para o jardim do vizinho, viu Tessa, de *short* branco e blusa amarela, capinando o canteiro de zínias... (Acabou chegando atrasado ao escritório.)

Êle acabara de chegar à noitinha quando bateram a campainha da porta. Era Tessa, com uma tijela coberta por um guardanapo.

— Hoje preparei "camarões *a remolade*" e como você disse que gostou muito, quando comeu em Nova Orleans...

E ela espichou o pescoço, olhando para o interior da casa. Êle, cavalheiro, segurando a tijela que recebera das mãos dela, que poderia dizer senão:

— Não quer entrar um pouco?

— Posso?

E ela passou por êle, cheirando à flagrância de Nova Orleans.

— Oh! — exclamou ela, encantada. — Mas é um encanto, por dentro, tal como por fora!

Pensando bem, não seria preciso *matar-se*, fazendo o serviço extraordinário imediatamente. Mesmo começando depois êle o daria pronto para quinta-feira. A campainha do telefone veio tirá-lo daquela reflexão. Caramba! Seria Helen?

— Então, como vão as coisas? — perguntou Helen no fone.

Referia-se certamente ao trabalho e êle respondeu:

— Magnificamente.

Ela respondeu dizendo que ia desligar *para não atrapalhar*. Êle largou o telefone, sorrindo, sinceramente agradecido.

Tessa examinava os livros na estante; quando o viu aproximar disse:

— Se você chegar em casa qualquer noite e achar uma janela arrombada, não se assuste; estou gostando de mais de alguns dos seus livros.

Êle sorriu, satisfeito; ela estava querendo agradá-lo.

— Só que meus livros talvez tratem de assuntos muito sérios ou monótonos...

— Você quer fazer o favor de deixar de ser tão conselheiro?

— Bom, eu não quis dizer... — não pretendia discutir com ela. — É que...

Tessa riu, com o seu riso franco, dizendo:

— Você é exatamente como Joan me descreveu: compenetrado, *mandão*, mas amável bastante para compensar tudo isso e... jovem bastante para perder êsse defeito e... extremamente simpático e bonitão...

Neste momento olhando pela janela ela exclamou:

— Oh! O Eddie já chegou. Devo ir.

E correu.

Eddie? Melville foi olhar pela janela e viu um rapaz bonito, que a ajuda a entrar no automóvel. Bem, pelo menos ela não beijara o tal do Eddie. Talvez fôsse mesmo só *em dias de festa*...

Os camarões estavam deliciosos. Muito bem preparados. Comeu-os um a um, pensativo, olhando para a estante de livros.

E êle fora, realmente, um tanto metido a conselheiro... e muito compenetrado também; mas... "amável bastante para compensar tudo"... dissera ela. Criaturinha adorável!

Quando ela voltou já passava de uma da manhã. Êle reparou porque ficou trabalhando até tarde, no quarto, e olhava a rua pela janela, de vez em quando. Não pensando nela, naturalmente; apenas porque aquêle quarto e aquela janela pareciam mais frescos naquela noite quente.

Ela chegara a uma da madrugada e, no entanto, às sete e meia da manhã seguinte, lá estava jardinando... (Êle chegou novamente atrasado ao escritório.)

Ela foi a primeira a chegar para o jantar combinado.

— Já que isto é uma festa... (Sorriu e beijou-o, menos de leve do que da primeira vez e êle sentiu a fragrância das flores de Nova Orlens, indo até às nuvens.)

— Cuidado, pequena — avisou Helen, com um sorriso surpreendente nela. — Não esqueça de que eu o vi primeiro! *Hello* Joan, Henry. "Nós" estamos tão contentes que vocês tenham vindo! "Nós" vínhamos planejando isso há tanto tempo...

— Afinal, Helen estava sendo jovial — pensou Mel. — Apenas êle gostaria que ela se mostrasse menos *proprietária*.

Êle estava passando um prato de salgadinhos-aperitivos, quando Helen ligou o rádio e falou para Tessa:

— Espero que não se incomode, mas é que Melville e eu gostamos de boa música... da clássica... Foi assim que nos conhecemos. Durante um concêrto no "Constitution Hall", êle estava com um casal que eu conhecia e (sorriu para Mel) e foi assim o comêço de tudo, não foi querido?

Êle fêz que sim com a cabeça; apenas preferia que ela não falasse daquele modo íntimo sôbre o assunto. Claro que êle gostava dela e ia pedi-la em casamento, mas não era preciso pôr o revólver em suas costas!

O jantar foi servido no jardinzinho, do lado esquerdo. Tudo estava perfeito e delicioso, mas *faltava qualquer coisa*. Ninguém parecia estar encontrando total divertimento.

Joan e Henry faziam o possível para ajudá-lo a manter uma conversa animada. Henry e Joan eram pessoas com quem se podia sempre contar para estas coisas. Helen começava a demonstrar o quanto lhe estava custando agüentar a festa até o fim. Tessa falava cada vez menos e seus sorrisos eram cada vez mais significativos.

Finalmente, Helen disfarçou um bocejo.

Joan levantou-se e falou.

— Já está ficando tarde e nós vamos andando.

— Não protestou Mel. — Ainda não são dez horas!

Joan segurou-o pelo braço, dizendo:

— Mas, coração, você e Henry têm que ir trabalhar amanhã.

Como se Henry e êle não estivessem acostumados a ficar acordados até depois das dez. Joan olhou para Tessa, depois para Mel e sugeriu:

— Mas que tal nos encontrarmos novamente na quinta-feira, à noite? Um grupo pequeno. Para a despedida de Tessa, antes de levá-la ao aeroporto, às dez horas?

"Para o aeroporto", pensou Mel, "mas se ela chegara apenas no domingo!"

— Quinta-feira? — disse Helen. — Oh! Mas é, exatamente, a noite que nós combinamos ir a Alexandria, não é Melville?... Vamos visitar os Duvall.

Mel sabia que êles não conheciam nenhum Duvall, mas que podia dizer?

Tessa estendeu a mão para Helen dizendo:

— Muito obrigada pela otima noite. E já que não nos veremos novamente, adeus.

Mel suspirou. Possìvelmente seria "adeus" também para êle... Talvez o beijo de adeus...

Mas, em vez disso, ela apenas estendeu a mão para êle, que gaguejou, embaraçado:

— Sinto muito... não poder... quinta-feira...

Os olhos de ambos se encontraram por instantes. Ela disse:

— Também eu... sinto.

Na manhã seguinte, ela não estava no jardim. (Êle chegou pontualmente no escritório.)

À tarde voltou, correndo, para casa, pensando na tijela que ainda não devolvera. Na verdade, nem Helen poderia reclamar o fato dêle ir devolver a tijela do vizinho.

A empregada atendeu à porta e informou:

— Saíram todos, sr. Sykes. Partiram às quatro horas para visitar uns amigos em Baltimore e só estarão de volta amanhã.

Êle não entregou a tijela. Voltou para casa e, na porta, ouviu o telefone batendo. Era Helen que perguntou:

— Como vai o trabalho?

Como se êle não fôsse capaz de fazer seu trabalho sem a fiscalização dela.

— Vou me arranjando, Helen.

— Muito bem. Que pena que você não pudesse trabalhar ontem à noite, não?

Que pena que êle tivesse amigos, achava ela, com certeza, pois, do contrário, poderia fazer-lhe a vontade durante as vinte e quatro horas do dia! Ela perguntou ainda:

— A que horas vamos ver os Duvall amanhã à noite? (E riu, divertida com a piada.) As seis, como de costume?

Que podia êle dizer. O encontro das quintas-feiras à noite fazia parte do *programa*, como uma espécie de *comemoração* ao término do relatório semanal. Comemoração *à moda dela*, naturalmente! Jantavam, enquanto debatiam um assunto sério e depois iam ilustrar-se ouvindo música de *camera*.

— Está bem — respondeu Mel, conformado.

— Às seis, então.

No dia seguinte, ao meio dia, êle encerrou o expediente do escritório, como fazia tôdas as quintas-feiras.

Geralmente, ia dali para o "Clube Imprensa", encontrar alguns amigos, mas no momento só pensava em chegar em casa e devolver a tijela do vizinho.

Tessa vinha saindo do portão dos Higdons quando êle encostou o carro na porta de casa. Estava elegantíssima, com um vestido azul, chapèuzinho branco, luvas e bôlsa também brancas.

— Vai sair? — indagou êle, de dentro do carro.

— Sim — respondeu ela, admirada. — Vou à cidade. Chegou cedo a casa hoje, não?

— A tarde de hoje é minha folga. (E abrindo a porta do carro convidou.) Vou também para a cidade; quer uma carona?

Ela sorriu divertida e comentou:

— Mas você mal acaba de chegar!

Sim, era verdade; mas não podia perder a *chance* e emendou:

— É, mas vim apenas buscar uns papéis e não me demoro.

Correu para dentro de casa, apanhou um grande envelope contendo propaganda e que ia jogar fora e voltou, correndo.

— Muito bem. Para onde vai você?

— Vou à loja Berkley, onde comprei um vestido e deixei arrumando. E você, para onde vai com êstes papéis?

— Bem, eu... (Precisava inventar um lugar depressa.) Eu vou ao "Clube da Imprensa". (Muito lógico! Ia sempre lá, nas quintas, e além de tudo era perto de Berkley.) Já estêve alguma vez lá?

— Não, nunca estive.

Êle pensou que seria um lugar interessante para levá-la. Correspondentes de jornais de tôda parte, cronistas, figurões políticos... e sugeriu:

— Que tal almoçarmos lá então?

Ela evitou o olhar dêle e respondeu, séria:

— Muito obrigada; mas acho melhor não irmos.

— Ora, você devia conhecer o "Clube da Imprensa". É um local onde se aprende muita coisa.

Porém ela, embora parecesse tentada, respondeu:

— Obrigada; mas é melhor não ir. Você sabe... Helen...

— Que tem Helen a ver com isso?

Tessa respondeu, um tanto embaraçada:

— Bem, é que ela não gostaria, não acha?

Afinal era a tarde da folga dêle e além disso êle ainda não estava *amarrado* por compromisso algum! Tomou coragem:

— Por mim, não me interessa que ela goste ou não.

— Não mesmo? — Tessa sorriu, flertando com os olhos. Virou a cabeça para o lado e replicou: — Pois então, se você não se importa, não vejo por que eu deva me importar. Vamos!

Foram. O salão estava repleto, mas mesmo assim arranjaram mesa. Ela olhou em volta, vivamente. Caramba! Como era encantadora e provocante. Êle começou:

— Creio que não sou muito bom anfitrião. Possìvelmente, você não se divertirá hoje, assim como não se divertiu no jantar, em minha casa.

— Mas, se está tão agradável aqui! E quem lhe disse que eu não me diverti naquele jantar?

— Bem; é que você estava tão quieta... e quando se despediu, você não..., (titubeou para dizer o que faltara).

Ela começou a rir e falou:

— Ah! Já sei o que é. (Depois, suspirando, continuou:) Não, eu nem devia... quando o cumprimentei na chegada. É que eu não sabia que você e Helen...

Mel preferia que ela esquecesse Helen. Aconselhou:

— Na verdade, você não devia... Bem, não é da minha conta, mas você podia ser agradável sem precisar beijar todo mundo, afinal...

— Mas eu não beijo todo mundo.

— Pelo menos na festa, outro dia...

— Eram pessoas que eu conheço desde que era criança!

— Sim? E eu que...?

— Você? — ela sorriu, com malícia. — Mas você *queria* que eu o beijasse!

— E você beija tôdas as pessoas que querem ser beijadas?

Ela sorriu, antes de responder:

— Pensei que não fôsse da sua conta...

Se fôsse da conta dêle êle teria explodido de raiva, mas conteve-se e explicou:

— É apenas uma questão de interêsse acadêmico para mim. Fico pensando que você será uma espôsa-problema quando casar; algum dia, se continuar sendo

tão... *amável*, como foi para comigo outro dia, por exemplo.

Ela virou um pouco a cabeça e ponderou:

— Não costumo agir assim. É que me empolguei... Desculpe.

— Não há por que desculpar-se. (E por sua vez, êle sorriu ternamente.)

Então apareceu um rapaz que apenas cumprimentava Mel e sentou-se calmamente à mesa dêles e depois de apresentado não parecia mais querer retirar-se. E quando êle se foi veio outro e assim transcorreu o almôço.

Melville já estava sentindo-se irritado e quando estavam no elevador, para sair, êle comentou:

— Você foi uma atração!

— Oh! Acha mesmo?

— Especialmente hoje! Vou buscar o automóvel, enquanto você apanha o vestido na loja, combinado?

— Mas, você vai me dar uma carona de volta?

Claro que êle ia.

Touxe o automóvel e ficou rodando em volta do quarteirão, até que, lá pela quinta volta, ela apareceu, entrou no veículo, ocomodou-se ao lado dêle e, atirou a caixa do vestido no banco de trás.

Êle se sentiu feliz, vendo-se ao lado daquela pequena que tonteara todo mundo, no clube, e que entrava com tanta naturalidade no seu carro. Tão contente estava que começou a cantarolar.

— Você parece muito bem disposto, hoje — disse ela, rindo.

— E estou, realmente.

Ela o fitou com atenção e observou:

— Mas, não se sente assim... com freqüência, não é?

— Bem — confessou êle. — É que não fico longe das vistas de Helen... com freqüência.

— Não se sente assim, quando está com ela?

— É que... — êle tentou *remendar*. — É que ela é muito séria, sempre muito compenetrada...

Tessa continuava olhando para êle, observando-o:

— Sei que não é da minha conta, mas... acho que você devia procurar alguém que o fizesse sentir-se sempre bem disposto e alegre.

Êle a olhou um instante e depois disse:

— Alguém como você, por exemplo?

— Você me acha muito atrevida, não é mesmo?

— Não; acho que você é uma tentação...

— E você... se sente tentado, garotão?

— Desde domingo não sei bem como me sinto...

— Mas não tomou sequer uma atitude...

Êle não soube como responder. De um lado seu coração se sentia ardente e jovem e, do outro, a mente amadurecida e sensata. Para não ficar calado, disse:

— Você gostaria de conquistar o vizinho, então?

— Sim; imensamente!

— *Mais um* para a *lista* de Paulo, de Nova Orleans, e daquele outro, do automóvel, o Eddie, não é?

— Ora, você faz de mim uma *vamp* — disse ela, rindo. — Não? é mesmo?

— E então?

— Ora, convenhamos; todos nós temos amigos e o que é mais importante, você tem Helen.

— E... — admitiu êle, sem convicção, entretanto.

— Você pretende casar com ela, não é? Desculpe; afinal não é da minha conta.

Já estavam perto de Georgetown, mas êle tomou por outra rua em vez do caminho de casa. Não se conformava em levá-la já de volta.

— Para onde você está indo? — perguntou Tessa.

Êle sorriu, esperançado, explicando:

— É que... está uma tarde tão agradável para um passeio e estou livre até às seis, quando vou apanhar Helen...

Ela tornou a rir francamente, dizendo:

— Parabéns por ter tanto tempo livre, garotão, mas, infelizmente, não posso dizer o mesmo. Tenho milhões de coisas a fazer neste tempinho que me resta.

— Só uma voltinha! — insistiu êle.

Mas ela olhava para frente e já não parecia tão alegre:

— Aproveite para fazer a curva aí mesmo e vamos para casa.

— Por que você tem que ir embora tão depressa? — perguntou êle, sinceramente esperançoso de que, ficando mais uns dias talvez...

— É que vão chegar umas pessoas do Equador amanhã, e o meu chefe quer que eu esteja lá para receber.

— Quer dizer que... você trabalha? — perguntou admirado.

— Não nos conhecemos bem ainda, não acha? Então o que você pensa que eu faço do meu tempo?

Caramba! Êle não sabia, pensava talvez que ela só namorasse, fôsse a festas, fizesse compras.

— Pois trabalho na "Comissão Pan-Americana de Estudantes" — explicou ela, quando iam parando em frente do portão dos Higdons. — Sou assistente do diretor!

Sim, Joan havia dito que Tessa era *o gênio da família*. E bem que ela se interessara pelo trabalho dêle, pelos livros... E êle fizera pouco caso dela!...

Mel acompanhou-a até à porta e, inclinando a cabeça, disse:

— Isto é uma despedida e...

— Não! Você é quem está com a razão. Não devo beijar todo mundo (sorriu,

estendendo a mão e acrescentou) Adeus, boa-sorte e que Deus o ajude!

E entrou, fechando a porta e deixando-o do lado de fora com cara de espanto.

Nada lhe restava senão ir para casa. Pelo menos, lá, poderia dar com a cabeça contra a parede. Quando meteu a chave na porta ouviu o telefone chamando, chamando até que êle entrou, tomou o fone e atendeu:

— Sim, senhora! (Sabia que era Helen.)

— Onde tem andado o *senhor*, que telefonei a tarde tôda e não me atendeu?

— É mesmo? — riu êle, passando a mão pelos cabelos. — Pois... eu saí, Helen. Saí!

— Com a vizinha do lado, não é?

Êle respirou fundo antes de explicar:

— Pois bem, já que ela parte hoje à noite, e nós recusamos o convite dos Higdons, fui me despedir.

— Deve ter sido doloroso para você, não?

— Helen — disse êle, já impaciente. — Vou buscá-la às seis.

Por momentos ela ficou calada, depois disse, friamente:

— Não precisa se incomodar...

— Que é que você quer dizer?

Ela foi positiva:

— Pensei que você tivesse outra maneira de pensar, Mel. Que tivesse mais senso pelo menos. Mas...

— Pois bem, Helen. Adeus, boa-sorte e que Deus a ajude!



Quando êle bateu na porta do vizinho, foi Joan quem veio atender.

— Vim devolver a tijela — disse êle, esticando o pescoço, esperançoso, olhando para dentro.

Joan soltou uma gargalhada e olhou-o com malícia. Caramba!

Como era camarada a Joan! Ela o fêz entrar, dizendo:

— Vá entrando direto para o jardim, coração. Ela está lá, muito desconsolada.

Desconsolada? Caramba! Correu para o jardim com o coração aos pulos. Tessa se voltou espantada.

— Pensei que você tivesse *milhões de coisas* a fazer nesse resto de tempo... — disse êle.

Ela evitou fitá-lo e respondeu:

— Tenho realmente e já é tempo de começar. Daqui a pouco começam a chegar os amigos e...

— Acho... que, talvez, não sei, talvez lhe interesse saber que Helen e eu, isto é, está tudo acabado entre nós!

Mel viu os olhos dela iluminados de alegria. Respirou, tomou coragem e falou:

— Eu vou ter três semanas de férias no mês que vem e... estive pensando que poderia passá-las em Nova Orleans, isto é, se você não ficar zangada, eu poderia procurá-la quando chegasse lá...

— Procurar-me?! (O sorriso dela jamais fôra tão provocador.) Você não precisa procurar-me, garotão. Você já me achou...

E então êle a abraçou e... Caramba! Caramba! Quando ela se empolgava... Caramba...



MEMÓRIAS PRODIGIOSAS

TEMÍSTOCLES sabia e recitava os nomes de todos os habitantes de Atenas. Tinha por costume dizer que o de que necessitava mais era uma arte de esquecer e não de recordar.

Mitrídates conhecia a fundo vinte e dois idiomas ou sejam tantos quantas eram as nações submetidas ao seu domínio.

Um tal Simplício, amigo de Sto. Agostinho, recitava a «Eneida», de Vergílio... ao contrário, começando pelo último verso, e sabia de cor tôdas as obras de Cícero.

José Sacalígero aprendeu de memória tôda a obra de Homero em vinte e um dias, e os demais poetas gregos em quatro meses.



ACREDITEM, SE FÔR POSSÍVEL...

UMA aventura pouco comum acaba de acontecer com o cidadão Jules René, de 48 anos, residente numa comuna da Normandia, que se preparava para desposar uma conterrânea, de idade pouco inferior que a sua. Entretanto, ao tratar dos documentos necessários para a núpcia, ouviu a autoridade declarar que êle não podia casar... porque estava morto havia quinze anos. Naturalmente, o noivo protestou, afirmando que estava vivo e que, quando se tratou de chamá-lo para pegar em armas, não acharam que êle estivesse morto. Mas tudo foi inútil, sendo necessário uma sentença do tribunal para ressuscitá-lo legalmente. Mas a surprêsa maior ainda não chegara. Pouco depois, ao tratar dos documentos relativos a sua noiva, Jules René teve a surprêsa desagradável de ouvir a tremenda revelação: sua eleita era nada menos que sua própria irmã! Tanto Jules René quanto a irmã tinham sido abandonados pelos pais quando tinham ainda poucos meses; sendo educados em asilos separados. Mais tarde haviam adotado nomes diferentes, sempre ignorando a verdade sôbre a própria origem.



CURIOSIDADES

ENTRE os produtos que constituem a riqueza das colônias inglêsas da África Oriental devemos mencionar as peles de macaco, procuradas com empenho pelos alfaiates de Londres.

★ Semanalmente são fabricados no mundo cêrca de 500.000.000 de agulhas para máquinas de costura ou para coser à mão.

A FALSA "LISETTA"

(*Continuação da pág.* 24)

— disse êle. — Você não pode casar com um homem que chama você de Eliza. Além disso... E a sua voz?

— Vou desistir do palco.

— Você está é maluca! — disse Antônio. E saiu da sala, deixando-me prêsa de violenta emoção. Então compreendi que meu ódio por Antônio era muito maior que o meu amor por Henrik.

Na última noite das representações, como era costume, reunimo-nos para uma ceia. Porém nenhum de nós estava "natural". Antônio estava curiosamente excitado. Mavis extraordinàriamente feliz e risonha, a despeito dos olhos avermelhados, e Henrik solene e pensativo. Havíamos planejado casar em Wynoma, ao fim de três semanas.

DEPOIS do *show,* saí em busca de Henrik... e encontrei um desconhecido, parado diante da porta do meu camarim. Vestia casaca e tinha uma cartola reluzente entre as mãos. Seu rosto era pálido e usava uma barba curta e negra. Que seria "aquilo"?

— Miss Milan? — indagou êle. — Sou Kult Dohner.

Céus! O destino intervinha mais uma vez. Kurt Dohner era o mais famoso caçador de estrêlas para a "Ópera de Chicago". Ouvira referências a meu respeito e viajara cinqüenta milhas para ouvir-me cantar.

— Tem excelente voz — disse êle. — E breve terá ainda melhor. Desejo que venha comigo para Chicago, onde estudará um ano. Depois terá bons contratos e será um grande êxito!

A Ópera! O grande sonho da minha vida! Fiquei tão excitada que comecei a gritar. Logo a seguir, lembrei-me de Henrik.

— Não sei o que devo fazer — disse, torcendo os braços. — Não sei... o que devo dizer...

Porém, mr. Dohner se mostrou impaciente.

— Entretanto, preciso de uma resposta imediata. Meu trem sai de Chicago amanhã cedo. Ficarei satisfeito se a encontrar no mesmo.

Cumprimentou e afastou-se. Quando me voltei, estonteada, Henrik estava parado, a dois passos de distância.

— Eu sei — disse êle. — Ouvi tudo.

— Diga-me o que devo fazer, Henrik! — gritei. — Farei o que disser.

Mas eu já estava ouvindo a orquestra, os aplausos da assistência e o longo rincho da cortina, subindo.

Acordei cedo, na manhã seguinte e vesti o meu vestido mais sensacional. A seguir fui para o espelho tratar do "make-up" e, quando terminei, diante de mim estava novamente a falsa Lisetta. Eliza Miller desaparecera por completo. Pensei em escrever um bilhetinho para Henrik, mas logo descobri que não era coisa fácil. Para ser franca, eu temia que, no fundo, o que eu desejava era mesmo briga.

E tivemos briga mesmo. Depois, quando Henrik me acompanhou até à estação, estava sério e foi com voz estudada que me falou:

— Foi uma felicidade descobrir a verdade antes de que fôsse tarde!

— Sempre o amarei, Henrik — declarei, enquanto meus olhos se enchiam de lágrimas verdadeiras. — Mas não tenho fôrças para lutar. Você algum dia compreenderá minha atitude.

Henrik me ajudou a subir para o trem e deixei-me ficar, junto dos degraus, a fim de dizer-lhe um último adeus. Êle ali ficou, alto e louro e sombrio. Meu coração quase se despedaçou. Sentia-me exatamente como Madame Butterfly despedindo-se do tenente Pinkerton.

Quando o trem se movimentou, levantei o braço numa despedida para ficar memorável. Porém, antes de que pudesse começar a acenar, um homem metido num comprido guardapó, passou junto de mim, quase me derrubando. Era Antônio Lucci.

PENSEI que ia perder o trem — disse, como se confessasse um pecado. — Que está você fazendo aqui, Lisetta?

— Que acha você que fazem as pessoas que tomam um trem?

E depois dessa resposta, que considerei bastante mal-criada, voltei-lhe as costas e penetrei no trem, em busca de mr. Dohner. Justamente estava no mesmo vagão.

— Mr. Dohner — disse eu. — Aqui estou.

Êle levantou a cabeça. Parecia muito mais moço, sob a luz da manhã.

— Bem... — disse êle vagamente. — Fêz muito bem...

Tornei a fitá-lo. Alguma coisa estava errada. Êle era moço, muito moço mesmo. Uma horrível suspeita crescia dentro de mim.

— Uma de minhas amigas estuda com o senhor — disse eu. — Mary Richards.

—Oh, sim. Mary Richards... Excelente cantora. Excelente soprano...

Recuei, assombrada.

— Mary Richards — declarei lentamente — é um contralto. Estudou com Kurt Dohner cinco anos... e creio que vou, já e já, chamar a polícia.

— Um momento — disse o desconhecido com voz alarmada. — Nada tenho com isso... Fiz apenas o que Antônio pediu...

— Antônio!

— Sim, Antônio. Fomos colegas de universidade e êle pediu que assim fizesse, explicando que se tratava de uma brincadeira.

Não esperei para ouvir suas últimas palavras. Passei, quase correndo, para o outro vagão. Antônio estava sentado, só, olhando tranqüilamente pela janela.

Aproximei-me e disse, com voz suave, junto do seu ouvido:

— Antônio.

Êle se voltou e eu o esbofeteei com violência.

— Ei! — gritou êle. Mas logo parou.

— Oh! Então você descobriu tudo mais cedo do que eu esperava?

— Descobri, heim? Que pensa você que eu sou? Uma idiota?

— Lisetta! Todos estão ouvindo.

Os demais passageiros, de fato, voltavam-se para ver o que acontecia.

— Não me importa que ouçam — gritei ainda com mais fôrça. — Você é um bandido. Um chantagista. Tem feito comigo coisas horríveis, todos êstes meses. Mas agora vai pagar. Arruinou duas vidas. E mesmo que não pensasse em mim, tinha obrigação de pensar em Henrik!

— Nada disso. Apenas salvei você de uma vida descolorida e sem encantos. Agora êle vai poder casar com Mavis Chadwick e ser feliz.

— E eu? Eu também o amava.

— Mas o deixou assim, de um minuto para o outro, não foi?

— E por quê? Aqui estou a caminho de Chicago, sem emprêgo, sem dinheiro, sem nada. Que vou agora fazer?

— Você vai cantar, é claro!

Comecei a chorar.

— Não quero cantar. Quero uma vida simples, entre gente simples. Você não conhece como realmente sou.

— Oh, sei, sim! Você é tão simples como os desenhos de um tapête persa. Sei que você nasceu numa fazenda. Seu pessoal é gente boa e muito decente e você quase os põe, todos, malucos. Aposto como você andava de patins aos dois anos!

— Ouça! — disse, ameaçadoramente. — Hei de sair dêste trem, mesmo que tenha que deitar fogo a êste vagão. Agora, deixa-me sair daqui.

— Pois bem, pode ir. Mas, antes, você vai deixar que eu diga uma coisinha só, promete?

Eu já havia levado a mão ao cordão de alarma. Assim continuei, mas respondi, prometendo. Antônio, porém, nada disse.

— Dentro de dez segundos farei o sinal para o trem parar — avisei.

— Lisetta — começou êle. — Eu... (sua voz começou a falhar, o que me surpreendeu, pois nunca o tinha visto perder a voz. E parecia também acabrunhado, também pela primeira vez. E o pior de tudo é que, assim, ficava mais sedutor).

Respirou com fôrça e então prosseguiu:

— Quando lhe ofereci aquelas rosas vermelhas, não foi porque desejava zombar de você. Foi porque eu pensava que você era a espécie de pequena que merecia essas flores. E quando ingressei na companhia Chantauqua não foi coincidência. Fiz tudo para conseguir isso, para estar ao seu lado. E quando a beijei foi porque desejava fazer isso desde muito tempo.

Eu não podia acreditar no que ouvia. Fitei-o um instante e depois perguntei:

— Você está tentando dizer que...

— Que a amo — disse êle. — Gosto do seu gênio, dos seus vestidos, e tudo quanto você diz e faz. Se você cisma de andar descalça sôbre a grama molhada, acho formidável. Se imaginar que é a rainha da Espanha, acharei também formidável. Imaginei que você devia gostar de mim e não de outro qualquer, embora você nem de leve pensasse em tal coisa. E agora, se errei, você pode dar o sinal de alarma.

Tentou gracejar ainda uma vez:

— Mas se você fizer isso, Lisetta querida, eu me jogarei sob as rodas dêste trem.

FIQUEI ali, parada, sem saber o que fazer ou dizer. Êle amava Lisetta Millan. E se êle a amava... ela existia. Talvez eu não tivesse estado representando, todos êsses anos — os olhos pintados, os chapéus vistosos, os vestidos com franjas — talvez tudo aquilo fôsse, afinal, a verdadeira criatura que era eu mesma e não uma falsa Lisetta.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou o condutor, aproximando-se. — Êle me aborrecia, sim. Meu coração saltava dentro do meu peito e meus joelhos estavam fraquinhos...

— O que aconteceu é que — murmurei — é que acabamos de ficar noivos.

Antônio sorria, mansamente. Era incrível — pensava eu — que eu não tivesse notado, antes, quão bonitão êle era. Então, sem qualquer aviso, êle me beijou, ali mesmo, na frente de todos aquêles estranhos... e comecei a ouvir a alegre música dos aplausos.

Abri os olhos e olhei em redor. Todos os demais passageiros do vagão aplaudiam e riam. Antônio e eu também rimos e, então, êle tornou a me beijar.

Justamente como o último ato de Marta, apenas muito melhor.

EU SEI TUDO

Nº 52 — Ano XXXVIII Nº 8 — Janeiro — 1955

SUMÁRIO:

Grande vantagem ... 3
Boa resposta ... 3
A melhor prova ... 3
Assunto liquidado ... 3
É a lei! ... 3
Numa casa há lugar para tudo ... 4
Agora já fizeram isto! ... 6
A mais idosa ... 6
Fora da lei... ... 6
O mais simples ... 6
Transfusão de amor (conto) ... 7
Uma nuvem sôbre a cidade ... 10
Como você resolveria isto? ... 12
Cendrillon, estilo 1954 ... 12
Você podia imaginar? ... 12
As mulheres trabalham de mais! ... 13
A falsa Lizetta (conto) ... 16
Um fantasma de 40 séculos intriga o futuro ... 25
Respostas de Alexandre Magno ... 31
The Right... woman ... 31
A "Prêsa" — Uma narrativa sensacional! ... 32
Para Marciano o gesto de Churchill ... 34
Água explosiva ... 35
Como reparar fios elétricos ... 36
São coisas da vida ... 38
As línguas não conhecem fronteiras ... 38
Proporções ... 38
Definições ... 38
A fôrça de um juramento (romance-continuação) . 39
Beija-me outra vez (conto) ... 47
Qualquer pessoa pode predizer o tempo — A ciência confirma os provérbios arcaicos ... 50
Linhas escolhidas ... 55
A luz zodiacal, chave para o universo ... 56
Vôos da Fantasia ... 60
A dupla vida da libélula ... 61
A "boa resposta" do mês ... 66
Psicanálise ... 66
Brinquedos ... 66
Brincando com fogo (conto) ... 67
Não havia perigo ... 70
Savoir-faire ... 70
Aplaudindo a si mesmo ... 71
Conselho ... 71
Estampas norte-americanas: Comer em casa, comer fora ... 72
O quarto de Winnie ... 76
Muito fácil ... 76
O amor começa aos 40 (Humphrey Bogart, um dos atuais atores "maduros" de Hollywood, conta por que êle mesmo e os da sua idade continuam classificados entre os mais cotados para os filmes-românticos) ... 77
Herança ... 82
Vamos apostar... (É lícito apostar, porém não o risco jactancioso e imprudente) ... 83
Tentativa heróica ... 85
O diário de Felix Lane (romance-continuação) ... 87
Memento EU SEI TUDO — Novembro de 1954 ... 95
Nos domínios da gramática ... 101
Pequena enciclopédia popular. Como é fácil saber tudo. — Dicionário de nomes próprios ... 102
Charadas — Quebra-cabeças ... 103

CORRESPONDÊNCIA

LUIZ ALVES (Rio de Janeiro) — Gratos por suas informações. Podemos dizer apenas o seguinte. Antes de tudo execute desenhos e aparelhos (modelos). A seguir, consulte um advogado que lhe dirá como conseguir patentes. Assim estará melhor defendido, não acha?

JOEL E. VIDAL (Rua Saldanha Marinho, 1743 — Curitiba — Paraná) — Vamos procurar saber e então estaremos em condições de atender ao seu pedido. Há obras, em português, porém bastante vagas ou mesmo tôlas e o assunto exige seriedade.

F. PAULO A. DE ASSIS (Rodeio, Santa Catarina) — Agradecemos a sua remessa, que chegou, porém, muito tarde para ser aproveitada na época devida.

MARIA JOSÉ LESSA — Não existe a obra, em português, para vender nas livrarias. Quanto a «Esfera de Ouro», não nos poderia ajudar, indicando o ano em que foi publicada?

RENATO FONSECA (I.A.P.C.) — Muito interessante, realmente. Há a observar, porém, que isso já foi feito, há anos (talvez 1920), com resultado comercial nada compensador, segundo acreditamos, dado que tais artigos logo sumiram do mercado. Por que não oferece, o senhor mesmo, diretamente, a uma fábrica que lhe inspire confiança?

JOÃO LEITE (Cabuçu) — Agradecemos as informações e o constante interêsse por EU SEI TUDO. Sua carta vem provar, mais uma vez, que nada é **novo**, realmente, neste mundo...



A CAPA — Mais um ano que finda e outro que começa. Para muitos o que acabá deixa imensas saudades, enquânto que para outros o seu final surge como o fim de uma sentença amarga. O novo ano, ao contrário, sempre nos enche de esperanças. Mas a verdade é que, para os tristes como para os alegres, a data é sempre marcada com "bebemorações" que, em geral, passam muito da medida...